

A close-up, soft-focus photograph of a woman's face and neck. She is wearing a white lace wedding veil and a delicate necklace with small, round, light-colored beads. Her lips are slightly parted, and the overall mood is romantic and intimate. The background is a warm, golden-brown color.

PATRICIA CABOT

Pode beijar a

noiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Pod

o e

e B

ei

e j

i ar

r a

a No

N i

o va

De

e Meg

g C

abot,

Sob

b ps

p eu

e dônimo

m d

e

e P

atr

t íci

c a

a Cab

a o

b t

Digitalizado por

Traduções de Meg Cabot

<http://migre.me/5Fx07>

**Agradecemos aos digitalizadores Marília, Mirian, Dhiene,
Miguel, Carol,**

Andressa, Tabs, Débora.

CONTRACAPA

Apenas um homem poderia propor a ela casamento...

Emma Van Court, dama de uma família londrina, jamais esperava ficar viúva e

sem vintém na aldeia escocesa de Faires. E quando uma fortuna lhe foi

prometida, se ela tornasse a se casar, a bela professora deparou-se com um

mosaico de homens solteiros lutando por suas atenções, seus pretendentes iam

desde o pastor local até um detestável barão.

Um doce beijo selaria aquele amor...

James Marbury, conde de Denham, era moderno e sofisticado... e totalmente

desacostumado às estradas lamacentas e aos telhados de palha da pequena

Faires, para onde viajara depois de saber do falecimento do seu primo Stuart. E

logo fica ansioso ao perceber que o intenso amor que sentira pela viúva Emma

continuava tão forte quanto antes. Diante de tantos homens solteiros que a

cortejavam, James encontrou uma única solução: oferecer-se como marido

temporário para Emma... mesmo que secretamente ele desejasse fazer seus

votos durarem para sempre.

Prólogo

Londres, maio de 1832

Ele estava atrasado.

Não era seu costume. O conde de Denham nunca se atrasava. O relógio de

bolso, em ouro e esmeralda, comprado em Zurique no ano anterior pelo que

Emma supunha ter sido a um preço exorbitante, marcava sempre a hora exata.

O conde o acertava pelo grande relógio de Westminster que, por Deus, nunca

se enganava.

Além disso, o conde de Denham sempre ia até sua biblioteca após o chá, para

verificar se alguma mensagem havia chegado enquanto ele jantava.

Onde estaria ele?

Se James estava atrasado, alguém o retardava. E Emma não tinha dúvida de

quem era a culpa.

E isso era bom para Penelope. Ela teria tempo de se insinuar para o conde

quantas vezes quisesse. Penelope confessara a Emma durante o café da manhã

que pretendia declarar-se naquele mesmo dia.

Se ele ainda não está pensando em casamento, tratarei de convencê-lo –

Penelope afirmara, conspiradora, enquanto seus pais, tios de Emma, que

reclamavam de dor de cabeça por causa do excesso de champanha que

tomaram no baile da senhora Ashforth na noite anterior, comiam ovos com

presunto. - Pode acreditar.

Emma não duvidava que sua prima fosse capaz de fazer qualquer um pensar

em casamento. Afinal, Penelope fora abençoada com toda a beleza. Não que

Emma fosse sem graça. Não, ela sabia que era bonita... passável.

Penelope tinha cabelos pretos – lisos como os das índias -, a felizarda, e olhos negros cintilantes de espanhola, enquanto Emma fora contemplada com olhos

azuis e cachos loiros e crespos, que pareciam mais curtos do que na realidade

eram. Além disso, Penelope tinha mais de um metro e setenta, e Emma mal

passava de um metro e meio. Na verdade, não era de admirar que ela ainda

fosse considerada o bebê da família, por causa dos olhos azuis, dos cabelos

cacheados e da estatura pequena. Parecia uma boneca e como tal era tratada.

Não seria mais assim. Não a partir daquele dia. Não depois do comunicado que

faria a James.

Não podia julgar Penelope pelo plano de tomar a iniciativa com o conde. Longe

disso. Emma entendia o impulso. James Marbury era um dos solteiros mais

cobiçados de Londres. Moreno, bonito e muito rico. Era uma consternação,

entre as damas do beau monde, o fato de ele ter conseguido evitar por tanto

tempo o laço matrimonial.

Mas Emma sabia que ele não ficaria muito tempo sem compromisso. Não agora

que Penelope cismara em ser a lady Denham. Nenhum homem, nem mesmo

um celibatário convicto como o conde de Denham, resistiria aos encantos de

Penelope Van Court.

Emma gostaria que sua prima se apressasse e exercesse logo toda sua graça.

Podia parecer estranho as duas terem saído da sala de estar da viúva lady

Dnham logo em seguida do conde. Perguntou a si mesma se Stuart e a tia não

se sentiriam abandonados. Certamente, Stuart a perdoaria quando soubesse do

resultado de seu propósito... que, estava certa, seria espetacular.

Nisso, a porta da biblioteca do conde se abriu. Emma deu um pulo do divã onde

estivera sentada e alisou os babados da saia de seda azul brilhante. Era

estranho, mas até aquele momento não se sentira nervosa com a perspectiva

do encontro iminente. Nem um pouco. Na verdade, ela estava contrariando

completamente a vontade de Stuart ao contar os planos deles para James.

No entanto, Emma acreditava que Stuart era injusto quando se tratava de

James. Stuart considerava seu primo James – por mais que o amasse – cínico e

extravagante. Está certo que o conde desperdiçava enormes quantias de sua

imensa fortuna com mimos como relógios suíços e cavalos de raça.

Mas o dinheiro era de James e ele tinha o direito de gastá-lo como quisesse. E

ele certamente também abria a algibeira com presteza quando Emma pedia

ajuda para suas inúmeras obras de caridade com que ocupava o tempo. Bem,

ele costumava queixar-se... mas não era tão sério. Emma nunca saía de mãos

vazias do gabinete do conde.

James era também pródigo quando se tratava dos parentes. Mantinha a mãe

com muito conforto em sua própria casa da cidade em Mayfar. Para Stuart, que

era órfão, James mostrara-se magnânimo, pagando seu curso no seminário, a

pedido do próprio Stuart, além disso, em geral, tratava-o como irmão e não

como primo.

Diante de tanta generosidade, Emma não podia deixar de pensar que a visão

de Stuart era errônea. James – isso sem mencionar a mãe – se sentiria

bastante magoado. E quanto a Penelope e seus pais? Emma devia muito a seus

tios. Seria bem melhor fazer as coisas às claras, para ninguém pensar que havia

algo de secreto no caso.

Emma provaria seu ponto de vista a Stuart contando tudo para James. Ao ver

como o primo reagiria com entusiasmo às novidades – e não duvidava que eu

conde a atenderia -, Stuart recobriria o juízo e faria o que era certo.

Contudo, ao escutar a voz do conde que falava com alguém no corredor do

outro lado da porta da biblioteca, ficou em dúvida se seria a melhor hora para

se aproximar de James e falar desse assunto em particular.

– Sim, isto é muito interessante, srta. Van Court – disse James, sem tentar,

segundo Emma percebeu, esconder a impaciência na voz profunda -, mas, se a

senhorita não se importa, tenho assuntos muito sérios para tratar agora,

portanto, peço que me desculpe...

– Mas – Emma escutou a prima Penelope retrucar – é terrivelmente importante

que eu fale com milorde. Se eu pudesse apenas...

– Talvez em uma outra hora, srta. Van Court – disse o conde. Emma, então, se

deu conta de que a próxima seria ela. Ele entrou e fechou a porta atrás dele,

com expressão de alívio na bela fisionomia.

Mas o alívio transformou-se logo em espanto ao perceber que Emma se

encontrava em seu escritório, de mãos postas como em gesto de súplica.

- Lorde Denham – disse ela, mais nervosa do que nunca. - Perdoe-me. Queria

falar-lhe por alguns instantes, mas vejo que agora não deve ser o melhor

momento...

A reação foi dissimulada, pois Emma tinha certeza de que a pobre Penelope, ao

ver sua iniciativa recusada, correria para um closet que ficava perto, onde elas

se escondiam quando crianças, lá a prima poderia chorar sem ser perturbada.

Seria difícil consolá-la. Penelope não se recuperaria a tempo de se prepararem

para ir ao baile de lorde e ladu Chittenhouse, que aconteceria naquela noite.

Lorde Denham, longe de aparentar aborrecimento com a inesperada presença

de mma em seu escritório, afastou-se da porta que ele fechara com um

empurrão dos ombros largos, como quem se livra de algo desagradável.

- Emma, você sempre é bem-vinda – ele respondeu com um sorriso. -
A que

devo o prazer desta vez? Ao Círculo das Damas que promovem o bem-estar das

mulheres de Newgate? Ou trata-se da Liga Missionária?

- Oh – Emma observou James sentar-se atrás da grande escrivaninha de

mogno, pegar papel e uma pena para escrever ao seu secretário pedindo um

cheque preenchido. - Na verdade, nada disso.

- Não? - James levantou o olhar com surpresa. - Não me diga que você faz

parte de outra sociedade, Emma. Você não deve permitir que as pessoas

brinquem com seus sentimentos. Elas se aproveitam de pessoas sensíveis como

você e garanto que acabarão por deixá-la na miséria.

- Desta vez, milorde, não estou aqui por causa da caridade. - Ela tossiu para

limpar o nó que se formara na garganta. Não seria tão fácil como imaginara.

Em seus planos, ela se esquecera do olhar do conde, que era cor de avelã e

que mudava de tom, do mais dourado ao verde-escuro, dependendo da luz.

Independentemente da cor, os olhos eram sempre penetrantes... e por vezes

duros ou insensíveis. Emma perdeu a coragem que a movia e parou diante da

grande mesa, com os braços largados.

O conde, observando a cena, deixou a pena de lado e inclinou-se para trás na

cadeira.

- Está bem, Emma. Fale logo. O que fez desta vez?

- Eu? – Emma perguntou com voz aguda.

Era uma loucura reagir daquela maneira, como uma criança culpada. Afinal, ele

não era seu guardião. O fato de Regina Van Court, por quem ela fora criada, e

a viúva lady Denham, mãe de James, serem suas melhores amigas não fazia

dela parte de sua família. Nem eram parentes, por enquanto.
Embora estivesse

certa de que as duas damas desejavam que as famílias se unissem
pelo

casamento.

Contudo, elas não sabiam que esse dia estava próximo. Infelizmente
era o filho

errado que subiria ao altar.

- Não fiz nada – ela apressou-se em explicar. – Na verdade... trata-
se de

Stuart.

- Stuart? – James arqueou uma sobrancelha escura.

O conde provara dezenas de vezes que gostava de Stuart, de
financiar-lhe a

educação até doar um bom dinheiro para as caridades do primo...
mas isso não

significava que o aprovasse sempre, mais do que Stuart aprovava o
conde. Na

verdade, Stuart tendia a exasperar James, que não o compreendia e
tampouco

concordava com a filosofia de vida de seu primo mais novo. É muito
bom,

James geralmente dizia, ajudar os pobres. Mas não seria melhor
ajudar os

pobres a ajudar a si mesmos?

Stuart afirmava que educando os pobres nos caminhos do Senhor, eles

estariam fazendo justamente isso. Mas James tendia a sentir – e ficava feliz em

declarar – que educar os pobres quanto à higiene, às artes domésticas e a

investir de forma segura poderia ser uma resposta melhor. Afinal, era difícil

confortar um estômago vazio.

- Se é sobre aquele plano dele – James continuou, severo – de assumir um

curato [paróquia] nas florestas de Shetland, permita-me dizer que nenhum belo

pedido seu me fará mudar de ideia. É uma loucura total. Não paguei uma

fortuna para ele estudar em Oxford para depois jogar tudo fora com uma

porção de escoceses desdentados. Ele assumirá um curato aqui em Londres ou

talvez um ministério na Abadia de Denham, se tiver consciência do que é

melhor para ele. Se ele não quiser, não poderei impedi-lo, assim como também

não posso me opor à pretensão dele em trocar a Igreja da Inglaterra pela da

Escócia. Mas posso dificultar as coisas, recusando-me a financiar esse plano.

Veremos se ele gostará de viver com o salário de um cura [pároco].
Eu lhe

asseguro que Stuart estará de volta em um mês.

Emma, apesar de alfinetada por aquele pronunciamento bombástico, engoliu as

palavras de repúdio à maldade com que seu amado era tratado.
Nessa altura,

não adiantaria discutir com o benfeitor de seu futuro marido.

- Não é sobre isso... – ela retrucou. – É sobre... bem...

Ela parou de falar, imaginando que Stuart talvez estivesse certo em preveni-la

para não argumentar com James. O primo dele parecia não gostar do projeto

sobre Shetland. E provavelmente ele também não receberia bem o que ela

pretendia dizer.

Por outro lado, James sempre fora muito bondoso com Emma desde quando

ela, com apenas quatro anos, viera morar com os Van Court, depois de perder

os pais. Na ocasião, James lhe parecera muito sensato, no alto de seus

quatorze anos, quando a aconselhara como bom irmão a evitar as abelhas que

ela desejava domesticar. James lhe parecera tão inteligente quanto Stuart, que

era seis anos mais velho do que ela, taciturno e inacessível, lhe parecera

romântico.

Mais recentemente, James fora mais do que amável. Desde que ela fizera o

début e gostara da primeira temporada, ele não a tratara mais como se ela

fosse uma tolinha que acabava de sair da escola – bem, nem sempre – o que

não se podia dizer de muitos membros de sua família. Se não houvesse

parceiros – como acontecia ocasionalmente -, ela sempre tinha certeza de ser

tirada para dançar pelo menos uma vez pelo conde de Denham.

Quando a adoração de Emma pelo primo de James se tornou insuportável –

particularmente quando Stuart mal parecia perceber que ela existia – James

não caçoara disso. Na verdade, não ficara muito satisfeito ao ouvir a confissão

dela, mas não proibira que os dois se encontrassem. Parecia achar divertido o

que chamava de "idolatria" de Emma pelo primo.

Emma acreditava que James não tinha noção do que a tolerância dele pelo

relacionamento dos dois havia provocado.

Mesmo assim, ela tinha expectativa de que a novidade o alegrasse. Claro que

lhe agradaria. Stuart estava errado em fazer mau juízo do primo. James era

generoso, mas não se deixava mover sempre pelo coração... um exemplo é o

que acontecera havia pouco no hall, com a pobre Penelope.

- Stuart e eu... – Emma engoliu em seco. Ela quase conseguiu. Estava sendo

muito mais difícil do que imaginara. Sempre fora fácil falar com James, em

nada se parecia com o ogro que Stuart sugeria. Como ele poderia ser um ogro

se, apesar de sua opinião pessoal sobre a Igreja – achava que tudo era

conversa fiada -, havia pagado para Stuart freqüentar o seminário? Poderia ter

insistido que o primo estudasse leis. Mas não o fizera.

Não, Stuart estava errado. James gritava, mas ficava por aí, receberia bem as

novidades que Emma tinha para contar. Sobretudo por causa do significado

delas. Finalmente as duas famílias se uniriam, o que deixaria lady Denham feliz.

E James faria qualquer coisa pela felicidade dela.

Exceto, é claro, casar-se antes de ter se decidido sobre isso. E pelo fato que se notava, só aconteceria bem depois de ele completar trinta anos, fato difícil de

as matronas da sociedade que desejavam casar as filhas engolir.

- Stuart e você o quê? – James indagou com uma cautela que Emma não pôde

deixar de notar.

- Stuart e eu vamos nos casar – Emma despejou as palavras para acabar logo

com aquilo. – E, ah, milorde terá de falar com Stuart, porque ele tem uma ideia

absurda de que o senhor não dará sua permissão e que teremos de fugir. Eu

disse a ele que milorde não se incomodaria, mas o senhor sabe como seu primo

é teimoso. E eu esperava... bem, eu esperava que milorde falasse com ele.

Porque eu anseio por um casamento de verdade, com sua assistência, a de sua

mãe, de Penny, de tia Regina e dos demais. Eu ficaria muito agradecida,

milorde, se o senhor falasse com Stuart.

Pronto, ela falara tudo. Agora tudo ficaria bem. James tomaria conta de tudo,

como ele sempre fazia, com a habilidade e a eficiência costumeiras. Emma

nunca tivera um problema que James Marbury não fosse capaz de resolver.

Problemas no trabalho escolar? James desenrolava as dificuldades. Agruras com

o proprietário de um salão que ela tentava alugar para uma peça teatral para

arrecadar fundos? James resolvia isso com uma simples carta.

James sempre fazia tudo certo. Claro, ele reclamava um pouco, mas no fim

encontrava a solução para o assunto. Era o que sempre acontecia. Emma

sentiu-se muito melhor.

Até fixar o olhar no rosto do conde.

- Casar-se? – James gritou, em um tom de desaprovação. – Que absurdo é

esse? Casar-se? Emma, não pode estar falando sério!

Emma piscou.

- Sinto desapontá-lo, milorde – ela respondeu com certa indignação.
– Mas

estou.

- Você ainda é muito jovem para se casar – o conde declarou. –
Você não passa

de uma criança!

- Nada disso, milorde! Ora, já fiz dezoito anos. Lembra-se de ter
estado no

jantar de meu aniversário no mês anterior?

- Dezoito? – James parecia à procura de palavras. – Pois eu acho
que mesmo

assim é muito jovem para se casar. E com Stuart? Agora? Seus tios
sabem

disso?

- Claro que não. – Emma revirou os olhos. – Ninguém sabe, Stuart
pretende

manter o segredo e fugir. Ele quer ir comigo para a Esc...

Emma interrompeu o que falava quando James se levantou. Ele era
muito mais

alto e ela era obrigada a esticar o pescoço para ver-lhe o rosto
quando ele se

aproximava muito como naquele momento, embora houvesse uma mesa entre

eles. A expressão assustadora de James deixou-a ansiosa. Ela já presenciara

James irado, quando as toalhas no restaurante eram de qualidade inferior ou

quando o assunto era maus tratos aos cavalos, animais que adorava.

Mas nunca o vira como naquele momento. Não havia outra palavra para

descrevê-lo.

Letal.

- Está pretendendo dizer-me – a voz controlada não combinava com os

músculos do queixo que pulsavam espasmodicamente – que meu primo

pretende que você o acompanha a Shetland?

Emma entendeu que fizera um erro de julgamento. Stuart estivera

absolutamente certo ao insistir que eles deveriam casar-se em segredo, se é

que o fariam... pelo menos, se esse fosse um exemplo da reação que a notícia

da união deles desencadearia.

- Não é tão ruim como pode parecer. – Emma apressou-se em garantir. –

Tenho certeza de que Stuart encontrará um curato de ministro logo.
O curato

não vai demorar muito...

- Eu o avisei – James berrou, assustando Emma – que não precisava perder

tempo como um cura. Eu disse milhares de vezes que ele pode ficar com o

cargo de vigário na Abadia de Denham.

- B... bem – Emma gaguejou. – Estou certa de que Stuart lhe agradece muito

pelo oferecimento, mas ele quer ir para um local, no que concordo com ele,

onde tenha a oportunidade de fazer algo de bom, onde as pessoas necessitem

de socorro espiritual. Milorde, a Abadia de Denham não se encaixa nesse

perfil...

- Então por isso Stuart pretende aceitar um cargo a centenas de quilômetros

em uma ilha isolada no meio do Mar do Norte? Um cargo que paga quase nada

e que certamente o matará de fome ou doença, e ainda pretende levá-la com

ele?

Os olhos cor de avelã se tornaram de âmbar. Emma teve medo de encarar a

ferocidade deles. Sem saber o que pensar arrependeu-se de ter aberto a boca.

Tarde demais.

O medo – do que o conde poderia fazer e a quem atingiria – fez voltar a

coragem de Emma. Uma vez ela vira uma disputa física entre os dois primos –

por causa de um cavalo que James acusara Stuart de cavalgar com dureza

excessiva – e a visão não fora muito agradável. Outra briga desse tipo deveria

ser evitada a qualquer custo.

Portanto, ela gritou com o que lhe pareceu raiva, mas que era o mais puro

desespero:

- Realmente, milorde, não precisa esbravejar deste jeito. Stuart e eu somos

adultos e capazes de tomar nossas decisões. Vim falar com milorde na

esperança de que o senhor nos compreenderia e atenderia nossa vontade. Mas

vejo que infelizmente superestimei sua sensibilidade...

- Minha jovem, não foi apenas isso que você superestimou – James interrompeu-a com um riso sarcástico. Se você pensa que por um minuto vou

permitir que levem a cabo esse plano idiota e malconcebido...

Emma pensou que deveria se calar, mas a raiva que sentia era maior.

- Eu gostaria muito de vê-lo impedir-nos. – Ela jogou a cabeça para trás com

altivez e os cachos balançaram. – Ao contrário de milorde, Stuart e eu não nos

contentamos em ficar de braços cruzados diante da necessidade alheia.

Queremos fazer da terra um lugar melhor para os menos afortunados. Em

Shetland, estaremos ajudando pessoas realmente necessitadas...

- A única pessoa que realmente é necessitada – o conde resmungou, triste – é

meu primo Stuart, e de uma boa surra.

Emma engoliu em seco.

- Não se atreva a encostar nele um só dedo – ela o avisou. – Se milorde fizer

isso... jamais falarei com o senhor de novo.

Sem dizer mais nada, ele saiu detrás da escrivaninha, atravessou o recinto até

a porta e abriu-a com violência.

Ele alcançou o corredor e Emma ouviu-o berrar o nome do primo.
Foi quando

ela saiu correndo atrás dele.

- Não, milorde – ela pediu. – Por favor, não...

Tarde demais. Ela escutou uma batida e o grito angustiado da viúva
lady

Denham.

- Santo Deus! – Penelope, de olhos vermelhos, saiu do closet com o
fluxo de

lágrimas momentaneamente interrompido pela surpresa. – O que
houve com

lorde Denham? O que você disse a ele, Emma?

- Falei demais – Emma informou à prima com um gemido antes de
sair

correndo para impedir, se pudesse, que seu noivo fosse assassinado.

Capítulo 1

Mainland, ilhas Shetland, maio de 1833

O dia não começava bem para Emma Van Court Chesterton.

Não que esse dia fosse pior do que qualquer outro durante os
últimos doze

meses. Exceto por alguns poucos que tinham sido mais amenos,
todos os dias

foram muito ruins.

Ela não podia imaginar o que tinha feito para atrair tanta má sorte.
Guardara

cada centavo encontrado e evitara andar debaixo de escadas.

Não que acreditasse em sorte, ideia muito antiga e supersticiosa.

Mas, para estar segura, tornara a visitar a Árvore dos Desejos na
semana

anterior e pregara os sapatos de Stuart no tronco. Como não tinha
nenhum

sapato próprio para desperdiçar, usara os de Stuart que não tinham
mais

utilidade.

No entanto, ao acordar na manhã seguinte, entendeu que os
sapatos não

tiveram efeito positivo. Sua má sorte continuava inabalável.

O galo fugira de novo.

Azar. Essa era a única explicação para isso. Um olhar pela janela
revelou que a

manhã avançara. O céu plúmbeo* (da cor do chumbo) indicava que a
aurora

chegara havia pelo menos uma hora, mas sem o cantar do galo não
conseguira

acordar.

Estava atrasada. De novo.

A ideia de sair debaixo das cobertas para encarar o dia era desanimadora.

Emma ficou quieta por um minuto, indecisa se tirava o pé para fora da cama.

Foi o choramingo de sua companhia de leito – uma cadela vira-lata, mas

risonha e encantadora que Emma resgatara na semana anterior nas docas –

que a fez levantar.

Decidiu que seria melhor encarar a falta de perspectivas do que um incidente

dentro de casa com a nova hóspede.

Calçou rapidamente os chinelos e vestiu o penhoar, enquanto o animal – uma

fêmea que mesmo diante do olhar inexperiente de Emma, parecia prestes a dar

cria – lhe rodeava alegremente os tornozelos, colidindo com as canelas de sua

nova dona na excitação de ser levada para fora.

Emma, então, abriu a porta da cabana e viu que as coisas estavam bem piores

do que imaginara. Não só o galo fugira, como também uma chuva pesada de

primavera caía, deixando um verdadeiro lodaçal em volta da cabana.
Uma

tempestade vinda do mar se formara durante a madrugada e
continuava a

despencar com força sobre a pequena ilha.

Depois de suportar meia dúzia de nevascas desde outubro, a visão
de uma

chuva não era exatamente ruim. Mas o sentimento durou até
lembrar-se de

que teria de enfrentar a tempestade para chegar à aldeia onde uma
dúzia de

crianças a esperava na escola para as aulas costumeiras.

O desânimo não era só de Emma. A pequena hóspede pôs a pata na
lama e

olhou para a dona como se não soubesse o que fazer.

No entanto, um rosnado acompanhou a expressão perplexa do
animal e Emma

entendeu que não se tratava apenas da chuva. Seguiu a direção do
olhar da

nova amiga e viu uma imagem corpulenta parada sob a saliência do
telhado de

colmo* (parte da haste do trigo, tipo sapê) da cabana.

- Santo Deus – ela murmurou, levando a mão ao peito. Sob seus
dedos, sentiu

o coração bater forte. Disse para si mesma que era demais. Ser
abordada na

frente de sua casa, enquanto ainda estava de penhoar. Pelo amor de
Deus... E

não era a primeira vez que isso acontecia. Isso não está certo,
pensou.

Abriu os olhos, que fechara para uma prece rápida e silenciosa de
agradecimento por reconhecer o intruso, e analisou a figura imóvel.

- Francamente, Sr. MacEwan – disse com voz rouca de sono. – O que
está

fazendo aqui embaixo desta chuva? O senhor quase me mata de
susto.

O gigante de quase dois metros de altura que morava com a mãe
idoso na

fazenda vizinha à Emma inclinou a cabeça e a água acumulada na
aba do

chapéu caiu sobre a ponta das botas grossas.

- Bom dia, sra. Chesterton – ele falou, envergonhado. – Não
pretendia assustá-

la. Eu... eu trouxe de volta seu galo.

Pela primeira vez, Emma notou que havia uma ave magra e
enlameada debaixo

do braço de Cletus MacEwan.

- Oh, não. Ele foi de novo atrás de suas galinhas, Sr. MacEwan?
Sinto muito...

- Creio que ele esqueceu que não mora mais lá. – Cletus pôs o galo no chão. –

Mas não acho que ele fugirá de novo. Nosso Charlie brigou com ele.
Estou

surpreso de que não tenha escutado os dois cacarejar no caminho até aqui.

Emma espiou o galo que se abrigou da chuva sob a saliência do telhado,

escavando o chão como se não falassem dele.

- Não os ouvi, por isso acordei tarde hoje. Nem sei como lhe agradecer por tê-

lo trazido de volta, Sr. MacEwan.

- Bem – Cletus concordou -, creio que ele ficará aqui depois das bicadas que

levou do Charlie. – Timidamente estendeu a outra mão, que segurava uma

cesta coberta com um pano azul e branco. – Quase esqueci. Minha mãe acabou

de fazê-los. Bolinhos. Ainda estão quentes.

Emma pegou a cesta da mão grosseira e vermelha de tanto trabalho – ela viu

que ele estava novamente sem luvas. Cletus abandonara as luvas no primeiro

dia quente da estação, sem lembrar, como Emma costumava fazer, que o

tempo em Shetland não se submetia muito ao calendário. Podia esquentar

como no verão em pleno inverno e fazer frio de fevereiro como naquele dia de

meados de maio.

- Ah, Sr. MacEwan – ela ergueu a voz por causa do barulho da chuva. –

Agradeço muito, mas não precisava...

Ela não estava sendo apenas educada. Estava sendo sincera porque gostaria

que ele nada trouxesse, embora preferisse os bolinhos da sra. MacEwan à

oferta da semana anterior – um porco em pedaços -, mas assim mesmo ela

desaprovava a atitude. Cletus era o pretendente mais dedicado – e fisicamente

atraente – de Emma, embora não tivesse o mínimo bom senso.

- O senhor se atrasará em seu trabalho, se me trazer o desjejum todas as

manhãs – ela o advertiu com gentileza.

Cletus apenas sorriu de maneira confiante e amistosa, como uma criança

pequena. Na verdade, ele era jovem, tinha um ano a menos que os dezenove

de Emma.

- Minha mãe diz que devemos providenciar para que se alimente direito –

Cletus replicou. – Ela acha que a senhora está muito magra e que vai acabar

definindo...

- Está bem – Emma o interrompeu. Ela já ouvira as predições lúgubres da sra.

MacEwan. A mãe de Cletus gostava de gabar-se para os amigos da cidade

acerca de seus esforços para engordar a “pobre viúva Chesterton”, embora

nada houvesse de errado com sua saúde. Certamente a política de boa

vizinhança não era o único motivo atrás da preocupação da sra. MacEwan. A

razão principal estava diante de Emma, tremendo sob as roupas molhadas

como um cordeiro antes da matança.

Em circunstâncias normais, Emma não tinha paciência nem tolerância com

nenhum de seus muitos pretendentes. Naquele dia, no entanto, resolveu fazer

uma exceção. Talvez as mãos rachadas de Cletus MacEwan a impressionaram.

Ou talvez fosse o aroma divino dos bolinhos da mãe dele. De qualquer forma,

falou com bondade:

- Não quer entrar, Sr. MacEwan? – ela se afastou para deixá-lo passar. Cletus

não se fez de rogado. Imediatamente abaixou-se para passar pelo marco a

porta e preencheu a sala de estar com seu volume.

- Muito obrigado, senhora. – Ele anuiu com gesto de cabeça e dessa vez a água

molhou o chão limpo de madeira. – Se a senhora não se incomodar, aceitaria

uma xícara de chá.

Emma sorriu ao ver o vizinho chegar até a lareira. Embora Cletus não fosse

muito brilhante, era muito útil quando se tratava de matar uma galinha para o

jantar, tarefa para a qual Emma não tinha o menor talento nem propensão.

Porém essa habilidade não era suficiente para gerar o desejo de casar-se com

ele. Aliás, Emma não tinha vontade de se casar com ninguém. Essa era a raiz

de quase todos os seus problemas mais recentes, a despeito do galo.

A cadela amarela avermelhada-clara – que Emma decidira na noite anterior

chamar de Una, personagem de um livro que estivera lendo – terminou sua

tarefa fora e voltou correndo para o aconchego da cabana. Emma afastou-se

para evitar as gotas de água que voavam para todos os lados quando Una se

sacudiu.

Foi para o quarto e, enquanto estava lutando com os cabelos – uma batalha

diária entre os grossos cachos loiros que se erguiam da cabeça como uma

coroa e as rijas cerdas de crina de cavalo que ultimamente pareciam inúteis

para domá-los -, Emma levantou o olhar e notou algo incomum.

Havia um carro fúnebre em sua horta.

Emma segurava vários grampos entre os dentes enquanto tentava manter a

torção dos cabelos no alto da cabeça e quase os engoliu ao ver a longa

carruagem negra. O velho coche – único veículo com cobertura na aldeia da

remota ilha – era conduzido por uma parelha de cavalos que focinhavam nos

repolhos de Emma que acabavam de despontar.

Emma encarou o veículo e, atônita, ficou com as mãos paralisadas no alto da

cabeça. O que estaria fazendo o carro funerário em sua horta? Pelo que sabia,

não houvera mortes na área. A cabana de Emma estava localizada em um

penhasco isolado com vista para o mar. Seus vizinhos mais próximos, Cletus

MacEwan e a mãe, moravam a cerca de um quilômetro e meio abaixo da

inclinação íngreme que conduzia à propriedade de Chesterton. Certamente, o

Sr. Murphy, proprietário do coche, não podia imaginar que um dos MacEwan

estivesse morto. E era óbvio que ela estava viva.

Stuart marido de Emma, tinha falecido fazia mais de seis meses. E mesmo que

o sr. Murphy gostasse de beber, não poderia ter esquecido que já havia feito o

traslado final.

A menos – Emma abaixou os braços, sentindo um frio interior – que Samuel

Murphy estivesse ali por outra razão.

Não para buscar um cadáver, mas para atirar o chapéu no círculo de pretendentes – como Cletus MacEwan – que a vinham cortejando assiduamente

desde que se espalhou a notícia pela costa de sua herança bastante incomum.

- Oh, não – Emma disse em voz alta. A seus pés, Una balançava o rabo

alegremente, pensando que a dona falava com ela. – Não o sr. Murphy. Oh, por

favor, não o sr. Murphy também.

Já era ruim o suficiente ter Cletus esperando na soleira de sua porta todas as

manhãs. E pior, sempre que ela chegava à aldeia, era perseguida por solteiros

de idades e aparências variadas, muitos dos quais, sendo pescadores, tentavam

cortejá-la acenando com a pesca do dia.

Mas nada disso se compararia com o fato de ser seguida, dia sim e outro

também, por uma grande carruagem fúnebre preta. Com as

borlas* (ornamento de passamanaria, mais comum em cortinas antigas e

chapéus de formatura) penduradas no alto.

Determinada a não permitir que isso acontecesse, Emma foi até a cama onde

deixara o xale na noite anterior. Jogou o agasalho pesado de lã sobre os

ombros, saiu do quarto e foi direto para a porta da frente sem nem ao menos

olhar para o gigante encolhido diante do fogo vivo da lareira.

A porta da frente de sua cabana era dividida, em estilo holandês, assim Emma

podia abrir a metade de cima para aproveitar a brisa do oceano na primavera e

no verão, mas impedindo a criação de entrar em casa. Abriu a parte superior,

espiou o coche através da chuva e seu condutor solitário que parecia indiferente à água.

Emma inspirou fundo e gritou mais alto que o barulho da chuva:

- Samuel Murphy! O que o senhor está fazendo? É melhor que tenha uma boa

razão para fazer sulcos com as rodas na minha horta!

Atrás dela, escutou Cletus MacEwan se mexer.

- Murphy – ele resmungou, incrédulo. – O que ele está fazendo aqui?

O sr. Murphy , no alto no assento do cocheiro, mesmo sem ouvir a pergunta,

cumprimentou-a com o chapéu ensopado, gritando.

- Sra. Chesterton, eu trouxe uma visita para a senhora!

Foi então que Emma percebeu que tinha alguém dentro do coche.
Era

compreensível que ela não houvesse considerado isso, pois ninguém
em Faires

andaria naquela geringonça a menos que estivesse em um caixão e,
portanto,

não tinha condições de opinar. Todavia, era evidente que, sob um
verdadeiro

dilúvio como aquele, quem quisesse visitá-la sem ficar encharcado
teria de usar

o único veículo fechado da região.

Que era, certamente, o carro fúnebre de Samuel Murphy.

- É MacCreigh. – Atrás de Emma, Cletus se levantou. Teve de tomar
cuidado

para a cabeça não bater nas vigas acima dele. Emma estendeu as
mãos em sua

direção, num impulso, temendo pelos pratos de porcelana que
estavam na

prateleira superior do aparador do canto e que chocalharam
enquanto Cletus

andava com firmeza.

- Por favor, sr. MacEwan – ela o acalmou -, queira sentar-se. Não há motivo

para pensar que...

Emma viu a expressão perturbada de seu convidado e sabia como ele se sentia

a respeito de lorde MacCreigh, que a visitara uma ou duas vezes, embora

nunca àquela hora da manhã. Portanto, não se surpreendeu ao ser interrompida.

- Eu lhe digo que é MacCreigh! – Cletus insistiu, mas concordou em ficar onde

estava. – Tão certo quanto estou aqui. Muito almofadinha para cavalgar na

chuva como qualquer um de nós, ele teve de alugar o coche de Murphy...

Emma sentiu que, se tivesse qualquer esperança de conservar a louça intacta,

teria de agir com rapidez. Afinal, com sua falta de sorte, não poderia arriscar.

Virou o rosto para a chuva e gritou para o ocupante do veículo:

- Lorde MacCreigh, estou realmente surpresa com o senhor. Pensei ter deixado

perfeitamente claro que minha resposta era...

Enquanto ela falava, a porta do carro fúnebre se abriu lentamente, fazendo

aparecer um homem alto, vestido com uma rica capa forrada de pele. Ele

desceu do carro com considerável rigidez, o que não era de surpreender, pois o

interior do coche de Murphy fora desenhado para a segurança dos mortos e

não para o conforto dos vivos.

Nesse momento Emma viu que não se tratava de lorde MacCreigh.

Além do mais, a despeito do que Cletus dissera, lorde MacCreigh não era tão

afetado a ponto de alugar o veículo de Murphy por causa de uma pequena

tempestade – ele era um exímio cavaleiro que não se perturbava com as

condições adversas do tempo – e o recém-chegado não parecia com seu

pretendente implacável. Aquele homem era moreno, enquanto Geoffrey Bain –

o barão MacCreigh – era ruivo; este era barbeado e Geoffrey Bain usava

bigode. Debaixo do manto, aquele camarada usava calças castanho-claras e um

colete verde, de cetim; Geoffrey Bain, desde que fora abandonado pela jovem

noiva no começo do ano, vestia apenas preto. Ainda que a idade, cerca de

trinta anos, e o tamanho, pouco mais de um metro e oitenta, fossem semelhantes, os dois cavalheiros era diferentes no resto.

Esse homem era um desconhecido para Emma, o que parecia bem estranho.

Desconhecidos não vinham a Faires.

E muito menos para vê-la.

Sem dúvida, deveria ser um engano. A menos que a notícia de sua herança

houvesse se espalhado para fora do país – ah, como Emma rezava para que

isso não ocorresse! – não havia nenhum motivo para um estranho vir procurá-

la.

Nisso o recém-chegado começou a aproximar-se da cabana e Emma, olhando-o

com atenção pela primeira vez, entendeu que esse dia seria o pior de todos.

Aquele homem não era nenhum desconhecido.

Capítulo 2

– Oh, Deus – Emma murmurou, segurando com força a metade inferior da

porta holandesa.

Ela reconheceu de imediato. Entre aquele homem e seu falecido esposo sempre

fora digna de nota: o olhar cor de avelã brilhante e embaraçoso; os cabelos

escuros usados um pouco mais longos do que a moda – que, no entanto, foram

tidos como modernos da última vez que estivera em Londres - e o que era uma

aparência admirável para um homem... testa larga, sem rugas, queixo fendido

e maxilar forte e magro.

Embora James fosse o mais alto dos dois - quase uma cabeça a mais do que

Stuart e tivesse ombros bem mais largos -, fora Stuart, apesar da constituição

mais franzina, quem tivera uma alma espiritualmente mais vigorosa. Ou era o

que ela sempre pensara.

– Oh, Deus – ela repetiu, com a boca seca.

Atrás dela, Cletus se adiantava. A Louça no aparador tremia provocando ruído.

– É isso – o pequeno proprietário rural declarou. – Ele é um homem morto, seja

ou não o barão.

Emma entendeu que falara alto. Embora nada lhe agradasse mais do que ver o

Conde de Denham apanhar de seu jovem vizinho, a morte de um par do reino

em sua sala de visitas seria difícil de explicar aos oficiais da lei do local, e ela não precisava de outro cadáver em sua consciência.

Ela se virou e estendeu as mãos para não deixar Cletus alcançar a porta. Seus

dedos encontraram uma muralha de carne. Procurar evitar Cletus de fazer o

que queria era como tentar impedir um touro de atacar. Ainda assim, Emma

firmou no chão os pés calçados com botas e não se moveu.

– Não, não, sr. MacEwan – ela disse rapidamente. – Não se trata de Lorde

MacCreigh.

Cletus Franziu as sobrancelhas escuras.

– Ninguém – Emma respondeu. – De qualquer modo, ninguém com que você

deva se preocupar.

Santo Deus, mas ele era forte! Como uma máquina a vapor, ele quase a

derrubou. Cletus MacEwan era um cavalheiro que jamais encostaria a mão nela

sem permissão, mas na ansiedade de levar sobre o homem que imaginava ser

seu rival, ele a agarrara pelos ombros e tentava – sem, no entanto, machuca -

lá – Tirar Emma do caminho. Ela ficou firme, determinada a mantê-lo no lugar.

– Francamente, sr. MacEwan . – Ela falava com os dentes quase cerrados e

seus braços tremiam no esforço de evitar que ele matasse o conde assim que

ele entrasse. – O senhor não deveria ir para casa agora? Tenho certeza de que

sua mãe deve estar sentindo a sua falta...

A voz profunda soou mais rápido do que Emma esperara. E era uma voz ainda

mais grave do que lhe parecera anteriormente, um baixo ribombante que não

admitia desobediência. Pareceu sacudir as tábuas do assoalho com a mesma

força que os pés enormes de Cletus tinha feito.

– O que é isso? – James Marbury retumbou.

Emma ergueu a cabeça. Através do emaranhado de cachos, viu o conde de

Denham em pé do lado de fora da porta holandesa e com expressão incrédula.

Emma deu um gemido, tornou a abaixar a cabeça, usando de toda força para

não deixar Cletus avançar.

Nisso, antes de ela se dar conta do que estava acontecendo, foi tirada das

mãos de Cletus e deixada, sem a menor cerimônia, sobre as almofadas de seu

sofá.

Foi exatamente como aconteceu. Em um minuto ela lutava para evitar que

Cletus matasse o parente de seu marido e no seguinte estava sentada no sofá

com Una latindo furiosamente para os dois homens.

Cletus MacEwan, que fora o campeão de arremesso de mastro por quatro anos

consecutivos, o homem maior e mais forte da ilha, cambaleou para trás por

causa de um soco no rosto que o mandou... direto para o aparador de Emma.

– Não! – Emma levantou-se com ímpeto e colocou-se à sua frente no momento

em que o conde de Denham preparava o braço para desferir novo golpe. Ele

parou e olhou para ela com um sorriso encantador que tornou tudo mais

convicente pelo brilho cálido nos olhos cor de avelã.

– Não tenha medo, Emma – James Marbury afirmou com cortesia. – Farei com

que esse jovem desavergonhado aprenda a manter as mãos para si mesmo.

– Mas...

Não houve como impedir o desastre. Cletus, ainda tonto pelo primeiro golpe,

nem mesmo percebeu o segundo. Horrorizada, Emma presenciou as prateleiras

se desintegrar sob o enorme peso. As pilhas de porcelana oscilaram, titubearam

e, vagarosamente – ou foi o que pareceu a Emma –, despencaram por cima do

infeliz.

As primeiras a cair foram as tigelas de sopa. Depois veio o galheteiro. Em

seguida vieram os pratos de jantar, então os de sobremesa e, finalmente, em

um chuteiro surpreendente, as xícaras de chá e os pires.

Emma poderia jurar que a demolição levava horas, mas durava apenas

segundos, ou o conde teria apanhado mais do que uma xícara antes de ela se

juntar aos cacos que rodeavam o corpo de Cletus de bruços no chão.

Cletus Ergueu-se sobre os cotovelos e gemeu, confuso.

– O que houve? – ele perguntou, tirando lascas de porcelana de sua camisa.

Emma olhou para a ruína que fora um serviço completo de jantar e chá para

oito pessoas. Era de porcelana branca com guirlandas cor-de-rosa pintada à

mão nas beiras. Exceto pela xícara na mão do conde, não havia uma peça

inteira. A seus pés, Una recuperou o ar e sentou-se, fitando os homens com

desaprovação.

James quebrou o silêncio. Virou a xícara e reparou na marca com as sobranceiras levantadas.

– Limoges – leu alto. – Muito benfeito.

O Comentário casual deixou Emma furiosa. Era mesmo costume de James

Marbury nono conde de Denham, destruir a única coisa de valor que ela

possuía, como ele fizera um ano antes.

Ela se adiantou e tirou a xícara da mão dele.

– Isso mesmo – Emma gritou a plenos pulmões. – Era muito benfeito, não era?

Pelo menos até milorde irromper aqui e quebrar tudo!

O conde piscou e Emma teve a impressão de que ele estava confuso, mas sua

fúria não a deixou prestar atenção aos sentimentos dele.

– Irromper aqui? – James ecoou como se ela o houvesse atingido até o âmago.

– Perdão, Emma, mas quando cheguei aqui, pareceu-me que você estava

sendo atacada. Desculpe-me se eu agi como um cavalheiro, tentando protegê-

la!

Emma fuzilou-o com o olhar.

– Eu estava protegendo milorde, seu ignorante. Era milorde que ele tentava

atacar e não a mim.

– A mim? – James as sobrancelhas e fitou Cletus que se levantava removendo

cuidadosamente lascas de porcelana da manga de seu casaco, estremeando

toda vez que fragmentos espetavam a pele calosa. – Por que ele queria me

atacar? – ele trovejou. – Nem mesmo o conheço!

Espantado, Cletus levantou o olhar.

– O... o quê? – o jovem gaguejou. Não estava totalmente recuperado dos

golpes que recebera ainda, teve de sacudir a cabeça várias vezes, como se

tirasse água dos ouvidos, antes de continuar. – Eu... eu não sabia quem era o

senhor. Pensei que fosse lorde MacCreigh.

– Lorde MacCreigh? – James voltou-se para a viúva de seu primo. – Quem é

esse tal de MacCreigh?

Emma apenas sacudiu a cabeça, olhando desanimadamente para a desordem

do chão.

– Essa porcelana foi um presente de casamento – ela disse com tristeza. – O

único presente que Stuart e eu recebemos. E tudo destruído, graças a sua

estupidez...

– Estupidez! – o conde a interrompeu. – Veja bem...

– Tudo perdido. Tudo. Veja só.

Emma não era exatamente o tipo de mulher que chorava por causa de

porcelana quebrada, mas era preciso admitir que, por um momento, lágrimas

começaram a se formar no canto de seus olhos ao ver a xícara em suas mãos.

Lembrava-se muito bem de quando o jogo de porcelana chegara na caixa de

madeira com a inscrição “Limoges, França” e como ela ficara alegre e excitada

ao desembaraçar cada peça da palha que envolvia a porcelana.

Stuart a repreendera, é claro. Ele nunca valorizava coisas materiais.

Esse fora um dos motivos por que Emma se apaixonara por ele, uma das

muitas qualidades que o deixava bem acima dos outros homens que ela

conhecera. Stuart sempre tivera uma natureza verdadeiramente espiritual e de

entrega. Emma jamais conhecera alguém tão devotado para ajudar os menos

afortunados e tão fiel às palavras do Senhor.

Ela tentara ser como Stuart, voltar a mente para coisas espirituais e não

terrenas...

E nisso, como em tantas outras coisas quando se tratava de Stuart, ela falhara.

O aparelho de Limoges era um exemplo. Ela guardara os pratos bem no alto

para que o sol os iluminasse. Era como um truque. Nem mesmo dera atenção

quando Stuart o processo químico pelo qual a porcelana era feita. Preferira

acreditar em magia.

– Emma – o conde pigarreou – diga-me o nome do modelo e providenciarei

outro para repor tudo...

Irritada consigo mesma por se incomodar com uma tolice como um monte de

pratos – e mais ainda por demonstrar fraqueza diante de James, um homem

com quem jurara nunca mais falar –, ela esfregou o canto dos olhos com a

renda do acabamento da manga de sua roupa.

– Não é preciso – ela afirmou. – Não importa.

– Importa, sim – James retrucou, teimoso. Se me disser...

– Repito que não tem importância. Apenas... – Emma fitou-o, sem lágrimas. –

O que está fazendo aqui? Pensei...

Ela foi interrompida por um gemido de Cletus. Ele conseguira tirar toda

porcelana da roupa e tentava, com alguma dificuldade, levantar-se. Emma

deixou a xícara sobre o consolo da lareira e ajudou Cletus a ficar em pé.

– O senhor está bem, sr. MacEwan? – Ela quis saber. – Ele o machucou?

– Não, não. – Cletus, cujo orgulho doía mais do que tudo, virou-se e viu os

destroços do que um vez fora o aparador de Emma. – Sra. Chesterton – ele

gritou com surpresa – eu fiz tudo isso?

– De modo algum – ela respondeu. – Foi ele quem fez. – O olhar fulminante

que lançou para James nem foi percebido por Cletus que não afastava os olhos

da bagunça.

– Meu Deus – Cletus suspirou. – Farei um novo aparador para a senhora.

Prometo. Juro que será novo em folha e melhor que o antigo.

– Obrigada, sr. MacEwan. – Emma abaixou-se, pegou o chapéu dele, limpou-o

e entregou-o ao dono. – Agora é melhor ir embora.

Cletus pegou o chapéu e, sem agradecer, fitou o conde com hostilidade.

– E quanto a ele, sra. Chesterton?

Emma cruzou os braços na altura do peito.

– E quanto a ele, sr. MacEwan?

– Bem. – Cletus mexeu os pés enormes. – Quem é ele?

– É primo do falecido sr. Chesterton – Emma retrucou. – Conde de Denham.

– Deus! – O rapaz espantou-se e começou a amassar nervosamente a aba do

chapéu com os dedos grossos. – Um conde – ele murmurou com reverência. –

Quase bati em um conde.

– Sim. – Emma, com os lábios retesados, segurou o braço de Cletus e tentou

levá-lo até a porta. – Vá para casa, sr. MacEwan, e conte tudo para sua mãe. –

Disse a si mesma que a mulher correria até a aldeia para espalhar a notícia. Em

um lugar pequeno como Faires, nada se podia manter em segredo. Era melhor

esclarecer tudo o mais rápido possível, e a mãe de Cletus, Emma aprendera nos

últimos meses, era eficaz nesse mister.

– Um conde – Cletus murmurou pela última vez antes de ser empurrado por

Emma de volta para a chuva. Não tirava os olhos de James enquanto conversavam, nem se lembrou de pôr o chapéu.

Foi só quando Emma fechou a porta que ele se recobrou e ela viu, pela janela,

Cletus dirigiu-se até o coche. Ela notou que o sr. Murphy estava dentro do

veículo onde, sem dúvida, bebericava seu uísque enquanto esperava a volta se

seu rico passageiro. Os dois ilhéus, o sr. Murphy, e o sr. MacEwan, provavelmente trocariam histórias sobre o personagem ilustre nos meses

vindouros .

Emma, contudo, teria dado sua última peça intacta para ver James

imediatamente fora de sua casa. Uma espiada na direção do visitante mostrou

que ele não estava ansioso para ir a lugar algum. Ele tirava as luvas – ela supôs que fosse de pelica – e olhava a cabana. Não duvidou que as dimensões

diminutas o espantassem. Bem, Stuart, com o salário de um cura, não teria

condições de conseguir nada maior. Mas ela se orgulhava da limpeza e do

charme de sua pequena casa. Era tudo muito arrumado, com o telhado de

colmo – um pouco frio no inverno, mas pitoresco assim mesmo – e com a porta

e as venezianas verdes. Se milorde não pensava o mesmo, não era problema

de Emma.

– um relance para mesa de jantar – apenas uma prancha grossa de madeira

com pés pregados nela – mostrava que a superfície passara pelo crivo do

conde, já que James pusera ali o chapéu com as luvas dentro.

Emma refletiu que, dentro de mais um minuto, ele tiraria as botas e estenderia

os pés perto da lareira! Não queria isso. Não serviria de anfitriã para o conde, não depois do que ele fizera com Stuart. De modo algum.

Por isso resolveu usar o tom mais frio que pôde conceber:

– Se milorde veio buscar as coisas de Stuart, perdeu seu tempo por nada. – Foi

até o canto onde guardava a vassoura e a pá de lixo. Pegou as duas, cruzou a

sala e começou a varrer os cacos. – Dei para a igreja todas as coisas e as

roupas dele.

As palavras dela levaram alguns segundos para serem registradas.

– Igreja? – Era como se James duvidasse do que ouvira. – Você deu as coisas

dele para a igreja?

– Sim – Emma retrucou. A porcelana varrida para a pá de lixo fez um barulho

horrível. – Isso mesmo.

– Está querendo me dizer que algum chefe tribal nos confins da África está se

exibindo com a calça do meu primo?

Emma deu um sorriso mínimo.

– Oh, não. Em Faires há homens pobres em número suficiente que precisam de

roupas.

James fitou a janela. Emma sentiu-se triunfante. Ela reconhecera o colete de

tecido xadrez que Samuel Murphy usava.

– Entendo – James disse, ligeiramente aborrecido.

Emma pensou, mais aliviada, que ele poderia irritar-se com ela e ir embora!

Não parecia ser essa a intenção do conde. Independentemente do motivo que o

trouxo até ali – por que ele tivera de vir? – não parecia disposto a ir embora

sem completar a missão. James pegou uma das quatro cadeiras esguias que

estavam encostadas na mesa e virou-a de frente para Emma.

– Deixe isso ai, Emma, e venha sentar-se comigo. Temos muito que conversar,

ocê e eu. Afinal não nos vemos há um ano.

Emma apenas o olhou.

De perto, concluiu que a semelhança de seu marido com o primo era enganadora. O conde era muito mais bonito que Stuart jamais fora. Seus

cabelos eram mais escuros, o olhar era mais brilhante e o queixo, mais

quadrado. De fato, pareceu a Emma que Stuart, embora o mais jovem dos dois,

fora um esboço rústico do primo... quase como se seu marido houvesse sido o

rascunho de Deus para o conde Denham.

E James parecia viver sob a impressão de que era Deus. Quem mais chegaria a

sua casa sem se anunciar e esperaria que ela largasse tudo para recebê-lo?

– Agora não tenho tempo para conversas, lorde Denham – ela respondeu. Com

esforço, conseguiu manter um tom de voz leve, embora receasse que as

batidas fortes de seu coração fossem ouvidas por ele. Aliás, seu coração tinha

disparado assim que o viu na sua horta.

– Já estou bastante atrasada. Se o senhor não veio buscar as coisas de Stuart,

por que veio?

Ele pareceu surpreso. Bem, e por que não? Não era todo dia que uma mulher

recusava um convite para sentar-se e conversar com o conde de Denham.

Emma pensou que a maioria das mulheres não o conhecia como ela.

– Perdão, Emma. – A voz grave de James soou com casualidade decepcionante.

– Eu não sabia que você tinha que sair. De fato, quando entrei, você parecia

entretida.

Emma sentiu-se corar. O tom e a expressão dele eram de quem sugeria algo.

Ela esvaziou a pá de lixo em uma das poucas gavetas que não haviam sido

destruídas quando Cletus caíra sobre o aparador.

– Aquele era meu vizinho, sr. MacEwan – ela responde, severa. Ele veio

devolver meu galo.

– Seu galo – o conde repetiu, sem reflexão.

– Sim, ele fugiu.

– Seu galo fugiu?

– Sim. – Por que a impressão de que o conde não acreditava nela? – Ele

costuma fazer isso com freqüência. Ganhei-o de presente. Ele parece sentir

falta do antigo poleiro e sempre tenta voltar para lá.

– Presente do sr. MacEwan? – o conde indagou, curioso.

– Não. Ganhei o galo da mãe do sr. MacEwan. – Ao ver as sobancelhas

arqueadas, ela apontou para cesta sobre a mesa. – Ela fez esses bolinhos para

mim hoje de manhã. Pode servir-se, se quiser. Tenho certeza de que ainda

estão mornos.

Lorde Denham ignorou o comentário. Na verdade, não tirava os olhos de

Emma, que estranhou por ser desconcertante. Ela se lembrava que o olhar dele

tinha uma cor incomum com algo de verde, mas não era castanho exatamente.

Disse a si mesma que lembrava mais um tom dourado. Como o ouro da aliança

que ela tirara havia alguns meses e dera para alguém de quem não se

recordava, mas que certamente era necessitada.

– Você tem... vizinhos atenciosos – foi tudo o que James disse, mas foi

perceptível novamente um tom diferente que Emma não entendeu. Na certa

não se tratava de um cumprimento. Não proveniente dos lábios do conde de

Denham.

– É verdade. O sr. MacEwan e sua mãe têm se desdobrado em cuidados desde

que Stuart morreu.

A crítica – que o conde e sua mãe nada tinha feito por ela desde a morte de

seu marido – acertou o alvo... embora Emma não pretendesse sugerir isso.

Seria certo, evidente, mas não justo, dadas as circunstâncias. Ainda assim,

James reagiu rapidamente.

– O sr. MacEwan e a mãe sabiam disso há muito tempo. Eu soube de tudo há

apenas uma semana. Emma, por que não nos contou mais cedo?

– Eu não podia – ela procurou ser razoável. – Milorde sabe que o distrito inteiro estava bloqueado. A quarentena só foi levantada há um mês.

– Ainda assim, você poderia ter mandado avisar.

– Milorde teria vindo, se soubesse, com restrições ou não e eu não queria ter

sua morte em minha consciência. – Assim como a de Stuart, ela evitou

acrescentar. Virou-se e pegou o chapéu pendurando na parede. – Bem, agora

que milorde me viu, pode dizer a todos que estou bem. Se me der licença,

preciso ir.

– Ir? – Ele podia perguntar. Afinal, acabava de chegar. E a chegada do conde

de Denham a qualquer lugar era um acontecimento. Ele era esse tipo de

homem. – Ir para onde?

– Para escola – Emma respondeu, com mais temeridade do que na realidade

sentia. Sabia o que James diria se soubesse da verdade. Daria risada ou coisa

pior.

– Escola? – o conde ecoou. – E para quê? Não deve ser um encontro da

sociedade missionária tão cedo, não é?

Apesar do nervosismo, Emma a custo reprimiu um sorriso.

– Não. A sociedade missionária local é dedicada, mas não tanto. Devo ir para

escola, pois sou, de fato, a professora.

– Professora? – James encarou-a. – Emma, você leciona? Leciona o quê? Para

quem?

Bem, pelo menos ele não rira.

– Dou aula para as crianças. Milorde, se me der licença, estou muito atrasada –

ela insistiu. – Se quiser, pode ficar aqui, embora eu não imagine por que

haveria de querer, mas eu preciso ir. O senhor entende, não é?

Não entendia. O conde de Denham parecia tão confuso como no momento em

que cruzara a porta da cabana.

Com a aparência de quem se refazia, ergueu o chapéu e disse, sombrio.

– Então eu a levarei para a cidade, Emma.

Emma arregalou os olhos.

– Oh... Isso não... quero dizer, isso não é necessário.

James arqueou uma sobrancelha enquanto calçava as luvas.

– Presumo que prefere caminhar mais de três quilômetros? Na chuva?

Emma espiou a tempestade do lado de fora da porta. A seus pés, Una a quem

ela não ousava deixar sozinha por causa do adiantado estado de gestação,

choringou, lamentando, assim como Emma, a idéia de sair naquele tempo.

Uma condução até a cidade. Era tudo o que o conde lhe oferecia. Depois disso,

com alguma sorte, ele poderia ser convencido a embarcar na barca do meio-dia

e ir embora, em ficar sabendo de toda verdade sobre o infortúnio de Emma.

Por que não? Ela não poderia ter aquela má sorte para sempre ou poderia? As

coisas teriam de começar a melhorar em algum momento. Por que não agora?

Capítulo 3

De início, James pensara tratar-se de uma ilusão provocada pela chuva.

E essa chuva intensa era, também, bem diversa das garoas de Londres ou de

Devonshire, sua terra natal. A tempestade da manhã fora tão grande que

transformara o que aparentemente servia de estrada nessa parte do país em

um rio de lama de quinze centímetros de profundidade. James estava certo de

que teriam feito o trajeto na metade do tempo, se estivessem rodando sobre

macadame. Mas estradas pavimentadas não eram conhecidas na Ilhas

Shetland, assim como cafés decentes ou água encanada.

Contudo, uma pausa na chuva permitiu a James uma visão melhor da mulher

que estava em pé à porta da cabana, no alto. A chuva não mais atrapalhava

sua visão. Ele simplesmente ficou abismado.

Não era dessa maneira, decerto, que tudo deveria ter sido revelado. Emma não

devia estar ali. James teve de admitir que fora um tolo em pensar que ela

voltara para a Inglaterra.

E o que mais ele poderia ter suposto? Afinal, Stuart estava morto havia quase

seis meses... pelo menos de acordo com a carta entregue em mãos na semana

anterior em sua casa de Londres. Nela, Emma explicava os motivos que a

levaram a esperar tantos meses após a morte prematura de Stuart para

informá-los do ocorrido: uma onda de tifo eclodira em Faires na época da

morte de Stuart, o que obrigou as áreas atingidas a decretar quarentena, e ela

não queria que outros arriscassem a vida em um esforço de vir dar os

pêsames...

Lady Denham ficara bastante aborrecida por Emma não ter transmitido logo a

notícia, mas para James fora um benefício. Se Emma houvesse mandado a

notícia no outono em vez de no mês anterior, James teria ido a Faires,

indiferente aos riscos para sua saúde, ainda mais se soubesse que a viúva de

Stuart continuava lá. Seria irracional para ele deixar qualquer mulher sozinha

exposta a doenças. Não poderia considerar-se um homem de honra se

permitisse que tal coisa ocorresse.

E não se tratava de qualquer mulher. Era Emma. Emma. Impossível deixar

Emma ali. Ele teria vindo imediatamente a Faires e insistido para ela voltar com ele para a Inglaterra...

Naquele momento sentiu que a família dela falhara bastante.

O que não deveria surpreendê-lo. Os Van Court, assim como sua própria

família, não aprovaram o casamento de Emma e Stuart. Os tios de Emma

tomaram providências para separar os jovens amantes. Mantiveram a sobrinha

presa no quarto por vários dias depois de ela ter contado sobre o plano de fuga

a James, que, como era seu dever, revelou tudo para seus guardiões... assim

que terminou de tentar convencer Stuart sobre a tolice daquele plano.

Infelizmente, os Van Court não mantiveram sua tutelada sob vigilância estreita,

pois ela escapou em menos de uma semana, desapareceu na noite e atravessou a fronteira com Stuart, casando-se com ele em menos de vinte e quatro horas.

Assim terminou o interesse dos Van Court pela jovem que haviam adorada e a

quem passaram a considerar ingrata. Por causa do episódio, as relações entre

Regina Van Court e lady Denham ficaram estremecidas. James sentia que sua

mãe achava a fuga de Emma e Stuart um tanto romântica, enquanto a sra. Van

Court - bastante certa na opinião de James - ficou profundamente ofendida

pelo comportamento dos dois amantes.

No entanto, nada na carta de Emma indicava que ela ainda estivesse em Faires.

Como a missiva fora entregue por um mensageiro, James supôs que a autora

estivesse em Londres. James ficara tentado a visitar Emma na casa dos tios,

pois presumiu que os Van Court, mesmo magoados com o comportamento

intempestivo de Emma, não teriam virado as costas para uma viúva sem

vintém. Stuart a teria deixado na miséria, pois ele nada possuía de seu, exceto

o que ganhava. E James sabia muito bem que o salário de um cura era uma

ninharia comparada com a mesada que sempre concedera ao primo teimoso.

Porém a mãe de James lembrou-lhe de que ele não se despedira dos noivos

com boa vontade um ano antes e que sua presença poderia causar sofrimento

para a viúva, e isso o fez desistir da visita. Decidiram, então, que lady Denham faria a visita de condolências e James iria para a Escócia tratar da remoção dos restos mortais de Stuart, pois nenhum descendente dos Marbury descansaria

em paz fora da Abadia de Denham.

Ironicamente, James ficara aliviado com a reviravolta dos acontecimentos.

Preferia a sua tarefa, por mais macabra que pudesse ser, à da mãe. Não

confiava muito que pudesse encarar Emma - e o sofrimento que ela na certa

sentia - com a reserva apropriada. Lembrava-se muito bem dos olhos azuis

capazes de mexer com o coração de um homem, principalmente se

começassem a lacrimejar...

Muito tarde, James entendeu que seu alívio tivera vida curta. Lady Denham não

teria sucesso na visita aos parentes de Emma; a viúva de Stuart não procurara

conforto no seio de sua família pouco afetuosa. De modo algum. Havia

permanecido em Faires e mandado a carta por algum escocês a caminho de

Londres, em busca de outra forma de sobrevivência, pois as florestas de cores

pardas haviam se extinguido.

De qualquer forma, James teria de encará-la, assim como aqueles olhos azuis e

a animosidade que ela ainda sentia por ele.

Certamente, ele disse a si mesmo, Emma não poderia continuar a nutrir aquele

rancor. Emma Van Court sempre fora sincera, atraente, a pessoa mais calorosa

e nobre que conhecera. Ela não poderia estar com raiva dele por algo que

acontecera havia doze longos meses.

Ou poderia? Além de sincera e generosa, ela também tinha um traço de

teimosia no temperamento, traço esse que, James estava convencido, era

responsável por todo o problema.

Naquele momento, olhando para ela sentada à sua frente na carruagem, era

difícil saber como Emma se sentia ao vê-lo de novo. Evidente que ela não ficara

nada contente com o ocorrido na cabana. James não podia culpá-la. Desde o

momento em que entrara naquela casa minúscula em que Emma e Stuart

viveram juntos, tudo virara de pernas para o ar, até mesmo o aparelho de

jantar de Limoges. Primeiro vira o que parecia ser uma bela mulher sendo

molestada por um gigante camponês, depois tomou a atitude mais honrada que

aprendera na vida, proferir o sexo frágil; para então descobrir que Emma não

precisava exatamente de proteção, tampouco estava agradecida por seu

empenho em salvá-la.

O agradecimento foram os machucados nos nós dos dedos que James ganhou.

Ele não deveria ter ficado surpreso com essa reação, pois a franqueza era uma

das muitas qualidades que Emma possuía e que o irritava, mas que também o

atraía. Bem diferente das demais senhoritas da sociedade cujas mães ansiosas

sempre atiravam as filhas para ele.

Ele se surpreendera também com o fato de ela o tratar com tanta indelicadeza

mesmo depois de sofrer tamanha perda - ele não se referia à porcelana.

Esperava lágrimas. E não foi assim.

Mas desde quando Emma Van Court-Chesterton, ele se corrigiu com firmeza,

Chesterton! - fizera o que era esperado?

Ela não estava de luto. O vestido cinza que usava sob o manto era bem gasto,

a renda dos punhos estava um tanto puída, as mangas bufantes estavam fora

de moda. Não importava o que Emma Chesterton vestisse; um hábito de freira

não esconderia sua beleza.

James suspirou e olhou através dos vidros trincados do coche para a paisagem

por onde passavam. Não podia imaginar por que alguém gostaria de viver tão

próximo ao mar. A cabana de Stuart ficava em um penhasco que certamente

era coberto pela neblina todas as manhãs e bombardeado pelo sol, chuva e

neve no restante do dia. Não se viam árvores. James não podia conceber local

menos acessível e mais desprotegido.

Nenhum sinal de sepultura. Como James nada encontrara no cemitério nas

cercanias da cidade de Faires, presumira que o jazigo estivesse em algum local

daquele isolado penhasco. O reverendo Peck, para quem Stuart trabalhava, não

fora cooperativo. Dissera que tantas vidas tinham sido perdidas na epidemia de

tifo, incluindo a de Stuart, que seria impossível manter o registro de todos os

sepultados. Quando os aldeões começaram a morrer a uma média de seis por

dia, foram feitas valas comuns, embora James tivesse quase certeza de que

Emma não permitiria que isso acontecesse com seu marido. Seria algo pelo

qual poderia estar agradecido, pelo menos uma coisa a agradecer desde que

embarcara nessa viagem.

A questão fundamental no momento era o que deveria ser feito, em nome de

Deus? Nada decorrera como o planejado, já que seu plano fora elaborado nos

poucos segundos que se passaram entre ver Emma através do vidro trincado

do carro fúnebre de Murphy e aproximar-se da porta da cabana. Chegara

rapidamente à conclusão de que a missão de recuperar os restos mortais de

Stuart seria em vão.

Outra missão, bem mais importante, e muito mais premente, tomara o lugar da

original. E James estava decidido a não falhar nessa.

Emma, sentada em frente ao conde, não padecia com batalhas interiores. Na

verdade, ela começava a achar que afinal - depois de tanto tempo - as coisas

começavam a melhorar. Não apenas ele não fizera qualquer pergunta - graças

a Deus! - sobre a morte de Stuart, como também a deixara sentar de frente

para a estrada, ocupando o banco oposto. Ela odiava viajar de costas.

Não demorou para Emma achar que sua sorte não duraria... principalmente

quando as rodas do veículo afundaram em um buraco da estrada e o conde de

Denham foi jogado para fora do assento. Por um instante perturbador, Emma

pensou que ele poderia cair em seu colo, embora não soubesse por que isso a

perturbaria. Talvez por ele ser tão grande e seu peso, ao cair sobre ela, poderia machucá-la.

Felizmente, ele se equilibrou a tempo. Recostou-se e procurou segurar-se com

firmeza no banco sem molas.

- Desculpe-me, Emma - ele disse com seriedade.

Ela o fitou com olhar semicerrado, para não dar a impressão que o observava.

Emma se esforçava para manter um ar de indiferenças, mas a verdade era que

uma simples espiada para o conde a deixava com o pulso acelerado. Disse a si

mesmo que era porque ele a enraivecia.

- Está tudo bem - ela disse com toda delicadeza. - Milorde só terá de me

aguentar até o pátio da escola e depois o sr. Murphy o deixará no
cais das

barcas.

E ela o brindou com um sorriso tão doce como o néctar dos trevos
de

Devonshire.

Era evidente que ela tentava se ver livre dele, sem ser rude, e James
tinha

consciência de que Emma tinha motivos para não estar feliz por vê-
lo. O último

encontro não fora agradável para nenhum dos dois. A última vez em
que ela o

vira, ele acertava o rosto do noivo dela.

Mesmo assim, ele não se afastaria tão facilmente, e era bom que ela
soubesse.

- Emma, fiquei muito surpreso ao encontrá-la ainda em Faires.
Quando minha

mãe e eu recebemos sua carta, imaginamos que você estivesse em
Londres.

Emma evitou perguntar onde ela poderia estar morando em
Londres, se a

família dela a deixara sem um centavo. Era evidente que ele, como
todos os

outros, sabia disso.

- Ah? - ela perguntou com toda calma.

- Eu poderia pensar que você havia voltado para a casa de seus tios.

Emma estreitou os olhos, mas o conde olhava de maneira fixa na paisagem e,

infelizmente, não viu sua expressão de ira.

- Milorde, mais do que qualquer outra pessoa, devia saber que eu não teria

mais um lar com meus tios.

Ele a olhou e Emma viu as sobrancelhas escuras cerradas.

- Emma - ele disse com severidade -, você não pode me culpar por ter dito a

eles. Você deve entender que era muito jovem...

- Eu não era muito jovem - Emma arregalou os olhos - e não posso acreditar

que milorde ainda insiste...

James ergueu a mão enluvada para impedir o fluxo de palavras.

- Não posso acreditar - ele a repreendeu com gentileza - que ainda não

perdoou sua família por desaprovar Stuart. Você deve ter se dado conta de que

foi uma grande loucura ele casar-se com você sem que estivesse estabelecido

em uma carreira. Ele não tinha um centavo em seu nome. Era evidente que sua

família o desaprovava. Acha mesmo que seus tios não a receberiam de volta,

Emma? Tenho certeza de que eles estão angustiados de preocupação por sua

causa.

Emma pestanejou. Angustiados de preocupação por ela? Certamente não. A

afeição de seus parentes, Emma então compreendia, viera com um preço. A

expectativa era de que ela se casasse com um homem rico ou pelo menos que

ele tivesse um título para trazer mais prestígio para a ilustre família Van Court.

Como o plano falhara, ela foi posta de lado como um trapo velho.

- Bem - James continuou -, se você não se sente confortável em morar com sua

família, talvez... - ele deu uma tossidela. - Talvez... você pudesse... poderia

aceitar um convite para morar com minha mãe em Londres.

Emma pensou que era provável que não o houvesse escutado direito, pois o

conde falara em voz baixa e sem preâmbulos. Mas a fisionomia que sugeria

uma expectativa paciente confirmou a exatidão do que ouvira.

- O quê? - ela perguntou de modo estúpido.

- Espero que você aceite - James afirmou, em um esforço para manter um tom

cortês e imparcial. De maneira inexplicável ele se sentira ferido pelo espanto de Emma. Era óbvio que nunca ocorrera a ela que a família de Stuart pudesse

oferecer-lhe qualquer apoio, quer financeiro ou de outro tipo. No passado,

James dera a impressão de ser um ogro.

James supôs que, para uma jovem apaixonada de dezoito anos, ele cometera o

crime mais hediondo que se podia imaginar: tentara afastá-la do homem

amado.

E seu comportamento subsequente - recusar-se a ajudar Stuart, esperando que

o gosto de viver com um salário miserável de cura pudesse acrescentar juízo na

mente dos recém-casados - provavelmente não granjeara a estima de nenhum

dos dois.

- Mamãe está muito ansiosa para que você venha - ele continuou o que, sem

ser estritamente verdadeiro, não era completamente falso. Lady Denham

sempre gostara muito de Emma e sem dúvida a receberia com grande

entusiasmo na casa da cidade onde morava com o filho; James não gostava de

deixar a mãe, um pouco adoentada, sozinha por longos períodos.

Ele pensou que uma ligeira censura poderia ajudar e acrescentou:

- Emma, você deveria ter escrito mais cedo. Entenda que esta situação é

inaceitável.

Ela não tinha idéia a que o conde se referia.

- Que situação? - Em pânico, imaginou que ele houvesse escutado algo sobre o

sr. O'Malley e seu testamento pavoroso.

Espantado, James ergueu um braço.

- Bem, tudo isto, é claro. A cabana onde você mora, Emma, sozinha e tão longe

da cidade! - Ele sacudiu a cabeça. - E esse negócio de lecionar. Você não está

pensando em passar aqui o resto de sua vida, está?

Emma abriu a boca, mas não chegou a responder à pergunta.

- Cuidado! - foi o que ela disse.

James foi jogado para cima e antes que pudesse se equilibrar viu-se na posição

mais vergonhosa - embora invejável para muitos homens, inclusive para ele -

em que já se vira na vida: de rosto para baixo entre as pernas de Emma Van

Court Chesterton.

Capítulo 4

Havia muito tecido - saia de lã, saia de algodão e anágua de renda - entre o

rosto de James e as pernas de Emma, evitando que a situação se tornasse...

como dizer, ainda mais constrangedora. Além de toda a confusão, havia pano suficiente para envolvê-la como em uma armadura.

Mesmo assim, James não se lembrava de ter já passado por situação de

tamanho constrangimento. Sobretudo ao constatar que, longe de se sentir

envergonhada, Emma parecia achar graça em tudo aquilo.

- Ah! - ela ria de maneira não condizente com sua condição de viúva,

segurando os ombros dele com as mãos enluvadas - ele envolveu seus braços,

por falta de opção melhor, ao redor da cintura dela para segurá-la, e lá estava

James, de joelhos no piso do coche, com o peito entre o V das pernas de

Emma, o rosto... bem, o rosto estava agora no nível da cintura, pois ele

erguera a cabeça assim que fora possível. - Oh, Deus!

O coche parara e o único som que se ouvia, além das risadas gostosas de

Emma, era o da chuva batendo no teto. James levantou-se com dificuldade,

viu-se entre o embaraço e o perfume perturbador de lavanda que se exalava da

saia de Emma. Apesar da capa de pele de castor, James sentia frio.

Ao olhar para cima, viu que a face de Emma estava muito próxima da sua. Os

lábios curvos, róseos e úmidos estavam a poucos centímetros de distância.

Seria muito fácil, ele pensou, segurar o rosto sorridente entre as mãos e

pressionar seus lábios contra os dela...

Nisso James ouviu acima dele o deslizar da pequena porta de comunicação

entre o cocheiro e os passageiros. Um segundo mais tarde, a voz rústica de

Murphy ecoou.

- Desculpe-me. Esqueci de avisar. Estamos, como puderam perceber, ao lado

da Árvore dos Desejos.

O encanto fora quebrado e James afastou o olhar da imagem inebriante da

boca de Emma Chesterton.

- Emma - ele tentou se desvencilhar da confusão de saias, anáguas, botas e

meias. - Você se machucou?

Era evidente que não, ele inferiu pelas risadas, mas sentiu-se na obrigação de

perguntar.

Ah. - Emma limpou as lágrimas do canto dos olhos. - Sinto muito por ter

achado tanta graça. Mas milorde pareceu tão surpreso...

- Bem - James sentou-se no banco acolchoado ao lado de Emma. Não

adiantaria continuar por cima dela - deve ter sido falta de aviso...

- Todo mundo conhece o buraco na estrada perto da Árvore dos Desejos -

Murphy respondeu com certa indignação.

- Pois eu não tinha idéia. - James ficou feliz que a raiva que sentia borbulhar

em suas veias afogasse outros sentimentos bem menos confortantes... como a

dolorosa atração que ainda sentia pela encantadora viúva de seu primo. -

Eu não sabia sobre o buraco na estrada perto da Árvore dos Desejos. - Viu que

Emma ainda lutava para conter o riso. - Perdoe minha ignorância, mas posso

perguntar o que é exatamente uma Árvore dos Desejos?

- O senhor nunca viu uma? - Murphy sacudiu a cabeça grisalha. - Então espie

pela janela. Se fosse uma cobra, já o teria mordido.

Emma gargalhou. Seus ombros se sacudiam sob o manto gasto, e ela escondia

o rosto entre as mãos. Sem achar tanta graça, James olhou por cima da cabeça

abaixada de Emma e teve, através do vidro rachado e distorcido da portinhola,

uma visão curiosa. Uma figueira com os ramos retorcidos, recoberta com folhas

novas da cor do absinto, procurava alcançar o céu cinzento e encontrava-se ao

lado do que parecia ser uma fenda na estrada. James vira várias árvores

semelhantes desde que aportada na costa barrente, mas nenhuma como

aquela. No tronco, dezenas de sapatos, muitos aos pares.

Ele estreitou os olhos, mas a visão continuou a mesma. Pessoas haviam

martelado sapatos a uma árvore. James viu botas comuns, outras grosseiras,

de trabalho, além de calçados femininos, tamancos de madeira, sapatinhos de

bebê e até um chinelo feminino. Tudo pregado com firmeza no tronco daquela

árvore. A maioria dos sapatos tinha uma aparência desgastada, como se

estivessem pendurados ali por um bom tempo. Alguns deles eram bastante

novos, em particular um par de chinelos masculinos, de quarto. Lembrou-se de

ter dado um par desses de presente de Natal a Stuart.

- É isso. - James sentou-se de novo. Não ousou dizer o que pensava, que os

escoceses eram mesmo diferentes. - Pois não é interessante?

Emma tirou as mãos do rosto, ainda rindo sem controle.

- Ah, sinto muito, mas sua expressão diante do comentário da cobra...

desculpe-me.

James podia ver alguma graça na situação, mas não a achava hilariante como

Emma. E como poderia, diante da maneira como seu coração disparara ao ter

nos braços a viúva de seu primo? Ensaiou um sorriso, para mostrar que não se

ofendera.

- Entendi.

- É boa sorte, milorde sabe - o bêbado caolho respondeu, espiando-os do banco

do cocheiro. - Martelar um sapato na Árvore dos Desejos traz boa sorte.

Principalmente a recém-casados.

- Ah, sim. - Emma conseguira controlar o riso. - Stuart e eu pregamos nossos

sapatos quando chegamos aqui. Acho que é um costume adorável.

James refletiu que o costume poderia ser adorável, mas não trouxera nenhuma

sorte para Emma. O marido estava morto e ela fora renegada pela família. Na

verdade, não seria má idéia se ela tirasse seus sapatos da árvore.
Talvez eles

houvessem trazido má sorte.

A carruagem funerária deu mais uma sacudida, bem mais leve que a anterior, e

retomou o trajeto. Depois do trecho acidentado entre a cabana de Emma e a

Árvore dos Desejos, o veículo rodou por terreno mais suave. Não demorou e

James viu que eles chegavam a Faires, na opinião dele chamada cidade por ter

um pub, uma estalagem, uma loja comercial, um ferraria e uma igreja. Tudo

em uma rua apenas, o que não sugeria uma cidade.

Mas nas ilhas Shetland, isso funcionava como uma metrópole, ainda mais que

tinha um cais onde dezenas de pescadores depositavam sua pesca diária. Esses

homens tinham esposa e filhos que moravam em barracos ou cabanas

próximos do cais e provavelmente eram seus filhos que iam à escola onde

Emma lecionava. Não era de admirar que ele não houvesse notado a escola

antes. Quando Murphy virou os cavalos na rua estreita e parou ao lado de um

afloramento de rocha que se projetava para o mar, James entendeu que a

escola funcionava no farol.

Emma aparentemente dava aulas na base do velho farol de Faires.

Se não visse, James não acreditaria. Cerca de uma dúzia de crianças

maltrapilhas corriam pelo piso rochoso onde o farol estava assentado. A

despeito do tempo ruim, eles se entretinham em um jogo, certamente

inventado, com um bola feita de trapos. O gol, pelo que James notou, estava

posicionado de tal forma que impedia que a bola caísse no mar, um de cada

lado da faixa estreita de terra onde se situava o farol - um bom trabalho, pois a largura ali não devia ter mais de seis metros.

Durante tempestades fortes,

certamente o cais era coberto pela água.

- Aqui estamos - Emma disse quando Murphy parou o coche com mais um

sacudida.

James desviou o olhar do curioso campo de jogo e viu que Emma parecia

contar as crianças. Correto. Havia uma possibilidade real de algum deles cair e

desaparecer na arrebentação.

- É verdade. - James sabia que deveria agir com cautela. Embora Emma

estivesse ansiosa para se ver livre dele, ele não partiria... sem ela.

E sem Stuart, lembrou a si mesmo. Por isso ele viera. Por causa de Stuart.

Então, sabendo que ela também estava ali, não podia em sua consciência deixar

nenhum dos dois naquela ilha isolada.

Reconheceu, com pesar, que seria muito difícil convencer Emma disso.

- Foi muita bondade sua fazer essa viagem só para me ver - Emma afirmou.

Desde que haviam saído da cabana, estivera matutando sobre o que deveria

ser dito no momento de despedida. Ficou satisfeita ao conseguir as palavras

cortesias, embora mantendo distância, e estendeu a mão direita enluvada. -

Adeus, lorde Denham. Apesar de nossas diferenças, espero que possamos

despedir-nos como amigos.

James segurou os dedos de Emma antes do adeus. Como não tinha intenção de

partir, hesitou, sem saber o que falar, e ficou tão surpreso quanto ela ao deixar escapar uma desculpa.

- Emma, sinto muito. Sobre Stuart e sobre o que fiz com ele no dia em que

você... me contou o que os dois estavam planejando. Ainda não acho que

Stuart agiu corretamente, mas quero que saiba que sinto muito. Por tudo.

Emma arregalou os olhos com surpresa. Ela não esperava um pedido de

desculpas a seu pequeno discurso. Lorde Denham se desculpava? Seria

possível? Nunca soubera que ele houvesse se retratado alguma vez na vida.

E ele parecia sincero.

Mas ela já fora enganada antes pela aparência do conde. Ele parecera sincero

naquela tarde na biblioteca quando ela o avisara sobre os planos de Stuart. E

depois ele não dera um soco no rosto de Stuart?

Não, não se podia confiar na aparência em se tratando de lorde Denham,

mesmo que fosse honrada. Ele era um belo homem. O mínimo que poderia

fazer era tentar não ser tão desagradável.

- Bem - ela ouviu-se dizer. - Eu o perdoo, eu acho.

Ela deveria ter mordido a língua. Perdoar o conde de Denham? Jamais! Jamais!

Sem querer prolongar a conversa, continuou.

- Dê recomendações à sua mãe e agradeça a ela o amável convite. Receio que

eu nunca possa deixar Faires. Aqui eles precisam de mim, milorde sabe. - Ela

segurou a maçaneta da portinhola. - Adeus.

James tentou segurar-lhe os dedos, mas ela conseguiu soltar-se. Emma abriu a

porta e desceu para enfrentar o frio e a umidade. Ele escutou o barulho da

arrebentação nas rochas e a gritaria alegre das crianças ao ver a professora.

Suas vozes não se distinguiram dos gritos das gaivotas que sobrevoavam a

costa.

Emma fechou a porta, cortando o som das crianças e dos pássaros, mas não o

estrondo do mar. James, sentindo-se subitamente sozinho, chegou perto da

porta para observar Emma através da janela trincada. As crianças menores

abandonaram o jogo e correram até ela tentando pegar em sua mão; os que

não conseguiam, seguravam a saia. Os mais velhos mantinham-se a distância,

mas, como James, a seguiam com o olhar. Ela caminhou pelo cais até a porta

do farol, acima da qual havia um sino. Emma segurou um pedaço de corda

solta e deu um puxão enérgico. Diante do badalo, os garotos de mexeram, um

deles apanhou a bola de pano enquanto os outros corriam atrás dos pequenos.

Emma segurou a porta aberta até que todos entrassem. A porta era pintada

com o mesmo verde alegre daquele de sua cabana.

A porta foi fechada e Emma desapareceu com seus alunos. Só então James

entendeu que estivera prendendo a respiração. Soltou-a depressa e depois

inspirou, sentindo o cheiro penetrante da água salgada que estava sempre no

ar. Não tinha idéia por que esquecera de respirar por tanto tempo. Supôs que

fosse o choque. Eram apenas nove horas da manhã e ele se sentiu cansado

como se fosse nove da noite, e como se estivesse trabalhando em seu

escritório em meio às suas correspondências o dia inteiro. Supôs que encontrar

uma parenta por afinidade que não via havia muito tempo o deixara daquela

maneira. Ainda mais quando se tratava de Emma Van Court.

A porta de comunicação do teto foi aberto e Murphy olhou-o com curiosidade.

- Milorde - ele foi amável -, devo levá-lo até a estalagem para o senhor pegar

suas coisas antes de embarcar na balsa do meio-dia?

James olhou para o rosto do homem com resignação.

- Pode me levar de volta à estalagem, mas não vou pegar nenhum barco hoje.

Murphy, incrédulo, arregalou os olhos.

- O quê? A sra. Chesterton disse...

- Estou ciente do que ela falou, meu bom homem. No entanto, prefiro tomar

minhas próprias decisões a seguir as instruções da sua sra.
Chesterton. - James

reclinou-se no banco desconfortável.

Café. Era do que precisava. Uma xícara de café bem coado e um
lanche de

carnes cortadas em fatias grossas com mostarda. Certamente
quando as aulas

na escola terminassem, ele teria uma idéia melhor de como deveria
proceder

nessa situação complicada.

- A sra. Chesterton não vai gostar nada disso - Murphy resmungou
na boléia. -

Não vai gostar nem um pouco.

James não pôde deixar de sorrir.

- Sim. Estou certo de que não.

Capítulo 5

Emma observou, através do vidro grosso de uma das janelas do
farol, o carro

fúnebre que se afastava. Ela mal podia acreditar, mas, de alguma
forma, seu

pequeno truque funcionara. O veículo ia embora.

Levando James.

Só podia creditar isso à sua boa estrela. Depois de um ano péssimo,

experimentava um pouco de sorte. James voltaria para Londres e não ficaria

sabendo nada a respeito do testamento do sr. O'Malley. Parecia bom demais

para ser verdade. Era bom demais para ser verdade...

Nada disso. Estava mais do que na hora de sua sorte mudar. E se não

começasse naquele dia, nunca começaria. Ele estava partindo e era só o que

importava. Se sua boa sorte se mantivesse, nunca mais o veria.

O que seria ótimo para Emma.

Exceto...

Exceto pelo fato de isso não ser verdade. Ela não odiava James Marbury. Deus

era testemunha de que ela tentara sentir ódio dele depois daquele dia em sua

biblioteca. Mas era impossível ter esse sentimento por alguém que fora tão

bondoso com ela. Afinal, era ele que desembaraçava suas pipas dos galhos das

árvores e levava para ela a sobremesa às escondidas, quando a tia a mandava

de castigo para a cama. Ela corria para James e não para Stuart a fim de tirar

os espinhos que a espetavam ou para curar os joelhos esfolados.
James sempre

tivera tempo para ela. Stuart estava sempre com a cabeça enterrada
em algum

livro.

O que fora o seu encanto. Dizia-se que águas paradas eram mais
profundas e

Emma, aos quatorze anos, sofria para chamar a atenção de Stuart
Chesterton.

Como não podia deixar de ser, ela mostrou interesse pelo que mais o
seduzia.

Ajudar os pobres. Depois disso, ela ficou feliz ao descobrir que
Stuart levantava a cabeça, mesmo que estivesse enfronhado no
melhor livro, sempre que ela

entrava no recinto.

Penelope nunca entendera a fascinação de Emma por Stuart. Insistia
que

James era o mais bonito dos dois primos. Ele causava a melhor
impressão no

salão de dança e provocava suspiros infindáveis não apenas em
Penelope, mas

na maioria das mulheres que o observavam.

Penelope não admirava apenas a aparência de James ou seu bolso.
Ele era

extremamente bem-educado e mantinha-se informado sobre os acontecimentos

mundiais. Até lia romances populares, o que a maioria dos homens londrinos

conhecidos de Emma não fazia. James conversava com inteligência sobre vários

assuntos. Sempre fora muito rápido com uma brincadeira e Stuart raramente,

quicá nunca, tentara ser engraçado. Stuart dissera uma vez para Emma que

havia muito sofrimento no mundo para ele fazer brincadeiras inconsequentes

como seu primo fazia. Era muito grave, segundo ele, ter todo dinheiro e poder

no mundo e usar isso tudo para divertimento e proveito pessoal.

Na verdade, Emma nunca notara essa falha de caráter, mas depois do

comentário de Stuart, ela passara a acreditar que as prioridades de James

precisavam de sério reajuste. Apesar de sua imensa fortuna - era um dos

homens mais ricos da Inglaterra -, James não doava uma moeda à causa mais

meritória sem uma dose de convencimento por parte de Emma. Ele dizia que

trabalhava duro para conseguir seu dinheiro, então, por que se desfazer dele?

Se os pobres queriam tanto o dinheiro, por que não conseguiam emprego e

ganhavam seu dinheiro, como ele fazia? E ele nem mesmo precisava trabalhar.

Havia uma quantidade substancial de moedas nos cofres Marbury. Mas,

segundo ele, um homem que não trabalhava não era homem.

A insistência de Emma afirmando que não havia trabalho suficiente para os

pobres londrinos - fora o que Stuart lhe dissera - e que o salário em geral muito baixo não dava para alimentar e vestir todos levava invariavelmente ao

comentário de James que, se o dinheiro era insuficiente, não deveriam ter

famílias tão grandes.

Assim, Emma, que admirava James, passou a achá-lo digno de repreensão. E

mostrar ao conde sua teimosia se tornou sua missão pessoal. Se ao menos ele

a houvesse escutado, em vez de rir dela! A resistente altivez de James diante

de seus esforços para mudá-lo tornou-se uma fonte de frustração contínua.

Stuart afirmava que ela perdia tempo e ela concluiu que deveria tê-lo escutado.

Afinal, Stuart conhecia melhor o primo. No entanto, na opinião de Emma, a

afeição de Stuart por James não fora afetada. Mesmo depois que James tentara

matá-lo - não matar propriamente, mas ele batera muito em Stuart naquele dia

fatídico -, Stuart se recusava a dizer uma palavra negativa sobre o primo,

exceto que ele não tinha natureza muito filantrópica.

Não era a primeira vez que Emma ponderava que Stuart levava seu treinamento religioso de modo muito rigoroso.

Nada disso importava naquele momento. James estava partindo e, por isso,

Emma só deveria regozijar-se, porque se veria livre dele sem muitos problemas.

Quando queria, James podia tornar-se bastante problemático... ela sabia muito

bem. Ela teve a impressão, na hora de se despedir, que ele não pretendia

deixá-la sair do coche e que de alguma forma a forçaria a voltar para Londres

com ele, pois James dera a entender que desejava isso.

E lorde Denham sempre conseguia o que desejava.

Mas James a deixara ir. Emma supôs que lady Denham somente mandara

convidá-la para morar com ela por considerar ser a maneira mais educada a

agir. Por certo James não desejava que ela fosse. Que homem gostaria de

dividir o lar com a viúva empobrecida de um primo religioso? Ainda mais se

Penelope conseguira seus objetivos e o fizera mudar de idéia em relação ao

casamento. Emma se esquecera de perguntar a James se ele se casara. Não

que isso lhe importasse. Mas uma esposas, e especialmente Penelope, não

gostaria de partilhar sua casa com uma parenta pobre.

Ora, James, casado ou não, devia ter ficado profundamente aliviado quando ela

não aceitara o convite feito por sua mãe.

Essa era a única explicação para ele não ter insistido com ela no assunto.

James era a pessoa mais convincente que ela conhecia. Se estivesse determinado a levá-la para Londres, Emma teria de lutar muito para

permanecer onde estava, de pé na escola escutando o raspar do giz na lousa.

De outra maneira, ela poderia estar nesse momento a caminho de Londres.

Não, James não pretendia que eles voltassem juntos, o que fora outro golpe de

sorte para ela, embora estivesse determinada a lutar contra essa imposição,

sem se importar se ele comandava ou se estava certo, nem se ela mesma

perdesse os modos nessa disputa. Não abandonaria suas crianças. Ela era, para

muitos deles, tudo o que tinham... e Deus sabia que eles eram tudo o que ela

possuía no momento. Deixá-las? Seria mais fácil largar Una sozinha em casa,

em vez de deixá-la, como fizera naquela manhã, com a sra. MacEwan, forçando

o sr. Murphy a parar no meio do caminho.

Não, Emma permanecia e James voltava para Londres. O melhor de tudo era

ele partir e ela sair ilesa de sua visita!

Praticamente incólume. Não podia deixar de lembrar-se, com certo

constrangimento, do momento em que ele caíra para frente no coche, com os

braços envolvendo-a. O repentino ímpeto de emoção que sentira fora tão

inesperado que só conseguira rir. James parecera aborrecido com as risadas, o

que a fizera rir ainda mais.

O que mais ela poderia fazer? Havia muito tempo, meses para ser mais exata,

não sentia braços de homem envolvendo-a, nem o calor masculino entre suas

pernas. Tratava-se de James, e isso é que era o mais surpreendente! Sabia que

se tratava de James, o homem a quem detestava mais do que qualquer outro

e ainda assim sentira aquele afluxo de desejo...

Não podia imaginar por que isso acontecera. Os braços de James eram muito

diferentes dos de Stuart. Em um momento de pânico, logo depois de ele ter

sido jogado do assento, achou que ele lhe tiraria o fôlego. Supôs que James

pensara a mesma coisa, pois logo afrouxou a intensidade do aperto... e,

estranho, ele parecera relutante em afastar completamente os braços. Ele,

assim como ela, teria ficado surpreso pelas sensações que o abraço provocava?

Seu cheiro era diferente do de Stuart. Stuart sempre cheirava a cedro,

provavelmente por causa da arca onde Emma guardava seus coletes. A

fragrância de James lembrava espuma de barba e... seu antigo lar.

Não sabia o que a levava a pensar nisso, mas assim era. James tinha o perfume

de Londres, da limpeza de sabonete, de laranjas frescas e tabaco de cachimbo,

coisas que Emma raramente encontrava em Faires e que estavam tão

distantes.

Concluía, assim que o abraço terminara, que era ótimo James retornar para

Londres. Ótimo. Nenhum homem - especialmente um como James Marbury,

capaz de trair como ele a traía - tinha o direito de ter um cheiro tão bom. Esse tipo de odor podia provocar coisas estranhas em uma jovem, mesmo ela sendo

viúva.

- Sra. Chesterton? - A voz miúda, acompanhada de um puxão na saia, trouxe

Emma de volta à realidade. Olhou para baixo e viu a pequena Flora Mackay a

seu lado, agarrada em seu pequeno pedaço de lousa que usava para suas

anotações.

- Flora, o que você está fazendo fora de seu lugar? - Emma perguntou. - Pensei

que estivesse fazendo o exercício de aritmética.

- Eu estava, sra. Chesterton - Flora disse num sussurro. - Mas achei que a

senhora deveria saber que o resultado da lousa de novecentos e sessenta e

sete divididos por vinte e quatro está errado.

Emma estremeceu e olhou com ar de culpa a grande lousa que Samuel Murphy,

o faz-tudo da comunidade, pendurara na parede caiada e ligeiramente curva.

Os cálculos que ela estivera corrigindo a encavaram ferozmente. Distraída por

conta do conde de Denham, fora um pouco descuidada com a longa divisão.

- Ah, querida - Emma falou. - Você poderia corrigir isso para mim, por favor,

Flora?

A menina pequena concordou, pegou o giz da mão de Emma e foi até a lousa

corrigir o problema. Emma a observou e sentiu um lampejo familiar de culpa.

Sabia que não era uma boa professora. De fato, era muito ruim provavelmente.

Perguntou a si mesma, e não era a primeira vez, se havia alternativa. Eram as

aulas de Emma para as crianças de Faires, ou nada. Ninguém mais se oferecera

como voluntário depois que o professor fora vítima do tifo, como tantos outros,

no outono passado.

Admitia que as crianças, principalmente as mais inteligentes, mereciam coisa

melhor. Um professor de verdade, e não a esposa pobre do cura da cidade,

deveria ministrá-lhes aulas, ensinar francês, ciências, história e geografia. Eles deveriam ter escrivaninhas e não apenas os bancos longos que causavam uma

verdadeira disputa de espaço com os cotovelos, enquanto faziam as contas nos

pedaços de lousa. E uma escola de verdade, e não aquele maldito piso frio e

esburacado do farol, com um fogão a lenha que nunca se mantinha aceso.

Naquele momento, apagara de novo.

Droga de fogão a lenha. Ele raramente funcionava e nas poucas ocasiões em

que isso acontecia, não aquecia o ambiente o suficiente e ainda fazia fumaça.

Se ela mantivesse a cabeça no lugar e lembrasse de perguntar ao conde se ele

estaria inclinado a doar fundos para um fogão novo...

No entanto, duvidava que, depois de tudo o que acontecera entre eles, James

ainda concordasse em apoiar caridades que ela escolhia para se dedicar. Por

isso supunha que não pudesse culpá-lo.

Era preciso admitir que ele agira com muita bondade. Afinal, viera de Londres

com o simples propósito de convidá-la para morar com a mãe dele. Ele poderia

ter motivos ocultos - Emma estava convencida de que ele fizera isso para

mitigar a culpa por causa da última terrível discussão com Stuart -, mas assim

mesmo fora muita amabilidade.

Ainda que Emma não tivesse a escola, como ela podia aceitar a oferta de lady

Denham? Não poderia. Não com o testamento de O'Malley. Imagine se ela

voltasse para Londres e o caso viesse à tona! Seria alvo de risadas em Mayfair!

- John - Emma pediu, depois de um último olhar pela janela para certificar-se

de que James partira -, ajude-me a acender o fogão, por favor. Acho que

apagou de novo.

Obediente, o rapaz levantou-se, desajeitado depois de crescer quase treze

centímetros no verão.

- Pois não, sra. Chesterton. - Ele deixou de lado a pequena lousa e correu até a frente da sala para lidar com o fogão temperamental.

Emma o observou e lamentou que não houvesse dinheiro para mandá-lo para a

faculdade. John tinha uma mente brilhante e em seis meses nada mais haveria

para lhe ensinar.

Admitiu, com pesar, que deveria ter perguntado ao conde se ele estaria de

acordo em patrocinar algum tipo de bolsa de estudos em nome de Stuart;

assim os garotos mais inteligentes iriam para a faculdade. Era evidente que o

conde não aceitaria a idéia de bom grado.

- Deixe-os batalhar seu caminho através da escola - ela quase pôde ouvi-lo

dizer. - Se eles têm fome por educação, encontrarão os próprios meios de

pagar por isso.

Ainda assim, sempre havia uma possibilidade de ele ter mudado. Viera de

Londres apenas para saber pessoalmente como ela estava e Emma sabia muito

bem como ele desprezava a Escócia. Talvez ele estivesse mais aberto a

sugestões do que antes. A morte de Stuart poderia tê-lo abrandado, assim

como, de certa maneira, enrijecera Emma. Certamente isso lhe ensinara

algumas verdades dolorosas sobre si mesma.

Talvez devesse escrever para ele. Isso mesmo! Uma carta bonita e segura...

Porém a carta que mandara para a mãe dele também fora segura e veja o

que ocasionara!

- Oh, céus - Emma disse para si mesma, e então uma criança perguntou por

que ela escrevera que cinco cabia sete vezes em trinta, quando a resposta era

seis vezes, e assim ela esqueceu o conde de Denham inteiramente.

Capítulo 6

O conde de Denham, contudo, não se esquecera de Emma. De maneira

alguma.

E como poderia? Tinha uma mão dolorida que o fazia se lembrar do encontro

daquela manhã. Depois que seu criado enfaixara os nós dos dedos, James se

sentira um pouco melhora.

Não demorou e ele estava sentado na melhor mesa do pub local, ou pelo

menos fora o que a garçonete, uma jovem rechonchuda chamada Mary, lhe

assegurou, enquanto limpava a cadeira com um pano antes de ele se

acomodar. James não estava com disposição para discutir com ela, pois a mesa

se localizava de frente para as portas de vaivém da cozinha. Pelo menos seus

pés estavam na direção do calor do fogo.

Não havia cardápio. Mary informou que o lanche camponês era magnífico e

perguntou se ele queria cerveja ou sidra para acompanhar. James decidiu que

valia a pena arriscar e pediu uísque. Mary ficou extasiada - uma expressão que

não a favoreceu, pois revelou a surpreendente falta dos incisivos - e desfiou

uma longa lista de uísques a um preço insignificante. James escolheu um ao

acaso, mais para que Mary se afastasse com suas gengivas desdentadas.

Poucos momentos depois, se viu com um copo pequeno na mão e, ao

experimentar o conteúdo, seus olhos ficaram cheios de lágrimas.

James era o único cliente do Sea Cow na hora do almoço de um dia de

trabalho. Sentado à mesa, fitava o fogo. Não havia dúvida que se encontrava

diante de um dilema. Não tinha a menor noção de como deveria proceder. Pelo

que sentiu, não poderia tirar Emma de Faires, como também não localizaria o

lugar do descanso final de seu primo.

O que lhe lembrava outro problema. Stuart! O que faria a esse respeito? Onde

Emma o teria sepultado, se não fora no campo-santo da paróquia? E por que as

pessoas o olhavam com estranheza quando perguntava onde o falecido cura

estava enterrado? Supôs que devesse fazer uma pergunta direta a Emma, mas

isso não era coisa que se perguntasse a uma viúva sofredora. Ainda mais que

ele não perguntaria com o intuito de levar flores para a campa. Não, ele queria

desenterrar o caixão. Não duvidava que Emma não gostaria nada daquilo.

James não ficara animado com a resposta do ministro quando perguntou se ele

sabia onde Stuart fora colocado para o repouso eterno.

- Foi difícil - o reverendo Peck havia assegurado a James - negar para a sra.

Chesterton, a esposa de meu cura, o direito de enterrá-lo aqui, mas o que eu

poderia fazer? Não havia mais lugar. - O ministro cochichara. - Meu medo é que

onde a sr. Chesterton está sepultado não seja solo sagrado. Descobri que a sra.

Chesterton tem algumas idéias estranhas. Uma delas é que todo solo é o solo

de Deus. Mas não podemos permitir isso, podemos? Por outro lado, pessoas

enterravam os seres amados nos jardins.

Restava uma única opção: perguntar à esposa do finado. Mas ele não colocara

tudo a perder? Do começo ao fim, agira como um tolo, primeiro com o gigante

vizinho de Emma e depois com ela. Quem poderia imaginar que ela houvesse

ficado tão... diferente? Há um ano, quando a vira pela última vez, não poderia

imaginar que ela mudaria tanto. O que acontecera com a jovem doce e idealista

que o atormentava sem piedade para conseguir donativos para suas obras de

caridade e com quem ele dançara em tantos bailes no inverno de 1832? A

jovem que encantava a todos com sua graça de boneca e os risonhos olhos cor

de anil? Embora, na verdade, ele vira mais do que riso naqueles olhos. Ela

sempre o repreendia por seu egoísmo e comportamento inconstante, um

costume que ele odiaria em qualquer outra pessoa.

Mas ele até gostava de ser catequizado por Emma. Isso sempre o instigara

mais do que as bajulações provenientes de outras mulheres que conhecia.

Fitando as chamas com severidade, James refletiu que talvez nada houvesse

acontecido com Emma. Talvez essa simplesmente crescera.

Tornara-se um mulher.

E com esse pensamento levou o copo aos lábios sem titubear. Bebeu o

conteúdo de um gole só, abaixou o copo...

E teve um estremecimento intenso que o fez sacudir os ombros.

Bom Deus. O que tentavam fazer? Matá-lo?

Com olhar lacrimejante e a garganta queimando, James olhou ao redor

freneticamente, convencido de que estava morrendo. Alguém o envenenara;

alguém que sabia por que ele viera a Faires e o desprezava por isso. Virou a

cabeça em direção ao bar e viu, através das lágrimas, um homem alto atrás do

balcão, secando um caneco e rindo. Dele.

- Posso perguntar - James resmungou - o que o está divertindo tanto?

- O senhor. - O barman riu. O homenzarrão encheu o caneco que estivera

limpando com algo que saía de uma torneira, deu a volta no bar e deixou

diante de James uma bebida espumosa. - Beba isso. Ajudará um pouco.

James obedeceu porque sentia o estômago queimar. O levedo fermentado

imediatamente apagou as chamas de suas entranhas.

- O que foi aquilo? - perguntou, assim que pôde falar.

- O que o senhor pediu. - O homem levantou o copo de aparência inocente

onde estive o líquido tóxico e segurou-o contra a luz que vinha pela janela

facetada. - Um de nossos destilados locais. É bem forte, não é?

- Forte? - James sacudiu a cabeça. Teve de admitir, no entanto, que a dor na

mão diminuía um pouco.

- Certo. Mais uma dose?

- Creio que não - James disse e voltou a atenção para o fogo. Afinal, no que

estava pensando? Ah, sim. Emma. O que fazer a respeito dela.

Com qualquer outra mulher, não seria complicado. James sabia ser encantador

quando queria. Na verdade, seus casos amorosos tendiam a ser apenas isso:

casos amorosos. Semelhantes a negócios, mas muito mais diretos e menos

complicados. Um acordo sensato, normalmente. Muito mais sensato do que

essa coisa fervente que as pessoas chamavam de amor.

Ocorrera a ele também, é claro, que isso seria bem menos dispendioso na

longa corrida para o casamento. Apesar de que, se escolhesse uma noiva com

prudência, poderia na verdade ter lucro com o "negócio". Havia muitas damas solteiras na Inglaterra que poderiam ser convencidas a fazer aliança com a

propriedade Denham, trazendo para esta um grande dote. A mãe de James

empenhara-se bastante para apresentá-lo a essas jovens. Penelope Van Court

fora a primeira entre elas.

O inconveniente de tal projeto era quando o homem se cansava da esposa, não

poderia presenteá-la com um bracelete de diamantes e despedir-se com

cortesias. E James não encontrara mulher - exceto uma - de quem supunha não

se cansaria. Penelope Van Court podia ser dona de uma beleza radiante e ter

dez mil libras ao ano, mas ela era também, em sua opinião, completamente

insípida. A filha mais velha do conde de Derby podia possuir cinquenta mil libras e uma propriedade em Shropshire, mas seu tagarelas incessante sobre cães de

caça fez com que James logo se cansasse dela. Ficar amarrado para o resto da

vida com aquilo? Nenhuma fortuna valia o sacrifício.

- Eis aqui seu lanche camponês, digno de um rei.

James fitou o prato que Mary deixou diante dele. Uma grande fatia de queijo,

um pedaço de pão, pickles, algo indefinível e uma cebola. Por certo, era disso

que os camponeses se alimentavam.

Mary viu a expressão de James e explicou, na defensiva:

- Isso é um cozido com miúdos de carneiro - ela apontou para o monte marrom

indefinível que estava de um lado do prato de James.

- Muito obrigado. - Ele olhou para ela e sorriu.

Foi um erro, pois ela retribuiu com um sorriso que deixou à mostra as gengivas.

- Não há de quê. - Ela saiu apressada para atender outro cliente que acabava

de entrar no estabelecimento.

MacTavish, no bar, arreganhou os dentes ao observar James comer.

- O senhor está aqui a negócios? - perguntou, amável.

James ergueu com o garfo uma folha mole de repolho.

- De certo modo.

- Entendo. Por causa da maneira como se veste, não o tomei por um dos

amigos de lorde MacCreigh. Em geral eles não vêm para a cidade. Ficam no

castelo a maior parte do tempo. Suponho que se acham superiores.

James mastigou um pedaço de queijo - na verdade, não era ruim - e olhou para

cima. Finalmente ele poderia descobrir algo que o estivera perturbando toda a

manhã. Tomou um gole de cerveja.

- E quem é lorde MacCreigh?

- Nunca ouviu falar do castela MacCreigh? - O homem viu James sacudir a

cabeça e continuou com amabilidade. - É lá no alto da estrada. Dá para vê-lo

do King's Crag. Foi construído em 1600 e tem características da época.

Pertence ao oitavo barão de MacCreigh, Geoffrey Bain. Seu nome não é

importante, mas é dono do castelo. Ele e a irmã, srta. Bain, não se divertem

muito. Minha mãe cozinha para eles de vez em quando. Contudo, não gosto

que ela vá para lá sozinha, por isso ela não assume o serviço com regularidade.

- Por que não lhe agrada que ela vá ao castelo? - James indagou, curioso.

- Nada de especial - o dono do bar pareceu envergonhado. - Histórias sobre

espíritos que rondam o castelo. Depois do desaparecimento da noiva de lorde

MacCreigh...

- Desaparecimento? - James repetiu. A conversa tornava-se interessante.

- MacCreigh disse que ela fugiu no ano passado com o criado dele. Pode ser

verdade ou não. Ninguém a não ser MacCreigh sabe da verdade. Comentam

que ela não fugiu, que MacCreigh pegou-a com outro homem e matou os dois.

MacCreigh não se preocupa em abafar os rumores. Passou a cavalgar um corcel

negro e a vestir uma capa negra quando vem para a cidade, o que não é

frequente. Bem, isso até ele descobrir acerca do testamento de O'Malley.

James pôs um pedaço de queijo em uma porção de pão e comeu. Muito bom.

- Testamento de O'Malley? - repetiu, depois de mastigar e engolir.

- O senhor não ouviu falar sobre isso? - MacTavish começou a secar outro

caneco, ensimesmado. - O'Malley matou um homem há uns seis meses. Sem

querer, é claro. Era um galês grandalhão, genioso, que não avaliava a própria

força. O camarada que ele agrediu a socos morreu e por isso ele foi enforcado.

O'Malley, quero dizer. Arrependido, pediu ao juiz que presidia o julgamento

para ajudá-lo a fazer um testamento. Ele deixou tudo o que possuía para a

viúva do morto.

MacTavish deixou o caneco cheio e pegou o vazio.

- Ninguém sabia que O'Malley possuía um total de dez mil libras. - O homem

riu. - Desde que lorde MacCreigh descobriu isso, ele vem mais para a cidade. -

Deu uma piscadela. - Porque a esposa do cura... eu não disse que o morto era

um cura? Bem, ela é uma mulher atraente e agora é rica. Se o senhor entende

o que quero dizer.

Capítulo 7

James não sabia o que o sujeito queria dizer. De repente o pão e o queijo que

ele estava engolindo pararam na garganta, fazendo-o engasgar como se

comesse urtiga. Pegou depressa o caneco e tomou a cerveja restante. O

engasgo passou, mas não o horror que o envolvia.

Abaixou o caneco vazio e perguntou em tom sufocado:

- Está tentando me dizer que Stuart Chesterton, o cura, foi assassinado?

- Sim.- MacTavish fitou-o com curiosidade.

- Isso é... impossível.- James não acreditou.- Ele morreu durante a epidemia de

tifo, há seis meses.

- É verdade, mas não foi a epidemia que o matou. Foi O'Malley.

James pestanejou. Lembrou que Emma não especificara a causa da morte de

Stuart. Dissera apenas que ele morreria e, por causa da quarentena, não os

avisara antes. James e a mãe presumiram que Stuart de tifo.

Stuart assassinado? Por que alguém pretenderia matar Stuart? Além de James

que se sentira como se o houvesse feito... mas fora só uma vez.

- Por que esse O'Malley matou o Sr. Chesterton? – James precisava saber.

O barman deu de ombros.

- Ninguém sabe ao certo. O'Malley estava fora de si. O que eu sei é que o cura

foi dar a extrema-unção para a mulher de O'Malley, e depois disso três pessoas

morreram: o cura, a esposa de O'Malley e ele próprio, enforcado.

Perplexo com o que escutava, James não notou que MacTavish tornara a

encher seu caneco. Então, tomou um grande gole.

- O senhor está dizendo, que a sra. Chesterton, esposa do cura, herdou dez mil

libras do assassino do marido?

- Bem, ela herdará- MacTavish disse – assim, que se casar de novo.

James encarou-o.

- Casar-se de novo? Do que o senhor está falando? Emma Chesterton tem ou

não dez mil libras?

- Ela não tem – uma voz um tanto irritada veio do fundo. James olhou ao redor

e viu o homem de meia-idade que entrara momentos antes largar o guardanapo e fitá-lo com ar aborrecido, sentado à mesa ao lado da janela.- Eu

lhe agradeço, Sean, por trazer à baila esse assunto justo na hora em que eu

estava tentando apreciar meu almoço. Você sabe que isso me tira a vontade de

comer o cozido de sua mãe.

- Perdão, Vossa Excelência.- MacTavish conteve o riso.

- Lorde MacCreigh? – James fixou o olhar no estranho, mas duvidou que o

homem corpulento e amante de cozido de carneiro fosse o próprio.

- Não sou MacCreigh. – O primeiro cavalheiro que James vira desde que

chegara a Shetland resmungou. – Sou Reardon, presidente do Supremo

Tribunal de Justiça. Sou o juiz que presidiu, há seis meses, durante minha

última visita à ilha, o julgamento de O'Malley. - Ele tomou um bom gole de

cerveja, abaixou o caneco, arrotou e disse.

– Ah – com satisfação.

James olhou de MacTavish para o juiz e vice-versa. Depois de mais um segundo

de ponderação, afastou a cadeira e foi até a mesa do juiz. Reardon fitou-o

desconfiado.

- Perdão, Vossa Excelência – James falou -, posso sentar-me a seu lado? Creio

que tenho algum envolvimento nesse caso...

- Caso? – Reardon levantou a cabeça e fitou-o com severidade. Era um homem

de rosto vermelho, corpulento sem ser obeso. Havia linhas de expressão ao

redor dos olhos e da boca que sugeriam bom humor que James ainda teria de

comprovar. – Qual caso? Não há nenhum caso. O caso já fora encerrado.

O'Malley matou Chesterton; a viúva de Chesterton ficará com a fortuna de

O'Malley assim que se casar de novo. Se o senhor está pensando em casar-se

com ela, entre na fila. Há cerca de vinte camaradas na sua frente, meu rapaz.

Sem esperar um convite para ocupar a mesa do cavalheiro mais velho – o que

certamente não aconteceria – James deslizou na cadeira oposta à do juiz e

inclinou-se para frente.

- Perdoe-me, sir. Meu nome é Denham. James Marbury, nono conde de

Denham, para ser mais exato. Stuart Chesterton era meu primo em primeiro

grau.

Reardon levantou as sobrancelhas até quase desaparecerem debaixo da peruca

antiga e empoada que usava.

- Conde de Denham? – ele repetiu. – Entendo. Eu sabia que Chesterton era

parente de alguém arrogante, mas sempre ouvi que se tratava de um duque.

James permaneceu em silêncio e não se deixou ressentir por ser chamado de

arrogante. Finalmente, finalmente, encontrara alguém que poderia esclarecer a

morte de seu primo e seu enterro, sem mencionar a curiosa recusa de Emma

em voltar para Inglaterra. Por isso, limitou-se a fitar o juiz com expressão

solene que não indicava a louca impaciência que sentia.

- Bem – Reardon começou devagar -, suponho que milorde tenha interesse no

caso. – Empurrou para trás a cadeira para dar mais espaço para a barriga que

estufava o colete listrado de verde e dourado, e pediu:

- Sean, outra cerveja, ele pareceu um bom rapaz. Deixa-me ver. Primo em

primeiro grau do cura, não é? Milorde se parece com ele, posso ver em seus

olhos, mas é enérgico e vigoroso. O'Malley não o teria matado.

- Provavelmente não – James concordou. – Posso perguntar-lhe, sir, por que a

condição?

- Qual condição? – Reardon levantou o garfo e espetou o cozido de novo.

- Aquela curiosa condição que o senhor mencionou, que Emma, isto é, a sra.

Chesterton tem de casar-se novamente para que possa receber as dez mil

libras de O'Malley.

- Ah. – O juiz engoliu o cozido e tomou um gole de cerveja. – Ora, se a cabeça.

Milorde obviamente a conhece. Afinal, seu primo casou-se com ela.

- Sim, eu a conheço – James concordou, sombrio.

- Então. Milorde entregaria dez mil libras àquela mulher? – James abriu a boca

para responder, mas o juiz continuou. – Não. Claro que não. Ela doaria o

dinheiro para a sociedade missionária ou usaria tudo para comprar suprimentos

para a escola que mantém. Quem sabe o que ela faria? Nada sensato, posso

lhe garantir.

James tomou um gole de cerveja. Estava com pressentimento de que

precisaria.

- Entendo. Então o senhor estabeleceu a condição que ela não teria um centavo

da fortuna de O'Malley a menos que estivesse casada, como uma espécie de

garantia de que o dinheiro seria gasto, digamos, sabiamente.

- Isso mesmo. – Reardon bateu a mão na mesa, assustando James.

–

Exatamente, e perceba que foi para o próprio bem dela. Nada pior do que uma

mulher de coração mole com um monte de dinheiro. Ou nada melhor, do ponto

de vista de um rábula. Aposto que se eu tivesse deixado as dez mil libras com

ela em dezembro passado, hoje ela não teria um tostão. Mas, dessa maneira, o

dinheiro está seguro e rendendo em uma conta que abri em nome dela.

Quando a sra. Chesterton resolver se casar, passarei a conta para o nome do

marido a fim de que ele administre os fundos para a esposa como achar mais

conveniente. Todavia, não passo dizer que isso acontecerá logo. A viúva

Chesterton não parece ter pressa de casar-se de novo, muito menos de exigir o

que é dela.

MacTavish deu uma risada, aproximou-se com dois canecos de cerveja recém-

tirada e comentou:

- Eu a pedi em casamento no mês passado ao sair da igreja. Depois de me

agradecer o interesse, ela afirmou que não tem intenção de casar-se ainda,

pois está de luto pelo marido.

Reardon ergueu o caneco para o jovem barman que, James notou pela primeira

vez, era um jovem alto e com porte atlético, sem ser um tipo que inspirava

animosidade... embora pela revelação tenha engendrado em uma forte e súbita

antipatia.

- Meus sentimentos, meu jovem – o juiz disse para MacTavish. – Sean, você

seria um excelente partido para a nossa sra. Chesterton.

MacTavish sacudiu a cabeça.

- Suponho que ela tenha me visto passeando com Myra MacAllister algumas

vezes. Disse que eu era tolo por pretender casar-se por dinheiro e não por

amor e, ainda, que eu deveria ficar com Myra. – Ele franziu a testa diante da

risada do juiz. – Isso não tem graça – resmungou. – Myra também não vai me

querer até que eu tenha minha casa para morar. Já avisou que não pretende

morar comigo e com minha mãe.

Reardon sacudiu a cabeça, com vontade de rir.

- Viu? – ele virou-se para James. – É como as coisas funcionam aqui em Faires.

Venho para cá duas vezes por ano para os julgamentos, mas conheço esse

povo. Conheço-os como a palma da minha mão.

- Isso não tem cabimento – James declarou, extremamente aborrecido, sem

saber se era pelo discurso bombástico do juiz ou pelo fato de o barman ter

admitido que propusera casamento a Emma. – Sir, estamos falando de uma

viúva sem vintém que o senhor...

- Estou cuidando dela – Reardon falou com calma.

- Permita-me discordar. – James sacudiu a cabeça negativamente. – Estou

certo de que não existe nenhum precedente a respeito de tal medida na

Inglaterra e se a sra. Chesterton quiser poderá apelar para essa decisão ridícula em qualquer tribunal e vencer, com toda certeza.

Reardo fitou-o, muito sério.

- Ela pode, mas não fará isso. Milorde esqueceu que estou tomando conta da

sra. Chesterton. Ela não tem pai, nem irmão e não tem mais marido para fazer

isso. Ela é uma boa mulher cuja única falha é a tendência de abrir o coração e

a bolsa com muita facilidade. – Reardon largou o caneco e, por sobre a mesa,

fitou James com olhar duro como aço. – Milorde, não sei o que o senhor

representa para ela, mas digo que é a primeira vez que o vejo. Se milorde

gosta tanto dela e está preocupado que não seja enganada, onde é que esteve

esses meses todos desde que o marido dela morreu? Isso eu gostaria de saber.

- Escute aqui, sir. – James inclinou-se para frente. – Não sei o que o senhor

está insinuando, mas entenda que só fiquei sabendo da morte de me primo há

uma semana. Vim o mais rápido que pude. Já ofereci à sra. Chesterton um

lugar permanente na casa de minha mãe, o que, devo acrescentar, ela

recusou...

- É claro – o juiz interrompeu-o com suavidade. – Ela não abandonará as

crianças a quem ensina. Ou diz que ensina. Parece haver uma controvérsia se é

isso o que ela está fazendo. Para mim, continuam ignorantes como sempre,

apenas mais bem versadas nas obras de Walter Scott. Mas não acho incomum

essa lição da sra. Chesterton com elas, considerando que ela e o marido não

foram abençoados com filhos.

James ergueu um olhar cortante. Filhos próprios! Estranho, nunca lhe ocorrera

que seu primo e Emma pudessem ter desejado descendentes, muito menos

tentando produzi-los.

Como crianças eram uma consequência natural do casamento, ele não

imaginava por que isso lhe parecia tão perturbador. Mas, estupidamente, nunca

considerara que Stuart, com uma natureza tão voltada para o espiritual

pudesse... E logo com Emma!

Santo Deus. O pensamento o deixou intimidado. Sentiu-se empalidecer. Sabia

que estava sendo ridículo. Afinal, os dois tinham sido marido e mulher. Por que

imaginar que se casariam, se não...

Não queria pensar sobre isso. De maneira alguma.

O juiz Reardon fitou James, com seu bom humor subitamente restaurado.

Parecia achar divertido o desconforto de James diante do tópico leito nupcial do primo. Isso só serviu para deixar James mais furioso contra ele.

- Quem disse que era, sir? Primo do marido dela?

- Sim – James respondeu. – Houve uma desavença entre nós pouco antes do

casamento dele com Emma. Não nos falamos mais depois disso. Vim assim que

soube de sua morte...

- Para prestar condolências à viúva? – Reardon expressou-se com uma ponta

de ironia.

- É, sim. – James sentiu que não havia necessidade de informar o motivo real

que o trouxera a Faires. Não achava que o juiz Reardon se importaria muito

com mausoléus de família. – Claro que sim. E para convidá-la para morar

comigo. Isto é, com minha mãe.

Reardon riu de um modo estranho que não agradou a James.

- Compreendo – foi tudo o que ele disse. – E ela não aceitou.

- Sim.

- Então milorde vai voltar para Londres? – O juiz fitou o relógio atrás do bar. –

O senhor perdeu a única balsa de hoje.

- Não vou voltar. Pensei que poderia...

De repente, James, que havia pouco não sabia como proceder, intuiu imediatamente o que faria.

- Ficarei aqui – ele disse com firmeza. – Depois de dar-lhe um pouco de tempo

para pensar no assunto, falarei com ela novamente.

- Quanta gentileza – Reardon observou. – E milorde nem mesmo sabia a

respeito das dez mil libras.

- Claro que não – James disse e fitou o juiz com dureza. – Não preciso das dez

mil libras que pertencem ao assassino de meu primo. – Vendo que o presidente

do Supremo Tribunal de Justiça parecia cético, indignou-se. – Senti-me na

obrigação de vir e oferecer minha proteção à sra. Chesterton...

- Que ela recusou.

James pressionou os lábios, irritado pela repetição.

- Sim, por enquanto.

- Interessante. – O juiz analisou James com olhar ardiloso. – Muito interessante. Milorde disse que se desentendeu com seu primo? Não foi a

respeito da sra. Chesterton, foi?

James sentiu que estava na hora de terminar a conversa.

- Muito bem, sir. – Afastou a cadeira. – eu já tomei muito do seu tempo. Vou

voltar para a minha mesa.

Reardon cruzou os braços sobre a barriga volumosa e fitou James com olhar

enigmático.

- Denham – ele disse, pensativo. – Suponho que milorde esteja na lista dos

baronetes.

Então aquele velho inoportuno queria investigá-lo! Ele que o fizesse. Nada

conseguiria a não ser a informação de que os Murbury faziam parte de uma das

famílias mais antigas e respeitáveis da Inglaterra.

- Certamente, sir. – James puxou as pontas do colete.

- Obrigado. – Reardon inclinou a cabeça como um gato satisfeito. – Foi um

prazer.

James voltou a seu lugar, pegou o garfo e começou a demorar o cozido de seu

prato. De todas as coisas ridículas que já escutara, a situação de Emma com

esse tal de O'Malley era a mais absurda. Bárbara, na verdade. Quem era esse

homem que retinha a fortuna de uma mulher só por ela ter uma natureza

generosa? Era licencioso. Era insultante. Era... era...

Era engenhoso, na verdade. Reardon estava certo. Emma não podia administrar

o dinheiro. O que ela sabia sobre finanças? Nunca tivera dinheiro próprio.

Certamente fora criada com luxo, mas aos dezoito anos esposara Stuart, que

não tinha um centavo em seu nome. Desde então vivera na pobreza.

Era preciso dar a mão à palmatória. O juiz conseguira uma solução perfeita

para a questão. Perfeita, exceto por um aspecto.

Emma não morderia a isca. Era evidente que ela tinha menos intenção de se

casar do que James.

A única diferença era que, fazia não muito tempo houvera alguém com quem

James pensara em casar-se.

E seu primo lhe tirara a oportunidade

Capítulo 8

Emma levantou o primeiro pedaço de ardósia da pilha que estava ao seu lado

no banco e leu: "Quando eu crescer, quero ser pescador como meu pai e

navegar pelos mares. Verei novos mundos e pegarei muitos peixes. Então

voltarei para casa e me casarei com a senhora, professora".

Depois de fazer algumas correções e escrever na margem "Obrigada, Robbie", ela deixou a placa de lado. Bom Deus, as coisas deviam estar mesmo muito

ruins, imagine um menino de nove anos lhe propondo casamento. Contudo,

precisava admitir que, de todas as propostas que recebera, a de Robbie era,

certamente, a mais sincera.

Pegou a próxima ardósia e leu as palavras de Bridget Donahue - "Quando eu

crescer, quero ter os cabelos encaracolados como os da senhora, professora" -, que a fizeram levar a mão à cabeça. Como sempre, os cachos grossos haviam

se soltado dos grampos e caíam ao redor do rosto. Por que ela fora amaldiçoada? Daria tudo no mundo para ter os cabelos de Bridget, que eram

lisos e bem comportados.

Enquanto escrevia na margem do pedaço de ardósia da menina, ouviu a porta

do farol se abrir. Olhou o relógio de bolso que estava na cintura e falou sem

levantar os olhos:

- Está atrasado de novo, Fergus. Se tem de ir para casa todos os dias alimentar

seu gato, podia pelo menos não ficar vadiando por aí. Você sabe que, depois de

nossa aula de reforço, tenho de voltar logo para casa e dar comida para os

meus animais.

- Minhas desculpas sinceras, sra. Chesterton - disse uma voz muito mais grossa

do que ela esperava. - Cessarei minha vadiagem imediatamente.

Espantada, Emma olhou para cima e quase derrubou a pinha de ardósias que

estava ao seu lado.

- Oh! - ela gritou. - Lorde MacCreigh. É o senhor.

Lorde MacCreigh deu um sorriso largo e foi andando devagar pela passagem

entre as duas fileiras de bancos onde as crianças se sentavam no horário das

aulas. Emma levantou-se imediatamente. Ao ver que o monte de ardósias

estava balançando, pôs a mão por cima delas.

- Não pretendia assustá-la, Emma - disse o barão, ao se aproximar. O longo

manto preto roçou na beira dos bancos enquanto ele andava. - Somente parei

aqui para saber se você ouviu a novidade.

Emma recuara até onde o banco lhe permitia e estava tão perto do fogão que

podia sentir o calor através de sua saia de lã e das anáguas, além das coxas

arder.

- Novidade, milorde? - ela repetiu com voz fraca. Pediu aos céus para que ele

não estivesse se referindo à visita matinal do conde de Denham. Não precisava

acrescentar complicações no seu já conturbado relacionamento com lorde

MacCreigh, que parecia disposto a casar-se com ela, caso aceitasse.

- Sim. - Lorde MacCreigh vestia trajes de montaria, também negros para

combinar com o cavalo que, Emma supôs, deveria estar amarrado do lado de

fora. O fato de ter sido abandonado pela noiva, Clara McLellen, o afetou

seriamente, o que o fez adotar um estilo de vestir dramático - quase teatral -

que combinava com seu papel de noivo abandonado. Pôs o pé calçado com a

bota pesada sobre o banco ao lado da pilha de ardósias e encostou o cotovelo

no joelho. Emma teve de agarrar as pequenas lousas de pedra com as duas

mãos para elas não caírem.

- O presidente do Supremo Tribunal de Justiça está de volta para os julgamentos de inverno - ele afirmou em tom casual. - Eu o vi na ferraria a

caminho da cidade, resolvendo um processo jurídico. Sabe o que isso significa,

não é, Emma?

Emma começou a separar o monte de pedras, certa de que o lorde MacCreigh

as derrubaria, de um jeito ou de outro.

- Não. - Disse sem encará-lo. O barão dava ares de um homem que enfrentara

uma grande tragédia, vestindo-se todo de preto e mostrando mau humor, o

que não ornava com o que parecia uma coroa de cabelos brilhantes e da cor de

cobre, quase tão cacheados quanto os de Emma. Esse infortúnio era

completado por um rosto redondo infantil, com muitas sardas, com linhas de

expressão formando arcos das narinas largas até uma boca polpuda como o de

um herói romântico.

Embora os olhos do barão fossem azuis, eram, para seu pesar, da cor do céu

de um dia de verão, e não perturbadores ou ameaçadores.

- Hum. - Emma separara as pedras em três pilhas, as que já terminara de

corrigir em uma e as que ainda teria de ler em mais duas menores. - Não,

milorde, não sei o que significa.

Lorde MacCreigh fez um gesto impaciente com a mão enluvada.

- Ora, Emma! É óbvio que este é um excelente momento para fazer correr os

proclamas.

Emma mirou a porta que, infelizmente, estava fechada. Todas as crianças

tinham ido para casa e nenhuma voltaria, exceto Fergus, a quem Emma dava

aulas de reforço três dias por semana, pois a falta de um olho tornava a leitura muito difícil para ele.

- Proclamas? - Emma perguntou, se fazendo de estúpida. Ela pensou em esticar

a conversa até Fergus chegar. Fergus distrairia lorde MacCreigh, que não

ousaria tentar nada com um menino na sala...

- Emma. - Lorde MacCreigh deu uma risadinha. Felizmente o cotovelo ainda

estava sobre o joelho e suas mãos relaxadas não davam a impressão de que

pretendiam agarrá-la, embora estivesse a apenas trinta centímetros de

distância. - Você sabe o que quero dizer. Acho que devemos informar ao juiz

nosso plano de casamento e assim ele poderá começar a preparar os papéis de

sua herança.

Emma sacudiu a cabeça.

- Esse é seu plano, lorde MacCreigh, não meu. Milorde sabe muito bem que não

pretendo casar-me novamente.

- Não seja ridícula, Emma. Claro que você se casará outra vez. O que mais vai

fazer? Lecionar nesse projeto medíocre de escola até morrer?

- Se eu quiser - foi a resposta calma de Emma.

Petulante como uma criança, não era isso que lorde MacCreigh queria ouvir.

Emma sentia mais compaixão por ele do que pelos outros pretendentes, com

excessão de Cletus. O misterioso desaparecimento de sua jovem noiva causara

muitos boatos. Teria ela fugido com o criado, como o barão garantia? Ou ele

teria encontrado os dois amantes, matado o casal e atirado os corpos -

segundo diziam - na cisterna do castelo?

Embora Emma não gostasse muito do barão, sabia que ele não era um

assassino, ao contrário do que falavam na ilha. Se ele se comportasse com um

pouco mais de seriedade, ela poderia até lamentar por ele morar naquele

castelo decrépito e, de acordo com os falatórios, assombrado por fantasmas e

espíritos femininos que prenunciavam a morte, e tendo como companhia

apenas a desagradável irmã.

O que não significava que desejava casar-se com ele. Mesmo que não estivesse

convencida de que o único motivo do barão era o interesse nas dez mil libras

do sr. O'Malley para reformar seu lar ancestral que se deteriorava aos poucos,

ela não poderia casar-se com um homem que cheirava a cavalo.

O barão fez um gesto impulsivo, tirou o pé do banco e, impaciente, passou uma

das mãos nos cabelos vermelhos e rebeldes.

- Por que essas evasivas infernais? - ele perguntou. - O fato é que fomos feitos um para o outro, Emma, e não quero esperar os julgamentos de inverno para

ter o dinheiro, sendo que podemos fazer que o juiz transfira a quantia para

você amanhã. - Ele segurou-a pelo braço sem muita gentileza. - Vamos agora.

Emma reconheceu o tom de convicção e entendeu que ele falava sério. Ainda

assim, tentou fazer uma brincadeira, embora não achasse a situação nada

engraçada. O juiz Reardon pensara estar lhe prestando um bom serviço ao

colocar essa cláusula bizarra no testamento de O'Malley, mas o dinheiro

tornara-se uma praga para Emma.

- De fato, milorde - ela disse, rindo e procurando afastar-se. - Sua impaciência quase me tira o fôlego.

Lorde MacCreigh não a soltou, a despeito das tentativas de Emma livrar-se. Ao

notar que o queixo quadrado dele demonstrava firmeza. Emma começou a

sentir medo. O que era ridículo, pois quando chegassem à sala do juiz, ela só

teria de negar.

Emma preocupava-se com o que poderia acontecer com ela depois da negativa.

Sabia muito bem que Geoffrey Bain não matara a noiva...

O que não significava que ele fosse incapaz de tal ato.

- Francamente, Lorde MacCreigh - Emma falou com a voz estridente,

procurando abaixar o tom. - Francamente não posso ir agora.
Estou... estou

esperando Fergus MacPherson.

- Aquele moleque meio cego de novo? - O barão revirou os olhos. -
Emma,

creio que você leva seu compromisso de ensinar além do limite.

- Ele deve chegar a qualquer momento. - Ansiosa, Emma fitou a
porta. - Eu não

quero frustrar Fergus, lorde MacCreigh. Ele já tem uma vida muito
dura.

Lorde MacCreigh resmungou qualquer coisa e levou-a até o gancho
onde ela

pendurava a capa e o chapéu.

- Vamos - ele ordenou. - O menino pode ter a aula em outro dia.
Reardon ficará

aqui somente até amanhã ou depois de amanhã. Não temos tempo
a perder.

Emma estreitou os olhos e espiou pela janela recortada na parede
grossa do

farol, com esperança de ver Fergus se aproximando. Todavia, não
tinha idéia

do que um menino de onze anos quase cego poderia fazer com o
barão de

mais de um metro e oitenta que ameaçava a professora.

Nesse momento, as preces de Emma começaram a ser atendidas, embora não

da maneira que ela esperava. Do lado de fora do farol, Fergus MacPherson,

cuja visão nunca fora boa e piorava a cada dia, notara o cavalo do barão. O

menino ainda pôde ver um homem bem alto de chapéu que vinha a pé pelo

caminho da cidade, balançando a bengala com empunhadura de prata. Fergus

também não pôde deixar de reparar, apesar de sua pouca visão, que o homem

também vira o cavalo. Ele parou de sacudir a bengala e, ao ver Fergus parado

com meio ao vento e à espuma do mar, perguntou:

- Você sabe de quem é esse cavalo?

Fergus inclinou a cabeça para olhar o homem. A maneira estranha como ele

inclinava a cabeça para enxergar deixava as pessoas mal impressionadas, mas

pareceu que o cavalheiro nem se deu conta. Ele olhava atentamente a

luminosidade das janelas do farol, o que para Fergus significava que a sra.

Chesterton ainda estava lá, mas não sozinha.

- Bem - Fergus disse devagar. - Reconheço que é o cavalo de lorde MacCreigh.

- Lorde MacCreigh? - O cavalheiro não pareceu muito feliz. - Do castelo

MacCreigh?

Fergus franziu a testa.

- Sim, sir. É o único lorde MacCreigh que mora em Faires. Ele é...

O estranho saiu a passos largos em direção à porta do farol. Fergus viu o

homem passar por ele como uma mancha e gritou:

- Senhor? Espere! Senhor?

Mas o desconhecido pareceu não ouvi-lo por causa do barulho da arrebentação.

Fergus correu atrás dele. Afinal, a sra. Chesterton sempre dizia que era dever

deles cuidar dos enfermos do corpo e da alma. E esse cavalheiro devia estar

doente da alma, se achava uma boa idéia interromper o barão enquanto ele

fazia uma proposta - de novo - para a sra. Chesterton. Afinal, todos sabiam que

lorde MacCreigh matara a própria noiva.

Fergus pensou que seria melhor o estranho saber daquilo e por isso correu

atrás dele, segurando na cabeça o chapéu que o vento do mar insistia em

levar.

- Sir! - Ele chamou, arfando. - Se eu fosse o senhor, não entraria lá.

O estranho, que tinha pernas longas, não diminuiu o passo.

- Vá embora, menino - foi só o que ele falou. - Vá para casa.

- Senhor, estou falando sério - Fergus gritou, sempre arfando por tentar

alcançar o recém-chegado. - O senhor não conhece lorde MacCreigh. Ele é um

assassino. Dizem que matou a própria noiva quando a encontrou com outro

homem. Ele é muito perigoso.

- Então é melhor ficar longe, garoto - o estranho advertiu-o antes de alcançar a porta do farol e tirar as luvas de couro, como quem se preparava para uma

luta. - Deixe lorde MacCreigh comigo.

Fergus franziu a testa. Ele nada tinha a ver com o fato desse lunático querer

ser morto. Ainda assim, achava necessário adverti-lo.

- Se o senhor pensa em agredi-lo - Fergus falou em tom familiar. -, acerte-o na

parte de baixo. Abaixo da cintura. É a única maneira de tirar do combate um

homem como MacCreigh.

- Certamente - o desafiante afrouxou a gravata - que não acertarei o barão

abaixo da cintura. Estou espantado com sua sugestão. Cavalheiros não fazem

isso.

- Também não se supõe que eles matem suas noivas - Fergus retrucou e logo

aceitou o chapéu e a bengala que foram jogadas para ele.

Sombrio, o desconhecido atirou as luvas no chapéu, jogou para trás as pontas

do manto e pôs a mão na fechadura.

- Veremos isso. Espere aqui. Se ouvir tiros, traga depressa o magistrado local.

Fergus bufou.

- Magistrado? Em Faires?

Capítulo 9

James não saberia dizer quem se surpreendeu mais quando abriu a porta do

farol; se foi Emma ou o homem que a agarrava pelo braço, puxando-a com

uma das mãos e com a outra segurando sua capa e seu chapéu.

- Olá – James disse com brandura, embora sem se sentir conciliatório. Na

verdade, experimentava um instinto assassino ao ver Emma sendo maltratada

daquela maneira.

O sentimento deve ter transparecido em seu rosto, pois o barão achou

prudente largar o braço de Emma, que cambaleou um pouco ao ser solta de

repente. Então, para surpresa de James e – teve de admitir – para seu

completo deleite, ela se adiantou e segurou em seu braço com as duas mãos,

agarrando-o como se ele fosse uma corda salva-vidas.

- James – ela gritou em tom – se não estava enganado – de êxtase – James,

que agradável surpresa!

A frase o fez entender quanto Emma estava apavorada; ela jamais o chamara

pelo primeiro nome. Sempre fora “lorde Denham” ou “milorde”, mas nunca

James. Nunca diante dele, durante todos aqueles anos desde que a conheceu.

E nunca ela parecera extasiada ao vê-lo.

- Pensei que você fosse embarcar na balsa do meio-dia – Emma disse.

Segurava-o com tanta força que ele sentiu as batidas de seu coração em seu

braço. Por sua vez, ela sentia a língua oscilar no mesmo ritmo das batidas do

coração, como se os dois músculos estivessem em uma disputa por uma linha

de chegada invisível. – O que houve? Você não perdeu a hora, não é? Ora, não

importa. Tenho certeza de que não é muito tarde para alugar um quarto na

estalagem Puffin Inn. Ou, se a sra. MacTavish estiver com a lotação completa,

sempre haverá um jeito de acomodá-lo na minha casa. Não tem luxo, mas você

não se importa, não é, James? Afinal, você é da família!

James notou que Emma tremia e abraçou-a pela cintura. Quando ela não

protestou e aninhou-se ainda mais no corpo dele, encostando a face direita em

seu colete, ele soube.

MacCreigh tinha de morrer. E isso era tudo.

O barão parecia estar inteirado de que sua vida corria perigo. Sua fisionomia

exibia certa cautela enquanto ele deixava a capa de Emma sobre um banco. Era

o tipo de precaução que se via em um gamo antes de o caçador atirar.

Um músculo no maxilar de MacCreigh contraiu-se, apenas uma vez, sob a luz

que brilhava de uma lamparina no peitoril da janela, mas MacCreigh percebeu

que o recém-chegado havia reparado. Os dois ficaram em silêncio. Nada havia

para ser dito.

Emma, por outro lado, tinha muito a falar. E quando ela não tinha?

- Lorde MacCreigh, não creio que conheça o primo em primeiro grau de Stuart,

o conde de Denham. James Marbury. Lorde Denham, este é Geoffrey Bain,

barão de MacCreigh. James, tenho certeza de que você viu o castelo MacCreigh

durante o trajeto do barco. Impossível não vê-lo. Fica no alto do penhasco

King's Crag e monopoliza o horizonte...

Emma falava depressa, sinal de que estava aflita. James sabia muito bem que

Emma só tagarelava assim quando estava muito feliz ou bastante nervosa.

Normalmente ela não era quieta, mas também não era incoerente, como

acontecia no momento.

- James, o castelo MacCreigh foi construído em 1684, é incrivelmente antigo,

tem masmorra, torres, fosso, enfim, quase tudo, não é, lorde MacCreigh?

MacCreigh deu um sorriso confiante que James supôs não corresponder ao que

ele realmente sentia ou pelo menos não deveria, se ele conhecesse James

melhor.

- Quase – ele afirmou, amigável. – Sra. Chesterton, traga seu primo para nos

visitar, mesmo que, como suponho, ele não pretenda se demorar em Faires. –

Ele arqueou as sobrancelhas ruivas demonstrando indagação, mas havia

inimizade no olhar azul do barão. – Não é, sir?

- Na verdade – James respondeu com frieza – decidi estender minha permanência indefinidamente. Eu gostaria muito de visitar o castelo, sir.

Principalmente ao alvorecer. – James sorriu, magnânimo. – Quem sabe amanhã

cedo?

Mas em vez de concordar como um cavalheiro devia fazer, quando desafiado,

MacCreigh contornou:

- Milorde deve estar brincando. Alvorecer? É muito cedo para mim, meu bom

homem. Pode vir na hora do almoço e assim conhece Fiona, minha irmã.

- Acho que não – James retrucou em tom ligeiramente contrariado. Não tinha

por hábito almoçar com homens que pretendia matar, muito menos com as

irmãs deles.

- Então ao meio-dia – o barão insistiu, como se James nada houvesse dito.

Dirigiu-se a Emma. – Bem, sra. Chesterton, creio que diante da inesperada

visita de seu primo teremos de adiar nosso encontro com o juiz Reardon.

- Ah. – Emma disse. Quando James olhou para ela, viu- corar – Ah, sim. Sinto

muito, lorde MacCreigh.

- Claro. – MacCreigh, com aparente galanteria de cavalheiro, bateu os saltos

das botas e fez uma cortesia. – Longe de mim, madame, negar-lhe o prazer da

companhia da família de seu marido. Até amanhã, sir.

O barão iniciou uma volta para se afastar, mas a voz fria de James o fez parar.

- Ao meio-dia, amanhã – ele disse, fingindo um tom de indiferença a fim de

poupar Emma.

James teve a satisfação de ver o ombro largo do barão contrair-se.

- Claro – Bain disse com um sorriso arreganhado. – Esperarei por isso, sir.

Então, com uma rajada de vento, o barão foi embora.

James sentiu Emma se largar contra seu corpo, como se até aquele momento

estivesse se segurando para não demonstrar fraqueza diante do barão. Seus

joelhos fraquejaram.

- Tudo bem, Emma. – James segurou-a ainda com mais força pela cintura, para

ela não cair. Ela a fitou com reprovação, notando as faces vermelhas e os olhos

brilhantes demais. – Você vai me dizer o que estava acontecendo?

Emma, embora claramente preocupada pelo que ocorrera, disfarçou muito

bem. Se James tivesse mãos sobrando, teria aplaudido sua performance. Mas

ele estava muito ocupado segurando-a para bater palmas.

- Do que está falando? – Emma perguntou com inocência e arregalou os olhos

azuis. – Francamente, às vezes milorde fala por enigmas. O barão e eu

estávamos apenas conversando. Ao término das aulas, ele para algumas vezes

no farol para conversarmos, ah, sobre literatura e outras coisas...

- Entendo. – James anuiu. – E foi durante uma dessas discussões literárias que

ele subitamente pensou que seria uma boa ideia arrastá-la até a cidade para

ver o juiz Reardon?

A perturbação foi visível no olhar azul, o corado aumentou e Emma abaixou o

olhar.

- N... não sei a respeito do quê está falando – ela balbuciou.

- Não, tenho certeza de que não. – Ele suspirou, segurando-a com firmeza. –

Emma, acho que está na hora de termos uma conversa, só você e eu. E não é

sobre literatura.

Emma espiou levantando os olhos, apenas uma vez, talvez para conferir o grau

da seriedade da expressão de James. Ao ver que era elevado, voltou a olhar

para os próprios dedos que, inconscientemente, brincavam com os botões

dourados do colete dele.

- Devemos mesmo, James? – ela perguntou com voz fraca. – Prefiro que não.

- Claro que sim – James concordou, tentando admitir para si mesmo como ele

gostava de ouvir o som de seu nome naqueles lábios. Mas não se deixaria

distrair. Segurou-a com firmeza. – Realmente, Emma. Quanto tempo você acha

que poderá esconder de mim o que aconteceu?

Ela ergueu os olhos de novo e ele viu que estavam arregalados com inocência

fingida.

- Esconder o que, James?

- Não tente me enganar com esse tom – James disse com severidade. – É o

mesmo tom que você costumava empregar com sua tia quando ela a pegava

ainda acordada quando deveria estar na cama. Você sabe
perfeitamente do que

estamos falando. Stuart. Quanto tempo acha que poderá me manter
no escuro

sobre isso, hein?

Emma arregalou ainda mais os olhos, mas dessa vez com culpa.

- Ora – um pouco da antiga aspereza com que ela se dirigia a ele
estava de

volta -, se você houvesse partido na balsa do meio-dia, como supus
que

houvesse feito, não ficaria sabendo nunca, não é?

- E se eu houvesse partido na barca do meio-dia, o que lorde
MacCreigh teria

feito se eu não entrasse naquele momento?

- Nada – Emma disse, sem muita convicção.

- Nada? Pois eu não acho, Emma. Eu penso...

James não terminou de dizer o que pensava, pelo menos naquele
momento,

pois a porta foi aberta de novo. Mas não era o barão e sim o garoto
a quem

James confiara o chapéu e a bengala.

- Sra. Chesterton? – o menino chamou ao entrar na sala. Deu um olhar ao

redor e se deteve em Emma, virando então a cabeça de lado. – Ah, a senhora

está aqui. Está tudo bem?

Emma deixou escapar um som que ficava entre um soluço e uma risada e, para

desapontamento de James, afastou-se dele.

- Ah, Fergus. – Emma sentou-se em um banco do lado oposto de onde o

menino estava. – Claro que está tudo bem. O que você tem nas suas mãos?

Fergus levantou o chapéu e a bengala.

- As coisas do cavalheiro, senhora – ele afirmou com um aceno de cabeça na

direção de James. – Ele as entregou para mim antes de entrar aqui para dar

em lorde MacCreigh uma...

- Sim, sim – James interrompeu-o rapidamente. Cruzou a sala para pegar suas

coisas das mãos do menino que, ele constatou, desapontado, estavam

encardidas. – Obrigado, filho. Hum, eis um soberano por seu trabalho.

E para manter a boca fechada, James acrescentou em silêncio. Ele não

precisava dizer isso alto. O menino estava tão distraído com a moeda que ficou

quase sem fala por alguns instantes.

- Céus – ele gritou, sem ar, segurando o soberano contra a luz. – Sra.

Chesterton, isso é o que eu estou pensando que seja?

- Sim, Fergus – Emma respondeu. – É uma libra. É melhor você guardá-la, se

quiser ficar com ela. Você não vai querer que os meninos mais velhos a

encontrem com você. Agora, onde estávamos com sua leitura? Por acaso você

lembra? Já chegamos à parte em que o Sr. Van Winkle acorda?

James observou-a, um tanto divertido.

- Emma, sei como você está ansiosa em ensinar esse, digamos, jovem

promissor, mas receio que tenhamos negócios mais importantes para tratar no

momento. Você não concorda?

Emma olhou para ele, com expressão displicente.

- Ah, isso pode esperar, com certeza, lorde Denham. Fergus precisa desta aula

de leitura...

Ela voltara a chamá-lo de lorde Denham? Ele não se deixaria aborrecer por isso.

Por que deveria? Fora lorde Denham desde que a conhecesse, até cinco minutos

atrás. Poderia ser lorde Denham novamente.

Por enquanto.

- Emma, estamos todos impressionados com sua dedicação – James afirmou

secamente. – Agora acho melhor o jovem Fergus ir embora. Pedi à sra.

MacTavish que aprontasse um cesto com comida. Eu a levarei de volta à sua

cabana, onde você e eu teremos uma conversa durante o jantar, e veremos se

não encontramos algum sentido nessa pequena confusão em que você se

mete. Certo? – Depois de pôr o chapéu com esmero na cabeça, pegou a capa

de Emma e sacudiu-a, chamando-a. – Vamos, sra. Chesterton. Não percamos

tempo. Estou pagando Murphy por hora e não pela viagem. Ele está esperando

por nós do lado de fora da estalagem.

A alegria esvaiu-se do semblante de Emma. Ela parecia mais confusa do que

preocupada.

- A sra. MacTavish aprontou um cesto com comida? – foi tudo o que ela

perguntou e com voz fraca.

- Sim, um cesto com diversas iguarias. – Ele sacudiu novamente a capa; dessa

vez Emma levantou-se e caminhou devagar como se estivesse em um sonho,

chegou até James, virou-se atendendo a um gesto do conde e permitiu que ele

a envolvesse pelos ombros na peça um tanto gasta.

- Creio que ela tenha preparado arenque em conserva com creme de leite – ele

explicou enquanto a virava de novo e começava a fechar os botões da capa. –

Também teremos torta de carne, penso que de cordeiro. E um cozido. Ah, e

ostras, se não estou enganado. Também há um belo pão, recém-tirado do

forno e uma garrafa de clarete. – James pegou o chapéu de Emma e pôs sobre

os cabelos grossos e crespos. – Espero que não se importe com a liberdade que

tomei, mas pensei que após um longo dia de trabalho não lhe ocorreria a ideia

de cozinhar. – Concentrou-se em fixar o chapéu dando um belo laço sob o

queixo de Emma. – E para sobremesa, ela fez um delicioso merengue. A sra.

MacTavish insistiu que seria impossível assar um merengue hoje, com o tempo

tão úmido, mas consegui convencê-la do contrário.

James analisou Emma com olhar crítico, enquanto ela o fitava com expressão

atônita.

- Estamos prontos. Você tem luvas? – ele perguntou e ela tirou do bolso da

capa um par de luvas vermelhas de couro acolchoado. – Muito bom. – Ele

estendeu o cotovelo em um convite. – Sra. Chesterton, se me permite escoltá-

la até a carruagem do sr. Murphy...

Emma segurou no braço dele em uma espécie de deslumbramento e pareceu

apenas lembrar-se de onde estava quando chegaram à porta. Então,

preocupada, gritou mais alto que o som do vento e da arrebentação:

- Fergus, por favor, apague a lamparina antes de sair. Você sabe como o sr.

McGillicutty fica bravo quando deixamos a luz acesa...

- Eu o farei, srta. Emma – Fergus assegurou.

- E os bancos. – Emma continuou a hesitar na entrada, com uma das mãos

sobre a cabeça para evitar que o chapéu voasse com o vento forte que também

ondulava sua saia e a outra no braço de James. – Quando o sr. McGillicutty

chegar aqui, peça a ele para ajudá-lo a mover os bancos para longe do fogão,

pois quando o vento é forte, faíscas podem voar mesmo depois do fogo

apagado, e não queremos que os bancos peguem fogo...

- Isso é suficiente, sra. Chesterton – James interrompeu-a com suavidade.

Segurou-a com firmeza e começou a conduzi-la para fora. – Você adiou isso até

onde foi humanamente possível. Não acho que possa pensar em mais uma

tática de protelação.

Emma o olhou, o rubor disfarçava a resposta indignada.

- Não sei o que está pretendendo, lorde Denham. Eu estava apenas...

- Sei exatamente o que está fazendo. Diga boa-noite ao garoto.

Emma acenou, um tanto desesperada, para Fergus, enquanto se distanciava

com James.

- Boa noite, Fergus! Prometo que continuaremos nossas lições amanhã...

- Boa noite, senhora – Fergus respondeu, feliz. Não estava mais preocupado

com a evidente relutância de sua professora em sair com o estranho alto. Lorde

Denham era um camarada correto, ele pensou. Afinal, tinha um soberano para

provar isso. Agora era mais rico do que fora em sua vida inteira, mais rico até

que seu próprio pai fora, desde que todo dinheiro que ia parar nas mãos do sr.

MacPherson tinha uma tendência de sumir no Bar Sea Cow.

Sem saber como gastaria sua imensa fortuna, tinha uma coisa como certa:

havia mais moedas de onde viera aquela. Ficaria de olho no amigo da sra.

Chesterton, lorde Denham. Ah, sim, com olhar aguçado.

Capítulo 10

Emma sentou-se ereta no seu banco de madeira estofado de espaldar alto, sem

querer deixar-se relaxar nem por um instante. Desde a infância, sua tia

ensinara à Emma e à Penelope que não era próprio de uma dama afundar-se

em uma cadeira. A espinha dorsal, tia Regina Van Court explicara, nunca

deveria tocar as costas de um assento.

Havia muito Emma entendera que muito do que a tia lhe ensinara ou não era

verdade ou era bobagem. Descobrira que uma dama poderia sentar-se como

quisesse e ainda assim continuar sendo uma dama. Não era a maneira

de sentar que determinava a linhagem de alguém. Era como alguém, contra

todas as probabilidades, mantinha-se firme. Emma sentia que nisso havia

provado ser uma dama.

Portanto, não era esse o motivo para que ela se sentasse tão rígida. De

maneira alguma. Ela se recusava a relaxar por saber que a qualquer momento

James perguntaria sobre Stuart e como ele morreria, o que naturalmente levaria

ao Sr. O'Malley e a seu pavoroso testamento.

Emma não sabia qual assunto odiaria mais conversar: se o assassinato de seu

marido ou a fortuna deixada pelo assassino. Os dois temas eram

particularmente detestáveis para ela. James não via isso? Pelo menos uma vez

ele não podia ser misericordioso e deixar tudo como estava? Emma não se

sentia em condições de se descontraír. Não poderia permitir a si mesma ser

embalada por um falso senso de segurança ao lado do fogo, com a deliciosa

comida à sua frente e, principalmente, o belo sofá estofado. Não, ela esperava

poder protelar a conversa falando sobre outro assunto.

Também não podia evitar sentir-se um pouco agradecida. Afinal, James

a resgatara de lorde MacCreigh. Ela mentira ao responder a James

que nada teria acontecido se ele não estivesse entrado na farol. Não estava

convencida de que sairia ileso da discussão.

Ora, ela sabia que os rumores a respeito de lorde MacCreigh ter matado a noiva

não eram verdadeiros; sabia melhor do que qualquer um no distrito, com

exceção do próprio lorde MacCreigh.

Por certo o barão era muito temperamental. Clara, sua noiva, descrevera certa

vez para Emma um jantar em família em que ele atirara uma travessa de

enguias pela sala ao descobrir que a conversa não estava de seu gosto.

Ele precisava muito de dinheiro. O telhado do castelo MacCreigh era feito de

madeira e já começava a ruir. O barão precisava trocar todo telhado por

ardósia ou pedra pelo menos, ou perderia seus preciosos bens materiais, entre

os quais finas tapeçarias do século XIV, ligeiramente atacadas pelas traças...

Mesmo sabendo que o barão não tentaria matá-la, não duvidava que ele

pudesse usar de coerção.

Mas ele não tivera oportunidade, pois James aparecera e pusera um fim às

intenções de MacCreigh.

Emma estava realmente grata a James por isso. Não apenas por ele ter

impedido lorde MacCreigh de agir, pelo trabalho e despesa que tivera para

providenciar esse jantar que, embora não permitisse a ela relaxar, estava

delicioso. A sra. MacTavish era a melhor cozinheira da ilha e era raro Emma ter

uma oportunidade de experimentar sua excelente culinária. Embora a dona da

estalagem houvesse providenciado para Emma jantares quentes nas primeiras

noites após a morte de Stuart, não pôde continuar indefinidamente com essas

bondades.

- Mais clarete, Emma? – James perguntou. Sem esperar resposta, ele tornou a

encher o copo que ela apenas acabava de tocar com os lábios. Ela não queria,

acima de tudo, ficar zozna, e por isso bebia devagar.

James, contudo, não parecia ter tal receio. Sozinho, consumira um terço da

garrafa de clarete. Estava com um bom humor jamais visto, o que surpreendeu

Emma, pois ele não começara o dia de maneira auspiciosa; nas primeiras horas

do dia machucara os nós dos dedos no queixo de um gigante.

Parecia ter se

esquecido do que ocorrera e fazia justiça ao cozido de ostras da sra.

MacTavish, comendo de uma tigela de cerâmica – a única que sobrara depois

de ele ter destruído o aparelho de Limoges – que mantinha no colo, pois não

usava a única mesa que estava perto da lareira quente.

Apesar do que ele soubera a respeito da morte do primo, James esteve de bom

humor desde o momento em que eles subiram no carro funerário do Sr.

Murphy – dessa vez ele seguiu o aviso de Emma e sentou-se ao lado dela no

banco de frente, fazendo o trajeto até a cabana sem se queixar dos balanços e

sacolejos do veículo. A chuva, que dera uma trégua, deixara a estrada cheia de

lama, tornando a viagem traiçoeira.

James não se queixou das condições da estrada. Em vez disso perguntou com

amabilidade sobre a escola do farol e Emma, cautelosa a princípio e depois com

grande entusiasmo, falou sobre John McAddams, Flora e Fergus, os problemas

com o fogão que às vezes acendia e da grande escassez de mesas, livros, papel

e tinta. James escutou com atenção e não a criticou, como teria feito há um

ano, pela perda de tempo em tentar melhorar mentes "que não valiam o

esforço de salvá-las", como ele às vezes referira aos filhos das classes menos

favorecidas.

James pareceu severo quando, em resposta a um pergunta cortês, Emma

deixou escapar, inadvertidamente, o diminuto salário que recebia da cidade por

seu trabalho. Ela explicou rapidamente que depois da epidemia de tifo restara

pouco dinheiro nos cofres de Faires para pagar um professor, e James

concordou, como se entendesse. Ela não mencionou lorde MacCreigh, mas ele

perguntou, casualmente, quando passavam pela Árvore dos Desejos, se aquela

fora a primeira vez que o barão a visitava enquanto ela estava sozinha no farol.

James não pareceu satisfeito quando ela respondeu que o barão vinha duas ou

três vezes ao mês e essa certamente fora a única ocasião em que ele se

mostrara insano, conforme Emma – diplomaticamente, ela pensou – expôs.

Então ela quase arruinou tudo ao dizer sem pensar:

- Mas isso aconteceu porque o juiz Reardon voltou para a cidade – e depois

disso ela poderia ter mordido a língua. Deus! E ela jurara para si mesma que

não traria à baila esse assunto; era inteiramente possível que James, embora

soubesse a verdade sobre a natureza da morte de seu primo, não tivesse

ouvido falar sobre o testamento do Sr. O'Malley.

Para seu alívio, ele não ouvira. Ou pelo menos era o que parecia. Ele não

tocara no assunto durante o trajeto para casa. Na verdade, ele se manteve

atencioso e cortês durante a viagem.

Quando, depois de uma parada para pegar Una na casa da faladeira sra.

MacEwan (cujas loquacidade rapidamente morreu ao notar lord Denham;

Emma não duvidou que em breve toda Faires saberia que ela jantaria na

cabana sozinha com um homem, sem importar que o homem fosse parente...

bem, por casamento, mas parente), o Sr. Murphy parou os cavalos ao lado da

cabana, James desceu e a ajudou a sair do veículo com tanta galanteria como

se estivessem chegando ao St. James Palace e não àquela humilde casa. Foi

paciente enquanto ela arrumava tudo, acendia o fogo e as lamparinas, e

alimentava os animais – a cadela, a gata e os gatinhos que haviam se refugiado

no telheiro de lenha, as galinhas e a cabra – tudo ao mesmo tempo. Na

verdade, se ela não soubesse, nunca poderia supor que o James atual e o

James de um ano atrás fossem a mesma pessoa.

Agora ele lhe oferecia um pedaço de merengue e falava de modo amigável dos

conhecidos mútuos que haviam encontrado no verão de 1832. James sabia ser

encantador quando queria. Emma se sentia quase à vontade com ele; os dois

sentados no largo banco de madeira acolchoado que haviam puxado para perto

do fogo. O espaldar alto os rodeava como um muro de proteção e os protegia

do vento que algumas vezes passava por baixar a guarda. Seria tão fácil

esquecer que os dois estavam em um penhasco isolado, com o vento do mar

uivando contra as vidraças das janelas. Poderiam estar quase de volta a

Londres, partilhando de um banquete à meia-noite na casa da cidade, de

James, como haviam feito várias vezes um ano antes, depois de dançar a noite

toda.

Havia, porém, um diferença fundamental: Stuart não estava ali com eles.

Ela imaginou, enquanto escutava James descrever um vestido que Penelope

usara na ópera havia não muito tempo – ela estava interessada em saber se os

dois não estavam casados nem noivos, fato que devia ter aborrecido muito

Penelope – se ele estava consciente, como ela, da ausência de Stuart.

James sentiria a falta do primo?, ela perguntou a si mesma. Os dois ficaram

sem conversar com seis meses antes da morte de Stuart, mas eles tinham sido,

a despeito das diferenças, tão próximos, como irmãos.

Antes de Emma interferir, naquele dia na biblioteca de James.

Ah, como ela gostaria de se descontraír! Talvez estivesse sendo tola. James

nada sabia a respeito do Sr. O'Malley. Como poderia ele saber? Era ridículo ela

se...

- Então, Emma – James disse casualmente enquanto se inclinava e tirava um

pedaço de merengue do cesto que estava próximo à lareira. O tom indiferente,

a maneira afável, fez Emma pensar que ele falaria sobre o tempo ou, quando

muito, a respeito da péssima saúde do rei William.

Ela estava despreparada para a pergunta que se seguiu.

- O que realmente aconteceu com Stuart?

Oh, céus.

Capítulo 11

James não estava se lembrando de Stuart no instante em que Emma refletia se

ele sentia ou não falta do primo. Stuart estava longe em seus pensamentos.

Talvez devesse lembrar-se e seria natural que assim fosse. James estava

sentado no banco de Stuart, na cabana onde Stuart vivera os últimos meses de

sua curta vida. Em cima sobre o consolo da lareira, o cachimbo de Stuart. Atrás

dele, as prateleiras com os livros de Stuart. A porta da sala dava para o quarto de Stuart. O ar que James respirava era permeado com a memória de Stuart

Chesterton...

Sobretudo que, acomodada a seu lado, encantadora com os seus cabelos loiros,

brilhantes olhos azuis, estava a viúva de Stuart Chesterton.

Estranho. James nunca estivera menos ciente de Stuart do que naquela

ocasião. Talvez porque naquele momento em particular ele só pensava em

Emma, e esta sentada a seu lado parecia diferente da Emma que ele conheceria.

Aquela Emma teria, como Stuart, tentado convencer James dos erros de sua

vida extravagante.

Aquela Emma se esforçaria para transmitir a James sua desaprovação a

respeito do que ela considerava uma vida dissoluta, embora o fizesse de

maneira encantadora.

Aquela era a Emma que Stuart amara e com quem se casara.

Aquela não era a Emma, ao lado de quem James estava sentado.

Aquela Emma não teria começado sua própria escola.

Aquela Emma, embora pudesse ter expressado interesse em fazer isso, não

teria sido bem-sucedida e por tanto tempo.

Aquela Emma teria ficado muito assustada em permanecer em uma cabana

minúscula nessa ilha isolada, tão longe da família e dos amigos.

Mas onde esta Emma construía uma existência para si mesma, independente

de tudo que ela conhecera e amara. E parecia contente em continuar naquela

vida, a despeito das aparentes privações que encontrava no caminho.

Esta mulher sentada ao lado dele era completamente diferente da mulher que

conhecera e que fazia um ano não via...

...e não obstante era a mesma. Embora parecesse mais forte e mais segura de

si, ainda era vulnerável – como podia esquecer como ela se agarrara a ele no

farol? – e, na ocasião, fora cálida e feminina como sempre.

James não podia deixar de raciocinar se a mudança em Emma se dera antes ou

depois da morte de Stuart. Se fora antes, o que Stuart pensara disso? James se

perguntou a si mesmo se o casamento deles fora feliz. Emma sentia falta dele?

Era evidente que sim. Qualquer mulher disposta a jogar fora tudo o que Emma

possuía para casar-se com um homem devia amá-lo muito.

Uma vez que ela finalmente tivera Stuart, ele a fizera feliz? James conjeturou

se algum dia saberia disso. Não era o tipo de coisa que se podia perguntar. Não

da maneira como ele perguntara sobre a morte de Stuart.

Ele vinha tentando, havia algum tempo, deixar Emma à vontade. Era visível que

ela estava apreensiva como um gato, sem dúvida por entender que seus

segredos – os que ela tentava proteger desde a chegada dele – seriam então

necessariamente revelados. Não sabia por que ela fazia tanto mistério a

respeito dos fatos. Stuart não fora assassinado por culpa sua, nem tivera

qualquer interferência na cláusula ridícula do juiz que a obrigava a se casar-se para ficar com o dinheiro.

Depois de trazer o assunto à baila, James podia prever que seria ainda mais

difícil do que suspeitara. Emma tivera tempo para se lamentar, certamente. Mas

desde a chegada a Faires, ele não vira muitos sinais de que ela ainda sentisse

de forma aguda a perda do marido. Até o momento, pelo menos. Depois de

James tocar no assunto da morte de Stuart, Emma – seus cabelos haviam se

soltado dos grampos e estavam com um brilho de ouro avermelhado sob o

efeito das chamas – parecia arrasada.

- Ah, James, eu não queria falar sobre isso – ela murmurou. – Por favor, não

insista.

- Emma, eu preciso conhecer a verdade – James contestou com firmeza. – Você

sabe disso. Se quiser, não conto para ninguém em Londres, mas eu tenho de

saber o que realmente aconteceu. Você compreende, não é?

Emma passou uma das mãos nos olhos, para disfarçar sua expressão.

- Suponho que sim.

- Então – James exprimiu-se com gentileza. – Como foi que Stuart morreu?

Emma suspirou, abaixou a mão e olhou as chamas diante deles.

- Ele foi morto. Um homem chamado O'Malley... eles tiveram um desentendimento e o sr. O'Malley bateu nele. Ele não pretendia matá-lo, mas

Stuart... não esperava o golpe e caiu para trás . Bateu a cabeça na pedra da

lareira e...

- E morreu – James terminou por ela, suavemente.

- Sim. – Emma levantou o olhar com as lágrimas brilhando nas pontas dos cílios

longos e escuros. – Sinto muito, James.

- Não foi culpa sua – James assegurou. – Você vai me contar... você pode me

contar... qual foi o desentendimento?

Emma sacudiu a cabeça com olhar longínquo.

- Não tenho certeza. Terminou em um instante. Sei disso, James. Estou certa

de que ele não sofreu. Não como... o sr. O'Malley mais tarde.

- Emma. – James teve vontade de abraçar-lhe os ombros esguios, de confortá-

la da maneira como costumava fazer quando ela era ainda uma criança e se

machucava ou sofria alguma desfeita.

Mas ele não ousava fazer isso agora. Não porque ela fosse a viúva de seu

primo. Não se atrevia porque os dois estavam sozinhos em uma cabana isolada

e não havia ninguém para impedi-lo de prosseguir se abraçá-la não fosse

suficiente... se dali fosse levado, como sabia que seria, a pressionar os lábios na testa sedosa ou, Deus que não permitisse, mais embaixo, naquela boca doce

e rosada...

Não. Ele se sacudiu. Essa espécie de pensamento não daria certo. Tinha uma

tarefa a cumprir e era o que fazia. Não se distrairia pela atração magnética que ela parecia exercer sobre seu coração...

- E o dinheiro, Emma? – James perguntou, dando uma tossidela. – O
testamento?

Emma levantou a cabeça e arregalou os olhos. Era evidente que de
todas as

perguntas que ele poderia ter feito, aquela era a menos bem-vinda.

- Como foi que descobriu? – ela indagou, atônita. James fitou-a com
olhar

severo.

- Ora, Emma, Faires é uma pequena aldeia. Minha única surpresa é
haver

demorado tanto para alguém me contar o caso. – Sorriu, animador.
– A

questão agora é o que faremos a respeito disso?

Emma sacudiu um pouco a cabeça e os cachos longos roçaram-lhe
os ombros. -

Faremos? – Ela repetiu com a voz fraca.

- Sim. É ridícula essa cláusula que você deve casar-se para receber
a...

herança. Se você me permitir, eu gostaria de consultar um amigo em
Londres

que resolve tais pendências diante da corte da Câmara do Tesouro.
Acredito

que temos uma boa chance de vencer um apelo da decisão absurda
do juiz

Reardon.

- Não quero ir – Emma retorquiu em voz baixa, mas enfática. James sorriu com

tolerância.

- Emma, não haverá nenhum problema. Bem, quase nenhum. Pedirei a meu

advogado que impetre um recurso e você será chamada para comparecer

diante... – Ela sacudia a cabeça com tanta energia que ele pôde sentir um

aroma de lavanda vindo do lado de Emma. Ele se interrompeu, surpreso. –

Emma, francamente! Por que é tão resistente à ideia? Você não quer o

dinheiro?

- É claro que eu quero o dinheiro! – Ela parou de balançar a cabeça e o olhou

como se ele fosse um retardado. – Mas não posso deixar Faires para me

apresentar em uma corte.

- Não pode deixar... – James estava confuso. – Mas Emma...

De repente Emma não suportou mais. Estivera sentada no banco por mais de

duas horas, esperando que aquilo ocorresse. Agora que acontecera, não podia

permanecer no mesmo lugar por nem mais um minuto. Ficou em pé e deixou o

calor incandescente da lareira para andar no escuro do quarto da frente da

cabana.

Oh, Deus, o que ela faria agora? Exatamente o que rezara para não acontecer

acontecera. James ficara sabendo a respeito do dinheiro. James descobrira a

verdade sobre Stuart – bem, a maior parte, de qualquer forma – e já sabia do

dinheiro. Oh, Deus, a má sorte dela nunca diminuiria?

- Emma. – James também se levantou do banco e apoiou um cotovelo no

encosto, observando-a caminhar furiosamente de um lado a outro da cabana. –

Emma, você precisa ser racional a respeito disso. Sei que deve ser aborrecido

tocar no assunto, mas são dez mil libras. Você pode viver confortavelmente

para o resto da vida com esse dinheiro...

- Sei disso – Emma disse olhando para a pia antes de se virar e andar em

direção oposta. – Acha que sou alguma tola? James sacudiu a cabeça.

- Então por que não apelar da decisão de Reardon? Certamente você não acha

justo ele insistir que é preciso casar-se para pegar o dinheiro...

- Não, não acho. – Ela continuou a caminhada incessante e enlaçou os braços

na altura do peito como para livrar-se do frio. James tornou a balançar a

cabeça.

- Emma, seja razoável. Isso é muito mais dinheiro do que você provavelmente

verá a vida inteira. Não acredito que Stuart tenha lhe deixado alguma coisa...

- Ele deixou – ela parou e fitou-o com olhar brilhante de indignação. – Estamos

dentro dela.

- Muito bem. Então ele deixou esta cabana, e foi só. Emma, Stuart morreu tão

pobre como no dia em que se casou com você e Deus sabe que sua família não

a ajudará...

- Ah, sim. Emma recomeçou a andar e a longa saia ondulava nos tornozelos

quando ela se virara em um calcanhar. – Milorde sabe de tudo, não é?

James ignorou o comentário e falou com toda calma e bondade.

- Emma, você não tem recursos. Você não quer aceitar o convite para morar

com minha mãe em Londres. O salário que você ganha naquela escola não é

suficiente para...

- Eu me arranjarei – Emma disse, sem o fitar.

- Ah, é? E como é que pretende fazer isso?

Irritado com o caminhar de Emma, James se adiantou e bloqueou-lhe a

passagem no circuito de volta à pia.

- Emma, existe alguma coisa que você não quer me contar? – James viu a

confusão estampada no rosto de Emma. Ainda assim, teve de perguntar. – É

possível que haja alguém...

Os olhos azuis estavam arregalados, tão sem malícia quanto há um ano quando

ela lhe confiou a intenção de casar-se com Stuart.

- Alguém? – ela ecoou.

- Sim. – James pigarreou. – Alguém talvez com quem você pretenda se casar

para conseguir o dinheiro? É o camarada Cletus?

Emma revirou os olhos com desgosto, tentou passar por James mas, ele

segurou-a pelo braço.

- Então? – ele indagou. – Se não é ele, é algum outro? Existe alguém? Existe?

- Claro que não! – Emma desvencilhou-se e alisou a manga franzida que ele

amassara, e tentou, sem muito sucesso, arrumar o coque no alto da cabeça.

- Honestamente, lorde Denham. Meu marido morreu há pouco menos de seis

meses. Por quem o senhor me toma?

James soltou a respiração devagar. Sentiu como se um peso imenso houvesse

tido tirado de suas costas. Não percebera quanto temia a resposta. No entanto,

não demonstrou o alívio que sentia.

- Perdoe-me, Emma, mas admita que a pergunta é natural. Por qual motivo

mais você seria tão resistente à ideia de apelar da decisão do juiz Reardon?

- Eu já lhe disse – Emma alegou. – Apelos como esse a que se refere podem

levar anos. Eu não posso deixar Faires por tanto tempo. James franziu a testa.

- Em nome de Deus, Emma, por que não? Ela o fitou como se ele fosse

inteiramente obtuso.

- As crianças.

- Crianças? – ele repetiu. Então se lembrou da conversa que tivera com o juiz

Reardon e compreendeu. – Ah... seus alunos.

- Meus alunos. – Emma passou por ele e pegou um xale de lã que estava

pendurado em um gancho ao lado da lareira. Pôs o agasalho sobre os ombros e

encarou James de queixo erguido. – Não posso deixá-los.

- Por que não? Você dirige um orfanato ou uma escola? Eles não têm pais?

- Nem todos. Alguns perderam os entes amados na epidemia de tifo. A escola,

minha escola, é o único lugar da ilha onde muitos deles se sentem

valorizados... se sentem seguros. Não posso sair daqui e perder meu tempo

diante das cortes londrinas, exigindo que me deem um dinheiro que não faço

questão, nem mereço, quando sou extremamente mais útil em outro lugar.

- Sim, mas Emma... – James percebeu a mudança na voz dela, mas não

entendeu o motivo. – Emma, não é o seu dever ensinar as crianças da aldeia

de Faires a ler.

- Ah, não é? – Emma segurou o xale e levou-o para mais próximo do colarinho

de renda do vestido. – Então de quem é?

- Não sei – James admitiu. – Do ministro, suponho. Deixe-o fazer isso. – James

encontrara o ministro e duvidava que ele se importasse com o bem-estar

espiritual dos irmãos menos favorecidos. Isso teria sido dever do cura, se ele

ainda tivesse um. O reverendo Peck aparentemente não conseguira um novo

cura do continente, depois da notícia sobre o último ter certamente se

espalhado pelos seminários.

- Emma, essa não é uma obrigação sua – James argumentou com firmeza. –

Você não deveria se envolver.

- Ah, isso é típico de milorde. – Emma protestou com amargura. –
Nunca nada

é sua obrigação, não é, lorde Denham? Milorde jamais se importou
com as

pessoas que têm a infeliz ideia de nascer pobres. Tendo todo o
dinheiro do

mundo, muito mais do que o necessário, não sei quem mais poderia
fazer algo

por eles.

James deu um suspiro cansado. Não era exatamente como ele
imaginara o

progresso da noite. Ah, ele soube que Emma seria resistente à ideia
de discutir

sua estranha e difícil situação.

Ele teria preferido que a conversa deles não descesse, como
acontecia no

momento, ao nível das antigas discussões.

Observando-a na meia luz das chamas, James achou difícil acreditar
que essa

jovem mulher de aparência angelical pudesse ter um
comportamento tão

irritante; mas apesar das penúrias físicas que enfrentara no ano
anterior, Emma

Van Court Chesterton continuava bela. Não havia uma mulher que James

conhecesse em Londres que não invejasse os cabelos gloriosos e o azul dos

olhos de Emma, mas era ela como um todo que despertava a maior admiração.

Seria um brilho advindo de algum tipo de satisfação espiritual?
James se

perguntou, ligeiramente consternado com o próprio sentimentalismo, mas,

ainda assim, incapaz de deixar de considerar esse novo pensamento.

Santo Deus, ele tinha de ir embora da Escócia. Estava se tornando muito

romântico.

- Muito bem, Emma – ele disse finalmente, cruzando os braços na altura do

peito. Escolheu as palavras com cuidado, consciente de que ela o observava

com a mesma desconfiança do gato que vira esgueirando-se para dentro e para

fora das sombras da cabana. – Pelo que pude inferir, esse é um tema sobre o

qual você não mudará de opinião.

Era imaginação dele ou ela pareceu aliviada? Em todo caso, o queixo abaixara

um pouquinho.

- É, milorde – Emma respondeu com gravidade.

Então era isso. Eles estavam em um impasse nesse assunto. Mas havia outro...

um a que James odiava referir-se, mas que se sentia obrigado a mencionar. Na

verdade, ele não tinha outra escolha.

- Emma, a respeito de Stuart. Ela o fitou com curiosidade.

- Sim? O que sobre Stuart? Nisso sua expressão tornou-se defensiva.

–

Honestamente, milorde, eu já lhe disse tudo que eu...

- Não – ele levantou a mão para interrompê-la. – Não é sobre a morte dele.

Quero saber sobre o enterro. Os olhos de Emma ficaram redondos.

- Enterro?

- Sim. Sua sepultura. Fui falar com o reverendo Peck e ele foi incapaz de dizer-

me onde Stuart foi enterrado. E eu estava pensando...

- Porque o reverendo Peck não sabe – Emma disse depressa. Depressa demais.

– Havia muitas outras pessoas morrendo ao mesmo tempo em que Stuart

faleceu. O reverendo Peck não teve como officiar seu funeral. Eu nem pude...

- Enterrá-lo no pátio da igreja – James terminou por ela. – Eu sei, Emma. E eu

lhe sou grato que não o tenha feito. Um enterro coletivo teria sido imperdoável.

Não estou com raiva que não o tenha levado para um solo não consagrado,

como deve ter acontecido. Isso não importa nenhum pouco, pois eu penso que,

e você concordará comigo, ele ficará mais feliz na abadia Denham. Emma

franziu a testa.

- Na abadia? Sobre o que está falando?

- Quero dizer que eu gostaria de trasladar o corpo de Stuart. Emma juntou as

sobrancelhas sobre o nariz.

- Trasladar Stuart? Como assim?

- Quero desenterrá-lo e transferi-lo para o mausoléu da família na Abadia

Denham. – James explicou. – Aquele, Emma, é o único lugar apropriado para

ele. Stuart deve ser levado para descansar com seus parentes. Eles haveriam

de querer...

- Não!

Foi mais um grito sufocado do que uma palavra, mas James escutou bem e viu

a palidez súbita no rosto de Emma.

- Emma – ele a chamou, chocado com sua aparência. – Você não está bem?

Quer que eu lhe dê algo? Pegue um pouco de vinho...

Emma agarrou-se, com os nós brancos dos dedos, nas costas de uma cadeira e

pareceu não escutá-lo.

- Milorde não pode fazer uma coisa dessas - ela disse, sacudindo a cabeça e os

cachos. – Não pode. Não e não.

- Emma...

- Não permitirei isso – Emma afirmou, categórica. James estava certo de que

era para parecer mais autoritária do que era. Ele pensou que deveria ser muito

difícil para alguém parecer dominadora quando estava à beira de um colapso,

como temia que ela estivesse. – Escutou bem? Não permitirei.

- Emma, você está nervosa. Sente-se por favor. Deixe-me dar-lhe um pouco de

vinho...

- Não quero me sentar – Emma respondeu e James ficou aliviado ao ver um

pouco de cor voltando a seu rosto. – Não quero vinho. Ninguém vai desenterrá-

lo, escutou, James? Entendeu? Ele tem de ficar onde está.

- Emma...

- Ele é meu marido – Emma afirmou em voz vibrante.

- Emma, não estou discutindo isso. Estou apenas dizendo que há espaço

reservado para Stuart, onde ele ficará com o restante da família, onde sua

sepultura será cuidada para...

- Ele vai ficar aqui – Emma afrontou-o. – Comigo, aqui em Faires. Milorde não

tocará nele. Entendeu? Milorde não tocará nele.

Capítulo 12

Emma virou-se e socou o travesseiro para afotá-lo de novo. Não conseguia

dormir, e não era de admirar.

Devia ter esperado por isso, era evidente. Não podia acreditar ter sido tão

ingênua a ponto de não pensar naquilo antes. Por certo James haveria de

querer ver o primo enterrado condignamente no mausoléu dos Denham. Stuart

fora um desapontamento triste para a família, mas isso não queria dizer que

não fizesse parte dela. Os Denham haveriam de querer sepultá-lo junto aos

pais e, provavelmente, quando sua hora chegasse, Emma refletiu, taciturna,

haveriam de querer estendê-la ao lado de Stuart.

Isso não aconteceria. Não se pudesse evitar.

E ela poderia evitar, simplesmente com a recusa de revelar a James onde

Stuart jazia.

Não duvidava que James a achasse excessivamente sentimental, talvez até

supersticiosa, pela negativa em revelar o lugar do descanso final do primo. Não

se importava com a opinião de James. Ele também não se interessava pelo que

ela pensava. Se ele tivesse alguma consideração por seus sentimentos, não

deveria ter voltado à estalagem Puffin Inn onde alugara aposentos, em vez de

ficar deitado no banco estofado da cabana? Está certo que ela oferecera

hospedagem a ele no farol, mas não imaginara que James a levasse a sério.

Afinal, ela dissera aquilo só por causa de lorde MacCreigh.

Não. Porque o fizera saber, sem reticências, como ela se sentia a respeito daquele plano. Mal acabara de se recuperar do choque por vê-lo na

horta e depois a descoberta de que ele sabia a respeito do testamento do sr.

O'Malley, quando ele se virou e descarregou mais um tiro, dessa vez a respeito

de Stuart... e depois sobre dormir na cabana. Como uma mulher poderia

combater tais ofensivas desprezíveis? Aquilo era mais do que se podia suportar

razoavelmente.

- Creio que é melhor irmos dormir - ele dissera. - Tenho certeza de que você

está tão cansada quanto eu. Se me disser onde guarda as roupas de cama de

reserva, não a importunarei até amanhã.

Emma ficara apavorada. Dormir ali, na sua cabana? Ele era maluco?

- Talvez você não tenha notado - James comentara -, mas o sr. Murphy foi

embora. Não tenho como voltar para a aldeia...

- Ah! - Emma o interrompeu. - Ah, mas é perfeitamente possível caminhar até

lá. Eu o acompanharei, para mostrar o caminho. É bastante íngreme...

James arqueara uma sobrancelha.

- Francamente, Emma, você está sendo muito melindrosa, não acha? Estou

exausto, talvez por causa do ar marinho. Passarei a noite neste banco.

- Mas a sra. MacTavish, lá na estalagem - Emma gritou com maior insistência. -

Ela saberá que milorde não passou a noite lá e imaginará onde foi que...

Ele fizera um gesto de pouco caso.

- A sra. MacTavish não pensará nada disso, Emma.

Quando Emma garantiu que ele estava errado, que toda cidade falaria no

assunto pela manhã, James apenas a olhara e dissera com tom de censura.

- Ora, Emma. Nós não somos estranhos. Somos uma família, não somos?

Família! Que idéia! Emma não podia ficar quieta ao pensar nisso. Una,

sonolenta a seu lado na cama, olhou para a dona várias vezes, parecendo

perguntar se jamais Emma se acalmaria e dormiria.

Família! Que coragem! Depois do que ele fizera...

Está certo que aquele dia horrível na biblioteca fora havia um ano. Ainda assim.

Família! Que espécie de família era aquela em que um atacava o outro

fisicamente só porque alguém anunciou que o outro se casaria?

O que ela podia fazer? Não podia mandá-lo embora de sua casa. Supunha que

devia tê-lo mandado sair e dormir no celeiro com Tressida, a cabra.

Não o fizera. Em vez disso, fora em silêncio até o baú onde guardava as roupas

de cama extras, de onde tirou um acolchoado e lençóis. Ficara surpresa quando

ele a ajudara a estender tudo sobre o assento estofado do banco. Ele insistira

para ajudá-la a arrumar a louça e ficara com a pior parte, lavar, deixando para

Emma a secagem. Vendo-o com as mãos na água gelada, ela quase teve um

sentimento amistoso por James. Não podia imaginar que o conde de Denham

houvesse se oferecido alguma vez para lavar a louça.

Mas Emma rapidamente reprimiu aquela emoção terna. Não podia deixar-se

levar por um falso sentido de segurança em relação ao conde. Era só ver o que

acontecera da última vez em que ela se permitira confiar nele... Ele quase

matara Stuart!

E ali estava ele, pedindo permissão para fazer uma coisa que, Emma tinha

certeza, somente causaria dor, sem falar no escândalo adicional...

Não. Emma não admitiria sentir simpatia pelo conde. Se o fizesse, tornaria mais

difícil negar da próxima vez em que ele reiterasse o pedido - ela sabia que

haveria uma próxima vez - de desenterrar Stuart. O que ela jamais poderia

permitir.

Mas Emma nunca tivera muita experiência em odiar. A única pessoa que ela

realmente odiara fora o conde de Denham e, embora o tenha odiado sem muita

convicção no ano anterior, os momentos de raiva nunca duravam mais de

alguns minutos e algumas vezes com semanas e meses entre os repentes. Na

verdade, era um verdadeiro fardo odiar alguém. Ela teria de concentrar toda

sua energia nisso, se pretendia odiá-lo até que ele finalmente deixasse a ilha...

fosse quando fosse.

E se James, Emma conjecturou, continuasse agindo de maneira gentil com ela,

como defendê-la de lorde MacCreigh, trazer cestos com delícias da sra.

MacTavish e ajudá-la a lavar a louça? Ela continuaria a odiá-lo?

Ainda assim, não podia permitir a si mesma desviar-se da inimizade por ele.

Deitada na cama escutou com atenção para determinar se ele estava dormindo

ou não. Estaria acordado, como ela, piscando para o teto? Não ouvia o menor

som vindo da sala. Percebia apenas o ressonar rítmico de Una a seu lado na

cama e o vento do lado de fora que atravessava a janela do quarto e o deixava

gelado.

Fora um falha séria no desenho da cabana ter apenas uma lareira, e no centro

da habitação, em vez de ser no quarto, onde faria grande bem à noite. O

problema não fora tão grave quando Stuart vivia. Sem ele e com a porta do

quarto fechada - e assim teria de ser ou James a veria de camisola - fazia frio

como em um túmulo.

Nessa temperatura, privada de calor de seu quarto, Emma raciocinava sobre o

que diria à sra. MacEwan pela manhã, quando a mulher perguntasse - o que

ela certamente faria, pois não havia segredos em Faires - onde James passara

a noite. Nisso ouviu um ruído que não era o vento nem Una. Teve certeza de

que alguém tentava abrir a porta da frente.

Emma não sabia que horas eram. Ficara acordada muito tempo, pensando em

James e em sua inesperada visita. Tanto podia ser meia-noite como o

alvorecer, pois o céu - que ela podia ver pelos vidros em forma de losango de

sua janela - estava escondido por nuvens escuras. Deus era testemunha de que

seu galo não era confiável. A madrugada poderia ter passado sem ela acordar.

Considerando tudo, Emma pensou que fosse próximo da meia-noite. Quem

poderia estar rondando sua cabana àquela hora? Ela ficara quase acostumada a

ter o sono interrompido quando Stuart estava vivo. Durante a epidemia de tifo,

Emma algumas vezes fora acordada duas ou três vezes durante a noite por

paroquianos frenéticos para que os ritos finais fossem lidos para os entes

amados que estavam morrendo.

Todavia Stuart de fora. Independentemente de quem fosse, a pessoa tinha boa

razão para procurá-la tão tarde.

Um bom motivo ou um péssimo...

Sem pensar duas vezes, Emma levantou-se da cama e disparou para a porta do

quarto. Abriu-a e correu até a lareira. As chamas estavam quase apagadas,

deixando o recinto com um estranho brilho vermelho. Ela não parou para

admirar o cenário. Levantou a barra da camisola, subiu na lareira de pedra e

fez um esforço para tirar o rifle de caça dos ganchos onde estava pendurado.

Emma não era muito perita com a arma e não tinha coração para apontar o

cano para qualquer animal vivo. De fato, se não fosse pela generosa

contribuição do sr. MacEwan para sua mesa, ela viveria apenas de pão e

vegetais.

Todavia, Stuart teria ficado horrorizado se soubesse que Emma não era

particularmente contrária a atirar em humanos, se assim fosse necessário.

Ela pôs o rifle debaixo do braço e foi até a porta da frente que estava bem

fechada, não por Emma temer ladrões, mas para que o vento do mar não a

abrisse, como já acontecera. A única maneira de alguém entrar na cabana com

a porta trancada por uma barra seria por uma das muitas janelas que podiam

ser abertas por fora, estourando uma vidraça, enfiando a mão e soltando a

alavanca por dentro. Todas abriam para fora, o que deixava entrar a brisa

marinha e elas podiam ser mantidas semiabertas com um gancho de metal.

Emma não viu nenhuma mão tentando romper um dos pequenos losangos da

vidraça. Fosse quem fosse seu visitante noturno, não conseguira abrir a porta.

Contudo, ela escutou um ruído atrás de si. Virou-se e levou a arma pesada ao

ombro, com o coração na garganta e um olhar selvagem...

Para ter a arma arrancada de suas mãos pelo conde de Denham que, irado,

berrou:

- Emma! Pelo amor de Deus!

A resposta de Emma foi um grito agudo de susto. Em seu pânico pelo barulho

do lado de fora, esquecera que James estava em casa. A visão dele, tão perto e

tão grande, vestido apenas de camisa e calção, deixou-a descontrolada. Ela

gritou até James segurá-la e tampar-lhe a boca com uma das mãos. Emma,

ciente de que ele a segurava junto ao seu corpo - que ainda estava quente por

estar sob o acolchoado - e sentido aquele físico bem definido sobre o tecido

fino da camisola que usava por cima da pele desnuda, ela se deu conta da

situação e, sem saber o que fazer, mordeu-o.

- Ai! - James arrancou os dedos do meio dos dentes de Emma e sacudiu-os

diante do rosto dela. - Pare com isso - sibilou.

- Então me largue - Emma sugeriu, mas James pediu silêncio.

Parecia que ele também ouvira o barulho vindo da porta. Ele ficou quieto, para

ver se o ruído se repetia.

Emma sabia por que ele não a largava. James certamente não a segurava com

tanta firmeza porque apreciava sentir o corpo quase nu junto ao dele. Não,

longe disse! E o fato de sua coxa direita estar... entre as pernas dela também

não tinha a menor importância para ele. Claro que não. Ele não segurava o rifle

e também a cintura de Emma? Um homem segurando um

rifle possivelmente não pensava em nada a não ser em atirar.

Mas Emma não segurava nenhum rifle. Emma não tinha nada para afastar sua

mente do corpo dele junto ao seu. Era torturante sentir a pressão da coxa

musculosa e os dedos fortes apertando a carne logo acima do osso ilíaco. Como

se não bastasse, ela podia sentir seu cheiro. O odor masculino inundou-lhe as

narinas; era o mesmo aroma perturbador que emanara dele naquela manhã no

coche, a mistura de cheiros de sabonete e de Londres. E era tão quente! Como

Uma, só que com bem menos pelos e com hálito muito mais agradável.

O hálito fez cócegas no ouvido de Emma.

- Não ouvi mais nada - James sussurrou. - Você ouviu?

Emma não respondeu por estar muito ocupada concentrando-se em não sentir

o cheiro de James, nem em sentir a coxa rija entre suas pernas. Ela inclinou a

cabeça e também nada percebeu por um segundo ou dois. Depois ela ouviu de

novo. O intruso tentava mais um vez forçar a porta.

James também ouviu. Soltou a cintura de Emma, pôs a mão pesada sobre seu

ombro e empurrou-a para o banco que havia pouco ocupava.

- Fique aqui - ele ordenou, sem a olhar e cobrindo-a com o acolchoado. - Verei

quem é.

Emma protestou, encasulada no calor que fora deixado por James.

- Eu irei. Pode ser uma das crianças.

Ele a fitou, incrédulo.

- Crianças?

- Ou um de seus pais - ela afirmou. - Algumas vezes eles vêm me procurar, se

há algo para ler ou...

- À um hora da manhã? - indagou James.

- Apenas prometa que não vai atirar neles.

- E por que eu o faria? - James sentou-se no banco apenas para calçar as

botas. - Você se preparava para fazer isso.

- Primeiro eu ia perguntar quem era e somente atiraria se fosse...

- Se fosse quem, Emma? - ele perguntou com curiosidade.

- Ninguém. - Emma abaixou o olhar.

- Hum, como eu suspeitava. - James levantou-se, abriu o rifle e estreitou os

olhos para espiar o cano. - Emma - ele se irritou. - A arma não está carregada.

Emma puxou o acolchoado até o queixo e notou que os lençóis exalavam odor

de limpeza e virilidade.

- Bem - ela murmurou - teria sido tolice deixar uma arma carregada em cima

de uma lareira quente, não seria?

James ergueu os olhos para os céus.

- Onde Stuart guardava a munição? - ele sibilou.

- No aparador ao lado da pia - ela respondeu no mesmo tom. - Ou melhor, no

que restou dele. - Desceu um pouco a coberta. - É melhor eu mostrar...

- Não se atreva a sair do banco - ele ameaçou, da entrada. - Eu encontrarei

sozinho.

- Mas...

- Pelo amor de Deus, Emma - James atalhou. - Fique onde está ou eu... -

aparentemente incapaz de pensar em uma ameaça que parecesse medonha,

ele terminou com: - Ou ficarei muito aborrecido.

E ele foi para o escuro.

Tensa, Emma observava do lugar quente que ele abandonara, imaginando

quem poderia querer fazer-lhe uma visita àquela hora. Não era impossível que

se tratasse de alguém inofensivo. Emma já fora chamada antes no meio da

noite. Mas também era possível que atrás daquela porta estivesse alguém com

uma razão perfeitamente lógica para estar ali...

Por outro lado, supondo que fosse lorde MacCreigh e que James atirasse nele?

Oh, céus!

O mesmo pensamento ocorreu a James no instante em que escutou o trinco se

mexer. Por acaso não insistira para passar a noite na cabana com esse intuito?

Não que Emma desconfiasse da razão. Só Deus conhecia do que ela suspeitava,

tanto quanto os motivos dele para ficar debaixo daquele teto.

Mesmo conjecturando que o barão pudesse ser temerário, em seu íntimo não

acreditava que MacCreigh fosse tão estúpido... ou tão malévolo. Para James era

incompreensível que um homem pudesse aterrorizar uma mulher
dessa

maneira. Que espécie de homem cruel e vulgar ameaçaria uma viúva
inocente

na sua própria casa, na calada da noite?

James aprendera, havia muito, que não adianta refletir sobre as
mentes

deturpadas dos homens. Era notório, mesmo que Emma não
soubesse, que no

mundo havia mais maldade do que bondade. Esse era um bom
exemplo.

Contudo, ele pensava que MacCreigh fosse frio, mas não louco.

Pois esse, certamente, era o ato de um louco.

Encontrou o projétil com facilidade, a despeito de não ousar acender
uma vela.

Se MacCreigh não houvesse ouvido o grito de Emma por causa do
uivar do

vento, certamente veria uma luz e perceberia que eles tinham sido
alertados de

sua presença. A surpresa era crucial. MacCreigh nem ao menos
podia suspeitar

que Emma não estava sozinha nem que ele estava ali. James queria
uma coisa

e apenas uma, e era um tiro certo...

Seus olhos adaptaram-se quase imediatamente à escuridão que permeava a

pequena cabana... O escuro e o frio. Cristo, não notara isso antes, mas o local

era gelado como uma tumba! Depois de localizar a munição, carregou o rifle,

sem tirar os olhos das duas vidraças, uma de cada lado da porta da frente.

Por alguns segundos, tudo o que ele viu foi a chuva. Ela recomeçara forte.

Nisso, uma forma escura, a mais breve das sombras, passou pela primeira

janela. O som de um galho quebrado sob um grande peso foi claramente

audível apesar do barulho da água que caía. James entendeu que, em mais um

segundo, MacCreigh tentaria abrir a porta novamente.

Seria agora ou nunca.

Em quatro passos, James chegou até a entrada. Com um movimento simples,

ergueu a barra de madeira que mantinha a porta fechada e levou a parte mais

grossa do rifle ao ombro. O vento fez o resto e abriu a porta com uma força

explosiva, mandando chuva para dentro.

Do lado de fora, olhando para a boca da arma que James levantava, estava

uma vaca molhada e confusa.

Capítulo 13

- Oh! – Emma gritou, atrás de James. – É Louise!

James abaixou o cano do rifle. Não podia acreditar no que via. Não se tratava

de Geoffrey Bain. Era uma vaca. Uma vaca branca e preta. Ele a encarou e o

animal deu um mugido patético.

Emma empurrou James para o lado e adiantou-se para acariciar o focinho

aveludado.

- Ah, pobre Louise – Emma arrulhou. Abaixou a cabeça e encostou a face entre

os olhos do animal e seus longos cachos loiros caíram sobre a cara da vaca. –

Você fugiu de novo? Tenho certeza que o sr. MacEwan deve estar muito

preocupado por sua causa. Você fez a coisa certa, vindo à minha procura.

Então, para grande espanto de James, Emma levantou a cabeça e puxou a

corda da vaca para dentro.

Para dentro da cabana.

- Emma – ele a chamou. Era difícil ser ouvido por causa do barulho da chuva,

mas ele fez um esforço. Emma, o que você está fazendo?

- Bem – Emma resmungou. Depois da relutância inicial, a vaca começou a

mover-se pesadamente para dentro da cabana, batendo os cascos com

estrondo no piso de madeira. – Não podemos deixá-la do lado de fora. A chuva

é torrencial. Ela passará a noite aqui e o sr. MacEwan poderá pegá-la de

manhã.

James ficou pasmo ao ver o animal passar por ele, o úbere* balançando sob a

circunferência enorme preta e branca

*glândula mamária

- Emma – ele disse quando o rabo comprido bateu em sua perna -, você ficou

maluca?

Emma o ignorou. Ela tirara um canto do banco do caminho e reanimava o fogo,

murmurando palavras meias para Louise.

- Emma! – James não suportou mais. Adiantou-se, disposto a agarrar a viúva

de seu primo e fazê-la tomar juízo.

Infelizmente o animal bloqueava o caminho. Do outro lado do espécime bovino,

Emma piscou, surpresa.

- Qual é o problema, milorde? – ele indagou com inocência.

- Emma. – James pôs o rifle na mesa com cuidado. Raivoso como estava, não

confiava que não usasse a arma em Emma ou em Louise. – Emma – disse com

uma calma forçada. – Você não pode guardar uma vaca na sala de sua cabana.

Ela cutucava um pedaço de madeira com o atizador.

- Não vejo por que não – ela disse olhando para a lareira.

- Porque... e se ela... se ela – James foi incapaz de terminar aquela sentença.

- Eu limparei. – Emma revirou os olhos. – Francamente, lorde Denham, o

senhor tem mais em comum com Stuart do que eu supunha. Ele também não

se compadecia da coitada quando ela se perdia.

James, ouvindo aquilo, mudou completamente sua opinião sobre a visitante

noturna. Afinal, não podiam deixar a patética criatura se afogar. Ele hesitou,

para não demonstrar que mudara tão depressa de opinião.

- Suponho que, se for só por uma noite...

Nesse instante James notou que em pé ao lado do fogo que se apagava, o

corpo de Emma aparecia sob a luz das chamas. Ele podia ver cada curva, cada

concavidade, cada...tudo. Mesmo com o calor da lareira, era possível ver os

mamilos duros pelo frio sob a camisola.

James sabia que isso não era algo que ele devesse ver. Era seu dever, como

cavalheiro e par do reino, desviar o olhar. Ela fora a esposa de seu primo e era uma viúva inteiramente desprotegida no mundo.

Contudo, por mais que tentasse, James descobria que não podia tirar os olhos

de Emma. Ele só voltou a respirar quando ela se virou e presenteou-o com uma

visão encantadora, embora não total, de seu traseiro.

James concluiu que isso era mais do que um homem poderia suportar. Fora

acordado de um sono profundo, pensando que sua casa estava sendo invadida

para só então descobrir que teria de passar o resto da noite num quarto com

uma vaca.

E como se não bastasse, com a visão dos seios de sua anfitriã.

Ele não pedira para ver os mamilos de Emma. Quando insistira para passar a

noite ali, não fora essa sua intenção.

Está certo que já os vira antes e muito mais claramente do que agora. Um ano

atrás, Emma costumava usar vestidos de baile com decote baixo e, graças aos

passos da quadrilha e à sua altura, James fora premiado com olhadelas

frequentes para dentro do corpete de Emma.

- Pensei tê-la ouvido dizer que havia doado as coisas de Stuart.

Ela o fitou rapidamente e um leve corado tingiu-lhe as faces.

- Eu... bem, não todas.

- Não. – James estava mais magoado do que tinha o direito de estar.

- Aparentemente não. – Ele não pôde impedir o comentário. – Emma, você

sabe que isso não pode continuar.

- O que não pode? – Ela piscou.

- Você. Morar aqui. Sozinha. Suponha que não houvesse sido Louise e sim

MacCreigh batendo na sua porta.

Emma riu... sem muita convicção.

- Oh, ele nunca faria...

- Não? – James sacudiu a cabeça. – Ouvi conversas na aldeia, Emma. Dizem

que ele matou a noiva...

- Ah, mas ele não fez isso. – Emma disse e calou-se depressa demais. James a

fitou com estranheza.

- Você parece muito categórica. Dizem que a mulher desaparecera sem deixar

vestígios. Como pode ter certeza de que MacCreigh não tem nada que ver com

isso?

Emma ficou nervosa de novo.

- Porque eu... ora, conheço lorde MacCreigh e ele nunca...

- Nunca o quê? – James indagou. – Tentaria submeter uma mulher à força?

Não era isso o que ele estava fazendo hoje quando eu os encontrei no farol?

- Ah, aquilo. Ele estava tentando levar-me para falar com o juiz Reardon. Isso

está muito longe de pretender matar-me.

- Contudo, há uma mulher desaparecida e dizem que o barão a matou.

- Sinceramente, lorde Denham, o barão não tem nada que ver com o desaparecimento de Clara. Ela fugiu com o criado de lorde MacCreigh.

- Como é que você sabe? – James estava curioso. – Todos dizem que ele a matou.

- Sim. – Emma olhou para os próprios pés descalços. – Sei que ele fugiram,

mas não posso fazer nada. Só digo o que sei, e Clara fugiu para casar-se com o

homem a quem amava. O pai dela jamais teria aprovado e ela achou que não

teria outra escolha...

- Bastante parecido com alguém que conheço – James retrucou com segura e

voltou o atizador para o lugar.

- Sim – Emma condescendeu, corando um pouco. – Mas pelo menos eu não era

comprometida com outro na época, como aconteceu com Clara.

- Não, não era. – Depois James continuou, como se a confissão houvesse sido

arrancada dele. – Apenas fiz o que achei melhor para vocês dois. Stuart não

estava em situação de casar-se. Ele não havia se estabelecido em seu trabalho

e não tinha dinheiro.

Emma o fitou com passividade de Louise, mas Louise não corava.

- Ele disse que não precisávamos de dinheiro – Emma salientou com a voz um

pouco embargada pela emoção. – Ele afirmava que só precisávamos de amor.

- Bastante romântico... a primeira colocação e tudo o mais. A quem importava

se isso acontecesse nos ermos do norte da Escócia e que as condições de vida

não eram exatamente as mesmas a que o casal estava acostumado? Vocês

tinham um ao outro.

Emma levantou um pouco o queixo em protesto contra o tom sarcástico.

- Viemos para cá – ela explicou, para ajudar os menos afortunados do que nós.

Algo que milorde não entende.

- Talvez. Por outro lado, parece que um desses pobres infelizes não ficou muito

feliz por essa ajuda, não é? Considerando como ele agradeceu a Stuart por sua

bondade...

- Não foi culpa do sr. O'Malley – Emma assegurou. – Como não foi culpa de

lorde MacCreigh que Clara...

Emma calou-se com expressão de culpa, como se uma mão invisível houvesse

fechado seus lábios. O silêncio foi palpável, quebrado apenas pelo uivar do

vento e pelo som do ruminar de Louise.

- Não foi culpa de lorde MacCreigh que Clara... o quê? – James perguntou,

suavemente. Pareceu-lhe que Emma omitira algo importante, se o olhar em seu

rosto fosse uma indicação.

- Emma – James continuou devagar. – O que foi que aconteceu com a noiva de

lorde MacCreigh? Você falou que ela fugiu com o criado. Essa é a história toda?

Ou há algo mais?

Havia, James viu pela maneira como Emma empalidecia. Ela sabia

perfeitamente que não fora apenas uma simples fuga para se casar, embora

não desejasse partilhar aquela informação. Pelo menos, não por enquanto.

- Lorde Denham – ela ergueu o queixo já estendido – não quero discutir isso

agora. Estou cansada, assim como imagino que milorde esteja. Acho que

melhor nós dois voltarmos para a cama.

Emma viu-o arquear as sobrancelhas, como se houvesse ficado surpreso com a

resposta. O conde de Denham não estava acostumado que se livrassem dele

com evasivas.

Contudo, dessa vez, ele pareceu aceitar muito bem.

- Creio que você tem razão. Descobri que o meio da noite não é um bom

horário para trocar confidências. Isso pode levar a toda sorte de – ele abaixou

o olhar para o V onde o roupão de Stuart afastava-se um pouco do busto de

Emma e ela percebeu – complicações.

Arfando um pouco, ela instintivamente apertou o roupão, antes de se expressar

em tom cortante:

- Lorde Denham, não se preocupe, pois nenhuma complicação resultará aqui.

Boa Noite.

- Emma? – James olhou a porta fechada, atônito. O que fizera para irritá-la

agora? Bom Deus, o pavio dessa mulher era quase tão curto quanto o seu. –

Emma?

Não houve resposta. No quarto, Emma ignorou o chamado. Complicações, ela

exasperou-se, afastou o acolchoado e entrou na cama fria, sem tirar o roupão

de Stuart. Complicações, essa era boa! Se ele de fato pensava que ela... ele

não podia pensar que ela...

Duvidava que James Marbury alguma vez se metera em complicação com

alguma mulher. Qual mulher seria suficientemente boa para ele? James

esperava perfeição em todas as pessoas que encontrava.

Emma tinha esperança de que, pela manhã, James fosse embora de Faires. Ela

tivera má sorte no ano anterior. Não tinha o direito de pedir apenas essa

pequena graça?

Desejava que fosse embora não apenas por ele irritá-la com sua arrogância.

Mas também pela maneira como seu corpo, quando estivera perto dele, a fizera

sentir... tanto calor como se tivesse febre e arfante como se houvesse corrido

dois quilômetros.

Era inacreditável que um homem pudesse ser tão exasperador e ao mesmo

tempo tão atraente!

Infelizmente para Emma, James não tinha intenção de deixar Faires. Não antes

de prover a subsistência da viúva de seu primo.

O que seria um trabalho árduo. Como cuidar de alguém que insiste em não

precisar de nada?

James suspirou e tornou a alimentar o fogo. Era preciso ter certeza de que

Louise não começaria a queixar-se em algumas horas porque estava com frio.

Ele já tivera seu sono perturbado o suficiente por causa desse bovino perdido.

Tinha um longo dia pela frente.

Afinal, ainda tinha um barão para matar.

Capítulo 14

O castelo MacCreigh era totalmente visível da aldeia de Faires em um dia claro.

Como amanhecera sem nuvens e estava quente, diverso do dia anterior que

fora frio e úmido, o castelo era uma visão nítida, bem acima da pequena aldeia,

com seus torreões que pareciam roçar o céu tão azul como ovos de tordo. Com

tempo bom, Faires era bem diferente. James observou a paisagem pelas

janelas com vidraça em losango da cabana de Emma e maravilhou-se com a

súbita exuberância que as chuvas haviam trazido para a vegetação da

primavera, salpicada com flores silvestres e bandos de ovelhas brancas.

Contudo, apesar da aparência de um reino de contos de fadas, não havia nada

de muito pitoresco no penhasco íngreme sobre o qual o castelo MacCreigh

estava situado... como James logo descobriu.

Ainda assim, o dia começara promissor. James acordara com os raios de sol

atravessando as vidraças e o som de Emma cantarolando enquanto andava em

seu quarto. James sentiu que era um dos amanheceres mais agradáveis que

tivera na vida.

Experimentou uma sensação estranha nos dedos dos pés e viu Louise

gentilmente focinhando suas solas.

Já não era uma maneira muito propícia de começar o dia. Logo depois, James

abriu a porta para levar Louise para o pátio, viu Cletus MacEwan em pé com

um galo debaixo do braço e entendeu que o dia ficaria pior. Ainda que não

fosse tão ruim para ele como era para Cletus, a julgar pela expressão do rapaz

quando viu James.

MacEwan ficou parado durante cinco minutos olhando para James e não para

Louise. Sua vaca ter passado a noite dentro da cabana não era nada em

comparação ao fato de James ter feito o mesmo. Mesmo quando Emma saiu

afobada do quarto para explicar que James passara a noite ali por causa do

adiantado da hora, mas dormira no banco estofado, MacEwan continuou de

olhar fixo, segurando a corda de Louise com mão mole e apertando o pobre

galo com a outra. James quase sentiu pena do pobre rapaz... mas não chegou

a tanto. Ainda não esquecera o olhar de Emma na noite anterior, quando a

encontrara - esquecida da presença dele por causa do medo - com o rifle

pesado nas mãos. Entendera então, que, apesar de todos os protestos em

contrário, ela suspeitara, como ele, que MacCreigh pudesse fazer algo

intempestivo, e se convencera de que era o barão que enfrentava a chuva para

entrar na cabana. James aborreceu-se por MacEwan, que parecia tão

possessivo em relação à sra. Chesterton, não haver tomado qualquer providência para protegê-la.

A irritação de James com o rapaz não o impediu de perguntar em voz baixa,

aproveitando a ausência de Emma, que fora buscar a capa e o chapéu, se

MacEwan poderia atuar como seu assistente naquela tarde.

- Seu o quê? - foi a pergunta previsível.

James suspirou. Pensara muito no assunto e chegara à conclusão de que, pela

falta de médico em Faires, seu criado pessoal poderia atuar como cirurgião

durante o duelo com Geoffrey Bain. Isso não seria difícil para Roberts, que

servira em muitos duelos na companhia de seu senhor e estava acostumado a

costurar ferimentos e estancar sangue.

Mas James precisava de outro homem para ser seu assistente. MacEwan

também não gostava do barão e James sempre achara conveniente chamar de

amigo o inimigo de seu inimigo.

- Nada - James disse ao rapaz confuso, enquanto Emma estava longe. -

Apareça no Puffin Inn às onze e meia, vá comigo ao castelo MacCreigh e eu lhe

darei um guinéu.

Isso MacEwan aparentemente entendeu e deu um sorriso largo e feliz, o

primeiro desde que chegara e vira sua preciosa sra. Chesterton na presença do

homem que o atacara no dia anterior.

- Sim, milorde!

Emma, por sua vez, estivera agitada e confusa a manhã toda, desde que o vira

acordado. James intuiu que ela ainda estava ressentida e certamente ficara

muito mais depois de ele confessar naquela noite o verdadeiro motivo de sua

viagem a Faires.

James a entendia. Uma jovem viúva estava fadada a ser sensível sobre o lugar

do descanso final do marido. Emma amara Stuart e haveria de querer ficar

perto dele, mesmo na morte.

No entanto...

No entanto, em parte James não podia acreditar que essa fosse a razão da

recusa em permitir que ele levasse Stuart para a abadia. Era óbvio que Emma

tinha vínculos em Faires. Mas parecia a ele que essas ligações eram com os

vivos, as crianças às quais ela era devotada e não com a memória do marido

morto. Não saberia dizer o que o fazia pensar daquela maneira. Era apenas

uma percepção...

Mas ali estava.

Aquilo o aborreceu durante o trajeto até a cidade. Instruíra Samuel Murphy

para pegá-lo às oito da manhã e o condutor aparecera pontualmente com o

carro fúnebre. Em nada ajudou Emma sentar-se a seu lado durante a viagem,

silenciosa e pensativa, depois de ter aceitado a oferta de uma carona até o

farol. James não descobrira se Emma se irritava mais com o motivo da ida dele

a Faires ou apenas com sua presença contínua.

Murphy parou diante do farol para o qual Emma fora levada de carruagem por

dois dias, um fato que os estudantes repararam e observaram de olhos

arregalados o momento em que James ajudou-a a descer, cutucando uns aos

outros com os cotovelos. Nesse instante, ela perguntou, sem olhar para ele:

- Lorde Denham, é hoje que pretende voltar para o continente?

E James teve sua resposta.

Ele a olhou admirando a maneira como o vento do mar - naquele dia suave e

morno - deixava coradas a boca em arco e as faces e confessou com polidez.

- Ainda não decidi. Será conforme os acontecimentos do dia. - Ele viu os cantos

daquela boca desceram com desapontamento.

- Ah. - Ela fez um esforço para parecer alegre e deu um sorriso trêmulo. -

Milorde sabe onde me encontrar. Bom dia.

Ela entrou no farol com a brisa soltando os cachos debaixo do chapéu que

emolduravam seu rosto.

James tomou o desjejum na estalagem. Deduziu que fora uma decisão

inteligente, pois as salsichas da sra. MacTavish eram melhores do que as de

sua cozinheira de Londres. Como Emma predissera, a sra. MacTavish comentou

que fora a seu quarto a noite passada com um aquecedor para a cama e

encontrara o recinto vazio.

A mulher, consciente de sua posição, não perguntou onde ele estivera. James

limpou a boca no guardanapo, não lhe deu explicações e disse que agradecia o

gesto, e que uma cama quente era bem-vinda em uma noite chuvosa. Depois

ele subiu e viu que Roberts preparara um banho cálido aguardando sua volta.

Informado do duelo iminente, a calma reação do criado de quarto foi típica:

- Pistolas ou espadas, milorde? - foi sua única pergunta.

James soltou a gravata que amarrara muito apertada pela ausência de Roberts

na cabana e resmungou que o barão ainda não havia escolhido a arma e que

seria melhor levar todas, por segurança. Robert entendeu e guardou as pistolas

na caixa de couro e azeitou a espada antes de embainhá-la.

Às onze e trinta em ponto, James saiu do Puffin Inn e encontrou Cletus

MacEwan à sua espera. James avisou-o que iriam com o carro fúnebre de

Murphy até o castelo e MacEwan pareceu se divertir com a idéia. James só

entendeu o motivo quando enfrentaram dificuldades para subir a colina

escarpada. A estrada para o castelo MacCreigh era quase tão intransitável

quanto a trilha até a cabana de Emma, cheia de sulcos e buracos. Em vários

trechos, eles foram obrigados a descer do veículo e caminhar, visto que os

cavalos de Murphy não agüentavam subir com o peso de mais três para puxar.

Quando isso acontecia, MacEwan caminhava alegremente ao lado da carruagem, lépido como um bode da montanha, enquanto James e o criado,

não acostumados a uma subida tão lamacenta e difícil, enfrentavam dificuldades metros atrás.

Não obstante, acabaram chegando à ponte levadiça que guardava a entrada da

estrutura dilapidada. O castelo MacCreigh era de fato um castelo verdadeiro,

com torres, ameias e até uma masmorra, James supôs. Algum antigo

antecessor do atual barão o construía com pedras fragmentadas. Era uma

fortaleza escura e odiosa, e James supôs que seus ocupantes deviam estar mal

instalados. Não era para admirar que o barão quisesse casar-se com Emma; na

certa pretendia usar o dinheiro para uma reforma.

Murphy levou os cavalos para debaixo da sombra da ponte levadiça, abriu o

alçapão deslizante e espiou para James.

- Acho que alguém deve ir até lá e bater - ele os avisou.

- Eu irei, milorde - Roberts se ofereceu, levantou-se do assento e tentou sair do coche, mas foi impedido pelas pernas enormes de MacEwan.

- Não faz mal. - James exalou com força. - Eu farei isso.

Ele desceu do veículo e aproximou-se da porta do castelo, um pedaço imponente

de madeira maciça e escura, com rebites de metal. James procurou por algum

sino para puxar e não encontrou. Preparava-se para dar um murro na porta,

quando ela foi aberta.

- Lorde Denham? - uma voz feminina e melodiosa perguntou.

James estreitou os olhos acostumados à luz externa e teve dificuldade em

discernir quem falava. Viu apenas um hall escuro, com uma vela acesa. Nisso

notou que a vela era segura por uma mulher, mas não distinguiu se era jovem

ou velha, gorda ou magra, ou se era uma dama ou uma criada.

- Não quer entrar? - ela perguntou e deu uma risada melosa que sugeriu a

James, entendedor dessas coisas, que a interlocutora não apenas era jovem,

mas atraente, e que gostava de ser admirada. - Nós os esperávamos.

James deu uma tossidela. Aquilo não era de modo algum o que ele esperava.

- Não estou sozinho.

- Ah? - a voz tornou-se mais seca. - Milorde não trouxe a sra. Chesterton,

trouxe?

- Não, não - James negou, confuso. - Vim com meu criado, Roberts, que tem

alguma experiência como cirurgião e meu assistente, Cletus MacEwan. Roberts?

Sr. MacEwan? - ele chamou e os homens, obedientes, apearam da carruagem.

O levantar súbito do peso excessivo de MacEwan fez com que o veículo se

elevasse cerca de trinta centímetros das molas.

A mulher com a vela riu de novo, dessa vez com alívio.

- Ah, sr. MacEwan, que prazer - ela gritou e pareceu sincera. -
Entrem, entrem

todos. Venha também, sr. Murphy. Venham se aquecer. Maura acaba
de pôr

uma chaleira no fogo da cozinha.

Perplexo, James seguiu a vela dançante por um labirinto de
corredores escuros

até chegar subitamente a uma grande hall iluminado. A luz do sol
atravessava

as janelas estreitas e arqueadas que ficavam no alto de cada
parede, logo

abaixo do teto abobadado com vigas onde estavam penduradas
algumas

bandeiras rasgadas com o brasão da família MacCreigh, um bode
dourado em

fundo verde. A mobília era esparsa e arrumada ao acaso, exceto por
uma mesa

longa, porta para o almoço, e que ficava perto demais de uma
lareira de dois

metros e meio de largura.

Então ele pôde ver claramente a mulher que o guiava e notou que
estivera

certo em sua suposição de que ela era jovem e atraente. Era mais ruiva do que

loira, mais encorpada do que Emma, curvilínea e feminina, tendo entre dezoito

e dezenove anos, próximo da idade de Emma.

Ela apagou a vela e deixou-a sobre um aparador antigo.

- Ah, assim está melhor. Agora posso vê-lo direito. - Ela o fitou de alto a baixo e James viu a aprovação nos olhos azuis da cor do céu e tão brilhantes como os

cabelos da cor de cobre, soltos nos ombros.

- Milorde tem certa semelhança com o sr. Chesterton - a jovem disse finalmente. - Mas milorde é muito mais avantajado do que ele foi. Além de ser

mais bem apessoado do que ele.

James não se importou com a óbvia tentativa de bajulação e expressou-se com

secura:

- Obrigado. Sou muito agradecido tanto pelo cumprimento como pela

hospitalidade. Posso perguntar a quem devo ambos?

A jovem, que usava um belo vestido branco de musselina, muito infantil para

ela e muito leve para a estação, fez uma bela cortesia.

- À honorável srta. Fiona Bain, milorde. Estou muito honrada que tenha vindo

visitar-nos em nosso esconderijo solitário.

James rangeu os dentes. Droga! A irmã de MacCreigh. Deveria ter imaginado.

Ora, não daria certo confraternizar com o inimigo e sua família. O barão não

dissera a ela que James viera com o propósito de matá-lo? Ou talvez ele

houvesse dito e essa era a causa da lisonja da jovem. De qualquer forma, a

situação não agradava a James.

O que não acontecia com seus companheiros. Murphy e MacEwan tropeçaram

atrás dele, com o chapéu nas mãos, boquiabertos. Onde James via apenas

decadência, eles enxergavam uma grandeza sem paralelo com o que haviam

visto até então.

- Céus - MacEwan murmurou, olhando no alto as bandeiras rasgadas que

tremulavam com a brisa que assobiava no hall bem ventilado. - É maior do que

a igreja.

- E esse é apenas o recinto onde eles comem - Murphy concordou, reverente.

Os dois homens estavam com a cabeça para trás, a boca aberta, os olhos

voltados para cima.

James receou que seu assistente estivesse simpatizando com o inimigo e

perguntou a Fiona Bain:

- Onde posso encontrar seu irmão, senhora? Tenho um compromisso com ele

que eu não gostaria de romper...

- Ah, Denham, meu bom homem! Que prazer.

A voz ecoou no salão enorme, vindo de algum ponto diante da lareira onde,

James viu, Geoffrey Bain se ergueu de repente de um cadeira de espaldar alto.

Vestido de preto, como sempre, segurava um copo com um líquido ambarino

em uma das mãos que ele estendeu na direção de James.

- Venha, venha, milorde - ele gritou, chamando James com a mão livre. - Saia

do vento. Depois da chuva da última noite, está muito frio e úmido aqui. Por

isso mandei pôr a mesa perto da lareira. - Venha, não fazemos cerimônia aqui

em casa.

Furioso, James olhou Fiona de relance. Encantadora, sorria para ele, sem

perceber a reação dele ou fingindo que não percebia. Sabendo que o irmão

costumava ser conivente com truques semelhantes, James presumiu que ela

estivesse simulando ignorância, principalmente quando ela se adiantou e,

segurando seu braço, começou a conduzi-lo até a lareira, com um dos seios

pressionado no bíceps dele.

- Venha, lorde Denham - ela falou, excitada. - É tão raro termos visitantes aqui no castelo MacCreigh... Costumávamos receber seu primo e a esposa quando...

a noiva de meu irmão ainda estava conosco e, claro, antes da morte trágica do

sr. Chesterton. Atualmente, é raro vermos pessoas por aqui. Mal posso esperar

para milorde provar a sopa de cogumelos de Maura. É uma receita da família

dela. Maura iniciou o preparo ontem à noite, quando Geoffrey contou-nos que o

convidara, e está ansiosa para que mais alguém prove a iguaria.
Sinto que a

sra. Chesterton não tenha vindo para o almoço. - O pesar soou falso
para

James. - Mas então, ela tem de cuidar de sua pequena escola, não
é?

Quando chegaram perto de Geoffrey, a ira de James atingira seu
pico. Um

homem adulto escondendo-se atrás das saias de uma jovem! O que
também

não devia surpreendê-lo. Afinal, um homem que não se incomodava
em

aterrorizar uma mulher não deveria sentir nenhum remorso em
procurar

proteção de outra.

Ao chegar mais perto, James viu que MacCreigh tomava uísque. Sem
dúvida,

receita familiar.

- Ah, Denham. - O barão deu um sorriso largo. - Fico feliz que tenha
vindo.

Espero que a estrada não tenha lhe causado muitos transtornos.
Algumas

vezes, depois de uma chuva como a de ontem, a lama fica tão funda
que não

vemos um visitante durante semanas, não é, Fiona? Já conheceu minha irmã

Fiona, não é, Denham? Bem, o que posso oferecer-lhe? Uísque? Ou prefere

vinho do Porto?

James podia fazer vista grossa à familiaridade do barão. Podia até ignorar o

fato de MacCreigh dirigir-se a ele como amigo, o que não era o caso. Contudo,

não podia aceitar que o barão não estivesse pronto para lutar. Não se via

nenhuma caixa de pistola nem uma espada, e a menos que a irmã do barão

estivesse atuando como assistente, não havia ninguém fazendo o serviço para

ele!

- Creio que temos um compromisso para o meio-dia, sir - James resmungou,

profundamente irritado.

- Sim, sim - MacCreigh fez um gesto de pouco caso. - O almoço será servido

daqui a pouco, mas eu sempre gosto de um pouco de uísque antes de uma

refeição. Limpa o paladar, é o que dizem. Tome um pouco.

- Nosso compromisso - James reiterou em voz baixa para não ser ouvido por

Fiona - não era para almoçar, MacCreigh. Agora, seja homem e vá buscar sua

espada. Pretendo matá-lo e ir embora. Tenho um almoço esperando por mim

na estalagem.

- Ah, um almoço preparado pela sra. MacTavish - MacCreigh anuiu, apreciando.

- Posso entender por que milorde prefere a cozinha dela à nossa. Todavia,

Maura fez o melhor que pôde, pobrezinha. Mas o que é isso de querer matar-

me? - O barão não abaixou o tom de voz. Continuou a falar alto, com boa dose

de bravata. - Não tenho a menor idéia a respeito de que está falando.

James fitou o outro com olhar faiscante.

- Milorde sabe perfeitamente do que estou falando. Eu o desafiei ontem à noite,

quando o encontrei tentando comprometer a viúva de meu primo.

- Comprometê-la? - MacCreigh deu um sorriso franco. - Ora, vamos. Eu estava

apenas tentando persuadi-la e não comprometê-la.

- Pois não foi o que me pareceu - James declarou. - Tive a impressão que

estava tentando dominá-la. Agora, pegue sua espada e enfrente-me como

homem, ou, por Deus, eu...

- Fará o quê? - MacCreigh indagou, cansado. - Isso é uma estupidez, Denham.

Certamente podemos resolver o caso sem que um de nós dois perca a vida ou

um membro.

- A única maneira de resolvermos isso - James assegurou, mesmo sem

acreditar que MacCreigh pudesse manter uma promessa - seria dar-me a

palavra de cavalheiro que não se aproximará mais da sra. Chesterton.

MacCreigh fez uma careta.

- Veja bem, Denham, não posso fazer isso. Estamos falando de dez mil libras!

- Estamos falando - James gritou, alterado, com a paciência esgotada - da

esposa de meu primo!

- Viúva de seu primo, quer dizer. - MacCreigh terminou o uísque e deixou o

copo sobre o consolo de madeira. - Denham, enquanto ela estiver livre, estará

disponível para qualquer homem. Milorde terá de se acostumar a isso. A única

esperança de terminar com isso - ele deu de ombros - será casar-se com ela.

Se ela o quiser!

James não imaginava o que MacCreigh conhecia acerca de seu relacionamento

com Emma, nem o que Stuart poderia ter contado a ele. Afinal, se Fiona falara

a verdade, os dois homens tinham sido amigos.

Talvez o barão estivesse insinuando apenas que Emma, conhecida por seu

idealismo e bons trabalhos, dificilmente aceitaria um homem com princípios

muito mais práticos.

Mas não importava o que o barão dera a entender com o comentário. O mais

importante era seu tom, o desprezo em sua voz e a expressão de escárnio. Foi

o que provocou James a dar um soco, com toda sua força, no rosto do barão.

MacCreigh, que não esperava o golpe, caiu de costas sobre a mesa. Pratos e

talheres voaram, cadeiras caíram e gritos femininos inundaram o recinto.

MacCreigh ficou deitado em uma confusão de pernas de mesa e tigelas de sopa

viradas. James, ao ver que o barão estava confuso, mas não inconsciente,

preparou-se para outro soco, quando ouviu o grito de uma voz familiar.

- Pare, James, pare!

Foi então que James percebeu que a irmã do barão não era a única dama no

hall.

Capítulo 15

Emma não podia acreditar no que via.

Ficara cética quando a sra. MacTavish interrompera sua lição de história com a

notícia de que o conde de Denham estava se dirigindo para o castelo

MacCreigh, com o propósito de matar o barão. Por que lorde Denham faria algo

tão absurdo?, ela perguntara em voz alta. Sabia que James não gostava do

barão, mas matá-lo? Por quê? A idéia era simplesmente ridícula.

Mas quando a sra. MacTavish a puxou para o lado, fora do alcance dos ouvidos

das crianças e contou os detalhes do assunto - que o criado do conde o

acompanhava, carregando uma espada e uma caixa de pistolas; que James

pedira o almoço para as treze horas, sinal de que não fora convidado para

almoçar no castelo; e que Cletus MacEwan fazia parte da comitiva -, Emma

teve de admitir que a situação parecia suspeita.

No entanto, não estava completamente convencida de que havia um perigo real

até ir, relutante, com a sra. MacTavish, contar seus receios para o presidente

do Supremo Tribunal de Justiça. O juiz Reardon, que estava no intervalo de um

juízo de disputa de propriedade que acontecia na loja do ferreiro,

escutou seriamente. Deixou de lado a tigela de cozido e pegou o chapéu. Foi

quando Emma começou a sentir medo de verdade. O juiz

Reardon jamais permitiria que uma refeição fosse interrompida...

A menos que a vida de alguém estivesse em perigo.

E então, na entrada do grande hall do castelo MacCreigh, Emma viu mais do

que o suficiente para convencê-la de que os temores da sra. MacTavish eram

bem fundamentados. A vida do barão estava em perigo. James desferira-lhe

um soco ainda mais forte do que aquele que derrubara MacEwan no dia

anterior, mais forte ainda do que ele endereçara a Stuart na sala de estar da

lady Denham!

No entanto, ele estava parado ali, calmo, olhando para eles, acenando os nós

dos dedos doloridos no ar.

- Oh - James disse quando viu Emma entre o juiz Reardon e Sean, filho da sra.

MacTavish, que a trouxera - junto com a mãe e o juiz - ao castelo na sua

carroça de entregas. - Olá, Emma.

Emma levou a mão à boca, completamente estupefata. Nunca, desde que o

conhecera, nunca vira James Marbury comportar-se de maneira tão bizarra.

Desde que ele chegara a Faires, nem parecia o mesmo. Convidava viúvas para

morar com ele, oferecia-se para lavar pratos, atirava soberanos para os

meninos pequenos...

E ali estava ele, defendendo a honra de Emma pela segunda vez em dois dias!

Lorde Denham, que parecia considerá-la simplesmente a doce menina do

vizinho. Ora, ele agia como se reconhecesse que ela já era uma adulta.

Era atordoante demais para acreditar.

- Muito bem, sra. MacTavish - o juiz Reardon avisou-a sem rodeios - parece que

suas suspeitas estavam corretas. Pelo visto, temos um duelo a caminho no

castelo MacCreigh, embora duelar seja ilegal. - Ele estalou a língua em

reprovação. - E entre cavalheiros da nobreza! Estou

atônito. Inteiramente atônito. Lorde Denham, o que tem a dizer?

James encarou o juiz com frieza.

- Apenas uma coisa. Se não fosse pela cláusula ridícula que diz que a sra.

Chesterton não pode receber a herança até se casar, nada disso estaria

acontecendo.

- Ah-ah. - O juiz não demonstrou perturbar-se com a acusação. - Então era por

isso que estavam lutando. - Cruzou o recinto enquanto falava, inclinou-se para

endireitar uma cadeira, sentou-se e disse com um aceno de mão. - Prossigam,

prossigam. Que vença o melhor homem e tudo aquilo.

- O quê? - Emma prendeu o fôlego.

O juiz Reardon olhou-a de viés.

- Perdão, sra. Chesterton - ele se ergueu depressa. - Eu deveria ter-lhe

oferecido a cadeira. Sente-se, por favor.

Emma teve certeza de que entrara em uma sala cheia de loucos.

- Não. - Emma sacudiu a cabeça. - Excelência, o senhor não pode permitir isso.

Eles se matarão!

- Poderão fazê-lo - O juiz concordou enquanto voltava a se sentar na cadeira. -

De verdade.

- Mas o senhor não pode permitir! - Emma apressou-se para se posicionar entre

os dois cavalheiros brigões que a observavam, interessados. James, de pé,

acima do barão, e Geoffrey Bain onde havia caído, ao lado da mesa. - Isso é

um absurdo! O senhor não pode permitir isso. Eles precisam ser contidos!

O juiz tirou uma algibeira com tabaco do bolso do colete e, pensativo, começou

a encher o cachimbo.

- Pode ser, minha querida - ele observou bondosamente -, mas eu não vou

tentar. Descobri, em meus anos de juiz, que é inteiramente inútil impedir um

homem de matar outro, se ele estiver convencido de que deve cometer o

assassinato.

Emma encarou o juiz corpulento por alguns segundos, duvidando que houvesse

escutado corretamente, e explodiu.

- Mas por que o senhor concordou em vir até aqui, se não foi para impedir que

se matassem?

O juiz arqueou as sobrancelhas, surpreso.

- Ora, para ver a luta, é claro. Aposto no conde. E quando a você, MacTavish?

Sean MacTavish, ainda na entrada do grande hall, esfregou o queixo, pensativo.

- Sou pelo barão - decidiu-se. - Ele é menor, mas espero que ele lute sujo para

compensar.

Aquilo não poderia estar acontecendo. Emma sacudiu a cabeça e virou-se para

o conde.

- Honestamente, James - ela o recriminou -, é preciso parar com isso. O que

acha que está fazendo?

James pestanejou para ela sem compreender.

- O que acha que estou fazendo? - ele repetiu, incrédulo. - Emma, este homem

a insultou e a ameaçou. Meu propósito é dar a ele uma boa lição. Agora, seja

uma boa menina e volte para a aldeia. - Fitou o juiz com olhar melindrado e

murmurou. - Não sei o que estavam pensando ao trazê-lo para cá. Se quiser

saber, este lugar é povoado por loucos. - Vendo que Emma não se movia, falou

mais alto. - Retire-se, Emma. Não tenho tempo para tolices. Você está apenas

prolongando o inevitável.

- Inevitável? Então vejamos. - O barão levantou-se nos cotovelos e, do meio da

louça quebrada onde estava caído, lançou um olhar fulminante para James. -

Estou cansado de escutar que vou perder a luta. E a propósito, nunca a insultei.

Posso tê-la ameaçado, sim. Mas nunca a insultei.

James fitou com indiferença o homem caído.

- Para alguém da sua espécie, até falar com ela é um insulto.

- Minha espécie? O que pretende dizer com isso, Denham?

- Creio que o barão sabe - James retorquiu, sóbrio. - Se considerarmos o que

todos na aldeia comentam sobre sua noiva.

Geoffrey Bain abriu e fechou a boca como se fosse um salmão.

- Clara? É sobre ela que está falando?

- O barão tem outra noiva? - James inquiriu com voz suave.

- Droga. - MacCreigh lançou-se para fora do tampo da mesa com um movimento brusco das longas pernas. - Quantas vezes terei de dizer? Eu não

matei Clara!

James agarrou os ombros de Emma e empurrou-a para o lado antes de

adiantar-se ao encontro da investida do barão.

Infelizmente, dessa vez lorde MacCreigh estava preparado. No momento exato

em que o punho de James alcançou as costelas do barão, MacCreigh abraçou a

cintura do conde e, com um gemido e um empurrão oportuno, derrubou James

no piso de pedra.

James caiu com uma batida que fez a honorável srta. Fiona Bain dar um grito

agudo e correr para as ruínas de seu serviço de jantar.

- O rescaldeiro de minha mãe! - ela berrou, atirando-se na confusão.
- Se

alguém o amassar, mato os dois!

Emma também gritou quando os homens bateram em um aparador a poucos

passos adiante e queixou-se com o juiz:

- O senhor é maluco se não tentar impedi-los de continuar.

- Maluco? - O juiz soltou uma baforada. - Dificilmente. - Observando que o

conde parecia ter perdido o controle quando o barão apertou-lhe a garganta,

ele se inclinou para frente na cadeira e berrou: - Denham! Aí mesmo! Use os

punhos! Certo! - Encostou-se de novo na cadeira e voltou a usar um tom de

voz normal. - Perdão, minha querida. O que estava dizendo?

Emma fitou o juiz com expressão de angústia.

- Se o senhor não fizer nada para terminar a briga - ela declarou -, então eu

terei de fazê-lo.

E assim, como fizera inúmeras vezes desde que assumira o cargo de professora, Emma, entrou na disputa para separar os contendores.

Na verdade, ela só começou a entender que, dessa vez, não lidava com

meninos de dez anos, ao ver um punho grande que vinha em sua direção no

momento em que se colocou entre os dois homens. Quando Emma notou o

perigo em que se metera, era muito tarde para recuar ou até se abaixar. O

barão, a quem o punho pertencia, já havia posto muito de seu peso atrás do

golpe para poder recuá-lo no meio do caminho.

Por sorte, os reflexos do conde de Denham eram muito mais rápidos do que os

de um homem comum. No instante em que Emma, com um murmúrio de

desalento, fechava os olhos, antecipando a colisão de duros nós de dedos em

seu rosto, James estendeu uma das mãos com um movimento rápido. Segurou

o braço do barão e parou o projétil centímetros antes de alcançar o alvo. Assim, em vez de sentir a ruptura de seus ossos delicados, Emma experimentou

apenas uma brisa em que os odores dos dois homens curiosamente se

misturavam: o de sabonete de James e o cheiro de cavalo do barão.

Quando ela ousou abrir os olhos, viu que tanto o conde quanto o barão

estavam parados e imóveis. Os braços - levantados de cada lado de Emma,

como se dançassem uma quadrilha - estavam paralisados. O peito dos dois

homens arfava pelo exercício da luta. Emma proferiu em silêncio uma prece de

agradecimento, a primeira em que expressava gratidão pela existência de

James Marbury.

- Agora parem com isso, vocês dois. Por acaso não se envergonham? Tudo não

passa de um jogo e tem graça até que alguém se machuque. É quando o riso

geralmente se transforma em lágrimas.

Esse era exatamente o mesmo discurso que ela empregava com os pequenos

brigões da escola. Era um bom discurso, o mesmo que sua tia empregava para

recriminar Emma e Penelope quando as brincadeiras se tornavam violentas. E

pareceu provocar o mesmo efeito nos homens crescidos que provocava em

meninos e meninas.

- Agora - Emma começou com severidade -, apertem as mãos e peçam

desculpas. - Ao ver a truculência no maxilar determinado dos dois contendores,

ela pegou a mão direita de ambos. - Não me escutaram? Apertem as mãos e

peçam desculpas.

James reconheceu que Emma falava sério e que provavelmente não sairia do

caminho do perigo até eles lhe obedecerem. Pegou a mão de Geoffrey Bain na

sua e apertou-a.

- Desculpe - ele disse sem um pingão de remorso na voz nem no semblante. -

Eu não pretendia golpear o rescaldeiro de sua mãe.

- E eu - MacCreigh comentou com igual fingimento - não pretendia estrangulá-

lo.

- Assim está melhor. - Emma ficou satisfeita com o rumo dos acontecimentos,

relanceou um olhar para o juiz que, sentado, dava a impressão de divertir-se

muito e falou com uma ponta de presunção. - Viu só, excelência? Assuntos

como esse podem ser resolvidos sem lançar mão de...

Naquele momento, lorde MacCreigh mudou o aperto de mão para uma chave

de cabeça, segurando, a seu lado e com as duas mãos, o pescoço do conde.

- Vou me casar com ela, entendeu? - o barão berrou na orelha de James. - E

ninguém poderá me impedir, nem mesmo milorde.

Emma virou-se de novo para o juiz.

- O senhor tem de pôr um fim nisso! - ela insistiu. - Por acaso não acha que já

houve violência e derramamento de sangue suficientes em Faires? Se o senhor

não fizer nada, eles se matarão, exatamente como o sr. O'Malley matou meu

marido!

- Se eu não fizer nada? - O juiz tirou o cachimbo da boca, afastou os olhos dos

lutadores e analisou Emma com perplexidade. - Parece-me que a única pessoa

que pode interromper a disputa é a senhora, minha cara.

- Eu? - Foi a vez de Emma não entender. - Como eu posso acabar com o

desentendimento?

- Casando-se com um deles, é evidente - o juiz declarou com calma.

A luta cessou de repente. Duas cabeças se levantaram; uma escura e a outra

cor de cobre lustroso. As duas giraram para espiar na direção de Emma.

Emma, pouco a vontade com o escrutínio dois olhares intensos, deu um passo

para trás.

- Oh não - ela declarou com firmeza - Não.

- Correto - Cletus adiantou-se com o peito estufado,- A senhora Cheserton vai

se casar comigo, e não com um desses dois.

O juiz Reardon observou o protesto do jovem com interesse.

- A senhora vê - ele falou com Emma, apontando para Cletus com o bocal do

cachimbo - que não acabará com tudo isso até que faça sua escolha?

- Escolha! - Emma gritou, sem acreditar no que escutava nem no que via. O

barão e o conde haviam se largado, empertigavam-se e tentavam endireitar as

roupas. - Que espécie de escolha eu tenho? Terei de casar-me com alguém

para evitar um assassinato? Isso é completamente...

- Case-se com o Geoff - Fiona aproximou-se de lado para cochichar maliciosamente com Emma. - A sra. MacTavish, que não gostava do barão

bufou. - Um homem que matou a própria noiva?

-Pela a última vez - lord MacCreigh começou com a voz cansada - Eu não matei

Clara. Ela fugiu com aquele meu criado presunçoso e nunca mais ouvi falar

dela.

-Essa é a sua versão, milorde - A sra. MacTavish não pareceu muito

convencida. - E sugiro que a mantenha. - Enquanto isso, srta. Emma, se

pretende casar com alguém que não seja meu Sean, por direito tem que ser

com o lorde Denham. Ou - a mulher estreitou os olhos, com expressão

significativa - ele não passou a noite inteira em sua cabana?

A insinuação sombria fez Geoff Bain exaltar-se.

- Emma! Isso não é verdade?

- Claro que é - A sra. MacTavish respondeu com satisfação. - E quando o

ministro descobrir, certamente se manifestará sobre o caso. Ouça o que eu

digo.

Emma encarou a dona da estalagem

- A senhora ficou louca. - Ela espiou James e o barão de revés. Os dois a

observavam arfantes e com brolho no olhar, uma da cor do âmbar e o outro da

cor do céu em dia quente de verão.

- Estão todos - Emma acrescentou, com calor repentino. - Se acham que vou

ficar parada aqui e deixar que me manipulem para eu me casar com algum dos

senhores, estão redondamente enganados.

Então, com o coração disparado, Emma virou-se e tentou fugir do hall.

Ignorava para onde iria. Só queria escapar dos olhares que estavam fixos

nela...um dos quais era particularmente perturbador, embora Emma não

pudesse explicar o motivo. Afinal, esse olhar pertencia ao conde de Denham

que, embora começasse a imaginar que não o odiava tanto como antes (e

como poderia, lembrando da noite anterior, quando ele a segurara e como seu

corpo traidor respondeu ao toque dele?), ele era quem tentara da melhor

maneira que encontrara, afastá-la do homem a quem ela amava...ou pensava

que amava?

E foi ainda mais alarmante quando, no momento em que estava procurando

segurança em uma porta próxima sentiu, uma mão firme em seu braço e ouviu

uma voz familiar que disse com urgência:

- Emma, espere.

Antes que pudesse pronunciar uma palavra de protesto, James a puxou, não de

volta ao grande hall, mas para a porta pela a qual ela pretendia sair.

- Milorde. - Emma fez uma tentativa inútil de pregar os pés no chão, o que não

adiantou. James passou-lhe o braço em sua cintura levantou-a até passarem

pela porta que ele fechou com um pontapé atrás deles. Emma tentou manter

toda a dignidade possível, mesmo com ele a encostando na parede para evitar

uma fuga. - Não estou interessada em discutir...

- Emma, fique quieta um minuto e escute - James disse, conciso.

Emma calou-se, mas não pelo desejo de obedecer. Não disse mais nada por

espantar-se com a frieza dele. O que acontecera, ela pensou, com o conde de

Denham, sempre suavemente sarcástico? James nunca falara assim com ela.

Sempre fora sensato, pronto para ajuda-la com os problemas e limpar suas

lágrimas. E ali estava ele, mais agitado do que ela! Era um choque.

- Reardon está certo - James falou depressa com sua voz grave. Por causa

proximidade, Emma pôde ver o estrago que o barão fizera no rosto de James:

um corte em uma das sobrancelhas escuras e um lado do queixo já estavam

ficando roxo. Seria esse o homem que, em Londres, recusara uma sopa por ela

não estar quente a seu gosto?

- Emma, a situação é incontrolável. Mas há uma solução perfeita para o caso,

eu já deveria ter pensado nisso. Se você concordar, deixará todos satisfeitos.

Emma abriu a boca para retrucar que não satisfaria a ela. Contudo, ela não

admitiria tanto para James - era a última coisa que ela o deixaria saber era que estivera certo ao tentar impedi-la de casar com Stuart, que o casamento fora

um desastre desde o início -, ela pretendia responder que já fora casada uma

vez e que era o suficiente, muito obrigada.

Mas ela não teve chance de dizer nada, pois James continuou.

- Pense nisso, Emma - ele falou em uma voz baixa e insistente. - Você ficará

com o dinheiro e depois poderá fazer o que quiser com ele. Doe tudo aos

órfãos e às sociedades missionárias que você ajuda. Só lhe peço para ficar com

o suficiente para viver. Se desejar, posso investir uma parte para você. É

possível manter-se com os lucros. Pelo menos dessa maneira o dinheiro não irá

para o telhado de um lar ancestral de alguém.

Nesse exato momento momento, o trinco da porta chocalhou e a voz de lorde

MacCreigh chamou do outro lado do grosso artefato de madeira.

- Emma, você está...

Em segundos, James voltou o ferrolho ao lugar.

- O que... - a voz veio do outro lado. - Quem trancou isso? - Lorde MacCreigh

gritou. - Denham! Abra a porta.

Emma, entretanto, olhava fixamente para James, atônita. Achou que o ouvira

direito, mas não podia acreditar em seus ouvidos.

- Milorde - ela falou, preocupada. - O senhor...está sugerindo...

- Será que não enxerga, Emma? - O olhar ambarino de James apelava. - O

dinheiro a deixará em boa situação por muitos anos, mesmo que doe metade,

como sei que fará. Mas se você casar com um deles - ele fitou a porta, onde o

barão, aparentemente junto com Cletus, batia com energia -, eles usarão o

dinheiro para propósitos particulares. Comigo você não terá de se preocupar,

pois não preciso do dinheiro.

Então Emma teve certeza de que entendera bem. Mas ela não podia, por sua

vida, acreditar naquilo. O conde de Denham, primo do seu marido, pedia para

ela casar-se com ele?

O espanto de Emma deve ter transparecido em sua expressão, pois o conde

tratou de completar:

- Se você quiser, podemos dissolver o casamento assim que o dinheiro

estiver em seu poder. Não haverá problema.

Agora Emma escutara tudo.

- Divórcio? - Ela não estava certa sobre o que a chocara mais: se o fato de

lorde Denham pedi-la em casamento ou o oferecimento imediato para que

divorciar-se.

A explanação serviu para deixar Emma ainda mais espantada. E não apenas

porque o conde parecia querer deixar seu bom nome - do qual ele tinha todos

os motivos para se orgulhar - e sua bela reputação enodados com a mácula de

um casamento malsucedido. Era a maneira casual, e descuidada com o qual ele

parecia considerar o arranjo todo, como se fosse um outro de seus negócios!

Não, devia haver um motivo para ele imaginar esse plano, Emma pensou. Ela

por certo não tinha a ilusão de que o conde de Denham a amasse.

James nunca, nem em milhões de anos, estaria romanticamente interessado

em uma jovem como ela - uma órfã pobre cuja as lágrimas ele limpava quando

ela era pequena; uma joão-ninguém sem título que dependeria por toda a vida

da bondade de parentes ricos para se manter. O conde de Denham somente se

alinhava com as beldades mais finas e ricas de Londres. E todas, Emma notara

no ano de 1832, tinham cabelos lisos e brilhantes, nunca cacheados.

E certamente ele jamais se envolveria com, em sua consciência romanticamente

com a viúva empobrecida do próprio primo. Jamais!

Mas se ele não a amava, então...

- Por que? - Ela estava tão pasmada que não foi capaz de elaborar uma

sentença completa.

- Por que o quê? - James indagou.

- Por que... - Emma estava consciente, como na véspera, da proximidade de

James e de sua masculinidade. Ele era um homem grande, muito mais do que

Stuart fora, e perto dele ela se sentia insignificante e irritada. Mesmo assim,

reuniu coragem, para perguntar. - Por que milorde faria isso?

Por mim, ela pensou em acrescentar, mais não o fez. Estar próxima de James,

como na noite anterior, a deixara estranhamente zozna. Disse a si mesma que

devia ser porque fazia muito tempo que não ficava tão perto de um homem que

tomava banho regularmente. Era isso. Nada mais. Porque, embora ele fosse

muito bonito, ela não se sentia atraída pelo conde de Denham. Nem poderia.

Havia muita coisa que ela não poderia lhe contar, muito que não deveria deixá-

lo saber e por isso não seria possível permitir-se o mais remoto sentimento por

ele.

- Porque, Emma... - ele a olhou com certa surpresa. - E por que eu não faria?

Afinal, você faz parte da família. É o meu dever cuidar de você.

- Dever? - Ela quase engasgou com a palavra. De repente lágrimas vieram-lhe

aos olhos, sem que ela pudesse entender o motivo. Talvez fossem as mesmas

palavras que ele dissera na noite passada... que ela fazia parte da família.

Família! Era uma palavra que ela não ouvia com frequência. Família?

Ela não tinha mais nenhuma.

- Ah, acho que milorde iria muito além do dever, casando-se comigo. Não é seu

dever manchar sua perfeita e boa reputação anulando um casamento por

minha causa. Fazer isso só reduziria, mais tarde e de maneira significativa, suas perspectivas matrimoniais.

Os lábios de James se repuxaram.

- Não estou preocupado com isso - disse ele com um sorriso que pareceu

torcido. - Não se inquiete por minha causa.

Emma sacudiu a cabeça, espantada. Ainda não podia entender o que o

motivara. Casar-se com ela sem esperar uma porcentagem da herança, depois

se expor às despesas e complicações de uma anulação, e tudo por nada, não

fazia sentido, considerando que James tinha uma excelente sensibilidade para

negócios. Por que faria isso?

Então, como se houvesse lido os pensamentos de Emma, James declarou com

gentileza:

- Emma, cometi um grande erro com você. Não gostaria de me deixar reparar

uma parte do sofrimento que causei?

Enquanto falava, James segurou uma das mãos de Emma na sua. Foi só o que

ele fez. Sem dúvida sentiu a diferença da mão dela de um ano antes, quando

ocasionalmente a segurava para dançar uma quadrilha. Percebeu a mão calosa

de Emma, endurecido por lavar roupa na água gelada com pitadas de lixívia.

Havia muitos meses ela não dançava uma quadrilha.

Mesmo notando a diferença, James nada comentou. Limitou-se a ficar parado,

segurando a mão dela e contemplando Emma com aqueles olhos dourados

indecifráveis e perturbadores, indiferente aos gritos e às batidas na porta a dois passos deles.

O conde de Denham estava se desculpando.

Não como as desculpas que ele pedira no dia anterior na frente da escola. Essa

era diferente. Dessa vez ele pedia desculpas verdadeiras pelo o que fizera a ela e a Stuart havia um ano.

Inacreditável, mas verdadeiro.

Essa era a prova que - ao contrário do que James sempre negava, quando ela

costumava insistir que através da paciência e educação ladrões e bêbados

podiam ser reabilitados - os homens podiam mudar.

A descoberta surpreendente fez Emma esquecer das batidas de Cletus e do

barão na porta. Não sentiu o frio úmido que permeava as paredes do castelo

MacCreigh. Estava apenas ciente de James, dos dedos que seguravam os seus,

do cheiro de limpeza de peitilho da camisa e do calor - ah, sim, ela podia sentir novamente o calor da noite anterior - que emanava

dele.

Por alguns segundos, ela teve medo, medo real, mesmo sem entender o

motivo. De fato, o conde era uma figura intimidadora. Grande, vigoroso e

saudável. Por que isso a deixara alarmada?

Emma não sabia e disse a si mesma que estava sendo ridícula. James tentava

concertar o malfeito. Stuart não a instruía - com o resto do clero - para perdoar os pecadores? Que errar era humano e perdoar, divino?

Para dar a outra face?

Era o que Stuart haveria de querer que ela fizesse. Era o mínimo que ela devia

á memória dele.

Emma ignorava o quanto sua decisão se voltava a um sentimento de dever com

Stuart e o quanto se devia á memória de uma coxa dura como ferro que sentira

pressionada entre suas pernas na noite anterior. Disse a si mesma que era a

primeira, com certeza. Nem mesmo podia acreditar que pensasse na segunda...

Emma afastou a memória daquela coxa e apertou a mão dele com a sua.

- Está certo, James. Eu me casarei com milorde.

Capítulo 16

James, diante do juiz Reardon, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, não

podia acreditar no que estava acontecendo... nem no que acontecera havia

meia hora. Parecia – realmente parecia – que ele pedira Emma em casamento.

E que, por mais inacreditável que fosse, ela aceitara.

E a prova estava à sua frente, ou melhor, a seu lado. Emma se encontrava ali,

muito séria no vestido cinza de punhos de renda puídos, concentrada no juiz

Reardon que realizava a cerimônia do casamento civil.

Emma não se mostrava ciente, como James, da presença de lorde MacCreigh e

de sua irmã, em pé, em um dos lados da grande lareira acesa e parecendo

desgostosos. Ela também não demonstrava notar que a sra. MacTavish, do

outro lado da lareira, enxugava os olhos com as palavras impessoais que o juiz

dizia. Ao lado dela, o filho Sean, que fora chamado como testemunha da

cerimônia, dava ares de aborrecimento assim como o sr. Murphy.

Ao lado dos dois, Cletus MacEwan dava a impressão de que estava prestes a

chorar. James nunca vira um homem com expressão tão deprimida.

E por que não? James não duvidava que Cletus idolatrava Emma e que se não

fosse um bom marido para ela, pelo menos seria muito devotado.

Ao lado de Cletus estava Roberts, o criado de James. Roberts exibia a

expressão usual de serena complacência. Cirurgião em um duelo ou

testemunha do casamento, Roberts servia James lealmente e sem comentários,

aceitando a decisão súbita de seu senhor de casar-se sem se perturbar.

Como James invejava a calma de seu criado, calma essa que ele estava certo

de nunca chegar a sentir. E como poderia? Estava se casando com Emma.

Emma Van Court, a sensação da temporada de 1832, a jovem que seu primo

Stuart, contra todas as razões plausíveis, conquistara e com quem se casara.

Agora, Emma era sua.

Por enquanto pelo menos. Ainda se censurava por ter mencionado a palavra

anulação. Mas estivera certo, olhando seu rosto, que ela não teria aceitado seu

plano de outra forma. Porque a proposta parecera extraordinária. Ele mesmo

ficara espantado.

Logo que o juiz Reardon fizera a sugestão nada ortodoxa, James entendera que

ali estava sua oportunidade. As palavras do juiz "Casando-se com um deles, é

evidente" vibraram em suas veias! Assim que as ouvira, soube o que teria de

fazer. Era provável que ele soubesse desde o princípio. Talvez por isso estivera tão determinado a passar a noite na cabana de Emma.

Aquela seria finalmente sua oportunidade de provar a Emma que não era mais

o homem egoísta de coração duro de antes. Emma mudara tudo no dia em que

fugira para casar-se com Stuart. Ela lhe ensinara que todo dinheiro do mundo

não podia comprar o que ele realmente queria e não era capaz de impedir o

que ele mais temia que ocorresse. Essa era a ocasião de reparar todo o mal

que causara a ela, embora ainda acreditasse que se casar com Stuart não fora

o passo mais inteligente de Emma.

Lamentava que houvesse verbalizado essa crença para ela, pois entendera logo

depois que essa atitude despertaria a compaixão de uma jovem como Emma:

pobre Stuart... Nem mesmo sua família queria vê-lo feliz!

Mas James estava contente que Emma teimara em não seguir seu conselho há

um ano. Na época, ela jamais teria aceitado casar-se com ele, nem ele teria

feito o pedido. Como estivera cego diante de seus sentimentos e dos que o

rodeavam! Agora via claramente. Ele fora tudo o que uma jovem idealista como

Emma desprezava: um homem de negócios rico e egoísta, sem outras

aspirações a não ser acumular mais dinheiro e procurar apenas satisfação

pessoal.

Agora ele mudara. Um ano de angústia pelo mau julgamento o transformara

naquela criatura que se curvava diante de um juiz, um homem disposto a fazer

o que fosse necessário não apenas para corrigir o comportamento do passado,

mas também para mostrar a Emma que ele se transformara.

Estava bem lembrado da promessa de anular o casamento. Falara sério. Se

Emma quisesse uma anulação, ele providenciaria tudo.

No entanto, obter uma anulação era um processo longo e árduo. Alguns

percalços podiam acontecer ao longo do caminho.

Por exemplo, a esposa apaixonar-se pelo marido.

Tratava-se de um jogo. E arriscado. No entanto, toda vez que espiava na

direção de Emma e via os olhos azuis luminosos circundados pelos cílios

grossos loiro-escuros, achava que valia a pena arriscar. Valia muito.

De repente o juiz Reardon disse:

- Vamos, milorde. Entendo que tudo isso foi muito precipitado e que um

homem pode desejar mais tempo para considerar suas opções, mas eu deixei

um almoço delicioso por conta da situação e, pessoalmente, eu gostaria de

retomar o assunto em outra hora dessa semana. Agora, milorde, quer ou não?

James entendeu a importância daquela pergunta.

- Quero – ele disse rapidamente, fitou Emma de viés e notou que ela o olhava

com curiosidade.

Depois da resposta mal audível de Emma à pergunta de praxe, o juiz Reardon

proclamou-os, pelo poder de que era investido, marido e mulher. James ficou

paralisado, maravilhado com a mudança rápida da sorte de uma pessoa – na

véspera jamais se permitiria sequer a fantasia de casar-se com Emma, para

descobrir-se, naquele momento, como seu marido legal.

- Denham? – o juiz berrou. – Vai ficar aí parado? Não vai beijar a noiva?

James, espantado, virou-se para Emma que recuara diante da pergunta do juiz.

- Isso não é necessário – ela salientou.

A sra. MacTavish, sentindo-se lesada por seu filho não ter se casado com a

viúva do cura, não permitiria ser novamente lesada, caso não presenciasse o

primeiro beijo dos noivos, sem saber que seria provavelmente o primeiro e o

único.

Pensando nisso, pôs as duas mãos nos ombros de Emma e empurrou-a na

direção de James.

- Oh, não recue – a mulher disse com determinação. – É preciso selar o acordo.

A força do empurrão da sra. MacTavish teria desequilibrado Emma, se James

não houvesse se adiantado com rapidez e a segurado antes de ela estatelar-se

no chão.

Nos braços de James, com o rosto a centímetros do dele, Emma fitou-o com

olhar arregalado. E naqueles olhos, azul-escuros como o oceano, James

enxergou uma emoção que o deixou desorientado e excitado.

Acanhamento. Emma, por algum motivo, estava com vergonha.

Dele.

- Vamos, milorde. – A sra. MacTavish insistiu. – Beije a noiva!

James não hesitou nem mais um segundo. O que mais ele poderia fazer? Ele

não poderia não beijá-la... não com Geoffrey Bain olhando-os com tanta

malícia. O barão poderia pensar que ainda tinha uma chance.

Ele abaixou a cabeça, consciente daquele olhar de Emma – isso sem mencionar

a rigidez do corpo, claramente infeliz com a posição em que se encontrava – e

pretendeu apenas roçar os lábios nos dela.

E algo inesperado aconteceu quando seus lábios tocaram nos de Emma... algo

que deve tê-la chocada mais do que a ele. Afinal ele sempre suspeitara que

beijar Emma seria uma experiência inesquecível.

No entanto, estava certo de que Emma jamais pensara em beijá-lo. E por que

ela o faria? Não fora ele quem fizera a família rejeitá-la e ainda esmurrara o

noivo dela? Não, Emma jamais pensaria em como seria beijar James.

Mas James percebeu que não só ele sentira um choque inexplicável quando os

lábios se tocaram. Embora ele esperasse isso – um homem não podia pensar

por tanto tempo e com frequência nos lábios de uma mulher e não sentir nada

quando a fantasia se tornava realidade – ainda era uma surpresa, por ser muito

mais forte do que ele antecipara.

Para Emma, que jamais na vida pensara em beijar o conde de Denham, a

pequena centelha que ocorrera quando os lábios de James encontraram os

seus foi um acontecimento inesperado. E surpreendente, pois quando o conde

ergueu a cabeça, terminando o beijo casto e adequado para a ocasião, Emma,

ainda com os lábios tinindo do primeiro contato, abraçou-o pelo pescoço e

puxou-lhe a cabeça de volta...

... esquecida dos rostos embasbacados ao redor deles.

E quem poderia culpá-la? Emma jamais experimentara nada no mínimo

parecido com o que sentira quando os lábios de James tocaram os seus. Talvez

os seis meses de viuvez houvessem entorpecido seus sentidos, mas estava

certa de que se lembraria se Stuart a houvesse beijado daquele jeito.

Quando James tocou novamente em seus lábios com os dele, Emma teve

certeza. Nunca experimentara tal emoção. Não que Emma fosse muito

experiente, pois ela só tivera os abraços do marido para comparar. E beijar,

entre outras coisas, nunca fora importante para Stuart, que afirmava não ser

apropriado para a esposa de um cura ficar muito interessada em

demonstrações físicas de afeição como Emma parecia ser. Por isso ela tentara

firmemente concentrar seus pensamentos em coisas mais elevadas.

Agora, nos braços do primo de Stuart, Emma descobria que manter a mente

em coisas mais elevadas não era fácil quando alguém a beijava com a

habilidade de James Marbury. Não havia dúvida que James sabia beijar. Ele

movia os lábios sobre os dela com desejo possessivo surpreendente,

considerando que estavam casados havia pouco mais de trinta segundos.

Os beijos de Stuart não eram de desejos nem possessivos. Quando ele a

beijara, Emma estivera certa de que ele pensava em outra coisa, no próximo

sermão, ou nas falácias de William Palley sobre a natureza de Deus, ou como

faria que os O'Malley se casassem na igreja, pois eram casados apenas no civil.

Não era assim com James, que beijava Emma como se pensasse... em Emma.

Foi muito agradável. Especialmente se levar em consideração o fato de que nos

últimos seis meses, poucas pessoas pensavam em Emma como pessoa, mas

sim nas dez mil libras que ela herdaria no dia em que se casasse novamente.

No entanto, o interesse de James era inteiramente pessoal. Tão pessoal que ela

quase podia jurar que ele de fato sentia algo por ela...

... algo mais que um desejo de reparar um erro que cometera. Pois ele não a

apertara nos braços quando ela o cingira pelo pescoço? E ela não pôde sentir,

através do colete e do corpete de seu vestido, o coração batendo forte contra o

seu? E não havia algo de proprietário em seu beijo, como se ele fosse dono

dela? Era excitante ser beijada dessa maneira, como se James fosse algum

invasor vitorioso e Emma seu prêmio cativo...

Emma nunca fora dada a imaginações fantasiosas. Mas as coisas teriam sido

diferentes se Stuart a houvesse beijado dessa maneira apenas uma vez!

Emma foi tirada de suas reflexões por uma tossidela barulhenta que a trouxe

de volta rapidamente ao lugar onde estava. Bom Deus! Ainda no castelo

MacCreigh e com todas aquelas pessoas olhando para ela! Como teria sido fácil

perder-se no abraço de James! Como era adorável ser amparada por braços

forte, sentir o calor irradiando-se a seu redor e o cheiro de camisa recém-

lavada!

Emma afastou os lábios dos de James, piscou rápido e com expressão de culpa

na direção do juiz Reardon que parecia divertir-se, ao contrário de lorde

MacCreigh, que mal continha a raiva.

- Aí está – o juiz afirmou, satisfeito, e fechou o livro de registro de cerimônias civis. – Tudo acabou bem. Acho que formam um bom par. Ela quer a

estabilidade que ele tem, enquanto ele quer um pouco de suavidade, que tenho

certeza de que ela proverá. Agora, se não se importam, voltarei a meu almoço.

James, para desilusão de Emma, endireitou-se e soltou-a. E quando ela,

envergonhada, desequilibrou-se por estar com as pernas fracas por causa do

beijo, ele a segurou pela cintura.

- Sim – James disse com muita calma, como Emma notou. – Nós já abusamos

muito da hospitalidade de lordeMacCreigh...

- Bobagem! – A voz de Fiona Bain soou com um toque de agudeza indicando

seu sofrimento em solidariedade ao irmão que se sentara em uma cadeira

funda diante do fogo para curtir o amuo. – Por favor, fique. Será um almoço de

casamento.

A sra. MacTavish e o filho pareceram empolgados. Até Cletus mostrou-se mais

animado depois da tristeza pelo casamento de Emma.

Almoço de casamento? Tal convite, bastante raro, devia ser considerado com

avidez, ainda mais se incluísse uma amostra de vinho das adegas de lorde

MacCreigh.

Todavia, Emma não queria ficar, mesmo se isso incluísse vinho.
Afinal, não se

tratava de um casamento de verdade... embora só ela e lorde
Denham

soubesse daquele segredo particular.

Para seu alívio, James concordou.

- Agradeço sua bondade, srta. Bain, mas terá de ficar para outra
ocasião.

Roberts, minha capa.

Mais cedo do que Emma esperava, estava dentro do carro fúnebre
do sr.

Murphy – apertada entre o marido – seu marido! – e o criado dele,
afastando-

se do castelo.

Que diferença de quando ela se aproximara do castelo, havia uma
hora, com

pavor de encontrar na sua chegada a cena de um assassinato. Foi
com uma

ansiedade bem diferente que ela desceu o penhasco King's Crag.
Dessa vez,

não temia um assassinato, mas algo bem menos tangível.

Começou a suspeitar da natureza de sua ansiedade quando eles
alcançaram a

aldeia.

- Para a cabana de lady Denham, por favor – James gritou para o sr. Murphy.

Lady Denham? Emma não podia imaginar o que a mãe de James estaria

fazendo em Faires. Uma mulher elegante e refinada, a viúva lady Denham só

frequentava os endereços mais finos e era a última pessoa que Emma esperaria

encontrar nessa parte do país.

E foi apenas quando o sr. Murphy fez o caminho para a cabana dela que Emma

entendeu que James não se referia à mãe, mas a ela, a nova lady Denham.

De alguma forma isso a fez entender o que acabara de fazer, coisa que nem a

cerimônia de casamento nem o beijo perturbador a haviam feito raciocinar com

clareza.

Emma se casara com o conde de Denham. Não importava que fosse apenas um

acordo de negócios, nem que James houvesse se casado para aplacar a culpa

que sentia pela maneira como tratara Stuart e ela. Estava casada com o conde

de Denham, um homem que ela sempre achara sem coração e sem

consciência.

Santo Deus! O que ela fizera?

Com o coração na boca, inclinou-se para frente e gritou:

- Sr. Murphy! Sr. Murphy! Pare aqui, por favor.

James a olhou como se ela tivesse louca. E por que não?
Certamente estava, se

pensara que se casar com ele não seria uma má idéia.

- Emma – ele disse quando ela segurou a bolsa e preparou-se para
passar por

cima de Roberts – James era muito grande para ela ultrapassar –
para chegar à

porta. – Você está bem?

- Muito bem, milorde – foi a resposta concisa de Emma. – Deixei as
crianças

por muito tempo. Preciso voltar para elas. – Com desculpas
murmuradas,

Emma espremeu-se para passar apertado pelo criado atônito de seu
marido...

marido! Oh, Deus... e atirou-se para a porta que se abriu e deixou-a
pelo

menos no sol.

E longe dos olhos cor de âmbar de James.

Emma desceu sozinha e virou-se para os dois homens que estavam dentro do

coche.

- Muito obrigada por casar-se comigo, milorde – foi o que ela achou por bem

dizer.

A expressão assombrada de James talvez a tenha feito virar-se e correr pela

rua da aldeia em direção ao farol.

James observou-a correr com os cabelos iluminados pelo sol forte e refletiu

sobre o qual dos delitos passados estava sendo punido dessa vez. Não lhe

parecia justo que na tarde de seu casamento, a esposa do nono conde de

Denham saísse correndo para dar aula. Ela poderia, ao menos, acompanhá-lo

em uma taça de champanha.

James logo descobriu que não fora a única pessoa – exceto Roberts e o sr.

Murphy, era evidente – a presenciar o comportamento bizarro de Emma. Não

longe do cavalo e da carruagem estava Fergus, a cabeça inclinada no seu

ângulo peculiar, observando a corrida de Emma para a escola da qual ele

esteve ausente.

Ao notar a carruagem, o menino passou a olhar para James, sempre com a

cabeça torta.

- Acabo de ouvir a sra. Chesterton agradecer-lhe por ter-se casado com ela? –

o menino perguntou, sem acreditar.

James estava muito cansado – e humilhado, verdade seja dita – para disfarçar.

- Sim.

O menino deu um assobio baixo e longo

- Bem – Fergus disse casualmente – essa é uma maneira de evitar que lord

MacCreigh a procure. Se milorde puder fazer isso durar.

James franziu o sobrolho para o menino, mas rapidamente recompôs a

expressão.

- Durar?

- Isso mesmo – Fergus respondeu. – Estou me referindo ao casamento.

- Claro que me empenharei nisso.

- Certo – Fergus falou com um sorriso muito sagaz para o garoto.

- Então boa sorte.

James fitou o menino com olhar feroz. Fergus pôs uma das mãos no bolso da

calça e preparou-se para caminhar até a escola.

- Venha cá – James chamou-o. – o que você quis dizer com aquilo?

Fergus, surpreso, olhou James de soslaio. Ou pelo menos James supôs que o

menino estivesse olhando para ele. Era difícil assegurar-se, com o olhar

estranho e não focado da criança.

- Ora, o que minha mãe sempre diz. – Fergus deu de ombros. – Se quiser

realmente conquistá-la, e eu acho que milorde quer, terá de cortejá-la.

Fergus afastou-se muito depressa apesar de sua pouca visão, deixando James

dentro do coche a imaginar que ele tivera de vir até a região inculta das

Hébridas para ouvir o único conselho decente que recebera na vida.

Capítulo 18

Não demorou muito e a notícia do casamento de Emma espalhou-se pela aldeia

de Faires, graças à sra. MacTavish. Ao voltar do castelo MacCreigh após a

cerimônia, contou a novidade para quem encontrasse, inclusive a respeito do

beijo íntimo que presenciara entre os noivos. Em pouco tempo não havia uma

pessoa em Faires que não soubesse que a viúva Chesterton finalmente se

casara e que a herança de dez mil libras não iria para nenhum barão local,

como seria o certo, segundo os aldeões, mas para um completo estranho.

Seria mesmo? O conde de Denham era desconhecido em Faires, mas seria

também para Emma? Dizia-se que ele era parente do falecido cura. Embora

tivessem certa semelhança, os dois homens não podiam ser mais diferentes.

Stuart Chesterton era conhecido por sua pobreza e devoção. Lorde Denham já

provocara espanto aos habitantes da aldeia ao alugar o coche de Murphy à

elevada quantia de dois soberanos ao dia e depois por desafiar – isso mesmo,

desafiar- o barão MacCreigh para um duelo.

Como se isso não fosse o suficiente, havia também uma novidade perturbadora

que a sra. MacTavish divulgara em voz baixa e com espiadas furtivas para os

lados para certificar-se de que ninguém ouviria... No final do dia, todos em

Faires sabiam do segredo que a sra. MacTavish achava-se no dever de

comunicar: o conde de Denham não passara a noite no quarto alugado na

estalagem. Não, Murphy o deixara na porta da cabana da viúva Chesterton

naquela noite e voltara para buscá-lo na manhã seguinte, conforme instruções

que recebera.

Em resumo, lorde Denham e a viúva Chesterton haviam passado a noite juntos.

Antes de se casarem.

De acordo com a maioria das mulheres de Faires, havia uma única explicação

para o ocorrido: lorde Denham e Emma tinham sido amantes muito antes de

ela casar-se com o primo dele e vir para Faires.

Aquilo fazia sentido. Emma não fora uma decepção como esposa de um cura?

Bem, ela assumira as responsabilidades normais que se poderia esperar;

visitava os velhos e os enfermos, providenciava tortas para as quermesses da

igreja e ajudava a esposa do ministro a decorar vários eventos clericais.

Mas com que freqüência ela comparecia aos sermões do marido? Apenas uma

vez ao dia. Embora seu marido fosse um anglicano ritualista da Igreja Alta,

Emma estava mais para a Igreja Baixa, pois não era uma mulher que

freqüentasse assiduamente a igreja.

No entanto, o que causara maior espanto fora a escola da aldeia para as

crianças que Emma insistira em manter após a morte do professor. Uma mulher

dando aulas? Teria sido muito razoável se uma viúva sem filho resolvesse fazer

um trabalho como paliativo para a perda. Mas Emma começara a fazer planos

para a escola bem antes da morte do marido... e, segundo alguns, sem a

aprovação dele. Afinal, havia meninos e meninas na escola, sentados juntos, e

nem ao menos em lados opostos da sala, mas agrupados por idade e

habilidades, um arranjo com o qual o Sr. Chesterton jamais teria concordado.

Foi depois disso que a maioria dos aldeões- inclusive, como se dizia, a esposa

do reverendo Peck, mãe de uma filha pequena e que não tinha tempo de

enfrentar e vencer a jovem esposa do falecido cura do marido – eximiu-se da

responsabilidade com Emma... embora ninguém, na verdade, proibisse os filhos

de freqüentar a escola da sra. Chesterton e muitos até se vangloriavam dos

progressos da prole sob a tutela de Emma.

Mas isso fora antes da chegada do conde de Denham, belo e muito rico que

não apenas, como parecia conhecia Emma de Londres, mas tivera a temeridade

de arrebatá-la –junto com as dez mil libras- bem debaixo do nariz de todos os

bons pretendentes escoceses.

Não havia outra explicação a não ser que Emma e lorde Denham tinham sido

amantes e separados por um destino cruel. De coração partido, Emma se

casara com o primo pobre e devoto do conde, o que levou o rico nobre- isso

dito por Mary, a garçonete da estalagem que tinha paixão por romances – para

o braços de uma modelo pariense.

Fora então que – ainda de acordo com a sonhadora Mary – o conde soubera

que Emma estava livre e viera buscá-la para voltar a Londres com ele.

Nenhuma explicação foi dada para o que acontecera com a modelo pariense.

Na hora do jantar, maioria da população de Faires aceitara explicação para as

atividades altamente irregulares do dia. A maioria, exceto duas pessoas. Uma

delas era o barão, que não acreditava que Emma pudesse amar qualquer um a

não ser ele. E a outra era sua Irma, que não acreditava que James pudesse

amar outra que não fosse ela.

A honorável Srta. Fiona Bain conhecera o conde de Denham havia um dia, mas

ela mesma se proclamava como a beldade reinante de Faires. A única

concorrente ao título tinha sido a noiva do irmão, que felizmente já se fora (

que bons ventos a levem) e Emma, uma velha viúva murcha, que ninguém com

olhos enxergava. Fiona estava certa de levar o título da Mulher Mais Bela de

Faires. Não fazia sentido que um personagem tão ilustre – e tão bem-apegoado

– como o conde de Denham pudesse não se apaixonar por ela.

Foi com ira que Fiona escutou a história de Mary sobre amantes separados e

depois reunidos, e não acreditou. Ela estivera no casamento e presenciara a

relutância de Emma – jovem idiota como Fiona sempre acreditara – em casar-

se com o conde. Fiona não esperava a vida inteira que um homem como James

Marbury viesse bater na sua porta? Seu coração não disparara quando o vira

naquela manhã? Como ela planejara nos primeiros momentos, o futuro deles

poderia ser feliz e bem longe da região miserável onde nascera e que passara a

odiar.

Ela fechou a capa com ressentimento e amarrou as fitas do chapéu quase com

selvageria, depois de ouvir de Mary os comentários de todos. Emma Chesterton

– então Lady Denham – sempre parecera estranha e voluntariosa. Pois a sra.

Chesterton não escolhera Clara McLellen, em vez de Fiona, como sua melhor

amiga logo depois de chegar a Faires? Ou melhor, Clara escolhera Emma e

Emma não evitara, como Fiona sempre tentara fazer. Clara fora noiva de seu

irmão, mas não possuía uma gota de sangue azul, como Fiona verificara nos

ancestrais até 1400.

Mas isso fizera Emma Chesterton interessar-se por Fiona? Nem um pouco.

Fiona não surpreendera as duas cochichando em vários locais do castelo?

Quantas vezes não as encontrara conversando e andando lado a lado, Emma

de cabeça baixa escutando o que Clara dizia? Talvez Clara se queixasse de

como era maltratada no castelo e como odiava Fiona.

Era culpa de Fiona que ela conhecesse seu próprio lugar, mesmo que o irmão

não soubesse? Afinal, o pai de Clara era apenas um comerciante.

Fiona seria capaz de apostar que Emma sabia perfeitamente o que acontecera

com Clara na noite em que ela desaparecera. Era provável que Emma soubesse

para onde Clara tinha ido. E, dois para um, que Emma até encorajara a

namoradeira a fugir com Stevens, criado de Geoffrey. Como se a própria Fiona

não estivesse de olho nele. Ah, ele era um plebeu, era certo. Mas que olhos

negros brilhantes ele tinha! Fiona não podia culpar Clara por apaixonar-se por

ele, embora a traição houvesse machucado muito Geoffrey.

Claro que Fiona nunca seria tão estúpida a ponto de atirar-se sobre um criado.

Não, ela esperava um homem como lorde Denham.

E naquela altura, graças a Emma, sua única chance de um bom casamento

estava em ruínas... assim como Emma destruía, ao tornar-se confidente de

Clara em vez de Fiona, a única oportunidade de Fiona ter uma amizade

verdadeira. Desde que chegara a Faires, Emma nada fizera a não ser tornar a

vida mais difícil para Fiona.

E também havia aquelas mulheres estúpidas – a sra. MacTavish e até a sra.

Peck que elogiavam Emma: como a Sra. Chesterton fora incansável durante a

epidemia de tifo, cuidando de tantas pessoas, mesmo depois de perder o

marido. Como a sra. Chesterton era boa com as crianças. Como se podia

sempre contar com a sra. Chesterton para um desabafo. E por aí seguiam as

virtudes de Emma.

Fiona certamente nunca contara com a Sra. Chesterton para um desabafo. Não

que ela alguma vez houvesse pedido isso, mas sendo Fiona a única nobre do

distrito, Emma poderia ter feito um esforço para conhecê-la melhor. Clara

acusara Fiona de ser esquiva, mas não era verdade. Fiona era apenas

naturalmente tímida. Homens gostavam de modéstia em uma dama.

Apropriar-se de lorde Denham bem debaixo de seu nariz fora a gota d'água.

Daquela vez Emma fora longe demais e Fiona pretendia que Emma soubesse

disso. A respeito de James Marbury nada havia para fazer. Ela o perdera para

sempre. Mas poderia humilhar Emma. Ah, se poderia.

Fiona não se incomodou de sair ao entardecer em direção ao farol. Seu irmão

teria de esperar pelo jantar, a menos que quisesse comer sozinho. Ele ficaria

nervoso, mas quando ele não se irritava, desde que Clara o deixara? Como se

ele não estivesse rabugento como nunca... Por que mais ela saíra do castelo e

fora para a estalagem, senão para escapar da ira do irmão por haver perdido a

única coisa que nos últimos meses adquirira significado para todos, ou seja, as

dez mil libras da viúva Chesterton?

Fiona não culpava o irmão por estar irado. Por direito, aquele dinheiro – e a

viúva Chesterton – pertenciam a ele. Assim como o belo e afável James

Marbury lhe pertencia.

Era o que Fiona pretendia dizer a Emma, literalmente.

Fiona pensava em encontrar, ao cruzar a soleira da escola, Emma radiante de

felicidade, o que foi um engano. Emma, sentada ao lado de sua pilha de

ardósias, olhava as janelas altas, embora fosse improvável que ela estivesse

vendo as cores róseas do pôr do sol que ali brilhava. A expressão de seu belo

rosto – a que Fiona se referia como murcho – era a de miserável infortúnio. A

Srta. Bain deliciou-se.

- Olá, sra Chesterton – Fiona disse em voz alta, fechando a porta com um

baque. – Ou talvez seja melhor dizer lady Denham. Todos estão falando a seu

respeito. Por acaso não Le interessa saber do que se trata?

Emma virou-se para a moça mais nova. Seus olhos, sempre alegres, mostravam-se apreensivos.

- Não, mas tenho a impressão que a senhorita vai falar de qualquer maneira.

Fiona deu risada.

- Correto. Se eu fosse milady, daria adeus a esta sua pequena escola. Não

acredito que lhe permitam continuar a lecionar por muito tempo.
Não depois do

escândalo de hoje.

Emma, para desapontamento de Fiona, nem ao menos piscou.
Olhou ao redor,

viu os bancos e as lousas e pareceu pouco surpresa.

- Não. Suponho que esteja certa.

Fiona que nunca morrera de amores por Emma – qualquer mulher
que se

casasse por vontade própria com um homem que pretendia morar
em um lugar

como Faires, e ainda sendo um cura, tinha de ter algo de errado –
sentiu que

estava tudo às avessas. Emma deveria mostrar-se triunfante e
superior. Afinal,

ela vencera: escaparia desse maldito lugar muito antes que Fiona o
fizesse.

No entanto ela parecia tão... Frágil. Frágil e ansiosa.

Fiona, horrorizada que pudesse sentir pena – pena!- de sua inimiga
jurada,

tornou-se ainda mais mordaz.

- Então qual o problema? – ela perguntou. – Não vai me dizer que
na verdade

lhe importa o que a Sra. MacTavish e o restante das velhas faladeiras da cidade

estão dizendo?

Emma abaixou a cabeça e falou em voz baixa, mas desesperada:

- O que foi que eu fiz?

Aquilo era insatisfatório. Como Fiona faria Emma sentir-se mal se ela já estava

péssima? E por que estaria tão depressiva? Ela estava casada com o homem

mais bonito e rico que Fiona conhecia!

O que Fiona ignorava – e Emma nada diria – era que esse casamento não

passava de um acordo de negócios em que Emma ficaria com a herança e

James Marbury atenuaria a culpa pelo que fizera com o primo.

Emma não poderia mencionar o fato ou Fiona iria direto contar para o juiz

Reardon sobre a planejada anulação... e Emma tinha a intuição de que a

artimanha não agradaria nem um pouco ao juiz. Se ele descobrisse, não

liberaria o dinheiro com tanta presteza.

E Emma precisava do dinheiro. Em vias de se apropriar dele, ocorreram-lhe

tantas boas coisas que poderia fazer. Mandar John MacAddams para a

faculdade. Construir uma escola completa e contratar uma professora de

verdade para as crianças de Fiares. E havia também Fergus com sua pouca

visão e que certamente nunca fora examinado por um bom médico. Quem

poderia saber se havia uma cura para o mal que o afligia?

Emma sabia muito bem que toda cidade falava dela e duvidava que lhe

permitiriam dar aulas para as crianças por mais tempo. Como se não fosse

suficiente, havia a lembrança vergonhosa de seu comportamento naquela

manha, quando lorde Denham a beijara. Teria uma mulher decente reagido a

um beijo com tanta licenciosidade? Ela achava que não. Agira como uma

devassa, uma verdadeira Maria Madalena. O que James estaria pensando dela?

Ela, uma viúva de apenas seis meses... e do primo dele.. e de um cura!

Fiona Bain estava alheia às apreensões de Emma. Tudo o que Fio na sabia era

que as dez mil libras de Emma Chesterton, em vez de irem para seu irmão, que

poderia emprestar-lhe uma pequena parte para comprar um ou dois chapéus,

iriam para um homem que não tinha a mínima necessidade do dinheiro, que

compraria novos chapéus e leques para Emma durante décadas, enquanto

Fiona não tinha uma fita de cabelo nova havia anos.

Fiona abriu a boca para dizer outra frase mordaz sobre o desalento de Emma: -

Você poderia ter esperado o corpo esfriar – ou algo parecido.

No entanto, foi interrompida pela porta do farol sendo aberta e uma rajada de

ar salino entrando.

As palavras morreram nos lábios de Fiona quando ela se virou. Era o conde em

pessoa, tomando todo o espaço da entrada com seus ombros largos, tão

atraente como o vira havia oito horas.

- Srta. Bain – ele cumprimentou Fiona com um aceno de cabeça e voz suave.

Depois desviou o olhar – como se Fiona não fosse a moça mais bonita da sala,

e ela sabia que era – e voltou-se para Emma.

- Emma, se você já terminou, vamos para casa.

Com que energia masculina as palavras ecoaram! Elas percorreram a espinha

de Fiona com um frêmito! Como ela gostaria que algum homem alto e bonito

entrasse na sala dela e a informasse que estava ali para levá-la para casa!

Certamente ela não reagiria como Emma, que ficara muito corada.

- Ainda não terminei- Emma disse em tom distante, mas cortês, que ocultava o

tormento que segundos antes se refletia em sua face e sua voz – de verificar as

provas das crianças.

Lorde Denham, em vez de derrubar a fileira de bancos da frente, como Fiona

tinha certeza de que qualquer dos homens locais faria ao ser tratado daquela

forma, fechou a porta, encostou-se nela e cruzou os braços na altura do peito.

- Então eu esperarei – ele disse, com uma leve sugestão de divertimento – até

que esteja pronta.

Emma, em vez de deixar as ardósias de lado e jogar-se nos braços do conde

como Fiona teria feito, pegou a próxima lousa e começou a analisá-la.

Aquilo para Fiona foi demais. Ela sempre considerara Emma uma tola por ter-se

casado com Stuart Chesterton. Stuart, apesar de bem-apegoado, falava muito

sobre teologia para o gosto de Fiona. Além de ter sido um simples cura. Que

mulher em seu juízo perfeito se casaria com um cura? Até mesmo o reverendo

Peck esperava até ter um ministério próprio antes de casar-se com a espinhosa,

porém recatada, a Sra. Peck.

Naquela altura dos acontecimentos, Emma tivera a sorte de casar-se com um

homem magnífico, nobre e que parecia desinteressado por religião. Emma, se

não quisesse, não teria mais de bordar nenhuma almofada para o bazar da

igreja!

E como Emma se comportava? Como se o marido fosse pior do que um

monstro! Era quase como se os boatos espalhados por Mary fossem

verdadeiros. Eles se conheciam de outra época. Mas não como amantes e sim

como...

Inimigos.

Mas Fiona sabia que isso era ridículo. Porque só era possível sentir adoração

pelo conde De Denham, um homem que vestia maravilhosos calções claros,

que mantinha os colarinhos altos, que não falava com sotaque escocês – como

Fiona desprezava o próprio, passara muitas horas diante do espelho tentando

corrigir-se – mas sim com a inflexão profunda de um verdadeiro inglês.

Fiona não podia mais observar aquela cena injusta. Seu coração se partia. Que

desperdício! Emma – que tivera a absurda temeridade de preferir a companhia

de Clara McLellen à dela durante os passeios pela região, Fiona lembrou-se com

amargura – não deveria prosseguir com isso. Se houvesse alguma justiça no

mundo, ela não o faria.

- Bem – Fiona disse, tornando a fechar a capa. – Boa noite, lorde e lady

Denham. – As últimas palavras foram ditas com malícia.

Lorde Denham abriu a porta para ela. Fio na passou por ele e saiu do farol com

uma ponta de pesar, pois, quando passou pelo conde, sentiu o leve cheiro de

sabonete.

Oh, céus, ela pensou, ele ate toma banho!

E sua inveja de Emma Van Court Chesterton Marbury não teria fim.

Capítulo 19

Foi uma sorte Fiona não estar presente, meia hora mais tarde, James abriu a

porta da cabana de Emma e deu-lhe passagem. Pois o que aguardava Emma lá

dentro teria deixado os olhos azuis de Fiona verdes de inveja.

A cabana de Emma fora transformada. Não, a louça de Limoges não tinha sido

reposta. Nem mesmo James Marbury, acostumado a ter suas ordens obedecidas, poderia ordenar que a porcelana se consertasse.

A mesa estava coberta por uma toalha de linho alva que Emma teve certeza ser

nova e posta com um serviço limpo e brilhante adornado com o monograma do

conde. Travessas e tigelas, xícaras e pires, pratos de servir e bules de chá,

todas as peças em louças de cor creme traziam o timbre escarlate e dourado do

conde de Denham. Cálices de cristal brilhavam sob a luz das chamas e os

utensílios de prata trabalhada brilhavam nos dois lugares preparados. No

decantador de cristal, brilhava um vinho cor de rubi. Bolinhas de manteiga

fresca esperavam para ser passadas pãezinhos dourados ainda quentes.

E não era tudo. Havia mais, muito mais. As panelas de cobre penduradas nos

ganchos brilhavam como Emma jamais supôs que pudessem brilhar, pois as

comprara da sra. Peck, de segunda mão, e sem qualquer brilho. As chamas

alegres da lareira não esfumaçavam e Emma entendeu que alguém -

certamente não o lorde de Denham - tenham consertado o teimoso fumeiro da

chaminé. Sobre o fogo, o borbulhante conteúdo de uma caçarola enchia a

pequena cabana com um odor apetitoso bem diverso do cheiro de cachorro

molhado.

O criado de lorde Denham que mexia vagorosamente o conteúdo da panela

observou Emma entrar e deixou de lado a colher de pau..

- Boa noite, lady Denham. Posso pegar sua capa?

Emma ficou imóvel, sem poder acreditar no que seus olhos viam. Estava ciente

de que não deveria estranhar. Afinal, lorde Denham era um homem que

apreciava boa comida e bons vinhos.

E aquele era o jantar do casamento deles. Eles não podiam jantar em separado

naquela noite. Não, se esperavam enganar o juiz Reardon e o restante da ilha

para dar a impressão de que o casamento deles duraria bem mais do que o

tempo suficiente para Emma garantir as dez mil libras.

Mas e as panelas brilhantes? O fumeiro desintupido? A louça finíssima com que

lorde Denham certamente viajava e que ele tivera o trabalho de transportar pela

a estrada esburacada até a cabana?

Emma não esperara isso. Era demais.

- O q...que - ela gaguejou, sem saber como deveria reagir. Havia Roberts, a

quem ela conhecia quase quase o mesmo tempo que conhecia James, mexendo

a panela sobre o fogo e o próprio James que fechava a porta atrás deles.

James que era - para o melhor e para o pior, o juiz Reardon dissera - seu

marido.

- Levante o queixo, Emma - foi só o que James disse antes de desatar as fitas

do chapés de Emma, tirá-lo da cabeça dela e entregá-lo, junto com a capa,

para Roberts.

- Você deve estar muito cansada - lorde Denham afirmou e levou-a até um dos

lugares arrumados. - Sente-se. Beba um pouco de vinho.

Ele entregou-lhe um cálice de cristal onde despejara um pouco de vinho do

decantador. Emma levou o cristal aos lábios e bebeu sem sentir o gosto do que

era, provavelmente, um caríssimo e raro vinho de uma safra especial. Ela só

podia imaginar quanto tempo eles levaram para limpar as panelas e arrumar o

fumeiro, e certamente James ajudara. Roberts não podia ter feito tudo sozinho.

- Agora, Emma - James disse enquanto Roberts servia batatas gratinadas da

sra. MacTavish. - Nós dois precisamos ter outra conversa.

Emma olhou as batatas fumegantes que exalavam um cheiro delicioso de seu

prato.

- Você não vai gostar do que eu tenho para lhe dizer - James prosseguiu -, mas

terei de dizer assim mesmo. Sei como você gosta de suas crianças.

Mas não posso deixar de pensar que talvez uma pausa em seus deveres de

professora se façam necessários. Por favor ouça-me antes de retrucar.

Emma só pretendia agradecer quando Roberts pôs em seu prato uma

pequena ave assada. As palavras morreram em seus lábios. A ave estava

perfeita. Emma nunca preparara uma refeição tão suculenta.

- Se decidirmos por uma anulação - será necessário que façamos isso em

Londres. Meu advogado saberá como resolver esse caso em particular. Sua

assinatura é necessária e será bem mais rápido se você examinar os

documentos com ele do que ele ter de mandá-los para você. Imagine se eles

forem extraviados. Não tenho muita fé no serviço de correio entre Faires e

Londres. No meu entender, o tempo ruim poderá impedir que as barcas

cheguem á costa por semanas.

Emma anuiu, mais sem escutar. Parecia que a parte racional do seu cérebro

cessara de funcionar. Em vez de concentrar-se no que James dizia, Imbrou-se

de que a sra. Peck lhe oferecera, assim que ela e Stuart chegaram em Faires, a

faxineira dela para o serviço pesado. Emma era forçada a recusar. Ela não tinha

dinheiro para pagar nenhum tipo de ajuda doméstica. Além disso, como Stuart

dissera, era bom carregar a própria água e cortar a própria lenha. Trabalho

honesto reiterava, os levaria para mais perto de Deus.

Emma não sabia disso, mais ficara com muitas bolhas nas mãos.

Aquela era, provavelmente, a primeira vez desde que ela se mudara para a

cabana que a mesma fora escrupulosamente limpa por outra pessoa que não

ela.

- Por isso proponho - James continuou - que voltemos a Londres

imediatamente. Amanhã, na verdade. Eu imagino que será uma estada de no

mínimo três meses. Acredito que levaremos esse tempo para pegar o dinheiro

que lhe pertence e dar entrada nos papéis necessários para a anulação do

casamento. Não se preocupe com as crianças. Acho que encontraremos um

instrutor que possa... Emma?

Emma levantou os olhos do prato e fixou-os em James.

- Milorde?

James fitou-a com curiosidade.

-Você esta bem?

Emma estremeceu. Ela só podia encarar James...seu marido, lembrou-se. Então

ele era seu marido.

Mas não realmente.

Foi um tanto difícil lembrar-se disso quando ela fitou-lhe o rosto e viu a boca

que se pressionara na sua com tanto desejo. Quem poderia supor que James

soubesse beijar tão bem? Para ele nunca faltara companhia feminina, mas

Emma sempre creditara isso a sua aparência, e sobretudo á sua bela conta

bancária. Como poderia ter adivinhado que atrás desse aspecto sereno e

atraente batia o coração de um amante tão ardoroso?

Ou talvez ela só sentisse isso porque era, como Stuart costumava dizer,

fisicamente efusiva por natureza.

Lentamente, as palavras que aqueles lábios - que tinham sido capazes de

evocar uma resposta tão chocante quando pressionados contra os seus -

começaram a tomar forma na mente de Emma. Ir a Londres, James queria que

ela fosse para Londres.

Com ele.

Amanhã.

- De modo algum. - Emma foi categórica.

Roberts, perto do fogo, parou com a colher no ar antes de mexer o conteúdo

da caçarola. Do outro lado da mesa, James arqueou uma sobrancelha.

- Emma - James ponderou com calma. - Se pensar nisso racionalmente, verá

que é, na verdade, o mais sensato a fazer.

- E quem cuidará da educação das crianças enquanto eu estiver fora?

- Emma não sabia se o vinho serviria para clarear a sua mente ou se o choque

inicial de encontrar a cabana limpa estava sumindo. E de repente estava

voltando ao seu normal.

O que ela não podia determinar era o que, praticamente, James pretendia.

- Sei como você se sente a respeito de suas crianças, como você diz
- James

falou com paciência. - Por isso sugiro contratar um professor de verdade

enquanto você estiver fora.

- Isso pode levar meses - Emma disse. - Quando o antigo professor morreu,

não tínhamos ninguém para substituí-lo. Faires não é um local popular para

acadêmicos qualificados. Eu não poderei sair enquanto não acharmos alguém

adequado.

Emma sentia algo, embora não tivesse certeza, que se assemelhava a receio.

Não era possível. Receio? Do quê? Não de James, certamente. Nem de

Londres.

Não, não se tratava de medo. Ela precisava pensar nas crianças. Elas precisavam dela e não tinham mais ninguém.

- Por favor, entenda – Emma disse com certo desespero. – As crianças

precisavam daquela escola. Para muitos deles, é a única maneira de se

sentirem valorizados.

- Estou ciente disso - James informou. – Por isso Roberts ofereceu-se para

tomar o comando até que achássemos um substituto.

Roberts deixou cair a colher, única indicação de que talvez a declaração de seu

senhor houvesse sido uma surpresa para ele.

- Seria um prazer, milady – ele murmurou e foi á procura de uma outra colher.

Atordoada, Emma afundou na cadeira. Agora não havia como negar. Estava

apavorada. Então pelas crianças. James tinha ideia do que estava lhe pedindo?

Voltar para Londres? Ele possivelmente não sabia o que estava dizendo.

Ou sabia? Seria aquela uma parte da mudança que se operara nesse novo

James que nutria o súbito desejo de conciliar as coisas para ela? De certo.

Mas, se o plano de ajudá-la incluía uma reunião com a família, ele podia

esquecer. Emma não permitiria tal coisa. Quando ela e Stuart deixaram Londres

um ano antes, ficara entendido que, abandonados por suas famílias, não

poderiam jamais retornar. Ou, pelo menos, Emma jurara que não voltaria até

provar que as predições medonhas de seus tios acerca de seu casamento não

havam se concretizado. Quando retornasse a Londres, seria como uma esposa

realizada de um ministro ordenado... e ela planejara ter meia dúzias de filhos

para provar como ela e Stuart tinham uma vida feliz.

Porém ela teria de voltar como uma viúva de um cura e, pior, uma viúva sem

filhos. E muito pior, uma viúva sem filhos que se casara com o primo de seu

marido... o primo rico, socialmente superior, o tipo de homem que sua família

queria para ela. O tipo de homem com quem Emma nunca pensaria em se

casar; insistia em um matrimônio por amor e somente com um homem que

partilhasse de sua determinação em fazer do mundo um lugar melhor para os

menos favorecidos.

O que certamente não explicaria a seus amigos e parentes a razão de ter-se

casado com James. Mesmo se contasse que fizera isso apenas para pegar o

dinheiro que lhe era devido – e que tinha intenção de destiná-lo a obras de

caridade -, todos haveriam de querer saber de onde viera o dinheiro e por que

o assassino de Stuart sentira necessidade de deixar-lhe a herança. O que

levaria a questões desconfortáveis sobre o motivo do assassinato de Stuart.

E Emma certamente não queria discutir aquilo com qualquer pessoa.

- Ho! – ela gritou ao pensar nisso – Ho, James, eu não posso! Não posso voltar

a Londres. Isso seria terrível.

O conde de Dennham pareceu adivinhar o que Emma diria, pois articulou uma

resposta rapidamente.

- Emma eu não posso ficar aqui. Tenho negócios urgentes para tratar em

Londres.

Emma pestanejou. Assuntos de negócios. Claro que James precisava voltar

para Londres. Ele viera a Faires para desenterrar o primo. Como Emma

rebatara o objetivo, por que ele ficaria?

Por que?

- Então sem dúvida é preciso ir – Emma respondeu, sentindo um súbito

desalento.

Era um absurdo que ela se sentisse tão desapontada. Era muito bom que

James fosse embora! Assim não precisaria preocupar-se de ele ficar sabendo a

verdade sobre aquela noite pavorosa em que Stuart morrera...

E mais, se James partisse, ela não precisaria olhar mais aquela boca e lembrar-

se do beijo no castelo do lorde MacCreigh, nem ficar imaginando, se ele a

beijasse uma segunda vez, se teria a mesma reação...

Seria bem melhor assim, James voltaria para Londres e Emma voltaria... a ficar

sozinha.

Antes ficar sozinha do que ele descobrir a verdade, o que sucederia se ele

ficasse em Faires.

- Não se preocupe comigo – disse Emma com toda coragem que conseguiu

reunir quando James hesitou na resposta. – Ficarei bem.

- Não seja ridícula, Emma. – James pareceu se recuperar da surpresa pala

ansiedade de Emma em ver-se livre dele. – Minha esposa, mesmo em uma

união temporária, não viverá sozinha. Você voltará comigo para Londres e não

quero mais ouvir falar sobre isso.

- Mas... – O receio de Emma tornou-se mais palpável. Voltar com James para

Londres? Isso significaria horas sozinha com ele em uma carruagem... e pior,

noites em estalagens aconchegantes ao longo do caminho. Quem poderia dizer

quanto tempo demoraria antes de sua curiosidade sobre o que ocorrera

durante o beijo a fizesse tentar nova experiência?

- Além disso – James continuou, como se ela não houvesse falado – se você

ficasse aqui, o juiz Reardon acabaria notando que nós dois...não estamos

vivendo como marido e mulher. E não acho que ele aprovará. Ele pode até...

- Não liberar o dinheiro – Emma terminou por ele, em voz suave. James estava

certo. Era esse o tipo de coisa que o juiz Reardon faria. – Mas, James, onde

ficarei em Londres? Minha família... tenho receio que minha família possa...Da

maneira como parti...

- Entendo que sua relação com seus tios esteja estremecida. – James não

mencionou a participação dele no caso, o que Emma não pôde deixar de notar.

– E depois de pensar no assunto, acho que, nessas circunstâncias, será melhor

morarmos na minha casa em Park Lane...

- Com lady Denha? Ho, James, não! Eu não suportaria isso!

Lorde Denham parecia surpreso.

- Minha mãe é uma ogra para você? Pensei que as duas se dessem bem.

- Mais justamente por isso – Emma comentou. – Lady Denham sempre foi

muito bondosa para mim. – Emma suponha que fora até mais bondosa do que

ela merecera. Afinal, ela fizera muito pouco para convencer Stuart, sobrinho da

viúva, a não se assumir tal risco e não se mudar para os confins das Hébridias.

– Eu odiaria que ela se decepcionasse sobre a natureza da nossa...

- União – James terminou com calma. – Entendo seu ponto de vista. A alegria

dela ao saber que finalmente me casei será extraordinária. E ela sempre gostou

muito de você...

Emma piscou para afastar as lágrimas, sem saber por que chorava. Ela adorava

a mãe de James. Lady Denham, a quem Emma conhecia desde pequena, tinha

grande coração e natureza generosa...

Mas seria benévola o suficiente para perdoar a nora pelo o crime que cometera

havia seis meses?

Emma limpou furtivamente as lágrimas que se acumulavam nos cantos dos

olhos. Esperava que James não notasse esse súbito brotar de emoção e

tomasse isso como um sinal de fraqueza feminina e falta de auto-suficiência.

- Talvez se não contássemos a ela sobre o...casamento. Eu não gostaria de

enganá-la...sua mãe é dama admirável. Não me agradaria que ela pensasse

mal de mim. – Mas do que ela já tem direito, Emma pensou.

- Como queira. – James anuiu com um gesto de cabeça, quando Emma não fez

mais objeções. – Então está resolvido. Partiremos para Londres amanhã cedo.

James, com naturalidade, serviu mais vinho do decantador para Emma.

Aturdida, ela fitou Roberts de viés. O criado se ocupava em guardar o que

sobrara das batatas gratinadas. Roberts dava a impressão de não achar os

acontecimentos das últimas doze horas extraordinários... como se o seu senhor

se casasse todos os dias com uma viúva pobre.

Como Emma invejava o sangue frio de Roberts! Se ela ao menos pudesse

manter um semblante de serenidade. Impossível. Ora, na véspera, sua maior

preocupação tinha sido evitar que seu galo fugisse. Então. Como de costume, a

corrente de má sorte se intensificara a ponto de sua vida ficar lotada com uma

miríade de problemas difíceis de resolver. O fato de ir para Londres era a

menor de suas preocupações.

Passar a noite de núpcias era a principal urgência do momento.

Já era tarde e James não mostrava sinais de preparar o retorno para a

estalagem. O mais surpreendente era Emma não lembrar dele pedir para o sr.

Murph esperar. Se fosse o caso, o sr. Murph já estaria adormecido. Era

imperdoável da parte deles não tê-lo convidado para tomar chá.

E o que queria dizer o fato de que ele não estivesse esperando?

- Não deveríamos – Emma disse com animação forçada – Chamar o senhor

Murph para tomar uma xícara de chá antes de levá-los para a estalagem?

Emma congratulo-se com a sutileza da pergunta.

A resposta, contudo, fez o coração de Emma disparar.

- Mandei o sr. Murphy jantar com a sra. MacEwan. – Lorde Denham tirou um

cachimbo do bolso do colete e começou a enche-lo com fumo de uma bolsinha.

- Pelo menos enquanto Roberts estiver aqui. Depois Roberts irá para lá e os

dois voltarão para a cidade.

Emma, alardeou, fitou o criado, depois James e vice-versa, com o olhar

arregalado.

- Não está pensando em passar a noite aqui, não é, James?

James recostou-se na cadeira e, calmamente, acendeu o cachimbo.

- Você não esperava que eu ficasse na estalagem esta noite em particular, não

é, Emma? – ele perguntou, se divertindo. – O juiz Reardon, tem um quarto lá,

poderia achar estranho os noivos passarem separados a noite de núpcias, não

acha? Você não se importa que eu fume, não é?

Emma negou com um gesto da cabeça, com amante em torvelinho, James

passando outra noite na cabana? Mas certamente ele não pensava...ele não

podia acreditar que...

Mas ao olhar para o físico longo e masculino estirado na poltrona estreita de

Stuart de modo não muito confortável – Stuart tinha estrutura mais delgada

que a de James – Emma achou-se ridícula. Claro que James pretendia dormir

de novo no banco estofado. Ele não podia ter outra intenção em mente. A

união deles fora apenas nominal. Não fora ele que sugerira a anulação no

mesmo instante em que propusera casamento?

Claro que ele ficaria no banco.

Ao mesmo tempo em que Emma se tranqüilizava, a lembrança daquele beijo

maldito voltava á perturbá-la. Supondo que ele quisesse dar um beijo de boa-

noite? Ela lhe ofereceria a face. Supondo ainda que ele desprezasse a oferta e a beijasse na boca? Poderia acontecer. E se tivesse novamente aquela reação? Se

o beijo a deixasse novamente insensata? E se produzisse nela o mesmo desejo

selvagem e imprudente de...

Emma não estava bem certa do que ansiara quando James a beijara. Ou

melhor, ela sabia, mais se envergonhava de admitir. Aquilo provava o que

Stuart sempre dissera a seu respeito: que ela era muito devassa e que deveria

pensar em coisas mais elevadas do que o prazer físico.

Era muito assustador que o beijo de um homem – ainda mais como James

Marbury – despertasse nela uma reação física tão intensa.

Nisso ocorreu-lhe que deveria retirar-se antes que Roberts saísse. Na presença

de Roberts, haveria lugar apenas para um beijo casto de boa-noite. Certamente

ela não reagiria como acontecera no castelo... não duas vezes no mesmo dia.

Emma levantou-se rapidamente e não por pouco não derrubou o cálice de

vinho que Roberts apressou-se em segurar.

- Amanhã será um longo dia e eu gostaria de ir para cama agora. Boa noite,

milorde. – Emma estendeu a mão direita na direção do conde, que espantado,

ficou em pé.

- Ainda é cedo – James ponderou, achando graça..

- Sim – Emma concordou -, mas no campo nós nos levantamos com as

galinhas. – Ou pelo menos ela tentava, quando o galo não fugia. – Boa noite,

milorde. Muito obrigada pela refeição deliciosa. E por... casar-se comigo.

As palavras soaram estranhas até para Emma. E, no entanto, ela fora sincera.

Fora muito bom lorde Denham ter-se casado com ela era preciso que ele

soubesse quanto ela apreciara o gesto...enquanto, ao mesmo tempo, era

preciso manter certa distância. De outra forma, essa nova e surpreendente

atração que sentia pelo o conde poderia torna-se difícil de controlar. Por que

ela não podia voltar a mente para coisas mais elevadas, como Stuart fazia

facilmente?

James, intrigado, segurou a mão estendida, mas, em vez de apertá-la, beijou-

lhe os dedos. Emma não pôde deixar de refletir como o gesto era romântico,

enquanto seu pulso vacilava e recomeçava a bater ao sentir seus lábios quentes

em sua pele. Lábios de um homem notável por usar a razão e nunca o coração.

- Boa noite, Emma.

Sob a luz das chamas, o rosto de James parecia ainda mais atraente do que o

normal. Era como se algo acontecera para suavizar suas feições, para

emprestar uma nova juventude pra aquela boca que fora tão dura e intransigente, e ternura para aquele olhar que antes fora tão calculista.

Todavia, no momento não havia qualquer traço de emoção na fisionomia do

conde, a não ser um interesse sincero – a única palavra que Emma poderia

usar para descrevê-lo – em seu bem-estar.

-Bom descanso – James falou e sua respiração fez cócegas nos nós dos dedos

de Emma. Os olhos cor de âmbar dele, sob a luminosidade das chamas,

pareciam os de um gato. Não, os de um tigre.

Emma vira um tigre certa vez, num zoológico particular onde James a levava e

que ele comentara ser tedioso. Mas Emma não achou nada disso...como agora

estava longe de achar enfadonho o toque de James.

Ela desvencilhou rapidamente os dedos, despediu-se com voz rouca e deixou

que de repente ficara quente de mais.

Emma esperava encontrara paz e isolamento em seu quarto, mas estava

redondamente enganada. Paz, sim, mais isolamento?

No centro da sua cama estava deitada a cadela Una, que balançou o rabo

grosso ao ver Emma. E era porque o animal estava ansioso para mostrar seus

oito minúsculos filhotes que se contorciam, com alguns minutos de nascidos,

ainda brilhantes pela jornada através do canal do parto...pelo o qual também

tinham sido eliminados os líquidos que ensopavam a roupa de cama e colchão

de Emma.

Emma, longe de sentir alegria de tal ocasião, olhou a sujeira, fechou a boca

com a mão e imaginou, com mal-estar, onde dormiria.

Capítulo 20

Tudo saíra melhor do que James poderia ter previsto.

Ele não poderia imaginar que a cadela escolheria uma noite tão fortuita – e um

lugar tão confortável – para dar à luz. Isso pelo menos não era crédito dele.

Mas o resto... fora puro talento de Marbury. Mais cedo naquele dia, depois de

Emma correr para a escola, James ficara algum tempo em seu quarto na

estalagem, pensando no que Fergus lhe dissera: Se quiser realmente conquistá-

la, e eu acho que é seu desejo, terá de cortejá-la. Era realmente extraordinário que um conde de 30 anos aceitasse os conselhos de um garoto com menos da

metade da sua idade. Não havia dúvida, James sabia que o garoto estava certo.

Por acaso não errara, um ano antes, quando seguira a própria cabeça? Fora um

desastre completo. Seus esforços para mostrar a Emma a tolice de salvar o

mundo só serviram para reforçar-lhe a determinação em fazê-lo. Não duvidava

de que sua atitude houvesse feito Emma mais convicta em casar-se com Stuart.

Sua oposição veemente contra o casamento não empurrara os dois mais

rapidamente para os braços um do outro?

Não. Dessa vez ele agiria de modo correto.

E valeria a pena, ele considerou ao analisar o perfil de Emma sob a luz

bruxuleante da vela no seu quarto da estalagem. Emma era uma mulher

diferente de todas que conhecera.

Por exemplo, a reação dela fora peculiar ao descobrir que sua cama ficara

imprestável naquela noite e assim permaneceria até que o colchão pudesse ser

lavado e seco.

– Está tudo bem – ela se apressara em assegurar. – Dormirei no banco. –

Milord e o Sr. Roberts podem voltar à estalagem esta noite. Eu insisto.

E insistira.

Mas James não cedeu. Lembrou-a do que o juiz Reardon pensaria ao saber que

os dois passaram a noite de núpcias separados, então Emma preocupou-se. A

testa franzida durava até aquele momento. O melhor quarto da estalagem,

segundo a sra. MacTavish dissera quando mostrara a James, tinha um colchão

de penas, talvez não tão luxuoso como James estava acostumado, e uma boa

cama. E dava a impressão que, entre ele e Emma, apenas um a usaria.

– Ficarei com a poltrona – Emma afirmou, segurando com determinação o

encosto do pequeno banco no canto do quarto. – Não me importo.

– Emma – James dissera pela centésima vez. – Nós somos adultos. Creio que

podemos dividir uma cama sem que nenhum de nós ceda a nossos instintos

básicos.

Emma fora conduzida para a estalagem pelo Sr. Murphy, que Roberts chamara

na casa da sra. MacEwan para buscá-los. Ao chegar, ela entrara imediatamente

no quarto de vestir do conde e saíra usando uma camisola e um penhoar muito

gasto que envergava com a convicção de que se tratava de uma armadura.

– Sei muito bem disso – ela afirmou, formal. – Mas não acha que seria melhor

se...

– Não acho. – James fingiu cansaço pela impaciência, embora a impaciência

fosse real. Estava curioso com o que aconteceria. E também não estava nem

um pouco cansado.

– Considero a sua modéstia virginal irritante para uma viúva acostumada a

dividir a cama. Corrija-me se eu estiver errado sobre isso.

Emma o fitou com olhar penetrante.

– O que está pretendendo dizer com isso?

– Bem, estou apenas presumindo que você e Stuart costumavam partilhar uma

cama.

– Sim. – Os olhos de Emma estavam redondos à luz da vela. – Mas ele era meu

marido.

– Ah, e eu também sou – James não evitou o comentário.

– Bem, milorde sabe o que eu quero dizer. – Emma pestanejou. – Não somos

realmente casados.

– Mas não queremos que o juiz Reardon saiba disso, não é?

Emma continuou a olhar o colchão de plumas.

– Achei que tivéssemos um acordo de negócios – ele acrescentou.

– E temos. – Emma olhou para cima, aflita. – Só não imaginei que isso incluísse

dormir na mesma cama.

– Parece que agora é o que temos – James reiterou. – A alternativa seria irmos

até o corredor, bater na porta de Reardon e dizer a ele que tudo não passou de

um engano. Retornarei sozinho para Londres pela manhã e você volta a

lecionar na sua pequena escola. Isso se as harpias lhe permitirem que o faça,

sabendo que dormir em sua cabana mesmo sem sermos, como agora somos,

marido e mulher. E você voltará a rechaçar os avanços de lorde MacCreigh e de

seus outros devotados seguidores. A escolha é sua.

Emma estremeceu, mesmo sem estar muito frio no quarto... e sem dúvida

estariam muito mais aquecidos dentro da cama do que fora dela. O tremor era

pela sugestão dele e não pela temperatura ambiente.

– Não – ela retrucou em voz baixa. – Prefiro que não falemos com Reardon.

– Foi o que eu pensei. – James raciocinou que estava mais do que na hora de

um deles decidir. Foi até a cama, afastou as cobertas e deitou-se com o roupão

bem fechado, ciente de que, infelizmente, assim ficaria.

Emma, ainda postada aos pés da cama, arregalou os olhos para James. Ela

lembrava um ser espiritual, de estrutura pequena, com os cabelos soltos dos

grampos que os prendiam e caídos pelos ombros em ondas douradas. Mirá-la

deixou apertado o coração de James...

Isso sempre acontecia... Vê-la em um penhoar velho causava-lhe a mesma

sensação que experimentara quando a vira pela primeira vez descendo a

escada usando um vestido de baile e não a musselina e as calças que a tia a

fizera usar até os dezesseis anos. Como poderia esquecer o choque ao ver

Emma – uma órfã singular – com o traje decotado, com os cabelos presos para

cima e o pequeno sorriso de satisfação por haver agradado?

Mas não fora a reação dele que a deixara feliz – que quase derrubara o copo de

ponche – que ela olhava, atenta, procurando sinais de admiração.

Stuart ficara admirado, embora James houvesse escutado o primo advertir

Emma um pouco mais tarde sobre os perigos de preocupar-se demasiadamente

com as coisas materiais, como decotes e leques de renda. James não podia

entender como Emma suportava ser criticada por Stuart toda vez em que se

encontravam. Talvez ela mal notasse isso, pois sua admiração por Stuart

começara muito cedo. Ou era provável que ela preferisse uma crítica de quem

amava tanto a nenhuma atenção.

Naquela altura, sob a luz da vela, James entendeu que não faria diferença se

Emma usasse um vestido de baile ou um penhoar. Em algodão simples ou na

melhor seda, ela era a mulher mais bela que conhecera. Suspirou ao notar que

ela ainda estava com a testa franzida.

– É só por uma noite, Emma. Na casa de minha mãe, por certo dormiremos em

quartos separados. Agora, venha para a cama. Temos alguns longos dias pela

frente.

James virou-se e, com as pontas dos dedos umedecidas, apagou a vela.

Emma moveu-se no escuro, foi até a cama e, sem tirar o penhoar, levantou as

cobertas e deitou-se quase sem afundar o colchão. James sentiu um aroma de

lavanda quando Emma deitou a cabeça no travesseiro a seu lado.

Depois nada mais aconteceu, a não ser o leve som da respiração de Emma. E,

evidentemente, o calor gerado por aquele pequeno corpo que James podia

sentir apesar dos quinze centímetros de espaço entre eles.

Emma, rígida como uma tábua, perguntava a si mesma como acabara na cama

com James Marbury. Não podia compreender.

O fato é que sucedera – e era real – e nada podia fazer, exceto ter um ataque

de cólera, o que estava determinada a não ter. Não, ela se comportaria como

uma adulta metódica, assim como James fazia. Não queria que ele a achasse

puritana. Estava disposta a se comportar como uma pessoa adulta.

Exceto que... Ah, ele ficava lindo no roupão de seda! Felizmente James apagara

a luz. Assim não teria de olhar para aquela beleza masculina fascinante. Seria

pedir demais que o primo de Stuart tivesse uma aparência comum ou ser

apenas atraente como Stuart? Por que James tinha de ser o homem mais

bonito que ela já vira? Por que não podia tirar os olhos do V onde o roupão se

abria no peito, revelando um pouco de seus pelos escuros? Por que era levada

a imaginar se ele usava uma camisola sob o robe?

A maior questão era por que de repente ela ficava fascinada, quando se tratava

de James Marbury. Seria por causa daquele beijo? Emma nunca havia pensado

em James como homem – bem, não dessa maneira – até aquele abraço

ardente no casamento deles. Antes ele fora apenas o James digno de

confiança, às vezes digno de censura, primo mais velho de Stuart.

Exceto que, de uma hora para outra, James era muito mais. Ele viera a Faires

em busca do túmulo de Stuart e encontrara sua viúva empobrecida.

James dera meia-volta e retornara a Londres? Não. Ele não apenas a salvara de

uma situação vexatória em relação ao lorde MacCreigh, como também se

preocupara em prover-lhe a subsistência que Stuart, sem mente prática, nunca

fizera. Emma disse a si mesma que não precisava da ajuda de James nem de

qualquer outro homem, a não ser no caso de lorde MacCreigh. Mesmo assim,

James parecia determinado a cuidar dela, mesmo à custo de grande inconveniente para ele.

E por isso, ela era muito agradecida.

Por que Emma não podia lembra-se apenas das coisas boas que James estava

fazendo por ela, em vez da sensação daqueles lábios nos seus? Por que não

podia concentra-se em como ele fora atencioso em mandar preparar aquele

admirável jantar para ela, em vez de pensar em como ele ficava atraente no

roupão? Stuart estivera certo? Ela era uma devassa?

Supunha que sim. Por que outro motivo não podia afastar o pensamento

daquele calor que se irradiava do lado de James da cama? Por que tinha de

manter os dedos debaixo

da coberta para evitar uma exploração que descobrisse o que havia sob o

roupão de James?

Deus! O que havia de errado com ela?

Mas aquilo não era melhor, ela perguntou-se, do que ir para a cama sozinha?

Em todas aquelas noites que ficara com frio e solitária, na cama em que ela e

Stuart haviam dormido, ouvindo o uivar do vento e o rugido do mar, sentindo-

se muito insignificante, isolada e esquecida? Ah, mil vezes melhor assim.

Dominada de repente por um sentimento de imensa gratidão por James, Emma

ouviu a si mesma quebrar a quietude do silêncio que os rodeava.

– James?

Por um momento, Emma pensou que ele adormecera, pois não houve resposta.

Que bom, ela pensou, pode dormir e não ficar acordada por uma hora ou mais

pensando em devassidão, em sua má sorte ou no galo delinqüente.

Mas ele não estava adormecido e a sua voz profunda assustou-a.

– Sim, Emma?

Pestanejando no escuro, Emma arrependeu-se de imediato por haver aberto a

boca. Desejava que James soubesse quanto era agradecida pelo que fizera por

ela. Mas o meio da noite nunca fora um bom horário para trocar confidências.

Quem sabia o que poderia acontecer sob o manto da escuridão? No que ela

estava pensando?

Tarde demais. Era preciso prosseguir com aquilo. Ele estava à espera de

algumas palavras.

– Boa noite – Emma falou e, bem depressa, inclinou-se para pressionar um

beijo em sua face.

Fato que James rapidamente retificou com um simples virar de cabeça,

pressionando lhe os lábios aos seus.

Capítulo 21

No momento em que sentiu a boca de James tocar a sua, Emma enrijeceu-se e

teria se afastado se não fossem dois fatos. O primeiro era que ele a enlaçara

com um braço firme que não a deixaria escapar. E o segundo era que...

Ela não queria se desvencilhar.

Era chocante, mas verdadeiro. Emma sabia das conseqüências de seus atos.

Estava na cama com um homem viril e saudável que, ao contrário de Stuart,

não parecia ter qualquer objeção moral a demonstrações físicas de afeto. Tinha

uma boa idéia do que poderia acontecer ao permitir que James a beijasse.

E ela não se importava.

Nem poderia, pois ser beijada por ele era tão... divino. Emma não podia pensar

em outra explicação para não afastá-lo.

Era tão maravilhosa aquela boca na sua, como fora no castelo naquela tarde.

Quem poderia imaginar que James Marbury beijava dessa maneira? Certamente

não Emma ou as coisas teriam sido bem diferentes na temporada do ano

passado.

Pois não era verdade que, a despeito do que Stuart sempre dizia, expressões

físicas de afeto eram uma grande parte do amor? Emma não
supunha que

James a amasse... mas certamente ela lhe agradava. Ou não teria se
casado

apenas para que ela recebesse a fortuna que lhe cabia. Gostava dela
o

suficiente para beijá-la com intensidade, fazendo repercutir nos
dedos dos

pés...

Talvez Stuart tivesse razão sobre demonstrações físicas de afeto. Por
que

Emma estava definitivamente sentindo algo que poderia ser tomado
por

depravação. E na certa era pecaminosa a maneira como James a
apertava e ela

podia sentir a protuberância no roupão pressionando-lhe o ventre.

Além de pecaminoso, era completamente irresistível. Assim, Emma
nem mesmo

protestou quando James a enlaçou com o outro braço, jogou-a de
costas no

colchão e deitou-se com metade do corpo sobre ela. Era assim que
os beijos de

James a deixavam, insensata.

Ele passou a beijar-lhe também o pescoço de maneira
surpreendente, com a

boca vagando pela pele suave como se não pudesse parar e – o mais singular –

quase como se a houvesse beijado milhares de vezes. Emma não podia

imaginar de onde tirara aquele pensamento. Teria ele a beijado assim em um

sonho? Fora um sonho dele ou dela?

O que causava estranheza também era que o corpo de Emma reagia aos beijos

de James como se ela estivesse familiarizada com eles, embora nem James –

nem qualquer outro homem – a houvesse beijado nos ombros ou atrás da

orelha. O primeiro beijo deles acontecera apenas naquela tarde.

Impossível explicar isso a seu corpo que se arqueava de maneira vergonhosa

contra o dele, como se estivesse saudando um amigo íntimo havia muito

perdido. As mãos de Emma pareciam ter desenvolvido vontade própria e faziam

coisas chocantes sem que fosse por vontade de sua consciência... como

desfazer o laço que prendia o roupão de James e deslizar por baixo do tecido

de seda para encontrar a pele fria e nua.

Comportamento chocante! E, no entanto, parecia bom, certo e digno... como

sentir os lábios dele em seu pescoço – talvez não digno – mas certo. E certo

era sentir as mãos de James acariciar-lhe o corpo, apertando, alisando através

do tecido fino do penhoar de Emma... até que, de repente, os dois roupões

foram abertos, a camisola de Emma parecia ter desaparecido e ela teve a

experiência eletrizante da pele dele em contato com a sua.

Aquilo era certamente correto, pois foi seguido por uma explosão de lábios e

língua, como se eles não pudessem beijar-se o suficiente. Quando James pôs

uma das mãos em concha sobre um dos seios nus, também pareceu certo. Mais

do que isso. Era divino.

Foi ainda mais divino quando ele abaixou a cabeça e substituiu a mão pela

boca. Emma jamais sentira nada tão glorioso como o calor dos lábios se

fecharem sobre um mamilo sensível. Emma agarrou-se aos cabelos escuros de

James e, durante algumas pulsações, convenceu-se de que fora para o céu.

Um segundo mais tarde, James roçou, com uma das mãos grandes e fortes,

uma parte mais sensível. Emma abriu os olhos, embora nada houvesse para ver

na quase total escuridão. E com a parte de seu cérebro ainda capaz de

raciocinar, Emma pensou que aquilo era pecaminoso.

Deliciosamente pecaminoso.

Emma segurou-lhe a nuca com uma das mãos e com a outra, espalmada,

pressionou seu ombro largo, uma parte de si queria puxá-lo mais para perto e a

outra queria afastá-lo. Podia sentir cada tendão, cada contorno da musculatura.

Não podia vê-lo, mas podia sentir... e como sentia! O corpo de James era rijo e

tenso, desde os ombros largos e musculosos, passando pelo abdômen bem

definido até as pernas longas e firmes. O peito era coberto de pelos negros que

voltavam a encaracolar-se quando ela os alisava. James era muito maior do que

Stuart fora... em todas as partes do corpo.

Aquela não era a única diferença, longe disso. James era um amante mais

audacioso do que Stuart fora, ou talvez mais experiente com as mulheres ou

mais interessado em dar prazer do que em receber. Antes de ela saber o que

ele pretendia, James deslizou um dos dedos hábeis dentro dela e, de repente,

Emma foi inundada por uma maré cheia de sensações que ela mal sabia que

existiam.

Arfante pela intensidade do calor que se espalhou por seu corpo quando James

insinuou primeiro um e depois outro na abertura estreita entre suas coxas,

Emma estava certa de que seu coração disparado acabaria por explodir... ainda

mais quando, segundos depois, ele substituiu os dedos pela parte que ela mais

desejava e também temia. A ponta do membro de James era aveludada, mas

também dura como mármore. Agarrada nos ombros fortes e sentindo-os

estremecer pelo esforço que James fazia para ser gentil, Emma – que então se

achava uma criatura devassa – pressionou-se contra aquela rigidez e,

vagarosamente, enquanto o beijo de James tornava-se mais dominador, abriu-

se para ele.

James penetrou-a e a primeira reação de Emma foi arfar e retesar-se para

afastá-lo, acreditando que algo estava errado... mas ao mesmo tempo sabendo

que estava certo. Não fora assim com Stuart. Ele nunca a preencheria a ponto

de ela achar que explodiria. Stuart nunca se movera com tal confiança, tal

perícia perfeita, novamente como se James ensaiasse esse momento mentalmente um milhão de vezes. Ela não poderia estar enganada...

Mas era impossível, pois James jamais teria imaginado que um dia eles

acabariam...

Ele avançava, uma pequena fração por vez. E foi o suficiente para deixá-la

alarmada de novo. Emma lutou para escapar dele; do seu tamanho assustador,

do súbito entendimento do que fizera; do peso não familiar; do cheiro e da

sensibilidade de James...

E então ela não queria mais ser libertada. James se movimentava devagar

dentro de Emma fazendo voltar as sensações gloriosas de quando ele a tocara

com o dedo. Ela se agarrou em James quando ele começou a impulsionar-se

cada vez mais fundo; contendo-se a princípio e, depois, ao escutar seus

suspiros de quem estava apreciando, com premência cada vez maior.

Emma levantou os quadris ao encontro dos de James e sua necessidade pela

realização logo se aproximou da urgência dele. James murmurou palavras que

Emma não entendeu, pelo calor da paixão. Embora ela não mais resistisse,

James prendeu-lhe as mãos na cama, como se tivesse medo de que ela mais

uma vez lhe escapasse.

No entanto, escapar era a última coisa que passava pela cabeça de Emma. Ela

estava concentrada em James, na sua respiração inconstante, nos pelos do

queixo que lhe arranhavam a pele macia da face, na força que acompanhava

cada impulso para dentro dela, ameaçando a integridade da cama.
Com a má

sorte que Emma supunha ter, o leito se quebraria e a estalagem
inteira ficaria

ciente das atividades noturnas deles.

Emma jamais experimentara um clímax como aquele. Pareceu-lhe
que em um

momento cada terminação nervosa estava retesada pela frustração
e, no

seguinte, ela submergia no bom sentido... em um mar de luzes e
faíscas, onda

sobre onda de chama líquida derramando-se sobre ela, que
estremecia de

contentamento da cabeça aos pés. Mesmo sem saber, seu grito
assemelhou-se

a um soluço e, ao ouvi-lo, James perdeu todo autocontrole. Ela não
imaginava

isso, mas ele já havia feito amor com ela, mentalmente. James
ensaiara essa

cena mil vezes, mas nunca pensara que seria daquele jeito, tão
perfeito, tão

natural, tão fácil.

Em um ímpeto final, James aprofundou-se quanto pôde, sem pensar
se a

assustava, procurando apenas a libertação.

Que veio banhando-o em torrentes e espasmos poderosos de alívio.
James

rugiu o prazer com tal força que Emma temeu que ele acordasse a
estalagem

inteira.

No momento em que James largou-se sobre ela, Emma estava
consciente das

batidas fortes do coração disparado sobre ela, do peso do corpo
sobre o seu e

da brisa que soprava da vidraça mal fechada que esfriava sua pele
quente.

Foram necessários alguns minutos para ela se dar conta da
enormidade do que

acontecera entre eles.

Quando isso aconteceu, Emma entendeu, com o coração abatido,
que os

sapatos que pregara na Árvore dos Desejos não haviam mudado sua
má sorte,

que continuava imbatível.

E agora, como conseguiriam uma anulação?

Capítulo 22

- Emma! - A viúva lady Denham gritou, abrindo os braços. - Ah, minha querida!

O amplexo foi tão forte que quase lhe quebrou a espinha. A viúva era muito

efusiva nos seus cumprimentos.

Nisso era muito diferente do filho. Altiva e sem sofisticação, mas com um

refinado senso de elegância, grande apreciadora da arte e da beleza, a viúva

lady Denham era uma das anfitriãs mais populares de Londres, não apenas

pelos excelentes banquetes que oferecia, mais também por ser muito bem-

humorada.

Emma teve um exemplo daquele bom humor quando a grande dama finalmente a soltou-a e analisou-a da cabeça aos pés.

- Ela está muito magra - a mãe de James declarou ao examinar Emma, que

usava um vestido xadrez combinando com o chapéu, ambos fora de moda, com

expressão crítica. - Ela não parece muito debilitada James? O que lhe davam

para comer, Emma? Ar? Você está seca como uma lebre. Bem, não importa. A

cozinheira logo a fará engordar. Espere até experimentar a comida dela...por

Deus, quem é esse? - Lady Denham interrompeu-se ao notar o menino

pequeno tentando se esconder nas saia de Emma.

- Fergus MacPherson, senhora - Fergus respondeu com timidez e chapéu na

mão, olhando a mãe de James por trás do quadril de Emma.

A viúva não pareceu surpresa pelo o fato de o filho ter trazido da Escócia não

apenas a viúva do primo, mas também um menino miserável quase cego, e

estendeu uma mão gorda e cheia de covinhas na direção da criança.

- Estou muito feliz em conhecê-lo, senhor MacPherson.

Fergus, radiante, escondeu o rosto na saia de Emma e ela sabia que não era

por vergonha. Deus era testemunha de que Fergus jamais conhecera

acanhamento em sua vida. A exuberância da casa da Park Lane - o pé direito

alto, os criados de libré, os pisos de mármore muito limpos e as pinturas

ornamentadas - era esmagadora. Comparada á cabana com telhado de colmo

que o menino ocupava em Faires, a casa em que James e a mãe moravam

parecia um palácio. Mesmo Emma, que conhecia bem a cidade, estava

admirada.

Fazia muito tempo que não ficava em uma casa aquecida e com vidraças tão

limpas.

Emma não culpava Fergus nem um pouco. Ela bem que gostaria de esconder o

rosto... embora não pelo o mesmo motivo. Havia vários dias - desde que

acordara na cama da estalagem da sra. MacTavish e entendeu o que fizera -

desejava cobrir a cabeça para sempre.

Ela dormira com o marido e enquanto para os anais da historia seu pecado não

fosse grave, para ela era uma depravação. James não era seu marido de

verdade. Bem, era diante aos olhos da lei, mas a união dele deveria ser apenas

nominal. E ela não podia explicar o que acontecera naquela noite na estalagem.

Nem conseguiria uma explicação de James. Não conseguiria ficar a sós com ele

desde aquela noite fatídica: acordara sozinha na manhã seguinte, depois de

dormir exausta pelo o amor que haviam feito. E ficara sozinha até descer a

escada e encontrar o marido - marido! - sentado a uma das mesas da sala de

refeições da sra. MacTavish e na companhia de Fergus MacPherson...

...que, segundo James a informou, sorridente e sem a menor referência á noite

tórrida que passaram juntos, os acompanharia a Londres para consultar um

médico, seu conhecido, que era especialista em olhos.

Emma se surpreendera, mas não muito. Aquele não era o mesmo James

Marbury que encontrara na sala da sua mãe e deu um soco no primo, fazendo-

o tombar no chão. Este James Marbury mostrava vontade de ajudar os outros,

sem fazer alarde disso. A mudança naquele ano, desde que ela o vira pela a

última vez, fora sutil, mas evidente.

Emma não podia entender o que o levava a se transformar. Homens como o

conde de Denham não mudavam dessa maneira. Algo ocorrera com James que

o fazia se casar com viúvas pobres e ajudar meninos com problemas com visão.

E Emma não podia supor o que teria sucedido.

E assim os três - Emma, James e Fergus - Fizeram a viagem para Londres, e

Emma não tivera a chance de ficar um momento a sós com James para fazer-

lhe as centenas de perguntas que queria, entre as quais a primeira seria: o que

fariam agora?

Ele não podia simplesmente comportar-se como se nada houvesse ocorrido.

Acontecera e, sob o ponto de vista de Emma, fora importante.

Talvez para homem mundano como James, aquele devia ser um fato corriqueiro e ele agia como se não fosse nada.

Que ótimo ele prosseguir como se houvesse sido uma noite rotineira, mas

Emma fora um evento de grande significado que poderia mudar a sua vida.

Emma começava a suspeitar que, na verdade, havia algo de errado com James

Marbury. Nesse ano em que ela não o vira, ele sofrera uma metamorfose. Era

uma pessoa completamente deferente...

Uma pessoa que, naquele momento, levantava Fergus para que o menino

pudesse examinar o conjunto de espadas sobre o consolo da lareira na sala de

estar leste, espadas que haviam pertencido ao avô de James. O que teria

sucedido com James enquanto Emma estivera na Escócia? Na certa não era

mesmo James que dera um soco no rosto de Stuart e depois correra para

contar aos tios dela sobre a fuga planeja.

Resolveu perguntar a lady Denham, quando ficassem a sós, se algo acontecera

ao seu filho no ano anterior. Uma pancada na cabeça? Uma experiência quase

mortal? Tinha de haver alguma coisa que explicasse seu compartimento

incomum.

E quando Emma descobrisse, esperava que fosse mais fácil decidir sobre o que

fazer a respeito daquela noite de amor. Não podia deixar de sentir, às vezes,

que tudo fora um sonho estranho, mais inegavelmente maravilhoso.
James não

mais encostara nela, a não ser para oferecer-lhe o braço para apoiar
da

carruagem ou uma das mãos para ajudá-la a sentar. Talvez nada
houvesse

ocorrido. Talvez eles não houvessem feito amor como almas gêmeas
a muito

separadas, sem palavras e nas profundezas da noite...

Certo. E talvez porcos voassem no dia seguinte.

Emma não se surpreenderia se eles o fizessem. Nada mais a
espantava. Estava

de volta a Londres, um lugar onde jamais pensava pisar novamente.

Encontrava-se hospedada na mansão da cidade do conde de
Denham, em

Mayfair, a curta distância da casa onde crescera e da qual fora
banida por

casar-se com um homem não adequado para marido de uma Van
Court. E

estava casada...pela segunda vez...com um homem que ela
acreditava mais

detestar no universo.

Pelo menos o casamento era um segredo partilhado apenas por ela
e James, o

que a deixava mais aliviada.

Não demorou muito, porém, para Emma desiludir-se até sobre o sigilo.

- Emma - a mãe de James apertou a mão de Emma quando as duas estavam

diante do grande espelho de moldura dourada no quarto onde Emma ficaria

durante a visita, e onde fora se arrumar depois da chegada.

- Estou encantada.

Emma, que tentara recompor o penteado que se desfizera assim que ela

arrumou o chapéu, sorriu para viúva lady Denham, pensando que a mãe de

James se referira á sua volta depois de uma longa ausência.

- Também estou feliz em vê-la de novo, milady. - Ela sempre gostara da tia de

Stuart. - Ficamos separadas por muito tempo.

Lady Denham sentara-se em uma das luxuosas poltronas de brocado que

ficavam defronte á grande lareira de mármore em uma das extremidades do

quarto ricamente decorado para o qual Emma fora levada. As duas mulheres

estavam sozinhas pela primeira vez desde a chegada de Emma. James fora

para a biblioteca conferir as correspondências acumulada em sua ausência e

Fergus estava no quarto das crianças que ficara extasiado diante da coleção de

brinquedos que tinham sido de James, e que lady Denham, com um olhar

sugestivo que Emma não entendeu, afirmou que seriam para os netos dela.

Aquele seria o momento ideal para perguntar se James havia sofrido alguma

queda de cavalo. Emma virou-se para perguntar e encontrou a viúva enxugando as lágrimas em um lençinho de renda.

Assustada, Emma correu para ajoelhar-se ao lado da dama.

- Lady Denham - ela gritou - O que houve? Milady está doente? Devi chamar

sua ama?

- Oh, não! - Lady Denham olhou-a com um olhar lacrimajante, mas com um

sorriso. - Não estou doente, minha filha. Apenas...muito feliz por vê-la

novamente. Sei que nós não nos despedimos em boa paz no ano passado. Você

precisa entender, minha querida, que isso foi por que...você era tão jovem! A

ideia de vocês dois irem morar em uma região selvagem das Hébridias...eu

simplesmente não podia suportar.

- Eu sei, lady Denham - Emma disse com calma. - Por favor, lady Denham, não

se preocupe.

- Honoria. - Lady Denham bateu carinhosamente na mão de Emma.
- Agora

você deve me chamar de Honoria, minha querida. E nunca pense que eu a

culpo pelo o que aconteceu com Stuart. Quando ele cismava com alguma coisa,

nada o fazia mudar de opinião. Ele morreu feliz, não foi, Emma? Vocês dois

foram felizes em Faires, não foram?

Emma mordeu o lábio inferior e respondeu rapidamente.

- Sim fomos.

- Foi o que pensei. - Os olhos azul-claros eram suaves. - Como poderiam não

ter sido? Mas devo dizer, Emma, que estou feliz por vê-la de volta em casa.

Emocionada Emma sorriu para a mão de James.

-Também estou feliz por ter voltado, embora eu não imaginasse que seria

assim. Diga-me, lady Denham - Emma notou o olhar de desaprovação e

corrigiu-se. - Quero dizer, Honoria. A senhora tem notícias de minha família?

Penelope já se casou? Meus tios estão bem?

- Muito bem. - Lady Denham secou os olhos com cuidado. - Embora eu

pensasse que eles esperavam que um enlace diferente pudesse vir de nossa

amizade, não podiam estar mais felizes. Eles virão esta noite para jantar.

Espero que você não se incomode. Quando souberam da novidade, não

puderam se conter nem mesmo por uma noite.

Emma tentou colocar sentido nessa informação.

- A senhora contou para eles que eu viria?

- Não fui eu, querida...

Elas foram interrompidas por uma batida na porta.

- Entre - Emma levantou-se.

Dois criados entraram seguidos por Burroughs, o mordomo de lady Denham. Os

dois servos carregavam uma arca enorme e Emma reconheceu imediatamente

o monograma lateral.

- Mas esse - Emma espantou-se - é o baú de lorde Denham.

- É verdade, milady - Burroughs respondeu.

Emma estranhou o milady, mas achou que o mordomo que servira o avô de

James estava meio confuso.

- O baú não deveria ir para o quarto de lorde Denham?

- Ah, querida. - A viúva levantou-se fitou o mordomo com ar de culpa. - Creio

que eles pretendiam manter a surpresa, Burroughs.

- É o que parece, madame - Burroughs tentou suprimir um sorriso.

Emma fitou a mãe de James, o mordomo e vice-versa.

- Manter qual surpresa?

Antes de alguém responder, soaram passos no corredor e James apareceu no

vão da porta.

- Ah, a senhora está aí - ele disse para a mãe e estendeu uma folha de papel

de cor marfim. - Acabo de receber a coisa mais extraordinário pelo o correio.

Espero que a senhora possa me explicar do que se trata.

Parecendo explodir de alegria, lady Denham controlou-se e perguntou:

- Seria um convite de lorde e lady Cartwright para um baile em sua honra?

James fitou o papel que tinha na mão.

- Exatamente. Mas não é somente em minha honra.

- Não. - Incapaz de conter-se por mais um tempo, ela declarou. - Não, será em

sua honra... e de sua esposa! - Ela virou-se para Emma e para o filho com o

olhar brilhante. - Ah, meus queridos! Nós todos soubemos de seu pequeno

segredo! O juiz Reardon nos contou. Parabéns, meus filhos. Nós não podíamos

estar mais felizes por vocês dois.

Capítulo 23:

Emma achou que o chão se movia em baixo de seus pés ou que seus joelhos

havam amolecido.

Fosse como fosse, sem forças nas pernas, deixou-se cair na poltrona antes

ocupada por lady Denham.

- O juiz Reardon escreveu para a senhora? - James pareceu tão aturdido como

Emma. - Quando?

- Recebemos a carta deles a algumas noites. - O sorriso de lady Denham

diminuiu um pouco. - Ora, James, não fique zangado. Ele disse que você queria

fazer uma surpresa e posso entender que, diante das circunstâncias, é preciso

um pouco de descrição. Certamente não podemos fazer qualquer proclamação

agora. Talvez algo bem pequeno nas páginas sociais. " Há pouco tempo o nono conde de Denham casou-se com a sra. Stuart Chesterton." Algo parecido com

isso. Dificilmente alguém saberá, querida. - Ela olhou para Emma de viés. -

Poucos de nosso relacionamento conheciam Stuart, ele vivia enfiado nos livros.

James não pareceu ter ouvido a mãe. Ele fitava o convite sem ver.

- Velho intrometido - foi tudo o que ele disse e Emma teve certeza de que ele

se referia ao juiz Reardon.

Não foi o mesmo que lady Denham entendeu.

- Querido, não deve culpar os Cartwright. Eles são nossos amigos antigos e

todos estão felizes. Você deveria ter ouvido os Van Court quando estiveram

aqui na outra noite. Eles mal podiam se conter e vieram assim que receberam a

carta..

Emma agarrou-se nos braços da poltrona.

- Meus tios? Ele escreveu para eles também?

- Claro que sim - lady Denham afirmou e confusa, fitou James e Emma. - Vocês

não estão zangados, estão? Achei que foi muita gentileza da parte do juiz

Reardon. Ele parece um homem muito amável e consciencioso.

A única resposta de James foi um sorriso amargo e Emma desejou poder

encontrar, como ele, um traço de humor na situação. Era como se tudo

passasse de um sonho - um sonho singular de uma noite em que Emma se

sentiu, pela primeira vez na vida, completamente amada - para um pesadelo

odioso.

E o que sucedera naquela manhã depois que ela acordara após o casamento?

Uma aflição sem tamanho quando o homem que a amara com paixão na noite

anterior não fora capaz de admirar sua presença á luz do dia.

- Foi uma grande travessura de vocês dois - Lady Denham continuou com um

sorriso provocante - achar que poderiam escapar impunes de tal fato. Um

casamento secreto! Posso entender que não queriam chamar a atenção para o

fato de terem se casado tão cedo após a morte do pobre Stuart, mas esconder

o segredo de mim! Vocês deveriam saber que eu entenderia.

- Mamãe!

Emma notou um tom avermelhado no rosto de James. Ou talvez fosse a luz da

primavera que se refletia pelas janelas altas por detrás de sua poltrona. Por que ele tinha de corar?

Lady Denham abanou a mão com pouco caso.

- Eu costumava ver a maneira que os dois se olhavam no salão de baile...

Emma desejou que o chão se abrisse para a engolir. De fato James e ela

brigavam com frequência no ano passado, mas Emma não sabia que alguém

além de Stuart - em especial a nova sogra - houvesse notado as discussões às

vezes acaloradas. E elas não tinham sido, como lady Denham as interpretara,

nada além de polêmicas entre duas pessoas diferentes querendo impor os

próprios pontos de vista. Não houvera, pelo o que Emma soubesse, olhares

ansiosos no salão de baile... pelo menos de sua parte.

Emma também jamais virá qualquer sinal na atitude de James que não fosse

uma tolerância fraterna...

...até recentemente.

Emma creditava a si mesma a culpa. Ela iniciara tudo com o beijo de boa-noite

que deveria ter sido um simples beijo. E como era uma criatura muito lasciva

para não ceder a seus instintos básicos, naquela noite o que ela mais desejava

era ver o que estava sob o roupão de cetim de James.

Emma descobrira, e não era de admirar que ele mal a olhasse. O que deveria

pensar dela!

- Então deixamos o baú aqui, milorde? - Burroughs perguntou, esperando uma

resposta positiva.

Que veio, para a descrença de Emma.

- Claro – James disse sem olhar para Emma. - Agora devo providenciar a

consulta de Fergus com o dr. Stoneletter...

Dito isso, James saiu do quarto.

Oh, céus, aquilo não podi estar acontecendo. Chocado ou não pelo com o

comportamento de Emma, James teria de falar com ela. Ele não poderiam

deixara s coisas como estavam.

Emma levantou-se da cadeira.

- Perdão, milady, tenho de sair por um momento. - Ela correu atrás de James

sem se importar com o espanto dos criados.

James ouviu o barulho dos saltos no pacote do corredor, parou no alto da

escada, virou-se, e viu-a e assumiu uma expressão de severa autoridade.

- Escute, Emma - ele começou.

Emma não quis saber de nada. Ela o segurou pelo o braço e empurrou-o, com

toda a sua força, para o quarto mais próximo, que era a sala íntima de lady

Denham. Ela fechou a porta, antes de se virar para James.

- Agora me escute, James - ela sibilou, mantendo a voz baixo com esforço. –

Não podemos ignorar isso. Temos de conversar sobre o assunto. Sei que

milorde não me aprovou e Deus que também não estou contente comigo

mesma, mas não o deixarei sair deste quarto até decidirmos o que fazer.

James cruzou o braço os braços na altura do peito, como se divertia. Emma,

como viúva de um cura, procurou não notar como isso fazia os músculos dos

ombros se aglomerarem de maneira atrativa, mesmo o dono dos músculos era

seu marido.

- E o que você acha que fez que eu não aprovei, Emma? - James usou um tom

sarcástico.

Emma, mortificada, sentiu o rosto em fogo.

- Vai querer que eu diga? - ela sussurrou. - Milorde sabe muito bem.
Admito

que foi minha culpa. Eu não deveria tê-lo beijado, mas milorde
correspondeu e

tem parte da culpa.

- Emma, eu não a estou culpando de nada - James afirmou no
mesmo tom

seco. - Muito pelo contrário.

Confusa, Emma não entendeu, sacudiu a cabeça e perguntou.

- O que propõe que façamos agora, James?

Ele arqueou a sobrancelha.

- Não tenho a menor ideia. O que você propõe, Emma?

O queixo de Emma caiu por um momento e ela tratou de fechar a
boca

depressa.

- O que eu proponho? - ela tornou a sibilar. - O plano foi seu desde
de o início.

Qual a sua proposta?

- Proponho - James descruzou os braços, tirou um relógio do bolso
do colete e

observou a hora - que tomemos chá. Estou com fome. E depois do
chá,

podemos descansar um pouco. Sua família virá mais tarde para jantar e

comemorar nossas núpcias felizes.

Emma bateu o pé e vários enfeites de vidro de uma prateleira retiniram de

maneira sinistra.

- Como pode brincar com isso, James? - ela gritou. - Será que não percebe que

o juiz Reardon arruinou tudo? O casamento era pra ser mantido em segredo, e

agora sua mãe sabe!

- Sim - James admitiu, guardou o relógio e coçou o queixo. - Ela sabe, não é?

Mas ele não parecia incomodado com a revelação como Emma.

- James, como conseguiremos uma anulação agora? Sua mãe está contando

para todo mundo, vibrando de felicidade. Ela me pediu para chama-la de

Honoria! E chegou a falar em netos!

James tirou a mão do bolso e pareceu ficar surpreso, mas não pelas

esperanças da mãe, como Emma poderia pensar.

- Então você ainda pensa em uma anulação? - O olhar secerrado não permitiu

a Emma ler nele nenhuma expressão.

E ela ficou-se de novo boquiaberta, atônita demais para lembrar-se das

etiquetas sociais.

- Ficou maluco, James? Claro que ainda que penso em uma anulação! - Ela o

fitou, desconfiada. - Esse era o plano, não era?

- Peço que me desculpe, mas eu pensei que o plano mudara. - James falou com

a calma de quem discutia uma passeio no parque com uma nova carruagem. -

Na outra noite pareceu-me que você estava gostando de ficar casada comigo.

Emma sentiu de novo o rosto em fogo. Ele se referia ao que acontecera com

eles de maneira tão banal...talvez por isso chegara aos trinta anos ainda

solteiro.

Exceto, que agora, estava casado. Esse era o problema.

- O que aconteceu na outra - Emma estava com a voz esganiçada de vergonha

- foi um erro. Pensei haver explicado isso. Eu não pensava...

James não parecia nem um pouco envergonhado. Ele a olhou coma usual

indiferença, que só mudava, como Emma bem sabia, quando ele estava às

voltas com a paixão sexual.

- Sinto muito que pense nisso - ele afirmou, cortês. - Eu ficaria mais feliz em

pensar...mais vejo que estou enganado.

Emma sentiu o pulso acelerar sem saber o motivo.

- Pensar o quê?

James nada mais disse dos seus sentimentos.

- A carta do juiz Reardon tornou a situação mais complicada, mas não há

motivo para pânico, Emma. Não vejo por que não podemos prosseguir com o

nosso plano, se esse é o seu desejo. Claro que minha mãe ficará desapontada,

mas ela vai superar isso, assim como sua família. Assim que você tiver certeza

de que não haverá...frutos inesperados da nossa união...

Emma quase engasgou. Embora não houvesse pensado nas consequências, seu

embaraço aumentou fazendo até os dedos dos pés se encolherem dentro da

sua bota.

James observou a reação de Emma com as sobrancelhas erguidas, mas sem

sinal de grande emoção.

- Talvez tenhamos de adiar qualquer decisão até que esse problema em

particular seja resolvido.

- Eu... - Emma, sem saber o que dizer, procurou as palavras certas. - Não

quero que sinta obrigação de...

Nesse momento, James demonstrou o que sentia e franzia a testa, com ar de

desaprovação.

- Emma - ele disse, com severidade - acha mesmo que se você ficar grávida de

um filho meu, eu me furtaria a...

- Eu não gostaria que se sentisse obrigado a nada - Emma interrompeu-o

rapidamente. - Eu...

Foi a vez de James interromper.

- Não se preocupe, Emma. A paternidade sempre me agradou. Mas se você

descobrir que nada aconteceu, pode pedir a anulação, desde que não sinta

remorso por achar que sua alma imortal tenha cometido perjúrio.

Confiar em James para trazer tão secamente á baila o que havia acontecido

naquela noite na estalagem da sra. MacTavish não tornaria apenas difícil

assegurar que a união nunca fora consumada, mas também constituíra uma

completa mentira.

- Eu - James continuou - nunca me importei muito com o destino final de minha

alma. Isso é tudo, Emma? Eu preciso terminar a carta para o médico que vai

cuidar de Fergus e também tenho que consultar seu banco, e fazer os

preparativos para o juiz Reardon liberar o dinheiro que é devido a você...

Emma, no centro do carpete florido da sala íntima de lady Denham, sentiu-se

desapontada, sem saber o motivo. Afinal, ela conseguiu o desejava e

certamente não sentia nenhum tipo de indignação feminina pelo o fato de

James não discordar dela sobre a anulação do casamento.

No entanto, ele melhorara muito desde a noite fatídica em que ela lhe contara

os planos de fuga para casar-se com Stuart...

Emma estremeceu. Céus, no que ela pensava? Teria os sentimentos balançados

por James só porque ele providenciaria um médico para um de seus alunos? Ou

ela mesma mudara por causa da habilidade de James em outra área?

Uma coisa era certa. Aquilo não continuaria. James lhe dissera para ser adulta a respeito disso. Ótimo, ela seria adulta, sistemática e indiferente como ele.

- Obrigada, lorde Denham. - Emma pôs os ombros para trás. - Isso é tudo.

James anuiu com cortesia e saiu da sala, mas Emma teve de ficar sentada por

algum tempo antes de se sentir recuperada o suficiente para encara a mãe de

James de novo. Teria de repetir para si mesma que tudo terminaria em breve,

presumindo que, como no casamento anterior provara, ela não concebia

facilmente uma criança. Logo ela poderia voltar á sua vida pacífica em Faires e

nunca mais ver James Marbury.

Pelo menos foi o que disse a si mesma.

E por um momento acreditou nisso.

Capítulo 24

James considerou que tudo caminhava a contento.

O juiz Reardon ajudara muito, mesmo sem saber. Quanto mais gente soubesse

do casamento, mais difícil seria tornar sem efeito a união.

Desfazer o casamento com Emma Van Court era a última coisa que James

desejava.

Naquele momento, sentado na sala de estar de sua mãe, observava sua esposa

conversar com a família em tom amistoso - como se da última vez que vira os

tios não houvesse sido para declarar que se cassaria contra a vontade deles - e

mal podia acreditar em sua boa sorte. Fora para a Escócia procurar um corpo e

trouxera uma esposa para casa.

Não qualquer esposa, mas a mulher que durante meses o perseguira em

sonhos e atormentara seu coração. James não podia imaginar o que havia feito

para merecer a rica recompensa que conquistara e que estava disposto a não

perder.

James viu Emma fazer um comentário com Penélope esta atirar a cabeça para

trás em uma risada (Penélope se esforçava muito para não mostrar o quanto

estava mortificada por sua prima mais nova ter se casado duas vezes e ela

ainda nenhuma) e pensou, não pela primeira vez, que era surpreendente os

Van Court, que figuravam entre as famílias mais ricas e refinadas de Londres,

mas não exatamente entre as mais filantrópicas, haverem criado uma jovem

como Emma. Ela era, em todos os sentidos, diferente da prima como o dia da

noite.

Não apenas pelo o vestido simples que usava - a primeira visita da manhã de

James fora á modista de sua mãe, afim de encomendar um enxoval, para a

esposa - que não impedia de ser a mulher mais adorável da sala, mesmo que a

prima usasse seda dourada e muitas pulseiras.

Emma sempre se mostrara diferente de seus familiares. Talvez por causa da

morte prematura de seus pais ou por ter um dom inato, em qualquer ocasião

Emma sempre fora muito sensível ao apuro dos outros, desde dos passarinhos

que encontrava no jardim após uma tempestade e implorava para James

colocá-lo de volta no ninho até os esfomeados de Papua Nova Guiné, para

quem ela pedira sua contribuição. Por essa razão, desde de criança, ela

idolatrara Stuart. Ao lado de um rosto pálido e de uma expressão habitual de

melancolia - traços que James sabia serem irresistíveis para uma jovem - ele

possuía também, como Emma, um desejo ardente de ajudar os menos

favorecidos.

James, assim como os tios de Emma, nunca levava a sério a fascinação dela

pelo o primo dele. James sempre pensara que esse encantamento teria uma

morte natural quando Emma descobrisse que Stuart era, por natureza, muito

mais interessado em uniões espirituais do que físicas.

Infelizmente essa descoberta não ocorreu. De fato, na época em que James

pensara que seria chamado para enxugar as lágrimas de Emma por Stuart tê-la

abandonado pela a igreja, ela o informou da intenção de fugirem para se casar.

O que não era para ter acontecido.

James não imaginava o que o levara a supor que Emma se decidiria por ele e

não por Stuart. Enquanto ele declarava sua convicção de que os pobres

deveriam valer-se a si mesmos, Stuart ganhava o coração de Emma com a

inabalável fé em Deus e impulsos caritativos intermináveis. Não era de

surpreender que no final ela escolhesse Stuart. Para uma jovem como Emma, a

vida de pobreza e desconforto das Hébridias era mais glamurosa que a

existência mimada da esposa de um conde!

Mas James estava disposta a mostrar-lhe que os condes estavam em uma

posição melhor de ajudar os menos favorecidos do que os curas.

Ele ja fizera um bom trabalho - ou pelo menos era o que esperava - de mostrar

que os condes eram melhores amantes do que os curas. Embora não soubesse

o que Emma pensava, não imaginava que ela pudesse ter qualquer queixa a

respeito, apesar da contínua insistência em uma anulação, que James se

arrependia de haver mencionado.

E de que outra maneira o conde a convenceria de casar-se com ele?

James ainda temia que Emma não o houvesse perdoado pelo o que ocorrera

um ano antes. E Emma também não tinha noção do amor secreto que ele

nutria por ela. Emma, da mesma forma, não podia supor que, enquanto

suspirava por Stuart, James suspirava por ela...

Todavia Stuart se fora. Emma era, como James descobrira no momento em que

a beijara no castelo MacCgreigh - e talvez sempre soubesse -, uma jovem

fogosa que gostava de beijar e de entretenimentos nessa arena. Por isso, não

haveria grande dificuldade em fazê-la esquecer tudo, diante do seu desejo de

ser...entretida. De acordo com a experiência de James, aquela era uma

qualidade rara de ser encontrada em damas de classe e sempre muito

apreciada nas poucas ocasiões em que isso acontecia. Que Emma tivesse um

temperamento passional não o surpreendia, mas isso o fazia amaldiçoar o

próprio comportamento em relação a ela no passado. Era um pecado imperdoável tê-la perdido uma vez. Isso não tornaria a acontecer.

James sabia que a estrada para a alegria material com Emma não seria fácil.

Isso se tornou claro quando, ao final da longa noite de celebração com os Van

Court - embora celebrar talvez fosse uma palavra muito forte para os sentimentos dos tios de Emma, que haviam aceitado com presteza o convite da

condessa viúva, mas não deixaram de ficar espantados que a nova lady

Denham fosse Emma e não Penelope, que fora empurrada para debaixo do

nariz de James desde que saíra da escola.

James e Emma ficaram sozinhos no quarto agradável que Honoria arrumara

para eles. Emma saiu do closet usando o penhoar puído e apontou

imperiosamente para o conjunto de poltronas estofadas de brocados que

ficavam diante da lareira.

- Vai ocupá-las, James, ou eu vou?

Ele não pode deixar de lançar um olhar desejoso para a cama com colcha alva,

e Emma percebeu.

- O que está pensando, James? - ela exalou - Nós não podemos dormir juntos

na mesma cama, depois do que aconteceu da última vez. Se vamos pedir uma

anulação, não podemos...continuar dessa maneira.

James vestido com um roupão - ele teve de cuidar de sua roupa sozinho, pois

Roberts ficara em Faires dirigindo a escola de Emma e cuidando da ninhada de

cachorrinhos - sentou-se na beira da cama para tirar os chinelos.

- Não vejo porque é preciso ter um torcicolo por dormir a noite inteira em uma

cadeira - ele afirmou - se há uma cama confortável por perto, - Era um jogo

continuar desse jeito, mas um homem tinha que lutar pelo o que queria. - Além

disso, que diferença faz isso agora? Já cometemos o pecado uma vez. Algumas

vezes a mais não nos jogará no fogo do inferno.

Emma não riu. Era como se tivesse exausta de tanto forçar uma expressão de

noiva feliz para a família, de tagarelar alegremente sobre conhecidos mútuos e

de manter durante todo o jantar e sobremesa, um ar de alegria frívola.

James supôs que tal demonstração fosse necessária, considerando que a última

vez em que Emma vira Arthur e Regina Van Court fora na biblioteca da família

onde o tio a advertira dos perigos de um casamento insensato e a tia ficara

irritada por não saber o que o conde de Denham pensaria dela por ter confiado

a ele um plano tão ridículo. Os tios de Emma não teriam dito isso se soubessem

que da ironia de, um ano mais tarde, a sobrinha obstinada estar casada com o

conde. Eles se mostravam muito cordiais... embora James não se enganasse e

soubesse que Emma também não se enganaria.

Se ela voltasse para Londres simplesmente como viúva de Stuart e não como

esposa do conde de Denham, a recepção de sua família seria bem diversa.

O excesso de efusão de boas-vindas foi um pouco cansativa para Emma. Isso,

associado ao árduo trajeto desde da Escócia, a deixou exausta. James podia ver

os leves traços de violeta sob os olhos cor de safira. Fora um dia longo e

agitado.

Ainda assim, ela não parecia disposta a recuar da luta.

- Está errado, James, e sabemos disso. - Mas se pensa de outro modo, ficarei

nas poltronas.

Emma foi até a cama e pegou a colcha de seda.

James observou-a improvisando uma cama entre as duas cadeiras.

- Você está sendo ridícula, Emma. Como dois adultos, podemos ser perfeitamente capazes de dormir na mesma cama sem que nada impróprio

aconteça.

- Ah! Onde foi que eu já ouvi essas palavras? - perguntou Emma.

- Foi você quem começou isso - James não pode deixar de dizer e teve a

satisfação de vê-la corar sob a luz da lareira.

- Não se preocupe, isso não acontecerá de novo. - Recatada, embrulhou-se

com a colcha na cama pequena e desconfortável que fizera. - Ficarei bem longe

essa noite.

- Sua preocupação por minha alma imortal é muito apreciada - James salientou.

- Mas acho que é muito tarde. O dano já foi feito. Nada disso importa se vou

queimar no inferno de qualquer maneira; tanto faz se pecamos uma vez ou mil

vezes.

Emma cobriu a cabeça com a colcha e não respondeu, pondo fim á conversa.

- Bem, acho que você tem razão. - James deu de ombros e entrou dentro dos

lençóis frios.

Novamente não houve resposta. James divertido cruzou os braços atrás da

cabeça e olhou o dorsei azul sobre ele.

- Afinal, chances há, se continuarmos dessa maneira como você disse, é mais

provável que sejamos apanhados. A prole seria uma prova irrefutável de nosso

pecado.

Debaixo da colcha veio um som, mas James não soube definir onde estava a

cabeça de Emma.

- O que foi aquilo, meu amor?

Ela tirou a colcha do rosto. O fogo fez seus cachos loiros formar um halo - que

ela não notou - ao redor de sua cabeça.

- Aquilo nada teve haver com isso - disse ela com aspereza.

- Tem certeza? - ele arqueou a sobrancelha.

- Absoluta.

- Esta bem - James se divertia mais do que deveria. Havia algo na indignação

de Emma - e ela ficava indignada com frequência com ele - que era muito

interessante e diverso das bajulações das jovens como Fiona Bain e Penelope

Van Court. - Suponho que haja certa nobreza a respeito de seu sentimento.

Mas sempre há a possibilidade de que o fato já esteja concretizado e devo dizer

que dormir em uma cadeira pode não ser bom para ele.

Emma franzira a sobancelha.

- Bom para quem?

- Para meu filho e herdeiro - James respondeu. - Você sabe, Emma, já pode

estar grávida.

Emma enrubesceu, mas sua expressão - uma que indicava claramente que fazia

pouco caso dele - não mudou.

- Sua preocupação é notável, mas, se eu fosse capaz de gerar filhos, não acha

que eu já os teria? Afinal, sou uma viúva.

- Mas você esteve com Stuart por pouco tempo - James retorquiu um pouco

surpreso.

Algo no tom de voz de Emma o advertira que, nesse território, ele teria de ir

com cuidado. Penelope, ele percebeu, também dissera algo sobre filhos na sala

de jantar. Depois de ver Fergus, a prima de Emma riu.

- Bem, esse não pode ser seu, não é Emma? Ele é muito velho.

Emma, que rira muito - embora não de modo convincente - durante a noite,

não achou graça no comentário.

James sentiu que aquele não seria um assunto que agradava a Emma,mas

continuou.

- Vocês dois ficaram meio juntos. Não sou versado nesses assuntos, por ser

solteiro. Mas no meu entendimento não é incomum para algumas mulheres

engravidarem apenas com... duas vezes.

- Mas um motivo - foi a resposta formal de Emma - para eu continuar na

poltrona, bem afastada de sua cama.

James entendeu com atraso que, em seu esforço de conceder um bálsamo para

uma ferida que só agora ficara sabendo que existia, talvez houvesse causado

um pânico adicional. Deitado na semi escuridão escutou o silvo brando do fogo

diante do qual Emma estava encolhida e não pôde evitar que sua mente

seguisse um caminho perigoso, perto do qual ele mal ousara se aventurar doze

meses atrás . Passou a imaginar o que, precisamente, havia corrido com Emma

e Stuart no quarto.

Naquela altura ele sabia muito bem que Emma não era uma amante passiva e

parecia ter um apetite saudável para o pecado.

E Stuart? James não podia pensar o mesmo dele. Nem era capaz de imaginar

os dois juntos, e não porque não queria, embora de fato não quisesse. Ele

simplesmente não conseguia visualizar Stuart e Emma...daquela maneira.

Sabendo do grande interesse de Emma nessa área e conhecendo Stuart como

conhecia, James não podia crer que a união deles houvesse sido um sucesso ou

feliz.

Contudo, ele não podia culpar Emma por sentir-se atrída por Stuart.

Ela não tivera meios de saber o que a esperava naquela direção. Na época, ela

mal saíra do colégio, ignorava as artes maritais como maioria das jovens de sua

idade e posição. Seus tios estavam encarregados de protegê-la de uma união

insensata. E eles, apesar dos esforços de James, haviam falhado na missão.

James achava que eles também eram culpados pela conjuntura atual da

sobrinha.

Uma situação que ele não considerava tão grave como Emma acreditava. Ela

provavelmente se considerava em uma situação patética - tendo de suportar

um casamento nominal com o homem que a traíra, para receber a herança do

assassino de seu marido -, mas James pensava de maneira diferente. Emma

era muito amada, embora ignorasse completamente o fato. Qualquer dia ele

teria de esclarecer o caso, pois suas ações não eram interpretadas com clareza.

Mas ainda era cedo. Certamente não seria momento que ele teria um vislumbre

de uma ferida aberta que Emma mantivera tão cautelosamente escondida. Ela

ainda teria muito para curar antes de poder levantar a cabeça e ver o mundo

de novo como um lugar seguro e bem-aventurado. Durante o ano que passara,

Emma só conhecera sofrimento. James estava certo de que ela não seria tão

receptiva a nenhuma declaração de amor, dele ou de qualquer outro, até que

começasse a sentir uma confiança real em si mesma, sem usar a máscara de

segurança que envergava para a família e para todos que podiam ter razão de

proferir as três palavras mais detestadas do universo:

- Eu a avisei.

Dessa vez James podia aguardar. Não como esperara um ano antes e da forma

como acabara. O amor de sua vida se casando com outro.

Apesar disso, as novidades não eram tão ruins. Doze meses depois, não era

com ele que Emma se casara?

James tinha condições de esperar. Estava convencido de que sua paciência

seria recompensada. Em algum momento - talvez em poucas semanas - Emma

não estaria sofrendo tanto, haveria de melhorar e enxergaria que ele havia

mudado.

Ele tinha esperança que, com esse entendimento, florescesse algo mais forte

de que a amizade de que já desfrutavam. Amizade e atração mútua. James

sabia, por mais que Emma negasse, que ela o desejava. Embora os lábios

contestassem, o corpo dela dizia a verdade. Demoraria muito para ela começar

a escutar?

Nesse meio tempo, pelo menos ela dormia a pouco menos de meio metro dele

e não do outro lado do país.

Um fato pesava na consciência de James cada vez mais, á medida que a noite

avançava. Era ridículo Emma passar a noite naquelas poltronas. Ele preferia ser

amaldiçoado a dormir nelas, mas a alternativa seria procurar um outro quarto

para ele, o que seria impossível. Sua mãe não lhe permitiria retornar o

assunto.

Por esse motivo, por volta da meia-noite, ele finalmente se decidiu, afastou os

lençóis e foi em silêncio até as poltronas diante do fogo.

Emma estava adormecida e James imaginou que fosse de pura exaustão. A

cabeça estava inclinada em um ângulo que, se continuasse muito tempo nessa

posição, acabaria sendo doloroso pela manhã.

James curvou-se com um suspiro, levantou-a com a colcha de seda e tirou-a

das poltronas.

Emma despertou imediatamente.

- Solte-me - ela comandou, com a voz rouca de sono.

- Eu a deixarei na cama, onde você deveria estar.

- James... - ela começou

- Fique quieta - ele disse. - Ou acordará minha mãe. Em instantes ela e muitos

outros inrromperão aqui. Então a verdade sobre nós será descoberta e, sem

dúvida, eles se sentirão no dever de informar ao juiz Reardon. Você nunca verá

suas dez mil libras ou a bela escola que pretende construir com o dinheiro.

A informação a deixou séria.

- Como você soube da escola?

- Você falou dormindo.

- Eu não! - Emma pareceu chocada.

- Falou, sim. Mais ainda assim quero partilhar minha cama com você.

Emma pestanejou, cautelosa.

- Está certo - ela disse, finalmente. - Mas nada de beijos...

Aquela era, certamente, uma ironia muito perfeita para resistir, e um segundo

mais tarde James a beijava minuciosamente, dada sua experiência longa e

variada nesse assunto. Emma respondeu como ele esperava, primeiro

enrijecendo-se com rebeldia em seus braços e depois relaxando aos poucos até

que momentos depois o abraçou pela nuca e pareceu derreter-se, abrindo a

boca diante da investida dos lábios de James. Depois disso foi fácil deitá-la na cama, afastar o acolchoado e substituir com o corpo o calor das chamas.

Emma, quando ele se deitou sobre ela, pareceu recuperar-se um pouco e

murmurou um pouco junto á boca de James. Mas, então, ele pôs a mão

debaixo da camisola de Emma, encontrou um dos seios redondos e macios, e o

que ela estava falando perdeu-se em um suspiro de aprovação. James abriu-lhe

as pernas com um joelho e pôs uma das cochas que pareciam talhadas a ferro

na fenda macia entre as pernas. A princípio Emma tentou resistir, mas suspirou

novamente, sentindo a onde de prazer que passava sobre ela diante do contato

súbito.

Depois disso, com as pernas trêmulas, ela desistiu de lutar. Era como se James

possuísse um toque mágico que a tornava condescendente a seus caprichos.

Emma não se importou se eles permanecessem casados ou não, contando que

ele continuasse tocando naquele lugar, provocando aquelas sensações

deliciosas pelo o seu corpo.

James sentiu que se rendia e se aproveitou-se do fato. Talvez não fosse justo

usar o poder inegável que tinha sobre a esposa, mas não estava em condições

de sentir culpa de nada...não enquanto a tivesse onde a quisera durante todo o

dia. Ele levantou a barra da camisola e acariciou com a mão o que previamente

roçara com a coxa, provocando suaves murmúrios de prazer de Emma que, em

algum recanto da mente, achava errado fazer amor com outro homem sob o

teto que fora de seu marido. Mas então ela lembrou-se que James era seu

marido atual. Além do mais, parecia não importar onde estavam quando James

a desejava. Ele sempre parecia capaz de fazer com que ela também o

desejasse.

Antes que Emma pudesse dar-se conta do que ele fazia, James tirou o roupão

e, de repente, a parte dele que ela antes achara alarmante pelo o tamanho,

mas que passara a apreciar, bateu-he na coxa. Com a intrepidez que não sabia

possuir, Emma segurou-lhe o membro, guiou-o para dentro de si e deu um

grito sufocado quando James a preencheu, do mesmo jeito que ele sufocou um

grito quando sentiu os dedos de Emma ao redor de sua virilidade.

Eles caminhavam juntos, como acontecia apenas entre duas pessoas realmente

compatíveis, embora uma delas fosse muito teimosa para admitir. Emma não

possuía a experiência diversificada de James nesse terreno e não podia saber

como era raro um ajustamento perfeito.

Todavia Emma pareceu mais do que pronta para admitir o prazer que os dois

eram capazes de dar um ao outro, depois de James repetir os impulsos e levá-la

ao ápice, naquele deslumbramento que ela apenas conhecera com ele. Após o

que ela teria muito para admitir.

James encontrou a libertação e largou-se sobre Emma, os dois suados,

respirando fundo e mal podendo ver um ao outro no quarto escurecido, pois o

fogo se apagara. No entanto, quando James deslizou para o lado, procurou-lhe

o olhar com o seu e perguntou, afável?

- Agora você ficará na cama como uma boa menina?

A resposta de Emma foi esconder a face no pescoço de James.

O que foi muito bom para ele.

Capítulo 25

O azul combina com você – Regina Van Court declarou. – Penny, o azul sempre

combinou com Emma, não é?

Penelope Van Court olhou a pilha de vestidos que ficava cada vez maior em um

banco próximo e pressionou os lábios. Em pé sobre um escabelo no centro do

quarto, Emma supôs que tudo aquilo devia ser muito difícil para sua prima.

Penelope sempre gostara muito de moda e, embora seus pais nunca

houvessem negado a ela nada que tivessem a condição de lhe conceder, não

puderam dar-lhe o que ela mais queria.

Um marido. Penelope não desejava mais usar as cores branca e rosa destinadas

às jovens solteiras nos salões de baile. Ver Emma, dois anos mais jovem do que

ela, provando um vestido de noite azul-intenso não ajudara muito no mau

humor da srta. Van Court mais velha.

- Acho que sim – Penelope respondeu, levantou-se da poltrona e foi até uma

janela, dando as costas para a confusão de escarlate, esmeralda e dourado que

entrava no quarto onde estavam.

Emma, com expressão preocupada, observou a prima passar. Como poderia

dizer para Penelope, que se importava tanto com roupas e outras quinquilharias, que tudo aquilo não passava de uma fachada? Que o casamento

dela era uma vergonha, uma artimanha, uma zombaria...

Seria mesmo? Do modo como as coisas vinham se desenrolando, seu

casamento com James parecia ter-se tornado quase normal, ou pelo menos era

o que Emma supunha como normal, pois seu primeiro casamento fora bem

diferente.

Emma supôs que nada do que dissesse a Penelope faria diferença. A moça

parecia determinada a ser infeliz e Emma não a culpava. Emma nunca vira

tantos vestidos, chapéus, espartilhos, anáguas e sapatos como os que a

modista da viúva lady Denham trouxera na manhã seguinte à chegada de

Emma em Londres. Era como se o conde houvesse comprado a loja de roupas

inteira.

E talvez houvesse mesmo feito isso. Emma entrara no quarto com toda

inocência, esperando encontrar a tia e a prima que tinham vindo visitar a mãe

de James e ela. Seus olhos quase saltaram das órbitas.

- Oh, não. – James segurou-a pelas costas e empurrou-a gentilmente para a

porta da qual ela havia se afastado. – Emma, para o melhor ou para o pior,

você é minha esposa e não posso deixá-la usar os vestidos do ano passado,

embora fique adorável neles. As pessoas pensarão que sou sovina.

Emma sabia muito bem quanto lhe custava um enxoval semelhante ao que

estava espalhado diante dela.

- James, se fizesse uma doação para os pobres no valor desses vestidos,

ninguém ousaria chamá-lo de sovina.

- Emma, se você agisse apenas por uma manhã como a esposa de um conde,

eu poderia recompensá-la dando um cheque destinado à Sociedade para o

Progresso da Qualidade de Vida dos Ilhéus de Sandwich ou qualquer outra

organização que você estiver ajudando. – James viu o olhar surpreso de Emma

e prosseguiu. – Como você bem sabe, não sou contrário a ajudar os pobres.

Apenas prefiro ajudá-los a se ajudar. Dê um peixe a um homem... bem, tenho

certeza de que conhece o resto.

James beijou-a na testa, deixou-a aos cuidados da mãe e de Madame

Delanges, enquanto levava Fergus à primeira consulta com o respeitado dr.

Stoneletter.

Emma pensou no que haviam dito naquele momento, e nas palavras bem mais

quentes (e muito mais físicas) que haviam trocado na noite anterior e refletiu

no comportamento de James. Não era imaginação sua. Ele agia, de fato, como

um amante devotado. Não havia outra maneira de explicar o que acontecia.

Que absurdo. James Marbury não a amava. Desde que se conheciam, ele só

demonstrava desaprovação por tudo que ela fazia. O fato extraordinário que

ocorria quando se beijavam... ela não podia explicar.

Certamente não era amor. Paixão, talvez. Mas paixão estava a uma grande

distância de amor.

No entanto, aquilo não explicava a bondade para com ela. E com Fergus. Supôs

que não pudesse mais negar: James Marbury, que antes pensava ser um

homem de coração mais empedernido que conhecera, havia ficado mais terno

desde a última vez que o vira, fazia um ano.

Como e por que ela não sabia. E certamente não era da sua conta. Ela o vinha

contrariando desde aquela manhã em que espiara pela janela e o vira em sua

horta. Bem exceto pelo tempo que passavam juntos na cama. Emma estava

descobrendo que era muito difícil ser contra James quando ele estava de

roupão... ou pelo contrário, sempre que não estava.

- Ah! – A viúva bateu palmas, tirando Emma de seus devaneios. – É esse! Você

deve usá-lo esta noite na casa dos Cartwright!

A tia de Emma reforçou a opinião.

- Ele ressalta muito a cor de seus olhos. – Regina falou com Madame Delanges.

– A senhora pode aprontá-lo até as oito?

- Claro. – A rechonchuda francesa exclamou. – Agnes, Mary. Allez, allez.

As duas costureiras apressaram-se em ajudar Emma a tira o vestido alinhavado.

Nquanto isso, Penelope, ainda na janela, exclamou:

- Lady Denham, aí vem mais um.

- Palavra de honra – a viúva disse. – eu não tinha ideia de que James fosse tão

popular. Nós nem fizemos um anúncio formal e os presentes de casamento já

estão chegando. Não posso imaginar aonde vamos acomodar todos eles.

Emma, que havia recebido apenas um presente de casamento – a porcelana de

Limoges que James destruíra – sentiu um sobressalto ao ouvir aquilo. Ela teria

de devolver todos os presentes depois da anulação? Imaginava que sim.

Lembrou-se do olhar de surpresa de James no dia anterior, quando ela afirmara

que queria a anulação. Refletiu por que fizera a afirmação, se estava certa de

que não desejava anular o casamento.

Exceto que teria de fazê-lo. Em primeiro lugar, havia a verdade sobre Stuart. Se James descobrisse, ele jamais consentiria em ficar casado com ela. Era horrível

demais.

Além disso, condes precisavam de herdeiros. E procriar era algo em que Emma

provara ser inútil. Ela percebia que James tentara fazê-la sentir-se melhor

nesse aspecto, mas não adiantava. Emma sabia que a anulação teria de

acontecer. De outra forma, não seria justo com James.

- Espere – Penelope disse, ainda na janela. – Aquilo não é uma entrega. É... ah, eu não sei o que é.

- Saia da janela, amor – a tia de Emma chamou a filha. – Você está na friagem

e não vai querer apanhar outra de suas dores de garganta, para depois não

poder ir ao baile.

- Emma – Penelope falou, no mesmo lugar. – Deve ser um dos seus

conhecidos. Você sempre colecionou pessoas estranhas. Esse é grande, ruivo,

que usa kilt e uma longa capa preta.

Emma, que enfiava o vestido cinza de renda puída, parou com metade do braço

para dentro e a outra metade para fora da manga.

- O quê?

- Você conhece alguém assim? Ele acabou de descer da carruagem com uma

jovem também ruiva e um menino bastante maltrapilho. Eles vão tocar a

campainha.

Ao longe, a campainha tocou e a mãe de James gritou;

- Deus do céu! Emma, eles são seus amigos? Devemos mandá-los entrar?

- Milady não pode impedir que entrem – Penelope gritou com um pouco de seu

antigo humor que vigorava antes que Emma cometer o pecado de casar-se

antes dela. – Nunca vi um homem de kilt que pareça saber como usá-lo. Estou

muito interessada em conhecer esse. Entretanto, o kilt de lorde MacCreigh não

era a razão do interesse de Penelope em conhecê-lo. O fato de ele ser alto e

parecer pesar quase setenta quilos era tudo o que importava para ela. Penelope

sabia que a idade madura de vinte e um anos não lhe permitia discriminar

nenhum marido em potencial. – Deixe-o entrar, lady Denham. Isso deve ser

muito divertido.

Emma não achou qualquer graça. Em nome de Deus, o que lorde MacCreigh

fazia em Londres? Na certa viera procurar problemas. E Emma não precisava de

mais nenhum.

A viúva, observando a expressão de angústia de Emma, acariciou-lhe a face.

- Ah, querida. Eu acho...

Nesse momento, Burroughs abriu a porta e anunciou o barão de MacCreigh e a

sua irmã, a honorável srta. Fiona. Penelope adiantou-se e informou-o que elas

adorariam receber os Bain e pediu a Burroughs que pedisse aos dois que as

esperassem na sala de estar, para onde as damas iriam assim que Emma se

vestisse.

Nada mais a ser feito. Emma não poderia recusar-se a ver os Bain, pois eles já

sabiam que ela estava em casa.

Era estranho ver seus antigos conhecidos - ousaria chamá-los de amigos? - e

Emma não estava preparada para o encontro, ainda mais quando viu, com o

canto do olho, com o boné nas mãos e uma expressão muito nervosa, John

McAddams, seu melhor aluno por quem alimentava a esperança de um dia vê-

lo admitido em um colégio.

Depois dos cumprimentos sem fim bombásticos e confusos, veio a explicação

do motivo da presença do rapaz na sala de estar do conde Denham.

- Ordens de lorde Denham, madame - John disse, envergonhado. - Eu deveria

dizer milady. Ele mandou avisar que conseguiu para mim uma entrevista em

Oxford e pagou minha passagem.

Emma mal teve tempo de registrar aquela informação incrível antes de Fiona

explicar com a sua voz mais suave.

- E nós, é evidente, não podíamos deixar o menino viajar sozinho, por isso

viemos com ele. Faz muito tempo estivemos em Londres pela última vez. -

Fiona observou com os olhos azuis as paredes empapeladas com bom gosto e

as cortinas pesadas de veludo. Emma não tinha a menor dúvida que aquela era

a maior sala que Fiona já estivera, embora a jovem jamais fosse revelasse isso,

como também não diria a verdadeira razão de sua visita. Emma sabia que era

James que atraíra Fiona para Londres, assim como fora Emma que arrastara

lord MacCreigh até ali.

Ah, como os Bain eram cansativos! Emma imaginou o que o barão empenhara

para pagar as passagens deles. Sem dúvida, alguma herança familiar. E tudo

com a esperança de encontrar em frangalhos o casamento dela com o conde.

Assim o casal de irmãos aproveitaria para apanhar as sobras.

Contudo os Bain não admitiram tal esperança.

- Viemos fazer umas compras - Fiona afirmou casualmente.

Emma acreditava tanto nisso quanto em homens na lua, mas não sentia rancor

de Fiona. Só pensava em John McAddams e como ele viera parar em Park Lane.

James fizera aquilo. James arranjara tudo. Ela não se lembrava de ter dito uma

palavra sequer sobre o garoto.

Como ele soubera?

O mais importante era o porquê daquela atitude. Emma sentiu um afluxo

peculiar de carinho pelo o marido, um homem que antes suspeitara ter um

ábaco no lugar do coração. Nunca vira uma pessoa mudar tanto quanto como

James Marbury.

Emma chegou a supor se era possível - até mesmo a menor das possibilidades -

que ele houvesse feito isso por ela.

Contudo seus pensamentos foram interrompidos por Fiona.

- Decerto também viemos ver como a vida de casada está se harmonizando

com a nova lady Denham.

Emma ficou um tanto confusa para responder.

- Como estou casada há menos de uma semana, não serei boa em julgar o

assunto.

- Pois eu posso lhe dizer - lady Denham afirmou, com a sua loquacidade e

simpatia. - Os recém-casados estão caídos um pelo outro. Nunca vi duas

pessoas tão apaixonadas. Lord MacCreigh e sua irmã - sem mencionar o pobre

John McAddams - pareciam inteiramente deslocados.

James? Apaixonado por ela? Claro que não. Claro que não.

No entanto, como explicar o caso de Fergus? E o de John? Isso sem mencionar

o casamento que certamente não fora no melhor dos interesses de James.

- Você ainda pensa em uma anulação?

Emma só podia manter uma conversa simples com as visitas, pois em sua

mente havia um redemoinho. No entanto, Penelope estava ansiosa para ajudar.

Seu interesse em Geoffrey Bain somente aumentava depois de uma análise

mais criteriosa. Emma supôs que a prima o achava muito mais interessante do

que o sortimento de pretendentes de voz nasalada e ombros estreitos que ela

conhecia. Ao ver a adaga ornamental de lâmina curta que o lorde MacCreigh

usava, Penelope fez inúmeras perguntas a respeito e quase conseguiu tirar o

barão da melancolia em que ele mergulhara depois de escutar de Lady Denham

que o casamento do filho com Emma não era o desastre total que ele esperava

encontrar para poder resgatá-la.

Emma, por sua vez, tinha de reconhecer o mérito dos Bain. Eles não eram

irmãos que desistissem de um plano empreendido. Emma, embora casada com

outro, poderia ser convencida a dar uma oportunidade para lorde MacCreigh. E

por que não? Emma bem sabia o que representavam dez mil libras.

Emma não ficou surpresa pelo o fato de seu marido não ter gostado do

aparecimento súbito dos Bain em Londres. Ao voltar para casa, cumprimentou

com expressão carrancuda as estimadas visitas em sua sala de estar. Embora

recebesse John McAddams com amabilidade, não foi simpático com a honorável

srt. Bain, que não perdia a oportunidade de insinuar-se, de tal forma que fez

Emma se sentir envergonhada pela moça.

James não encontrou palavras corteses para dizer ao irmão da srt. Bain.

- O que eles estão fazendo aqui? - ele perguntou na primeira oportunidade em

que ficou a sós com Emma . - Não me diga que você os convidou.

Emma, chocada com a sugestão de que encorajaria o interesse de lorde

MacCreigh por ela, apressou-se em assegurar que nem convidaria os Bain, nem

esperava que o marido os protegesse com sua asa caridosa, como acontecera

com John McAddams. Aquilo não apaziguou James. As tentativas de agradecê-

lo pelo o que fizera por John foram deixadas de lado. Emma não saberia

expressar em palavras o que se passava em seu coração por aquela

generosidade inesperada. Tratava-se de uma gratidão sincera e permanente,

igualada somente á perplexidade por tanta bondade. James, com muita raiva,

ficou ainda mais irado quando Penelope, caramente atraída pelo o barão

másculo e sombrio que não citava Byron nem parecia tentado a fazê-lo,

perguntou com inocência:

- O que milorde e a srta. Bain pretendem fazer esta noite? Digam que não tem

compromisso. Nós todos vamos ao um baile em homenagem aos recém-

casados e eu acho que seria ótimo se os senhores viessem conosco.

Regina Van Court e a viúva ficaram horrorizadas, mais nada puderam fazer

depois do convite feito, a não ser uma mensagem para os Cartwright pedindo

desculpas por levarem mais dois convidados. Todavia James estava tão

enraivecido que teve de deixar a sala por meia hora. Emma não gostou do

sorriso afetado do barão e pensou em seguir o marido para evitar que ele

quebrasse alguma coisa. Mais foi interrompida pela a entrada de Fergus

MacPherson na sala, com seus óculos novos. O menino declarou que o dr.

Stonelleter não demonstrava muita esperança de ele reaver a visão que

perdera, mas havia boa chance de conservar a vista que ainda enxergava bem,

para o que teria de fazer certos "exercícios" e usar os óculos religiosamente.

As boas notícias seguiu-se uma pequena celebração na qual foram servidos -

Fergus fizera rápida amizade com a cozinheira de lorde Denham - bolinhos

glacados com chá. James retornou no meio da comemoração, parecendo mais

calmo, mas Emma não deixava de fitá-lo, imaginando se ele trouxera as

pistolas. Afinal, ele já desafiara lorde MacCreigh para um duelo. O que

impediria que ele fizesse isso novamente?

Por sorte a visita dos habitantes de Faires prosseguiu sem derramamento de

sangue e, por fim, lorde MacCreigh e a irmã decidiram voltar ao hotel para

trocar-se para o baile. John McAddams recusou o convite para a festa, por

achar a biblioteca de lorde Denham muito mais interessante do que as

debutantes londrinas.

Era improvável que lorde MacCreigh tivesse esperança de demorar-se um

segundo a mais sobre a mão de Emma ou passar-lhe algum tipo de bilhete

amoroso. Além de não gostar de escrever, ele notou que James segurava

Emma pela cintura como um marido possessivo. Se Emma não estivesse tão

atônita pelos acontecimentos da hora anterior, poderia caçoar de James por ele

ter-se apresentado como marido ciumento.

Mas nada havia para achar graça. Havia muito para se considerar e muito para

sentir. Ela precisava de um passeio à beira-mar como fazia em Faires para

pensar.

Emma não estava em Faires e não havia litoral em Londres. De qualquer modo,

esposas de condes não andavam sozinhas.

Assim, ficou em casa e encontrou uma janela no meio de uma escada isolada,

nos fundos. Ficou ali parada, tentando analisar os próprios sentimentos.

Fazia muito tempo que não olhava Park Lane, a rua onde crescera.
Como

sempre, pessoas atraentes e bem-vestidas eram mais bem
alimentadas – e,

provavelmente, mais bem tratadas – do que a maioria de seus
alunos em

Faires. Houve época em que esse pensamento a teria deixado
desesperançada.

Mas naquela altura ela pensava por que o povo de Faires não
tentava fazer

mais para melhorar sua condição. A ignorância talvez fosse a maior
causa das

dificuldades deles. Por exemplo, muitos moradores objetaram contra
sua escola

que não separava os sexos. E a insistência de que a Bíblia era o
único livro que valia a pena ser lido? E para que aprender a ler se o
Evangelho era lido para

eles aos domingos na igreja? Isso sem falar na confiança cega que
tinham no

uísque como cura de todos os males. Deus do céu, Emma atendera
a

nascimentos em que a gestante estava mais bêbada de que o pai!

Emma não pôde deixar de imaginar se ela fizera qualquer diferença
na vida das

pessoas que ela e Stuart estavam tão determinados a salvar. John
McAddams

estava em um lugar melhor graças à benevolência de James. E Fergus? O

mesmo poderia ser dito.

A única coisa que Emma podia afirmar que ela e Stuart haviam conseguido com

a ida para Faires fora a morte de Stuart. Era triste, mas tinha de admitir. Como missionária, Emma fora um fracasso completo.

Mesmo se ela gastasse as dez mil libras na escola e, possivelmente, em um

hospital em Faires, haveria alguma melhora? Os aldeões mudariam seus

costumes? Emma duvidava. De qualquer modo, não os mais velhos. Contudo,

para os mais jovens... Poderia haver uma esperança.

Como se lesse os pensamentos dela, um dos jovens apareceu ao seu lado.

- Sra. Chesterton? O que está fazendo?

Emma olhou para baixo e divertiu-se ao ver Fergus, os olhos grandes atrás dos

óculos, mirando-a com interrogação.

- Apenas pensando.

- Sobre lorde Denham? – o menino perguntou.

Emma deu uma risada nervosa. James, ultimamente, pouco se ausentava de

seus pensamentos. Era estranho que Fergus houvesse mencionado justamente

sobre isso.

- Não. Por quê? – Ela procurou parecer mais despreocupada do que estava. –

Eu deveria pensar em lorde Denham?

- Bem, tenho certeza de que ele esperava que a senhora o fizesse – o menino

informou-a, casualmente. – Depois de todo o cortejar.

- Cortejar? – Emma o fitou com um sorriso perplexo. – Do que está falando?

- Eu disse a ele que, se a quisesse, teria de cortejá-la. – Fergus olhou o degrau onde estava com certa fascinação – sem dúvida havia muito tempo que ele via

pouca coisa e até uma escada dos fundos tinha seus encantos – pulou para o

degrau inferior com um pé. – Se quisesse ter sucesso.

- Você e lorde Denham – Emma falou devagar – discutiram a meu respeito?

- Ah, sim. – Fergus deu de ombros. – Eu disse a ele: se quiser realmente

conquistá-la, e eu acho que milorde quer, terá de cortejá-la.

Um sentimento curioso, diferente dos que conhecia, moveu-se furtivamente

dentro de Emma.

- E ele queria? – ela perguntou com voz rouca.

Fergus revirou os olhos que antes não enxergavam.

- Sra. Chesterton, creio que a senhora é quem está precisando de óculos. Eu

lhe emprestaria os meus, mas o dr. Stoneletter disse para eu não tirá-los,

exceto para dormir.

Emma, paralisada pela informação, apenas fitou o garoto.

- Acho que ele teve um árduo trabalho – o menino observou. – Quero dizer,

trazendo o John para cá, dando os óculos para mim e todo o resto. – Mais um

pulo para baixo na escada. – Sei que a senhora amava o sr. Chesterton. –

Outro pulo. – Mas ele sempre gritava conosco por brincarmos de bola perto da

igreja. – Mais um pulo. – Acho que ele não a amava de verdade. Não como

milorde. – Um salto final e, embaixo, Fergus pareceu muito pequeno e

estranhamente autoritário. – Nunca vi um homem tão apaixonado. Foi o que

minha mãe disse. E ela deve saber, pois já teve três maridos. Bem, vou falar

com a cozinheira sobre um bolo. Até logo.

E ele foi embora.

E o que mais Emma podia fazer depois dessa extraordinária conversa a não ser

acabar-se em lágrimas por meia hora?

Capítulo 26

Não era verdade. Não podia ser verdade. James Marbury, apaixonada por ela?

Não. Era impossível. Fergus entendera mal.

Além disso, e o que ele fizera por Fergus? E por John? Ainda deixou seu próprio

criado na direção da escola e também para cuidar de Una e, ah! Emma corou

ao lembrar-se disso, James acomodado com aquela vaca infeliz!

James se dera a tanto trabalho e Emma nunca refletira sobre o motivo... na

verdade, não. Ela simplesmente aceitara isso quase como um direito seu. Afinal,

ele cometera uma injustiça com ela e lhe devia uma obrigação.

Que mal James fizera a ela? Ele fora falar com os Van Court quando ela estava

pronta para tomar uma decisão que acabara por se tornar temerária e

inadequada. Stuart morrera em Faires.

Agora entendia que James agira corretamente ao falar com o tio dela. Se ela

esperasse e houvesse ficado em Londres, talvez Stuart ainda estivesse vivo.

E certamente ela não estaria na posição de única herdeira do assassino de seu

marido.

James teria feito tudo isso porque a amava? Não. Dede que o conhecia, James

jamais demonstrara um sentimento mais forte do que uma tolerância divertida

por ela. Emma nunca ouvira dele uma demonstração de afeição, Na verdade,

era o contrário. Discutia com ela e a criticava com freqüência.

Exceto na cama. Esse pensamento invadiu a consciência de Emma, onde

repicou como um sino. Exceto na cama. Exceto na cama.

Era por isso que, quando James a beijava, ela prendia a respiração e a mente

girava, tornando-se incapaz de recuperar o fôlego ou de pensar racionalmente?

Era por isso que, quando ele se aproximava, seu coração ficava atordoado e

parecia a ponto de parar? Durante todo esse tempo, James vinha tentando

expressar por ela um amor físico que não podia, por qualquer razão, exprimir

verbalmente?

Ou ele seria apenas um hábil amante capaz de fazê-la experimentar tantas

sensações, enquanto ele nada sentia? Emma estava ciente de não ser a mais

sofisticada das jovens – as antigas amantes de James sem dúvida eram mais

completar nas artes do amor do que ela- mas até uma parenta ingênua como

ela devia ser capaz de diferenciar entre fazer amor... e simular amor.

E pelo que ela entendia, não houvera o menor traço de fingimento naquilo que

ocorrera entre ela e James na cama.

Ela seria tão estúpida – e teimosa como tia Regina sempre a acusara de ser –

que fora preciso um jovem rapaz para fazê-la entender isso?

A triste resposta era positiva. Sim, ela tinha sido estúpida.

O que ela faria? Como estavam seus sentimentos? Emma parecia incapaz de

sentir outra coisa que não fosse um grande espanto, não apenas pelo que

Fergus revelara, mas diante da própria reação ao fato. Era isso. Apenas

espanto. James Marbury, o nono conde de Denham, a amava...e talvez havia

algum tempo. Que outra explicação haveria para o que ela ora entendia como o

comportamento de um apaixonado?

Por que James nada dissera?

Talvez por imaginar que Emma o desprezasse.

Contudo, James poderia afirmar que Emma se sentia loucamente atraída por

ele. Senão, como explicar por que ela parecia derreter quando ele a tocava? Ele

a excitava como nenhum homem fora capaz de fazer, mesmo que ela

abominasse suas opiniões. James sabia. Ele tinha de saber o que ela sentia.

E por que ele não dissera nada?

Ah! James era irritante e ridículo. Emma não queria mais pensar nisso. Fergus

podia não ter certeza do que dizia.

Mas se Emma conhecia bem Fergus, ele sempre sabia o que estava dizendo. O

menino era uma das poucas pessoas de quem ela podia afirmar isso. A outra

em que ela podia pensar era...

James.

Você ainda pensa em uma anulação? As palavras ecoavam em sua cabeça. Por

que James perguntara? Não seria pelo que haviam feito, mas por seus

sentimentos?

Emma estava sentada junto à penteadeira pensando no assunto, enquanto a

criada da viúva lutava com seus cabelos. Nisso a porta foi aberta e James

entrou.

Ele usava um traje de noite preto como azeviche. Seu cabelos ainda estavam

úmidos do banho. Sua aparência era bela e arrasadora.

Foi quando Emma entendeu , com um pequeno gemido interno, o que não

poderia negar mais.

Ela o amava.

James caçoara dela e a atormentara, deixara-a frustrada e contrariada, às

vezes até enraivecida. Mas sempre estivera a seu lado. Nunca houvera ocasião

– exceto quando ela contara que pretendia casar-se com outro- em que ele não

fizesse tudo para vê-la feliz.

- É só um momento, milorde – Pamela, a criada da viúva, disse, dando um

aperto no ultimo dos muitos grampos que Emma usava nos cabelos, e sorriu

com satisfação diante do reflexo no grande espelho de moldura dourada diante

delas. – A senhora parece uma pintura, milady. – A preocupação franziu suas

feições bondosas. – Milady ficou tão pálida. Será que se resfriou?

Pamela bem poderia perguntar, pois Madame Delanges tivera muito trabalho

para expor – com bom gosto – os ombros e o busto de Emma. O decote do

vestido azul não era apenas ousado, ma arquitetonicamente instável.

Mas não foi a exposição ao meio ambiente que fez Emma empalidecer, foi a

visão de seu marido, o homem por quem, ela entendeu de súbito, estava

irremediavelmente apaixonada.

- Deixe-me procurar um xale, assim milady não sentira frio. – Pamela deu uma

batida carinhosa no ombro desnudo de Emma. E com uma mesura, ela

continuou só para Emma ouvir. – A viúva lady Denham tem um pote de ruge

que se encarregará do resto.

Infelizmente para a criada, milorde tinha um ouvido aguçado capaz de captar o

murmúrio mais baixo.

- Não acho – James disse de maneira casual como se estivesse recusando a

oferta de um charuto. – Minha esposa não vai exhibir pintura no rosto.

Pamela piscou para Emma de maneira conspiradora e fez uma cortesia.

- Como queria, milorde. – A moça saiu correndo do quarto com uma risadinha

que não pode esconder.

Emma também desejou rir, mas uma seriedade incomum a impediu de fazê-lo.

- Esperemos que isso de alguma cor às suas faces – James sugeriu no mesmo

tom casual que empregara antes, aproximou-se da penteadeira e deixou no

colo de Emma uma caixa longa de veludo preto.

A mente de Emma estava muito empolgada para notar algo tão mundano como

uma caixa de jóias em seus joelhos. Ela fitou o marido com preocupação,

buscando uma ponta de verdade a respeito do que Fergus dissera.

O olhar explorador provocou uma sobrancelha erguida em sua direção.

- Está resfriada, Emma? – James indagou. – Você me parece um pouco pálida.

O que fazer? O que dizer? Era obvio que não podia perguntar ao marido se ele a

amava.

Ela se sentiria arruinada se a resposta fosse uma risada, ou pior, uma negativa

direta.

Emma estremeceu e olhou para a caixa.

- Não – ela disse para as próprias mãos. – Estou bem.

Então, ela abriu a tampa.

Dezenas de safiras – azuis como seu vestido e como seus olhos, embora ela

não soubesse disso – cintilaram para ela. O colar e os brincos combinados eram

as jóias mais lindas que já vira.

- E antes que me repreenda, Emma – James comentou, pegou o colar, foi pra

trás de Emma e colocou-o no pescoço alvo - , dizendo que o dinheiro poderia

ser mais bem empregado se fosse enviado para uma pobre sociedade

missionária em uma miserável aldeia tribal em Swahililand, permita-me

assegurar que essas pedras estão em minha família há muito mais tempo do

que nós. Não tive nada que ver com a compra delas, mas devo dizer – ele

olhou o reflexo de Emma no espelho – que eu pessoalmente acabo de aprovar

o gasto.

Emma não entendia como ele podia falar de modo tão leve se experimentava

algo parecido com o que ela sentia. Podia ser , se Fergus contara uma verdade,

que James estivesse ciente dos próprios sentimentos havia mais tempo do que

ela e adquirira prática em esconder a realidade.

De qualquer maneira, a palidez cedeu lugar ao rubor diante do cumprimento.

Emma, de olhar baixo, passou os dedos nas pedras lisas e frias.

- Obrigada, James – foi tudo o que ela conseguiu dizer.

- Você está linda – o marido garantiu e pegou a nova capa de Emma enfeitada

com arminho. – Como você, também não tenho desejo de ir a esse evento

desagradável, mas não vejo maneira de escapar a não ser fingindo doença. E a

palidez de antes já desapareceu. Faremos um ato de presença e voltaremos

para casa o mais rápido possível.

Emma levantou-se, permitiu que o marido pusesse em seus ombros a peça

guarnecida de peles e os dedos dele roçaram a pele nua. Seria uma expressão

de amor? Ela perguntou-se. Aquilo não lhe parecia familiar. O que sentira por

Stuart não se assemelhava aquele doce tormento. Houve vezes em que ela se

afastava para evitar os beijos que Stuart raramente concedia. No momento

estava certa de que andaria descalça sobre o fogo só para sentir mais uma vez

os lábios de James sobre os seus.

- Adorável! – a viúva gritou, tirando Emma de seus devaneios enquanto James

a conduzia escada abaixo onde sua mãe os esperava. – Minha querida, você é

uma recém-casada lindíssima. James não poderia ter encontrado uma esposa

mais bonita em toda Londres.

- Não – James retrucou com a segura costumeira. – Tive de ir até as Hébridas

para encontrá-la.

A viúva lady Denham teve um acesso de riso e seu bom humor a fez rir de tudo

e para todos. Riu para o laçao que deu um passo falso e quase a fez cair em

uma poça enquanto a ajudava a sentar no coche puxado por quatro cavalos.

Riu para a criada dos Carwright que acidentalmente tropeçou a barra de seu

vestido enquanto a ajudava a tirar o véu. Riu para Emma que, ainda corada,

não precisou ir ao reservado das damas e beliscar as bochechas para deixá-las

vermelhas como faziam Penelope e a honorável Srta. Fiona Bain que haviam

chegado ao mesmo tempo.

A viúva riu para o filho ao ver as jovens aparecer em meio ao aperto do salão

de baile dos Cartwright e por ele não ter braços suficientes para as duas.

Felizmente Fiona Bain, em um vestido branco simples que, apesar de fora de

moda, revelava seus cabelos ruivos e a excelente aparência, foi tirada para

dançar quase de imediato e por ninguém menos que o estimado herdeiro do

duque de Rutherford. Fiona, talvez para seu próprio bem, não tinha idéia da

linhagem de seu parceiro de dança. Emora mostrasse certo aborrecimento por

ser afastada de James tão depressa, era uma excitação para ela estar sob um

teto alto e deslumbrante, sem nenhuma goteira, um contraste com a vida no

castelo MacCreigh.

Por sua vez, assim que pisou no salão de baile, Penelope Van Court foi

requisitada por Geoffrey Bain, que, apesar de observar Emma enciumado, não

era tão imprudente a ponto de perder tempo com uma mulher cuja Mao e

fortuna pareciam tão firmes na posse de outro, apesar de seus esforços para

reverter a situação.

Emma observava os casais girando diante dela sem vê-los. Sua mente ainda

estava enevoada por tudo o que ouvira e entendera horas antes. Sentia as

mãos que seguravam as suas em cumprimentos e sorria como um autômato

em resposta a cada voto de felicidade. Ela não podia concentrar-se em nada

além de James que estava a seu lado e a quem todos também apertavam a

Mão. Ela imaginou o que James pensava daquilo tudo, Se as afirmativas de

Fergus fossem verdadeiras, James deveria escutar com amargura as felicitações, pensando na anulação iminente que tornaria cáustica a alegria

conjugal.

Pior, se ele não a amava, como pareceriam ridículas todas as bênçãos

calorosas!

A despeito de Emma não estar se divertindo e de ela achar que James não

estava tão a vontade como demonstrava, a viúva estava. Emma nunca vira a

mãe de James com olhos mais brilhantes ou com um sorriso mais expansivo.

Ela apertava as mãos dos convidados dos Cartwright, que se alinhavam em fila,

e se mostrava cada vez mais efusiva nas respostas aos que lhe desejavam boa

sorte.

- James não podia estar mais satisfeito – era a frase que Emma ouvia lady

Denham repetir para descrever o filho.

Ele não poderia estar mais satisfeito, Emma imaginou, por finalmente estar

casado com a mulher que amava? Ou não poderia estar mais feliz porque era a

impressão que queria dar à sua mãe? James estava representando muito bem o

papel de recém-casado feliz, segurando Emma pela cintura e sorrindo mais do

que nunca.

A única vez que Emma viu o sorriso diminuir um pouco foi quando a viúva

respondeu a uma pergunta sobre como acontecera o encontro do casal feliz.

- Foi a coisa mais estranha! – a viúva proclamou. – Eu mesma tive uma grande

surpresa. – James foi para a Escócia buscar Stuart e voltou com uma noiva.

Certamente um fato triste, mas com um final feliz. – De repente, a viúva virou-

se para James e Emma. – Meus queridos, para quando esperamos Stuart?

Roberts está providenciando isso?

Emma sentiu um aperto na garganta, fitou a viúva e empalideceu.

- Mamãe – ela ouviu James murmurar. – Agora não.

A viúva, de alto astral, não parecia entender que trouxera à baila um assunto

que causaria certo embaraço entre o filho e a nora.

- Fiz que Billings seguisse adiante com a lápide. Será pequena, mas significativa.

De repente Emma teve a impressão de que o salão de baile se inclinava como o

convés de um navio. Ela piscou imaginando como todos mantinham eretos e só

ela parecia cair.

- Mamãe – dessa vez James não murmurou. – Chega.

Lady Denham, que era só bondade, não imaginara que poderia estar causando

sofrimento para alguém. Olhou para o filho e a nora e parou de sorrir.

- Oh, queria. Sinto muito. Não podia imaginar que isso não devesse ser dito em

um salão de baile. Somente me parece errado Stuart estar tão longe. Sei que

ele ficaria muito feliz em saber que vocês dois, a quem ele mais amava no

mundo, encontraram a felicidade juntos. E ele gostava de estar por perto, não

é?

Se a viúva pensava em consolar Emma, falhara em seu empenho. De repente,

não apenas o salão se inclinava, Emma encontrava também dificuldade em

respirar. Lágrimas brilharam em seus olhos, embora ela fizesse o possível para

escondê-las.

James percebeu. Seria difícil não enxergar. A onda de convidados diminuía. As

pessoas tinham ido para o salão de baile ou se amontoavam ao redor das

mesas de comidas e bebidas. Ele tivera apenas de abaixar o olhar, ver a face

pálida e os olhos azuis como uma névoa avermelhada nada atraente, segundo

Emma pensou.

- Emma – James abraçou-a com mais força pela cintura.

Ele não podia entender. Emma sabia o que James imaginava. Que ela estava

chorando por causa de Stuart... que ela ainda o amava e que qualquer menção

a ele ou a sua sepultura trazia tanta tristeza que a fazia chorar.

Se ele ao menos soubesse a verdade! Uma verdade que ela não ousaria revelar

a James.

- Preciso ir ao reservado das damas – Emma expressou-se com a maior

vivacidade que conseguiu reunir, com esperança de que as lágrimas não

despencassem. – Meu sapato desamarrou.

Então ela conseguiu escapar, graças a um convidado que chegava atrasado. Ele

era um sócio de James em negócios e apressou-se para soltar-se de seu braço,

passar pela viúva e ir para o hall, onde encontrou apenas carpetes grossos e

vasos com plantas.

Sentou-se no primeiro banco que viu, cobriu o rosto com as mãos, rezando

para que o chão parasse de oscilar e que, ao afastar as mãos, estivesse de

volta ao lar... em Fiares, onde, é verdade, fora a mais infeliz das criaturas, mas pelo menos não teria de confessar qualquer coisa ao homem que amava.

Capítulo 27

Emma dizia isso para si mesma quando escutou um grito. Olhou para cima e

viu uma jovem morena em lindo vestido de veludo virar no final do corredor e

desaparecer. Espantou-se ao ver o barão de MacCreigh atrás da moça.

Ele parou de imediato ao ver Emma. Pela primeira vez desde que o conheceu, Emma notou que Geoffrey Bain não estava em sua expressão usual

de desdém, mas sim em uma de extrema confusão.

- Aquela - ele afirmou com um tom que Emma nunca o ouvira emoregar - era

Clara.

Diante da surpresa, Emma esqueceu-se dos próprios problemas e olhou para

trás. A jovem de cabelos escuros entrara no reservado das damas.

- Milorde - Emma começou devagar. Felizmente o piso se endireitara e ela não

sentia mais enjôo como se estivesse no convés de um navio sob uma

tempestade.

Em vez disso, sentiu um mal-estar de outro tipo.

- Não diga que não era ela - lorde MacCreigh disse com firmeza. - Sei que era!

Eu reconheceria aqueles cabelos em qualquer lugar.

- Milorde reconheceu os cabelos, mas por acaso viu-lhe o rosto?

- Não precisei ver - lorde MacCreigh assegurou. - Era o aspecto de Clara, seu

andar, seus cabelos. Emma, vá atrás dela e a traga para fora do reservado. Ela

gostava de você e a ouvirá. Diga-lhe que não precisa ter medo de falar comigo

e que eu só queria saber está viva e bem...

Emma, muito perturbada, não saiu do lugar.

- Milorde - ela falou em voz baixa - aquela não era Clara.

- É lógico que era - lorde MacCreight gritou. - Por que mais ela fugiria de mim?

Emma ficou com a resposta na ponta da língua. Decerto a jovem ficara

apavorada ao ver o homem ruivo atrás dela, chamando-a por um nome que

não era o seu. Emma sabia, como ninguém, que Clara jamais seria vista.

- Emma você está perdendo tempo. - O barão aproximou-se do banco. - Estou

lhe dizendo que era Clara. Eu sempre soube que ela e o tratante do Stevens

tinham vindo para Londres. Em uma cidade desse tamanho qualquer um pode

desaparecer sem deixar vestígios. Vá ver por que ela não quer falar comigo. Ela

lhe dirá. Ela sempre lhe contava tudo.

Emma não se moveu do banco estofado.

- Lorde MacCreigh - ela afirmou, cansada. – Realmente não acho...

- Era ela! - O barão começou a andar pelo corredor, sem tirar os olhos do

reservado das damas. - Emma, por que dúvida disso? Era Clara, eu juro.

- Não. - Emma não pôde evitar a tristeza de sua voz. - Sinto muito, milorde,

mas não era.

Lorde MacCreigh emitiu um gemido de frustração e virou-se como quem

pretendia voltar ao salão de baile de onde acabara de sair.

- Está certo. Se você não vai buscá-la, pedirei a Fiona que o faça por mim. Por

favor, não saia daí e certifique-se de que ela não vai tentar escapar antes que

eu volte.

- Lorde MacCreigh. - Depois de um suspiro, Emma acrescentou. - Geoffrey.

Ele parou, virou-se e olhou e olhou-a atônito por Emma ter usado seu nome de

batismo pela primeira.

- Emma?

Ela bateu no lugar vazio no banco ao seu lado.

- Sente-se aqui - ela pediu. - Há algo que preciso dizer-lhe. Na verdade, eu

deveria ter tido há muito tempo...mas uma amiga me fez prometer que não o

faria. Contudo, acho melhor que milorde saiba a verdade.

O barão, sempre pálido por baixo das sardas, pareceu mais lívido que de

costume e sentou-se no local vago do banco.

- Você está me assustando, Emma - ele garantiu, nervoso. - Você não parece...

muito bem.

Nem milorde, Emma gostaria de dizer. E quando ela terminasse de falar, ele

ficaria ainda pior. Mais nada se podia fazer a respeito.

Por um instante, ele ficou pasma e depois sombrio.

- Emma! Você teve coragem de dar ouvidos aos boatos da aldeia? Não me diga

que você acredita naquela história sórdida que eu matei os dois e os atirei na

cisterna...

- Não, milorde, eu não acredito - Emma apressou-se em garantir -, porque sei o

que houve. A verdade é que a pobre Clara realmente morreu.

Lorde MacCreigh apenas sacudiu a cabeça.

- Emma, não a estou reconhecendo! Sei que você não quer que eu faça um

escândalo na sua festa, mas, francamente, contar-me uma história dessas...

- Não é história - Emma falou com o mesmo tom gentil que empregava com as

crianças, quando precisava dar alguma notícia ruim. - Milorde, Clara morreu há

seis meses, durante a epidemia de tifo. Sinto muito, mais ela pediu-me que

nada dissesse ao senhor. Ela não queria que milorde...

Para a surpresa de Emma, lorde MacCreigh levantou-se num ímpeto e o banco

quase virou. Incrédulo, ele parou diante de Emma, com o rosto que parecia

cinzento.

- Você está mentindo. - Seu rosto contorcido em uma expressão incredulidade

fez um casal que se aproximava voltar de onde viera. Lorde MacCreigh nem

notou. - Você não poderia tê-la visto há seis meses, pois ela fugiu muito antes

disso...

- Eu sei - Emma informou-o com voz calma. - Mas ela voltou.

- Impossível! - o barão gritou. - Eu saberia se ela houvesse voltado!

- Ela teve motivos para esconder o fato de milorde. - Os olhos de Emma

lacrimejaram. - Ah, Geoffrey, sinto muito, mas ela realmente não queria que

milorde soubesse...

Lorde MacCreigh fitou-a, magoado.

- Soubesse do quê?

Emma sacudiu a cabeça com o olhar brilhante de lágrimas.

- Não posso contar. Sinto muito, mas jurei para ela que nada diria.
Ela queria

manter segredo principalmente de milorde.

Lorde MacCreigh encarou-a, deu um passo para trás, passou a mão
nos cabelos

ruivos, o que os eriçou.

- Está me dizendo..., - Ele não parecia que andava de um lado a
outro como

um louco. - Emma, está me dizendo que durante todo esse tempo,
esses meses

todos, você sabia que Clara estava morta e não porque a matei
como todos

dizem e guardou o segredo só para você?

A Emma só restava anuir, porque era verdade.

O barão parou diante de Emma.

- Você poderia me absolver com uma palavra e preferiu não dizer
nada.

- Não foi pra minha escolha - Emma defendeu-se. - Eu já lhe disse,
ela me fez

jurar...

- Você sabia disso o tempo todo e não disse nada? - o barão repetiu
berrando.

Infelizmente para lorde MacCreigh, o conde de Denham apareceu no
corredor á

procura da esposa e encontrou os dois. A cena surtiu uma péssima impressão.

O barão em pé, berrava de maneira assustadora e poucos cavalhereisca com

nova lady Denham que ainda estava sentada.

Ao notar que o conde se aproximava, o barão afastou-se rapidamente de

Emma.

- Ora Denham, não é o que você está pensando.

Emma levantou-se de um pulo.

- Oh, James, não! - ela gritou.

Tarde demais.

Capítulo 28

- Não havia necessidade – Emma argumentou, sentando-se diante da

penteadeira – de atingi-lo com tanta força.

- Ele a estava ameaçando – James discordou. – O que eu poderia pensar além

de que você estava sendo atacada?

- Por lorde MacCreigh? – Emma sacudiu a cabeça. – No jantar dançante dos

Cartwright?

- A suposição era razoável – James contestou. – Afinal, dizem que ele fez coisas piores.

- Lorde MacCreigh estava preocupado. – Emma começou a retirar os grampos

do penteado. – Ele recebeu algumas notícias ruins.

- E como eu poderia adivinhar? Vi Geoffrey Bain, um homem que desejava

casar-se com você, comportando-se de maneira ameaçadora. E o que – James,

em pé com cotovelo no consolo da lareira, observou a esposa e tentou ignorar

o latejar da mão direita – ele ficou sabendo que o deixou tão transtornado?

Emma fitou de viés o reflexo de James no espelho de moldura dourada

defronte a ela e desviou rapidamente o olhar.

- Ele pensou ter visto Clara. – Emma pegou a escova e segurou-a com força.

James arqueou as sobrancelhas.

- Clara, a noiva dele?

- Sim. – Emma manteve o olhar nas cerdas de crina de cavalo da escova.

James se movimentou com impaciência.

- Como isso é possível? Ele a matou porque ela fugiria com o criado dele. Não

foi?

- Não – Emma negou. – O assassinato de Clara é uma história forjada que se

alastrou com boatos e conjecturas.

- Verdade? – James arqueou as sobrancelhas. Na realidade, ele não estava

muito interessado em investigar os problemas românticos de Geoffrey Bain.

Queria falar sobre os próprios. Mas não achou Emma muito inclinada a discutir

alguma coisa sobre eles naquele momento.

Ele não a culpava. Lembrava-se da maneira como ela reagiu quando a viúva

mencionara o túmulo de Stuart. Devia ter pensado em advertir a mãe sobre o

assunto antes. No entanto, tanta coisa acontecera desde a chegada deles a

Londres que o motivo real que o levara a Faires nem fora ventilado...

Maldito erro! Era evidente que a morte de Stuart ainda era uma lembrança

dolorosa para Emma.

Emma estava sentada de cabeça baixa, segurando o cabo de prata da escova.

Em algum lugar da casa, um relógio soou as horas. Ainda era cedo. Eles haviam

saído da casa dos Cartwright logo depois da discussão de James com

MacCreigh, sem despedir-se de ninguém. Até a viúva ignorava o que acontecera no corredor e ainda estava no baile. Quando James deixou o barão,

MacCreigh buscara consolo nos braços de Penelope, que os encontrara por

acaso. Ficou horrorizada e oferecera solidariedade; na opinião de James, à

pessoa errada.

E quanto se pode pedir que um homem suporte? Não era apenas com o

fantasma do primeiro marido de Emma que James teria de lutar, mas também

com os barões ruivos?

- Então era Clara que MacCreigh viu?

- Não era – Emma respondeu com suavidade, sem olhar para o marido. – Clara

está morta.

- Mas você não acabou de dizer... – James espantou-se.

- Lorde MacCreigh não a matou. Ela morreu de tifo.

- Mas por que então todos... – James parecia confuso.

- Porque eu nunca revelei a ninguém – Emma mantinha o olhar na escova que

estava em seu colo – o que realmente aconteceu com Clara.

Ela implorou que eu jurasse não contar... mas agora, acho que preciso... Ah,

James. – Ela olhou para cima com lágrimas nos olhos. – É sobre Stuart e Clara.

James fitou-a com intensidade. A última coisa que esperava ouvir é que havia

uma conexão entre seu primo e a noiva de lorde MacCreigh.

Era tão espantoso que por um momento ele pensou não ter ouvido direito.

- Como disse?

Emma deixou a escova de lado.

- Temos de falar sobre Stuart. É maravilhoso que você nunca tenha me

perguntado antes, mas acho que agora... devemos discutir isso.

- Eu presumi – James disse, desejando tomá-la nos braços e beijar a testa

franzida de preocupação – que você não quisesse falar sobre Stuart.

- Isso foi antes, mas agora eu quero.

- Está bem. – James afastou-se da lareira e pensou em chamar Burroughs.

Naquela altura inferiu que precisaria de um uísque. Era possível que não tivesse coragem de encarar com fria sobriedade o que estava por vir. A noiva de

MacCreigh e seu primo Stuart? Aquilo era realmente impossível. Mas poderia...

poderia... explicar algumas coisas. – por favor, não permita que eu a interrompa.

Emma continuava sentada na banquetta da penteadeira, de cabeça baixa.

James notou que os olhos dela, azuis como as pedras do colar que lhe ornavam

o pescoço, pareciam muito longe.

- Ele foi morto. – o tom rouco da voz de Emma, que tanto agradava a James,

tremeu.

Ele entendeu que a revelação custaria a ela muito mais do que as dez mil

libras.

- Sei disso – ele falou com gentileza. – Por aquele sujeito chamado O'Malley.

- Sim, mas eu não lhe contei o motivo. A epidemia de tifo estava no auge.

Emma olhava as mãos. A sra. O'Malley, assim a chamávamos por cortesia pois

eles não eram casados, estava morrendo. Tom O'Malley veio chamar-nos

porque o reverendo Peck estava em outra casa, que eu não me lembro onde

era, e ele achava que era hora para os últimos sacramentos. O sr. O'Malley

estava fora de si de tanto sofrimento.

Embora ele e Ginnie, esse era o nome dela, nunca houvessem se casado,

estavam juntos havia muitos anos e ele a amava, à sua maneira.

Emma suspirou.

- Ginnie... era uma mulher estranha. Quase nunca ia à igreja. Stuart costumava

pedir-lhe para assistir aos sermões com mais frequência, ou pelo menos

permitir que o reverendo Peck fizesse o casamento deles. Ela apenas ria... bem,

ela era mesmo esquisita. Ginnie amava muito a natureza e costumava

atormentar Stuart, questionando-o que se Deus havia criado a terra e tudo o

que nela havia, por que as preces dela não podiam ser ouvidas em um prado

de carneiros com a mesma clareza que em uma igreja?

Emma interrompeu-se e de repente fitou James.

- Quando chegamos à casa deles naquela noite, e eu também fui para ver se

podia ajudar em alguma coisa, Ginnie não estava delirando. Estava morrendo,

muito magra, grisalha e macilenta, mas a mente continuava afiada como de

costume. Quando Stuart chegou à parte de renunciar os pecados... ela disse

que não o faria, porque não se lembrava de haver cometido nenhum pecado.

Stuart lembrou-a que a vida com o sr. O'Malley fora um pecado longo e

contínuo, pois eles não eram casados, e ela apenas riu...

Emma parecia não perceber as lágrimas que deslizavam por seu rosto e caíam

sobre as palmas das mãos viradas no colo.

- Stuart disse que, se ela não pedisse perdão pelos pecados, ele não poderia

dar-lhe a absolvição. Ele começou... a guardar suas coisas. Stuart estava muito

cansado. Todos a quem conhecíamos tiveram morte na família. Foi... horrível.

Ainda assim, ele deveria ter levado em consideração os sentimentos do sr.

O'Malley. Ele deveria... mas não o fez. Quando o sr. O'Malley viu que Stuart

realmente pretendia ir embora, ele... ele...

Emma se interrompeu. James deu um passo à frente, ansioso para estacar, se

pudesse, o fluxo daquelas lágrimas.

- Emma. – Ele tentou estendeu as mãos para segurar os ombros brancos e

macios.

Contudo, ela levantou a mão para evitar que ele o fizesse.

- Não. – Emma falou entre lágrimas. – Não. Eu preciso contar tudo. O sr.

O'Malley atingiu-o com apenas um soco.

Stuart bateu a cabeça no canto da lareira e... morreu na hora. James, o pior de

tudo foi eu ter ficado feliz quando o sr. O'Malley acertou Stuart. – Ela deu um

riso nervoso, ainda chorando. – De fato, fiquei contente porque eu gostava de

Ginnie. Eu mesma tive vontade de bater em Stuart por ele ser tão carola.

Emma parou de chorar. O rosto ainda estava molhado pelas lágrimas, mas seus

olhos voltaram a ficar claros, assim como sua voz.

- Não obstante, eu jamais quis que ele morresse. Foi... foi horrível. O sr.

O'Malley entregou-se imediatamente. Era ele de fato quem precisava de ajuda.

Ele não tinha mais motivo para continuar vivendo, pois Ginnie morrera alguns

minutos depois de Stuart. A sra. MacTavish e o filho e os MacEwans vieram e

levaram-nos, a mim e a Stuart, de volta para a cabana. No dia seguinte... eles

me informaram que... não haviam encontrado um lugar para enterrar Stuart. O

sr. Peck disse que não havia nenhum pedaço de terra vago no cemitério da

paróquia, exceto para enterros coletivos, por causa do grande número de

mortos pelo tifo. Eu... eu não sabia o que fazer. Atordoada, não conseguia

raciocinar. Eu só pensava em enterrar Stuart em solo consagrado, mas...

- Emma – James interrompeu-a e ela de novo levantou a mão para impedi-lo de

falar.

- Foi na noite seguinte à morte de Stuart que ela voltou. – O olhar distante de

Emma fez James supor que ela enxergava o que acontecera no passado. –

Estou me referindo a Clara. Ela havia desaparecido fazia alguns meses. Eu

sabia de seu paradeiro, porque ela confiara a mim. Éramos amigas. Ela foi...

por muito tempo, minha única amiga na ilha. A vida com Stuart... não era fácil,

como se pode imaginar. Não tínhamos nada, exceto o que ganhávamos dos

Peck. Eu... eu não estava muito preparada para a vida conjugal como imaginei

que estivesse. Não, não diga nada. – James fechou a boca. – Ser casada com

Stuart não foi... nada do que eu esperava.

Emma inspirou fundo e estremeceu.

- Pelo menos eu contava com Clara. Ela foi amiga, quando eu mais precisava de

uma. Foi ela que nos deu a porcelana de Limoges de presente. Clara estava em

boa situação, mas seu pai sempre a protegeu demais. A coisa mais excitante

que lhe aconteceu foi o período em que lorde MacCreigh começou a cortejá-la.

E por certo ela aceitou quando ele a pediu em casamento. Qualquer coisa para

sair do domínio do pai.

Emma suspirou.

- O drama teve início quando ela chegou ao castelo MacCreigh. Clara conheceu

Sean Stevens, criado do barão. Ele era muito bonito e charmoso, e acredito que

ter uma noiva rica como Clara era tão interessante para ele como era para

lorde MacCreigh. Eu prefiro pensar que o sr. Stevens gostava um pouco de

Clara... Ela certamente o amava. Quando ele pediu para fugirem juntos, ela

aceitou. Clara me contou o fato, mas me fez jurar que não diria a ninguém,

nem mesmo a Stuart, para onde ela tinha ido. Eles iam fugir, porque ela já

estava grávida dele. Clara afirmou que, uma vez casados, voltariam para a casa

do pai como marido e mulher.

James imaginou o que se seguiria antes de Emma falar. Era uma história muito

familiar.

- Não ouvi falar dela até a noite subsequente em que Stuart foi morto. Era uma

noite de tempestade. Eu estava sentada na sala da frente da cabana... com o

caixão dele. No dia seguinte eu o enterraria com ou sem a permissão do sr.

Peck, em uma sepultura só para ele. Eu já havia falado com o sr. MacEwan e

com o sr. Murphy e eles haviam prometido ajudar-me.

Emma tornou a inspirar fundo e a estremecer.

- Ouvi uma batida na porta e fui abrir, pensando que fosse o sr. MacEwan ou a

mãe dele que haviam vindo fazer-me companhia. E o que vi deixou-me pasma.

Clara estava ali, ensopada até os ossos, pálida como a morte e com uma

barriga enorme. Além de o parto estar próximo, ela estava com tifo. Eu soube

no minuto em que a vi.

- Emma. – James horrorizou-se. – Você não...

- O que mais eu podia fazer? – Ela era minha única amiga. Claro que eu a fiz

entrar. O canalha do sr. Stevens a abandonara. Clara ficava envergonhada de

voltar para casa. Ela não disse como vivia, mas pude imaginar pelo estado de

suas roupas. Eu a deitei na minha cama, a cama onde eu dormira com Stuart.

Ali ela teve o bebê... uma menina saudável com os cabelos escuros da mãe.

Mas Clara... – Os olhos de Emma escureceram de tristeza. – Ela sabia que não

se recuperaria. Lutara muito tempo contra a doença, tentando manter-se viva

para dar à luz o bebê. Muito debilitada, não conseguia lutar mais. Tudo o que

ela queria e me pediu foi para encontrar um bom lar para a criança e jamais

dizer a ninguém o que acontecera. Ela pensara que a verdade magoaria o pai e

lorde MacCreigh. Duvido que jamais tenha lhe passado pela cabeça que as

pessoas pensassem que lorde MacCreigh a matara.

James se acomodara na beira da cama, por não ter certeza de que poderia

continuar em pé depois da revelação terrível de Emma. Sentado, encarava

Emma com a mente girando.

– E a menina? – James quis saber.

– Ah. – Emma animou-se um pouco. – Eu a embrulhei e levei-a até a casa dos

Peck. Deixei-a na soleira, bati na porta e corri. Observei o que aconteceria do

celeiro deles. O reverendo Peck abriu a porta e a encontrou. A sra. Peck levou-a para dentro. Ela estava desesperada para ter um filho e passou a considerar

Olívia, como a chamaram, como se fosse sua filha. – Emma sorriu com tristeza.

– Sou a única que conhece a verdade. Os Peck não sabem disso nem imaginam

quem era a mãe de Olívia.

James deu uma tossidela. Mesmo sem querer, sentiu que deveria fazer uma

pergunta. Por fim a conexão entre seu primo e Clara McLellen estava se

esclarecendo.

– E o corpo dela, Emma? – ele perguntou, gentil. – O que você fez com o corpo

de Clara?

Ansiosa, Emma fitou-o de viés.

– O que eu poderia fazer? Era inverno e o solo estava congelado. Eu não podia

enterrá-la sozinha. – Emma pareceu infeliz. – Ela pedira tão pouco. Apenas

minha palavra de honra para nada dizer, um lar para sua filha... e uma

sepultura digna.

James não pôde evitar sorrir e tentou conter-se, embora os cantos de sua boca

se contraíssem . Emma o fitou, como se sentisse ondas de agonia.

– Oh, James, não ria. Foi horrível para mim, mas eu não tive escolha.

Considerarei que Stuart não se importaria...

– De partilhar o caixão com uma mãe solteira? – James não impediu mais o

sorriso. – Eu diria que não. Murphy ou MacEwan suspeitaram?

Emma não achou o assunto nada divertido.

– Não. Pelo menos, eles não pareceram sentir o peso extra.

– Emma. – Depois de uma história como essa era errado que seu coração

pairasse nas alturas. Mas pairava. O verdadeiro motivo da relutância de Emma

em desenterrar o corpo de Stuart era de fato um alívio para ele, depois de

imaginar... que Emma ainda amasse o primeiro marido e não suportasse saber

que o repouso eterno dele seria perturbado.

James gostaria de cantar, mas isso não seria apropriado para as circunstâncias.

– De fato, teria sido chocante para os agentes funerários encontrar dois corpos

em um caixão onde deveria haver apenas um. Emma, pelo amor de Deus, por

que não me contou?

– Prometi a Clara que não diria e... também não foi uma maneira muito

respeitosa de tratar Stuart. Honestamente, pensei que provocaria sua ira, como

no primeiro dia que lhe contei...

– Ah, aquele dia. – James disse, quando a voz dela extinguiu-se. – Sim, eu não

estava em um dos meus melhores dias.

– Não. – Emma pareceu surpresa. – Você – ela acabou com a formalidade –

estava certo, mas não de bater em Stuart. Aquilo foi um erro. Você tinha razão

em tentar impedir-nos de fugir. Eu fiquei... muito revoltada com você na época

e por muito tempo depois. Cheguei a odiá-lo por isso, mas talvez não pelas

razões que eu imaginava. Entretanto, agora entendo que sua previsão estava

correta. Se o houvéssemos escutado, Stuart poderia estar vivo hoje.

James fitou-a com incredulidade.

– Acha que fiz isso para o bem de Stuart?

Aquilo, mais do que qualquer coisa que ele tivesse dito naquela noite, pareceu

calar no espírito de Emma. Ela olhou para cima, piscou rapidamente, como

quem acabava de acordar.

– N...Não foi? – ela gaguejou. – Pensei...

– Eu gostava de Stuart – James admitiu de pronto – como um irmão. E como

irmão, eu era bem ciente de seus defeitos. Ele teve sorte de sobreviver àquela

noite em que você me contou sobre seus planos de fugir com ele. Mas não era

ele que eu estava com medo de perde. Longe disso.

Emma, como os olhos azuis como miosótis e arregalados como moedas,

encarou-o, perplexa.

– Então... eu não entendo. Por quê então?

James ficou em pé e em seguida ajoelhou-se ao lado da banquetta onde Emma

se sentava. Ele segurou a mão esquerda dela, a que usava o anel de brasão

dos Denham, pois ainda não providenciara o anel de casamento.

– É tão difícil para você acreditar? – ele perguntou com uma tentativa de leveza que não sentia. Na verdade, seu coração batia forte dentro do peito, lembrando

tambores de guerra, ele pensou, como para avisá-los. Mas não era possível

recuar e ainda ser um homem. – Emma, era você que eu temia perder. - James

apertou a mão dela, como se receasse não poder conservá-la. – Por isso fiz

aquilo.

– Impossível! – No mesmo instante Emma desvencilhou a mão e levantou-se da

banqueta para encará-lo com indignação desafiadora. – Você é... bem, não sei

o quê. Mas você não me ama, James. Não me ama. Sei disso.

– Então você não sabe nada. – James retrucou não para se defender nem por

raiva. Apenas se sentia cansado. Chegara a pensar que seria um alívio admitir

os sentimentos secretos do coração, mas não era verdade. Era cansativo. – Eu

a amei desde que você deixou o colégio. Mas Stuart chegou primeiro.

– Isto é...isto é.... Bem, não sei o quê – Emma declarou. – Você não pode ter

me amado, James. Se me amasse, teria ido à minha procura quando soube da

morte de Stuart, e não atrás dele.

James ficou em pé e cruzou o espaço entre eles com uma passada.

– Como eu poderia encará-la depois daquilo? Achei que estivesse em Londres

com a sua família. Eu não podia supor que ainda estivesse em Faires. Pensei

em ganhar tempo para ser capaz de elaborar um plano que permitisse me

aproximar de você.

– Foi Tão difícil então – ela disse com sofrimento enquanto seu olhar azul

procurava o rosto dele. – admitir que sentia alguma coisa por mim?

– Admitir que eu amava a esposa do homem que eu considerava como irmão?

Sim. Emma, não seria se você me desse o menor sinal de encorajamento – ele

disse com a maior ternura de que era capaz, embora tivesse a impressão de ser

esfolado vivo. – Você foi muito objetiva acerca de seus sentimentos por mim.

- E você, dos seus por mim - Emma retorquiu com crueza.

- Eu fui? - James deu um sorriso triste. - Emma, quando um homem que nunca

teve nada negado em sua vida encara subitamente o fato de que não pode ter

o que mais deseja dirá quase tudo para tentar convencer-se de que jamais

desejou aquilo. Mas acredite no que eu digo, Emma, não me lembro de uma

época em que eu não desejasse que você fosse minha.

E

la limpou com a parte interna do pulso as novas lágrimas que estavam

tremendo nas pontas de seus cílios longos.

- Isso é impossível - ela disse com um tom desdenhoso. - Se fosse verdade, por

que mencionou a anulação naquele dia no castelo MacCreigh?

- Você teria se casado comigo, Emma - ela perguntou com voz suave - se eu

não tivesse dito isso?

Emma fungou, ergueu o olhar para o teto e pareceu debater um assunto

consigo mesma.

Quando finalmente fitou James com olhar indecifrável, James reconheceu o

formato da boca. Emma estava determinada.

- E agora? - Emma queria saber. - Você quer a anulação?

- Para começar - James deu um passo à frente -, jamais quis anular nosso

casamento.

Mais uma vez, Emma levantou a mão para impedi-lo de chegar mais perto. Ela

ainda parecia determinada, mas também havia dor em seu olhar.

- Você continuaria casado comigo - ela perguntou com voz trêmula - depois de

tudo o que eu lhe disse? Eu não fiz nada para impedir o homem de matar

Stuart. Ele está morto por minha causa. E profanei o túmulo de seu primo.

- Stuart morreu - James comentou - porque ele não tinha o juízo que Deus

concedeu a uma galinha. Agora pare de chorar a venha até aqui.

- Serei uma esposa terrível - Emma assegurou, recuando enquanto ele

avançava com uma mão estendida. - Não sei fazer o que qualquer esposa

normal faz com facilidade. Nem mesmo gerar herdeiros.

- É para isso que servem os carinhos. Agora venha cá. - James pegou uma das

mãos e puxou-a aos poucos em sua direção, como um pescador puxando a

rede com os peixes do dia.

- James - ela o advertiu, sem saber por que o advertia. Ele sabia o pior sobre

ela e ainda assim parecia querê-la. E Deus era testemunha do quanto ela o

desejava. O fato de Fergus ter razão - que James sempre a amara e continuava

amando - fazia seu coração dar cambalhotas sob o peito. Ela estava com

dificuldade para respirar, mas não pensou em culpar o espartilho apertado.

James, sem deixar de fitá-la, levou a mão dela aos lábios e os problemas

respiratórios de Emma tornaram-se mais agudos.

- James - Emma arfava.

James não teve clemência. Ele afastou os lábios das pontas do dedos de Emma

e passou a beijá-lhe a pele branca da parte interna do cotovelo.
Emma fitou a

cabela abaixada, os cabelos escuros caídos, sentindo a quentura da boca que

subia na pele de seu braço até estar certa de que seu coração palpitante

explodiria. Nisso, os lábios dele encontraram os seus.

Eles se beijaram profundamente sob a luz das chamas, línguas e lábios

entrelaçados, até Emma dar um riso súbito e segurar-lhe as faces com as mãos.

- Você é real? - ela perguntou, embora soubesse muito bem a resposta. Ela

podia senti-lo de verdade, suas faces rígidas, os pelos cortados à navalha que

começavam a crescer.

- Eu ia perguntar a mesma coisa para você - James disse com tremor na voz

profunda. - Pensei, para nos assegurarmos, que devíamos fazer uma investigação meticulosa.

Foram descartados o vestido azul de baile e o traje de noite de James de corte

elegante. Emma admirou os músculos nas costas nuas de James, os ombros

rijos e largos, os bíceps grossos e os antebraços ligeiramente cobertos de pelos.

Ponderou que ele tinha o corpo de um anjo...

Imediatamente, James pressionou seu corpo quente contra o de Emma e

tentou arrancar-lhe o corpete.

Ela disse a si mesma que ele também tinha a mente de um demônio.

- Como é que você tira essa coisa? - James torcia os cordões que mantinham o

corpete fechado. Antes de Emma responder, ele arrebentou as fitas mais finas

e endureceu-lhe os mamilos com a língua, enquanto a fazia recuar para a

cama.

Emma caiu de costas na colcha macia, deu um suspiro e refletiu que esse era o

significado de estar casada. James fora muito educado para perguntar, mas ela

pensou que ele provavelmente sabia que nada daquilo ocorrera entre ela e

Stuart. Stuart jamais passaria os lábios em seu estômago, como James fazia

naquele momento, roçando os pelos curtos do queixo na pele sensível. Emma

nem suspeitou o que a esperava até sentir a língua dele em suas coxas. Ela

arqueou as costas com tal ímpeto que por pouco não se lançou para fora da

cama.

- O que você está fazendo? - ela sufocou um grito.

James não respondeu. Afinal, era óbvio o que ele estava fazendo e Emma

cismou que o sentia sorrir junto a seu corpo. James fazia coisas com a língua

que, ela estava certa, seriam desaprovadas pela igreja.

E quando Emma pensou que seria empurrada para a beira da sanidade, James

levantou a cabeça.

Então ele a penetrou, parecendo preenchê-la a ponto de transbordar. Embora

Emma não estivesse consciente do que fazia, fechou-se com força envolta dele

e foi difícil para James não se libertar imediatamente no calor de Emma. Ele

conseguiu se conter até Emma, de repente, dar um grito sufocado e arquear-se

contra ele. Ao senti-la pulsar ao redor de si, James também perdeu o controle.

O último pensamento de Emma antes de ser arrastada por aquela onde foi

apoiar as mãos sobre os lábios de James para abafar o rugido de prazer que

viria. No momento, ela não soube se fora ou não bem-sucedida por estar muito

além dos limites em seu próprio clímax.

Instantes depois, ao ouvir uma batida na porta, ela entendeu que não tivera

sucesso.

- James? Emma? - a viúva chamou-os - Vocês estão aí? Pensei tê-los ouvido.

Não foi uma festa adorável?

James, sem estar totalmente recuperado para responder, apelou para Emma.

- Sim, lady Denham - Emma respondeu, mesmo sem muita simpatia.
- Foi uma

festa adorável.

Capítulo 29

- Hoje todos são muito bem-vindos – declarou o juiz Reardon, presidente do

Supremo Tribunal de Justiça que envergava sua melhor peruca para a ocasião –

à Escola Infantil Stuart Chesterton. É com grande satisfação que declaro esta

escola oficialmente... inaugurada.

Ele bateu na lateral da estrutura de tijolos com uma garrafa de champanhe. O

vidro verde grosso estilhaçou-se imediatamente e espuma branca escorreu pelo

lado do prédio. James não foi o único na aglomeração que considerou um

desperdício quebrar uma boa garrafa de champanha. Mas ele bateu palmas

com todos, depois, é claro, que a esposa lhe deu uma cotovelada.

Eles foram rodeados por moradores da aldeia de Faires que queriam ou

agradecer a generosa doação de uma escola que seria aberta a todas as

crianças do distrito, ou desejar-lhes felicidades, ou simplesmente observá-los.

Não era sempre que os residentes de Faires podiam ver um conde e uma

condessa. Barões e suas esposas eles viam com frequência alarmante, pois

lorde e lady MacCreigh passavam boa parte do tempo na aldeia, por causa do

conserto do telhado do castelo que estava sendo efetuado. Lady MacCreigh –

nascida Penelope Van Court – queixava- do martírio que era ouvir constantemente o som da construção.

Os moradores também viam com regularidade a honorável srta. Fiona Bain –

então lady Harold, esposa do herdeiro do duque de Rutherford -, pois Lady

Harold adorava desfilas pelas ruas de Faires com a elegância londrina.

Já lorde e lady Denham não eram visitantes habituais da região, embora o

dinheiro parecesse fluir da mansão de Mayfair para ali com regularidade

constante. A escola era apenas o primeiro dos estabelecimentos que eles

havam construído em nome de Stuart Chesterton. Uma clínica seria a próxima

obra e teria em seu corpo de assistentes o jovem John McAddams, um dos

primeiros graduados em Oxford vindo de Faires. A clínica incluiria uma ala de

creche que, ironicamente, seria finalizada ao mesmo tempo em que lady

Denham entraria no período pós-parto.

Não obstante, nem todos estavam contentes com os melhoramentos que o

casal havia feito na aldeia de pescadores em ruínas. O sr. Murphy ficou

alarmado quando, graças à nova construção, muitos veículos começaram a

aparecer, deixando seu carro fúnebre sem utilidade, exceto para a finalidade

para a qual fora originalmente construído. No momento, sem novas epidemias,

os negócios iam muito devagar. De fato, seus serviços foram requisitados pela

última vez quando lorde e lady Denham pediram-lhe para remover do solo o

caixão do sr. Chesterton, cujo cadáver ele e Cletus MacEwan haviam, havia

muitos meses, enterrado em segredo no solo debaixo da Árvore dos Desejos,

pois não havia espaço no cemitério da igreja.

Murphy tinha sido muito bem recompensado por lorde e lady Denham pelo

trabalho de remover o caixão e levá-lo até o agente funerário que estava à

espera. Mas ele ainda não entendia por que, ao fazer uma visita ao agente

funerário para ver se havia outro serviço, havia dois caixões novos – mais

adequados a um príncipe do que a um cura – no quarto dos fundos, onde

deveria haver apenas o caixão do sr. Chesterton.

Os dois caixões foram levados para a barca com destino ao continente e

Murphy supôs que os dois seriam levados para o cemitério da Abadia de

Denham. Para Murphy pareceu um desperdício de dinheiro, ter dois caixões em

vez de um, mas isso não era de sua conta. Ele sempre pensara que os ricos

eram uma raça à parte e ele não queria se aborrecer tentando entendê-los.

Contudo, naquele dia, o sr. Murphy não foi o único residente de Faires que se

espantou com a extravagância do conde de Denham. Fergus MacPherson não

deixava de pensar que a nova escola era um desperdício. Com os óculos,

enxergava tudo o que deixara de ver no passado, e era quase impossível

manter o menino na sala de aula, por mais limpa e brilhante que fosse. Ele

tinham muito a explorar nas colinas locais, pelas quais perambulava com um

cãozinho amarelo-avermelhado que escolhera da ninhada de Una e que

chamava de Roberts Segundo, depois que Roberts tomara conta das tarefas de

Emma com galanteria e ficara aliviado quando lorde Denham finalmente

contratara um professor permanente e mandara seu criado de volta a Londres.

Foi durante um de seus passeios com Roberts Segundo que Fergus viu lorde e

lady Denham em pé debaixo da *Árvore dos Desejos*, pendurando pares de seus

próprios sapatos, como se não fossem nobres ingleses, mas duas pessoas

simples recém-casadas ansiosas para começar a vida conjugal e procurando um

pouco de felicidade futura. Na opinião de Fergus, era um esbanjamento de

sapatos em bom estado, desde que, a julgar pela maneira como ele viu o lorde

beijar a esposa quando pensou que ninguém os observava, a ventura mais do

que abençoara aquela noiva.

FIM.

Fique ligado na **Traduções de Meg Cabot** para novas traduções, digitalizações e novos livros lançados pela Meg!

(<http://migre.me/5Fx07>)